

MARY BALOGH



CLUBE DOS SOBREVIVENTES – 3

UMA LOUCURA
& nada mais





UMA LOUCURA
~ & nada mais ~



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

MARY BALOGH



CLUBE DOS SOBREVIVENTES - 3

UMA LOUCURA
~ & nada mais ~



Star Books Digital



<https://t.me/SBDLivros>

<https://t.me/StarBooksDigital>

Título original: *The Escape*

Copyright © 2014 por Mary Balogh

Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado em acordo com a Maria Carvainis Agency, Inc. e a Agência Literária Riff Ltda. Publicado originalmente nos Estados Unidos pela Dell Books, marca da Random House Publishing Group, uma divisão da Random House, Inc., Nova York.

tradução: Lúcia Brito

preparo de originais: Fernanda Martins

revisão: Rebeca Bolite e Sheila Louzada

diagramação: Ilustrarte Design e Produção

Editorial *capa:* Renata Vidal

imagens de capa: © Alexey Kazantsev / Trevillion Images (foto); Lislá / Shutterstock (fundo); Annie Sauvage (ornamento camafeu)

foto do autor: © David Wild

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

. SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B156L

Balogh, Mary

Uma loucura e nada mais [recurso eletrônico] / Mary Balogh;
tradução de Lúcia Brito. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2019.
recurso digital (Clube dos Sobreviventes; 3)

Tradução de: The escape Formato:

ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo
de acesso: WorldWide Web

ISBN 978-85-8041-974-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Brito, Lúcia.
II. Título. III. Série.

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-

mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Melanie McKay

Que arrematou o pacote que doei para o leilão da Charity Royale em Regina, Saskatchewan, Canadá. A quantia obtida com as vendas foi doada para o My Aunt's Place, um abrigo para mulheres e crianças.

Um item do pacote era o direito de ter o nome usado em uma personagem de meu próximo livro. Melanie perguntou se poderia ser o nome da irmã em vez do dela.

Minha heroína neste livro é, portanto, Samantha McKay.

SUMÁRIO

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Sobre a](#)

[autora](#)

[Conheça outros livros da](#)

[autora](#) [Informações sobre a](#)

[Arqueiro](#)

CAPÍTULO 1



Já era quase meia-noite, mas ninguém fazia a mais vaga menção de ir para a cama.

– Vai ficar tudo muito silencioso por aqui depois que partirmos, George – comentou Ralph Stockwood, conde de Berwick.

– Ficaré silencioso, com certeza. – O duque de Stanbrook observou o círculo de seis convidados reunidos na sala de estar de Penderris Hall, sua casa de campo na Cornualha, e olhou carinhosamente para cada um deles antes de prosseguir: – E sossegado também, Ralph. Mas vou sentir uma falta terrível de todos.

– Você vai d-dar graças aos céus, George, assim que se der conta de que ficará um ano inteiro sem ter que ouvir Vince arranhar o v-violino – disse Flavian Arnott, visconde de Ponsonby.

– E que os gatos vão parar de miar desesperados ao som da minha música – acrescentou Vincent Hunt, visconde de Darleigh. – Esqueceu isso, Flave. Não precisa levar meus sentimentos em consideração.

– Está tocando com muito mais competência do que no ano passado – garantiu Imogen Hayes, lady Barclay. – Não tenho dúvida de que no ano que vem terá melhorado ainda mais. Você é um prodígio e uma inspiração para todos nós.

– Talvez eu até dance uma de suas músicas qualquer dia desses, Vince, desde que não seja muito agitada.

Sir Benedict Harper olhou com tristeza para as duas bengalas apoiadas no braço da poltrona.

– Você por acaso não nutre alguma esperança de que todos nós decidamos ficar por mais um ou dois anos em vez de irmos embora amanhã, George? – perguntou Hugo Emes, lorde Trentham, soando quase melancólico. – Nunca vi

três semanas passarem tão rápido. Chegamos aqui, piscamos e já é hora de nos separarmos de novo.

– George é e-educado demais para um não categórico, Hugo – disse Flavian.

– Mas a vida nos chama, infelizmente.

Os sete membros do autointitulado Clube dos Sobreviventes estavam um tanto emotivos. Tinham passado alguns anos ali em Penderris, recuperando-se dos ferimentos sofridos nas Guerras Napoleônicas. Embora cada um tivesse travado uma batalha solitária durante a recuperação, também haviam se ajudado e amparado uns aos outros e ficado tão íntimos quanto irmãos – e irmã. Quando chegou a hora de partir para começarem vidas novas ou recuperarem as antigas, deixaram Penderris com um misto de entusiasmo e ansiedade. A vida era para ser vivida, todos haviam concordado quanto a isso, mas o casulo em que estiveram envolvidos por tanto tempo os mantivera seguros e até felizes. Decidiram que voltariam à Cornualha todo ano, por algumas semanas, para manter a amizade, compartilhar as experiências vividas além dos limites familiares de Penderris e ajudar em qualquer dificuldade que surgisse na vida de algum deles.

Aquele era o terceiro encontro. Mas agora, só dali a um ano, pois estava encerrado; quer dizer, estaria pela manhã.

Hugo se levantou e começou a se alongar, ampliando seu já impressionante físico, que não tinha nada a ver com gordura. Ele era o mais alto, o mais robusto e o de aspecto mais ameaçador, com o cabelo bem curto e a testa frequentemente franzida.

– O terrível é que não desejo pôr fim a nada disso – disse ele. – Mas, como quero sair de manhã cedo, é melhor eu ir para a cama.

Foi o sinal para todos se levantarem. A maioria faria longas jornadas e pretendia partir no início do dia.

Sir Benedict foi o último a se levantar. Teve que colocar as bengalas ao lado do corpo, passar os braços pelas alças que tinha improvisado e depois se erguer dolorosamente. Qualquer um dos amigos ficaria feliz em ajudá-lo, é claro, mas sabiam que não seria uma boa ideia. Eram todos ferrenhamente independentes, apesar de suas várias deficiências. Vincent, por exemplo, deixaria a sala e subiria até seu quarto sem ajuda, apesar de cego. Por outro lado, todos esperariam o amigo mais lento e acompanhariam seus passos escadas acima.

– M-muito em breve, Ben, você conseguirá fazer isso em menos de um minuto – disse Flavian.

– Melhor do que em dois, como no ano passado – disse Ralph. – Aquilo era realmente cansativo, Ben.

Eles *não* resistiam à vontade de provocar Ben, exceto, talvez, Imogen.

– Dois minutos já é uma marca impressionante para quem ouviu que deveria ter as duas pernas amputadas para não morrer – disse ela.

Hugo interrompeu o alongamento para observar:

– Você está deprimido, Ben.

Benedict voltou o olhar para

Hugo.

– Só estou cansado. Já está tarde, e estamos no momento errado da nossa estada de três semanas. Detesto despedidas.

– Não, é mais que isso, Ben – disse Imogen. – Hugo não foi o único a notar. *Todos nós* notamos, mas não abordamos o assunto em nossas reuniões noturnas.

Eles ficaram acordados até tarde na maioria das noites daquelas três semanas, como faziam todo ano, compartilhando algumas de suas preocupações e inseguranças mais profundas – e triunfos. Guardavam poucos segredos uns dos outros. Mas sempre havia algum, é claro. A alma jamais pode ser totalmente desnudada a outra pessoa, por maior que seja a amizade. Ben mantivera a alma fechada naquele ano. *Estivera* deprimido. Ainda estava. Contudo, estava aborrecido por não ter escondido melhor seu estado de espírito.

– Talvez estejamos nos intrometendo onde nem ajuda nem solidariedade são desejadas – disse o duque. – Estamos, Benedict? Ou devemos nos sentar de novo e conversar?

– Depois de eu ter feito um esforço hercúleo para me levantar? E quando todos estão prontos para ir para a cama de forma a estarem revigorados e bonitos pela manhã?

Ben deu risada, mas ninguém mais achou engraçado.

– Você *está* deprimido, Ben – disse Vincent. – Até eu notei.

Os outros se sentaram de novo, e, com um suspiro, Ben voltou ao próprio assento. Quase havia se safado.

– Ninguém quer ser resmungão – disse ele. – Resmungões são um tédio.

– Concorde. – George sorriu. – Mas você nunca foi resmungão, Benedict. Nenhum de nós foi. Outros não teriam aguentado. Reconhecer problemas e pedir ajuda ou um ouvido amigo não é resmungar. É simplesmente recorrer à solidariedade de pessoas que sabem quase exatamente o que você está sentindo. Suas pernas estão doendo?

– Nunca estou livre de um pouco de dor – disse Ben, sem negar o fato. – Pelo menos me lembra que ainda tenho pernas.

– Mas...?

George não havia lutado nas Guerras Napoleônicas, embora tivesse sido oficial das forças armadas. Contudo, seu único filho havia lutado e acabara morrendo em Portugal. Não muito depois, sua esposa, mãe do rapaz, talvez assolada pela tristeza, havia se atirado para a morte de um penhasco dentro da propriedade. Quando abriu a casa para os seis, bem como para outras pessoas, George estava tão ferido quanto eles. Provavelmente ainda estava.

– Vou conseguir andar. Eu já *ando*, mesmo que do meu jeito. E um dia vou dançar.

Ben sorriu com tristeza. Era o que dizia, e os outros o provocavam. Não dessa vez.

– Mas...? – foi a vez de Hugo indagar.

– Mas nunca será como antes – disse Ben. – Eu já sabia disso há muito tempo. Seria um tolo se não soubesse. Mas levei seis anos para encarar o fato de que jamais darei mais do que poucos passos sem minhas bengalas, no plural, e que mesmo com elas nunca mais me movimentarei com agilidade. Nunca mais terei de volta a vida que levava. Serei para sempre um aleijado.

– Uma palavra dura – disse Ralph, franzindo o cenho. – E um pouco derrotista, talvez?

– É a pura verdade – continuou Ben, com firmeza. – É hora de aceitar a realidade.

George repousou os cotovelos nos braços da poltrona e uniu a ponta dos dedos.

– E aceitar a realidade envolve desistir e se chamar de aleijado? – perguntou o duque. – Benedict, você jamais teria se levantado da cama se tivesse pensado dessa forma desde o início. Na verdade, teria permitido que os cirurgiões do exército amputassem suas pernas.

– Admitir a verdade não significa desistir – replicou Ben. – Significa avaliar a realidade e ajustar minha vida de acordo com ela. Eu era um oficial de carreira e nunca imaginei outra vida. Eu *não queria* outra vida. Chegaria a general. Nos últimos tempos, estava vivendo e lutando pelo dia em que teria minha antiga vida de volta. Só que isso não vai acontecer. Nunca. É hora de admitir abertamente e lidar com isso.

– Não conseguiria ser feliz com uma vida fora do exército? – perguntou Imogen.

– Ah, conseguiria – garantiu-lhe Ben. – Claro que conseguiria. E farei isso. Só que passei seis anos negando a realidade, e o resultado é que agora não tenho ideia do que o futuro me reserva. Ou do que quero do futuro. Desperdicei esses

anos sonhando com um passado que ficou para trás e que não voltará. Entendem? Estou me lamuriando enquanto vocês todos já poderiam estar dormindo em paz.

– P-prefiro estar aqui – disse Flavian. – Se algum dia um de nós sair daqui infeliz porque não conseguiu confiar nos demais, então será melhor p-parar de vir. Afinal de contas, George mora nos confins da Cornualha. Quem v-viria só pela paisagem?

– Ele está certo, Ben. – Vincent deu um sorriso irônico. – *Eu* não viria pela paisagem.

– Você não voltará para casa quando for embora, Ben – disse George. Foi uma afirmação, não uma pergunta.

– Beatrice, minha irmã, precisa de companhia – explicou Ben, dando de ombros. – Ela teve um resfriado que persistiu durante todo o inverno e só agora, com a primavera, está recuperando as forças. Não se sente em condições de ir para Londres com Gramley, que irá depois da Páscoa para a abertura do Parlamento. E os meninos estarão na escola.

– A condessa de Gramley tem sorte por ter um irmão tão prestativo – disse o duque.

– Sempre fomos muito próximos – disse Ben.

Mas ele não respondera à pergunta implícita de George. E, como a resposta tinha bastante a ver com a depressão notada pelos amigos, sentiu-se obrigado a responder. Flavian estava certo. Se não conseguissem dividir seus problemas uns com os outros, a amizade e os encontros perderiam o sentido.

– Sempre que vou a Kenelston, Calvin não me deixa fazer nada – disse ele. – Não quer que eu ponha os pés no escritório, que fale com o administrador das minhas propriedades nem que visite minhas fazendas. Insiste em fazer tudo sozinho. Está sempre alegre e disposto. É como se acreditasse que meu cérebro ficou tão danificado quanto minhas pernas. E Julia, minha cunhada, me paparica o tempo inteiro, ao ponto de abrir caminho quando saio dos meus aposentos. As crianças têm permissão para correr pela casa, e correm, derrubando objetos por onde passam. Julia dá ordens para que sirvam minhas refeições em meus aposentos a fim de que eu não tenha que me esforçar em descer até a sala de jantar. Ela... Na verdade, os dois quase me sufocam de gentilezas até o momento de eu partir de novo.

– Ah – disse George. – Agora chegamos ao cerne da questão.

– Eles realmente têm medo de mim – disse Ben. – Morrem de ansiedade sempre que estou lá.

– Ouso dizer que seu irmão caçula e a esposa se acostumaram a pensar em sua casa como propriedade deles durante os anos que você passou aqui como paciente e depois como convalescente – disse George. – Mas já faz três anos, Benedict.

Por que naquela ocasião não havia tomado posse de sua casa e de alguma forma forçado o irmão a fazer outro arranjo para a própria família? Essa era a pergunta implícita. O problema era que Ben não tinha uma resposta a não ser procrastinação. Ou total e completa covardia. Ou... algo mais.

Ele suspirou.

– Família é uma coisa complexa.

– É, sim – concordou Vincent com fervor. – Eu o entendo, Ben.

– Meu irmão mais velho e Calvin sempre foram muito próximos – explicou Ben. – Era quase como se eu, enfiado no meio, não existisse. Não que houvesse alguma hostilidade, era apenas... indiferença. Eu era irmão deles, eles eram meus irmãos, e era isso. Wallace só estava interessado em um futuro na política e no governo. Sempre morou em Londres, tanto antes quanto depois da morte do nosso pai. Ao herdar o baronato, deixou muito claro que não estava nem um pouco interessado em morar em Kenelston ou administrar a propriedade. Uma vez que Calvin estava interessado nas duas coisas, e também se casou cedo e formou uma família, os dois chegaram a um acordo que lhes proporcionaria satisfação mútua. Calvin viveria na casa e administraria a propriedade mediante uma remuneração; Wallace pagaria as contas e gozaria dos rendimentos, mas não precisaria se incomodar em cuidar do local. Calvin não *imaginava*, nenhum de nós *imaginava*, que uma carroça carregada caísse sobre Wallace perto de Covent Garden e o matasse na mesma hora. Foi terrível demais. Aconteceu um pouco antes de eu ser ferido. Ninguém esperava que eu sobrevivesse. Mesmo depois de eu ser trazido de volta para a Inglaterra e para cá, não esperavam que eu resistisse. *Você* não esperava, George, estou certo?

– Pelo contrário – respondeu o duque. – Assim que o vi, Benedict, no primeiro dia, logo que chegou aqui, eu soube que você era teimoso demais para morrer. Quase lamentei por isso. Nunca vi ninguém sentir tanta dor. Então seu irmão caçula concluiu que o título, a fortuna e Kenelston seriam inteiramente dele?

– Deve ter sido um duro golpe saber que não morri – disse Ben com um sorriso triste. – Tenho certeza de que ele nunca me perdoou, embora isso o faça parecer uma pessoa ruim, e não é o caso. Quando estou longe de casa, pode viver como sempre viveu desde a morte de nosso pai. Quando estou lá, sem dúvida se

sente ameaçado... e com toda razão. Afinal, por lei, é tudo meu. E se Kenelston não pode ser minha casa, *onde* será?

Era a pergunta que o atormentava havia três anos.

– Minha casa está cheia de mulheres que me amam loucamente – disse Vincent. – Elas respirariam por mim, se pudessem. Fazem todo o resto, ao que parece. E já ouvi rumores de que logo tentarão empurrar possíveis noivas para cima de mim, porque um cego precisa de uma esposa para segurar sua mão pelos anos de escuridão que lhe restam. Minha situação é um pouco diferente da sua, Ben, mas há semelhanças. Em algum momento terei que ser incisivo e assumir meu papel de senhor da casa. O problema é como fazer isso. Como falar firme com as pessoas que amamos?

Ben suspirou e depois deu uma risadinha.

– Tem toda razão, Vince – disse ele. – Talvez eu e você sejamos uma dupla de fracotes. Mas Calvin tem uma esposa e quatro filhos para sustentar, enquanto eu não tenho ninguém. E é meu irmão. Eu gosto dele, mesmo que nunca tenhamos sido próximos. Foi o puro acaso que fez dele o terceiro filho e de mim o segundo.

– Você se sente culpado por ter herdado o baronato, Ben? – perguntou Flavian.

– Jamais esperei, entende? – explicou Ben. – Não havia ninguém mais forte ou mais cheio de vida que Wallace. Além disso, nunca quis ser nada além de oficial do exército. Com certeza nunca esperei ser dono de Kenelston. Mas agora sou, e às vezes acho que simplesmente poderia ir para lá e me responsabilizar pela administração da propriedade. Talvez enfim me sentisse parte dela e conseguisse ser feliz para sempre.

– Mas sua casa está ocupada por outras pessoas – disse Hugo. – Se você quisesse, Ben, eu iria até lá e mandaria todos embora. Faria uma cara feia, posaria de durão, e eles dariam o fora sem nem protestar. Mas não é o caso, é?

Ben juntou-se à gargalhada geral.

– A vida era mais simples no exército – disse ele. – A força bruta resolvia todos os problemas.

– Até Hugo p-perder a cabeça, Vince perder a visão, e todos os ossos de suas pernas serem esmagados, Ben, para não mencionar a maioria dos ossos no resto do seu corpo – disse Flavian. – E Ralph teve todos os amigos varridos do mapa e a bela aparência arruinada quando fizeram um talho em seu rosto, e Imogen foi forçada a tomar uma decisão que ninguém deveria ter que tomar e viver com as consequências para sempre. E George perdeu tudo que lhe era

mais precioso, mesmo sem sair de Penderris. E metade das p-palavras que quero falar ficam presas no meio do caminho, como se algo no meu cérebro precisasse d-de óleo.

– Certo – disse Ben. – Guerra não é a solução. A vida só parecia mais simples naqueles dias. Mas estou privando vocês do sono da beleza. Em breve vão desejar que eu vá para o inferno. Sinto muito, não tinha a intenção de descarregar em vocês todos esses problemas mesquinhos.

– Fez isso porque insistimos, Benedict – lembrou-lhe Imogen. – E porque é para isso que nos reunimos aqui todos os anos. Infelizmente, não conseguimos lhe oferecer uma solução. Exceto a oferta de Hugo de expulsar seu irmão e a família dele da casa, que, ainda bem, foi uma brincadeira.

– Mas não tem importância, não é, Imogen? – disse Ralph. – Ninguém pode resolver o problema do outro. Mas sempre ajuda desabafar com quem *realmente* ouve e sabe que respostas simplistas são inúteis.

– Então você está deprimido, Benedict – disse o duque. – Em parte porque aceitou a natureza permanente das limitações de seu corpo mas ainda não sabe aonde essa aceitação o levará, e em parte porque ainda não aceitou que deixou de ser o irmão do meio e passou a ser o mais velho, com decisões a tomar sobre assuntos com os quais nunca imaginou lidar. Não temo que se desespere. Não é da sua natureza. Acredito que meus ouvidos ainda zumbem por causa dos palavrões que você berrava quando a dor ameaçava superar sua resistência, nos primeiros dias. Naquela ocasião, você só teria alcançado a paz da morte se tivesse tido o bom senso de entrar em desespero. Então, daqui, só pode seguir para cima. Talvez tenha ficado em um platô por muito tempo, e sair dele pode ser amedrontador. Mas também pode ser um desafio empolgante.

– Você ensaiou esse discurso o d-dia todo, George? – perguntou Flavian. – Acho que devemos aplaudir de pé.

– Foi bastante espontâneo, garanto – disse o duque. – Mas fiquei muito satisfeito. Não tinha percebido que era tão sábio. Nem tão eloquente. Deve estar na hora de ir para a cama.

Ele riu com os demais.

Ben apoiou as bengalas no chão e executou o lento e complicado processo de se levantar enquanto todos o aguardavam, já de pé.

Nada havia mudado na última hora, pensou ele, enquanto seguia vagarosamente para o quarto, Flavian ao seu lado e os outros um pouco à frente. Nada tinha sido resolvido. Mas, de alguma forma, ele se sentia mais animado, ou talvez simplesmente mais esperançoso. Agora que dissera em voz alta que suas

deficiências eram permanentes e que precisaria construir uma vida inteiramente nova, Ben se sentiu mais capaz de *fazer* algo, de criar um futuro novo e significativo, mesmo que não tivesse ideia de qual seria.

Pelo menos o futuro imediato estava resolvido e não envolvia uma daquelas visitas cada vez mais constrangedoras e deprimentes à própria casa.

No dia seguinte, partiria para o condado de Durham, no norte da Inglaterra, onde passaria algum tempo com a irmã. Estava ansioso. Beatrice, cinco anos mais velha, sempre fora sua irmã favorita. Enquanto estivesse com ela, refletiria sobre o que fazer com o resto de sua vida.

Traçaria alguns planos, tomaria algumas decisões. Algo definitivo, interessante e desafiador. Algo para tirá-lo da depressão que pairava sobre ele como uma nuvem cinzenta fazia tanto tempo.

Não ficaria mais à deriva.

Havia algo de divertido na ideia de que cabia a ele decidir o que fazer do resto da própria vida.

CAPÍTULO 2



Samantha McKay estava inquieta. Parada diante da janela da sala de estar em Bramble Hall, sua casa no condado de Durham, tamborilava os dedos no peitoril. A cunhada estava deitada no divã do quarto no andar de cima, debilitada mais uma vez por uma dor de cabeça fortíssima. Matilda nunca tinha dores de cabeça comuns. Eram sempre dores de cabeça *fortíssimas* ou enxaquecas, às vezes ambas.

Meia hora antes, estavam ali sentadas, muito amistosamente, Samantha bordando e Matilda consertando a barra de renda de uma toalha de mesa. Samantha comentou sobre o belo dia que enfim estava fazendo, ainda que o sol não estivesse brilhando. Em tom casual, sugeriu que dessem uma caminhada. Quase se acovardou e deixou por isso mesmo, mas insistiu. Talvez, sugeriu, hoje deversem passar dos limites do parque. Embora o terreno em volta da casa fosse chamado de parque, a palavra glamourizava o que de fato era apenas um grande jardim. Era perfeitamente adequado para um passeio tranquilo entre os canteiros de flores ou para se sentar ao ar livre em um dia quente, mas não tinha extensão suficiente para um exercício de verdade.

E um exercício de verdade era o que Samantha desejava mais do que qualquer outra coisa. Se não saísse logo da casa e do jardim e caminhasse, caminhasse *de verdade*, iria... ah, iria gritar ou se atirar no chão e sapatear e fazer um chique fenomenal. Quer dizer, *sentiria vontade* de fazer todas essas coisas, embora provavelmente não fosse fazer *nada* mais extravagante do que suspirar, ansiar e maquinar. Todavia, estava quase desesperada.

Matilda, como era de esperar, fez uma cara de reprovação, para não dizer de choque e tristeza. Não era – ou pelo menos foi o que explicou – que também não sentisse necessidade de uma boa caminhada. Entretanto, uma verdadeira dama tinha que aprender a dominar seus desejos mais básicos quando em luto

profundo. Uma verdadeira dama se mantinha decentemente confinada em casa e tomava ar na privacidade do próprio jardim, protegida por muros dos olhos críticos dos intrometidos. Não era nada apropriado que uma dama de luto fosse vista se *divertindo*. Ou simplesmente fosse vista, exceto por parentes próximos, por criados dentro de casa e por vizinhos na igreja.

O capitão Matthew McKay, irmão de Matilda e marido de Samantha por sete anos, morrera quatro meses antes de Matilda proferir esse discurso. Morrera após padecer por cinco anos dos ferimentos sofridos como oficial durante as Guerras Peninsulares. Precisara de cuidados constantes durante aqueles anos, ou melhor, *exigira* cuidados constantes, e o papel de enfermeira recaíra quase que exclusivamente sobre Samantha, já que ele não admitia mais ninguém no quarto, exceto o valete e o médico. Ela mal sabia o que era dormir uma noite inteira ou ter mais de uma hora fora do quarto do doente durante o dia. Raramente tinha a oportunidade de sair para além dos muros do jardim. Até mesmo um passeio no jardim era um prazer raro.

Matilda chegara a Bramble Hall para os últimos meses de vida do irmão, depois de Samantha escrever ao sogro – o conde de Heathmoor, em Leyland Abbey, Kent – informando que o médico acreditava que o fim estava próximo. Mas o peso dos cuidados não foi aliviado dos ombros de Samantha, por um lado porque naquele momento Matthew realmente precisava dela, e, por outro, porque ele não suportava Matilda e lhe dizia sem rodeios que desse o fora do quarto e mantivesse sua cara feia fora de vista.

Samantha estava muito perto do colapso quando Matthew morreu. Estava exausta, entorpecida e desanimada. A vida parecia vazia e sem cor. Não tinha vontade de fazer nada, nem de se levantar pela manhã, nem de se vestir, nem de pentear o cabelo. Nem mesmo de comer. Não era de admirar que tivesse permitido que Matilda se encarregasse de tudo, embora tivesse escrito para o sogro uma hora após a morte do marido.

Matilda insistira em que o luto pelo segundo filho do conde de Heathmoor fosse de acordo com as mais estritas regras de decoro, embora não houvesse necessidade de insistir – Samantha não protestou. Não lhe ocorreu que pudesse fazer isso nem que as regras de Matilda fossem excessivas e opressivas. Ela se permitiu ser paramentada da cabeça aos pés com o que certamente devia ser o mais pesado e solene vestuário de luto já confeccionado. Tampouco insistiu em ser medida para as roupas novas. Permitiu-se ficar enclausurada em casa, as cortinas das janelas abertas apenas até a metade, em respeito ao morto. Permitiu que Matilda desencorajasse as visitas que vieram prestar condolências de

aparecer de novo e que recusasse todos os convites feitos a elas, mesmo para o mais sóbrio e respeitável dos encontros sociais.

Samantha não sentia falta de frequentar a sociedade composta por seus vizinhos pelo motivo óbvio de nunca ter se relacionado com eles. Mal os conhecia, apenas acenos de cabeça na igreja nas manhãs de domingo. Ela vivia em Bramble Hall havia cinco anos, e quase todos os momentos daqueles anos foram dedicados a cuidar de Matthew.

Durante quatro meses, não se preocupara com nada além do enorme torpor e exaustão. Para falar a verdade, ficara feliz por Matilda estar lá para se encarregar de tudo que precisava ser feito, embora, assim como o marido, nunca tivesse gostado da cunhada.

Mas o torpor e a exaustão só poderiam durar certo tempo. Depois de quatro meses, a vida se reafirmava. E Samantha estava inquieta. Estava pronta para se desfazer da letargia. Precisava sair – da casa, do parque. Precisava caminhar. Precisava respirar ar de verdade.

Ela olhou para fora tamborilando os dedos, depois olhou para seus trajes de viúva e fez uma careta. Sentia cada costura mal ajustada como um peso físico. Havia tentado argumentar com Matilda mais cedo. Com certeza, dissera, seria inofensivo sair para uma caminhada por trilhas que raramente eram percorridas. E, mesmo que encontrassem alguém, essa pessoa não pensaria mal delas por passearem tranquilamente em torno da própria casa. Sem dúvida, quem quer que fosse não se apressaria a espalhar pela vizinhança a notícia de que a viúva e a cunhada estavam se divertindo, comportando-se com terríveis levandade e desrespeito pelo morto.

Será que ela havia mesmo esperado arrancar um sorriso de Matilda com o exagero? Será que Matilda havia sorrido *alguma vez*? O que Matilda fez foi cravar um olhar de pedra na cunhada sorridente, largar acintosamente o conserto inacabado e anunciar que estava com uma dor de cabeça fortíssima, pela qual esperava que Samantha estivesse satisfeita. E retirou-se para o quarto, para se deitar por uma ou duas horas.

Samantha achava bom Matilda nunca ter se casado. Assim, algum pobre homem fora salvo de uma vida de sofrimento abjeto. Nem se sentiu culpada pelo pensamento insensível.

Ao olhar para as roupas pretas, encontrou também a expressão ansiosa e esperançosa de um grande cão peludo marrom de raça indeterminada, um viralata que surgira em sua porta havia dois anos parecendo um esqueleto desengonçado e ali fixara residência após ela o alimentar por pena e depois

tentar afugentá-lo. Ele recusou-se firmemente a ser enxotado e de alguma forma, por meios que estavam além da compreensão ou do controle de Samantha, fixou residência *dentro* da casa e ficou mais encorpado e com o pelo mais grosso e desgrenhado, mas nunca macio, brilhante ou gracioso como o de um cão que se preze. Estava sentado aos pés de Samantha agora, o rabo batendo no assoalho, a língua pendurada, os olhos lhe implorando para por favor, *por favor*, fazer alguma atividade com ele.

Às vezes Samantha sentia que o cão era o único ponto iluminado de seu mundo.

– *Você* iria passear comigo se eu pedisse, não iria, Tramp? – perguntou ela.
– Apesar da respeitabilidade?

Foi uma pergunta fatal – continha uma palavra que começava com a letra “p”. Na verdade, continha mais de uma, mas uma delas também tinha as letras a- s-s-e-a-r. Tramp ficou de pé com seu jeito desengonçado de sempre, soltou um ganido agudo como se na ilusão de que ainda era um filhote, arfou ruidosamente como se tivesse acabado de correr 1 quilômetro à velocidade máxima e continuou a olhar esperançoso para ela.

– Como sua resposta poderia ser diferente de sim? – Ela riu e deu um tapinha na cabeça dele. Mas Tramp não queria saber de um afago tão leve. Girou a cabeça para primeiro poder babar na mão dela e depois expor o pescoço para uma boa coçada. – E por que não? Por que *nunca*, Tramp?

Estava claro que Tramp não conseguia pensar em nenhuma razão para se privarem simplesmente por causa da dor de cabeça fortíssima de lady Matilda McKay e de noções estranhas sobre ar e exercício e a correta etiqueta de luto. Ele caminhou desajeitadamente até a porta e olhou para a maçaneta.

Era impróprio para uma dama ir sozinha além dos limites de seu parque – mesmo quando *não* estava de luto. Pelo menos era o que Samantha aprendera durante o ano que havia passado em Leyland Abbey enquanto Matthew estava na Península com o regimento. Essa era apenas uma das muitas regras enfadonhas para ser uma dama que o sogro se sentira incumbido a ensinar para a mulher com quem o filho se casara contra a vontade dele.

Bem, ela não tinha escolha. Matilda estava estirada no divã no andar de cima e, de qualquer maneira, não a teria acompanhado – para começar, a ideia da caminhada é que a levaria para o divã. Se Samantha colocasse um dedo além do limite do parque e Matilda e o conde de Heathmoor descobrissem... bem, mesmo que ela cavasse um buraco até a China e desaparecesse, não escaparia da ira deles. E o conde *saberia* se Matilda descobrisse. Havia muitos quilômetros de

campo entre o condado de Durham, no norte da Inglaterra, e Kent, no sul, mas aquela distância era vencida algumas vezes toda semana por mensageiros que transportavam as cartas de Matilda para casa e as cartas do conde para Bramble Hall.

Por que ela havia permitido que isso acontecesse?, perguntou Samantha a si mesma. Estava começando a se sentir prisioneira na própria casa, sob a guarda de uma espiã desprovida de humor. Matthew não teria tolerado isso. Ele havia exercido uma espécie de tirania sobre ela, mas não como a do pai dele. Ele odiava o pai.

– Bem – disse Samantha –, como fiz a bobagem de falar a palavra proibida, Tramp, seria uma crueldade desapontar você. E seria a maior das crueldades me desapontar.

Tramp balançou o rabo efusivamente e olhou da maçaneta para ela e de novo para a porta.

Dez minutos depois, seguiam pelo lado oeste da casa em direção ao portão do jardim, que atravessaram rumo à estrada e ao campo além. Samantha enfim caminhava a passos largos, em estilo nada apropriado a uma dama, mas igualmente impenitente, enquanto Tramp saltitava ao seu lado e de vez em quando disparava atrás de algum esquilo ou pequeno roedor descuidado o suficiente para levantar a cabeça. Embora talvez não fosse falta de cautela, mas desprezo da parte deles, pois Tramp não chegava nem perto de localizar a presa.

Ah, era muito bom enfim respirar ar fresco, pensou Samantha, ainda que fosse filtrado pelo espesso véu negro que pendia da aba do chapéu preto. E era glorioso não ver nada acima além de espaço aberto, primeiro na estrada e depois na grama coberta de margaridas e botões-de-ouro dos campos que adentraram. Era puro prazer permitir que seu passo se alongasse e saber que pelo menos por um tempo o horizonte era a única fronteira a contê-la.

Não havia ninguém para testemunhar sua imensa indiscrição, ninguém para arfar de horror ao vê-la.

Samantha ocasionalmente parava e colhia botões-de-ouro, enquanto Tramp brincava ao redor. Então, com o pequeno ramalhete completo, voltou a caminhar a passos largos, uma sebe espessa de um lado, todas as belezas frescas da natureza esparramadas do outro, o céu se estendendo acima de sua cabeça com uma densa camada de nuvens através do qual ela podia ver o disco brilhante e difuso do sol. O véu esvoaçava à brisa vigorosa e levemente gelada, mas ela não sentia o desconforto do frio. Na verdade, o saboreava. Sentia-se feliz como não se sentia havia meses, talvez até anos. Ah, definitivamente anos.

Não se sentiria culpada por ter esse tempo só para si. Ninguém poderia dizer que ela não tinha dado ao marido toda a atenção possível enquanto ele vivera. E ninguém poderia dizer que não expressara seu luto de forma apropriada. Ninguém poderia sequer dizer que ficara feliz com a morte dele. Ela nunca, jamais desejou que ele morresse, mesmo nos momentos em que se perguntava se ainda tinha energia para tomar conta dele e ser paciente com sua rabugice sem fim. Tinha ficado genuinamente triste com a morte do homem com quem se casara apenas sete anos antes, com grandes esperanças de ser feliz para sempre.

Não, não se sentiria culpada. *Precisava* disso – desse prazer, dessa paz, dessa silenciosa restauração de ânimo.

Foi justamente quando estava tendo esses pensamentos tranquilos que sua paz foi destruída de modo súbito e alarmante.

Tramp acabara de voltar com o graveto que ela atirara para ele, e, quando Samantha se curvou para pegá-lo com uma das mãos enquanto segurava o ramallete na outra, pareceu que um raio desabou em cima deles, não os atingindo por um triz. Samantha gritou de terror, e o cão entrou em um desvario de latidos histéricos e saltos em todas as direções, derrubando-a. Os botões-de-ouro voaram em uma chuva de amarelo, e ela aterrissou no chão com um baque dolorido no traseiro.

Ficou atordoada, em um misto de dor e terror, e descobriu que o raio na verdade era um grande cavalo negro que acabara de saltar a sebe bem perto de onde estivera parada. O animal poderia ter seguido adiante, pois parecia ter aterrissado de modo bastante seguro, mas os latidos e pulos de Tramp e talvez o próprio grito de Samantha o lançaram em um frenesi. O cavalo relinchava e empinava, os olhos revirando-se loucamente de medo, enquanto o cavaleiro lutava para se manter na sela e controlá-lo com considerável habilidade e todo um arsenal de impropérios de baixo calão.

– O senhor está *louco*? O senhor é completamente *insano*?

– Controle esse maldito animal, mulher. Diabo!

As perguntas retóricas de Samantha e a ordem imperiosa do homem foram berradas ao mesmo tempo.

Tramp estava defendendo seu território e latia ferozmente, alternando entre arreganhar os dentes e rosnar de maneira temível. O cavalo ainda corcoveava nervosamente, embora já não estivesse mais empinando.

Mulher?

Maldito

animal?

Diabo?

E por que o homem não saltava da sela para ajudá-la a se levantar e se assegurar de que não lhe causara nenhum ferimento fatal, como qualquer cavalheiro de verdade?

– Tramp – chamou ela em tom firme, embora certamente não em obediência ao cavaleiro. – Já chega!

Um coelho escolheu aquele momento para aparecer no horizonte, orelhas apontadas para o céu, e Tramp disparou em alegre perseguição, ainda latindo e convencido de que poderia vencer a corrida.

– O senhor poderia ter me *matado* com seu salto irresponsável! – gritou Samantha, acima da barulheira dos animais. – O senhor é *mesmo* louco?

O homem montado no cavalo negro fitou-a com um olhar gélido.

– Se não consegue controlar esse arremedo patético de cachorro – disse ele –, não deveria trazê-lo aonde pode perturbar cavalos e gado e colocar vidas humanas em perigo.

– Gado? – Ela lançou olhares ostensivos à esquerda e à direita, para indicar que não havia nenhuma vaca ou touro à vista. – *Ele* colocou vidas humanas em perigo? A sua, suponho, já que a minha claramente não significa nada para o senhor. Permita-me fazer uma pergunta. Foi o senhor ou Tramp que, com despreocupação imprudente, decidiu saltar uma sebe sem primeiro checar se era seguro? E foi o senhor ou ele que jogou a culpa na pessoa inocente que quase foi morta? E no cachorro que estava brincando feliz até quase morrer de susto?

Ela se pôs em pé sem tirar os olhos dele — e sem estremecer com o que ameaçava ser um cóccix contundido. Talvez tivesse sido bom ele *não* ter desmontado para ajudá-la, pensou, enquanto a ira tomava o lugar do terror. Ela teve vontade de estapeá-lo, mas isso com certeza era contra as regras de decoro de uma dama, principalmente uma viúva em luto profundo.

As narinas dele se dilataram enquanto a ouvia, e os lábios se comprimiram enquanto a olhava como se ela fosse um verme nojento que teria sido melhor que seu cavalo houvesse pisoteado.

– Acredito que não tenha sofrido ferimentos sérios, não é mesmo, madame? – disse ele com rígida formalidade. – Creio que não, já que é capaz de falar perfeitamente.

Ela estreitou os olhos e lançou-lhe seu olhar mais frio e arrogante, embora estivesse ciente de que a espessura do véu provavelmente estragava o efeito pretendido.

Tramp voltou correndo, sem o coelho. Havia parado de latir. Samantha pousou a mão na cabeça dele, que se sentou ofegante ao lado dela, olhando

ansioso para o cavalo e o cavaleiro como se pudessem ser novos amigos.

Samantha e o cavaleiro fitaram-se por alguns instantes silenciosos, embora carregados de hostilidade mútua. Então ele manejou abruptamente o chicote até a aba da cartola, virou o cavalo e se afastou a galope sem mais palavras, deixando-a como a evidente vitoriosa do terreno.

Bem.

Bem!

O peito de Samantha ainda estava cheio de ira. *Mulher*, francamente. E *maldito animal*. E *diabo*.

Ele era um estranho – ela pelo menos achava que fosse, uma vez que nunca o tinha visto. Um estranho totalmente desagradável. Desejou com fervor que ele continuasse cavalgando para longe, bem longe, e que nunca mais voltasse. Não era nenhum cavaleiro, apesar de sua aparência sugerir o contrário. Cometera uma imprudência, com resultados que poderiam ter sido fatais se ela estivesse 2 metros mais para a direita. Sim, *ela* e *Tramp* eram os culpados. E, embora ele tivesse perguntado, ou melhor, *acreditado* que ela não sofrera nenhum ferimento, não descera da sela para descobrir mais de perto. E então tivera o descaramento de supor que ela estava ilesa, já que ainda conseguia falar. Como se ela fosse uma *megeira*.

Era realmente uma pena que a bela aparência, a elegância e o aspecto geral de virilidade fossem desperdiçados em um homem de tipo tão desagradável, frio, arrogante e vil. Ele *era* bonito, admitiu Samantha lembrando-se, ainda que o rosto fosse um pouquinho magro e anguloso demais para a verdadeira beleza. E era jovem. Ela supôs que não tivesse muito mais que 30 anos, se tanto.

Ele tinha um vocabulário impressionante, do qual ela quase não teria entendido nada se não tivesse passado um ano com o regimento de Matthew antes de o grupo ser enviado para a Península. E havia falado aquilo diante de uma dama – sem pedir desculpas, como os oficiais do regimento sempre faziam muito efusivamente ao perceber que haviam praguejado a 500 metros dos ouvidos de uma dama.

Ela esperava sinceramente nunca mais encontrá-lo. Senão, ficaria tentada a falar tudo o que lhe viesse à cabeça.

– Bem, arremedo patético de cachorro, nossa única incursão à paz e à liberdade quase terminou em desastre. Olhe só meu ramallete espalhado aos quatro ventos. Meu sogro me daria um sermão de duas semanas se ouvisse falar dessa aventura, em especial se soubesse que repreendi um cavaleiro em vez de baixar a cabeça docilmente e permitir que ele me repreendesse. Imploro que não

deixe escapar uma palavra sobre isso para Matilda. Ela teria uma enxaqueca e uma dor de cabeça fortíssima ao mesmo tempo, quer dizer, isso depois de me censurar e escrever uma longa carta para o pai. Você não acha que eles estejam certos, acha, Tramp? Que não sou uma dama respeitável, quero dizer? Suponho que minhas origens deponham contra mim, como o conde de Heathmoor tinha o prazer de me informar com tediosa regularidade, mas francamente... *Mulher e diabo*. E você um *maldito animal*. Fui provocada. *Nós* fomos.

Tramp, pelo visto mais clemente que Samantha, acertou o passo ao lado dela e absteve-se de emitir opinião.

CAPÍTULO 3



O medo e a vergonha logo jogaram água fria nas brasas da fúria de Ben.

A verdade humilhante, precisava admitir, é que tinha quase morrido de medo ao pular a maldita sebe. Havia voltado a cavalgar fazia algum tempo, ao descobrir que podia montar e desmontar com a ajuda de um bloco especial. Reaprendera a cavalgar com certa habilidade e confiança, apesar de não ter tanta força nas pernas quanto antes. Mas hoje tinha sido a primeira vez desde os tempos da cavalaria que se desafiara a saltar um obstáculo.

Talvez tivesse sido a reação à confissão que fizera aos Sobreviventes em Penderris que o fizera ir o mais longe possível na sua recuperação. Talvez tivesse sentido necessidade de se esforçar para atingir mais um nível de realização, só para provar a si mesmo que não havia simplesmente desistido. Os prados abertos cercados por sebes em que cavalgava o instigaram. As sebes tinham altura suficiente para serem um desafio, mas não tanto a ponto de fazerem da tentativa de salto uma total imprudência. E assim Ben escolhera uma sebe específica, guiara o cavalo até lá e saltara com pelo menos uns 30 centímetros de folga.

Só que a corrida em alegre triunfo que acompanhou o salto logo se converteu em puro terror, e sua mente foi catapultada de volta ao mais infernal dos momentos de batalha: quando ele e o cavalo foram baleados ao mesmo tempo, ele caiu por cima do animal antes que pudesse tirar o pé do estribo e então outro cavalo e cavaleiro desabaram sobre eles.

Ele pensou que estivesse acontecendo tudo de novo. Houve a sensação de queda, da perda de controle, de encarar a morte.

Puro instinto o manteve na sela e o cavalo sob controle, e Ben logo percebeu que a fonte da quase catástrofe era um cão de caça maluco, que continuou a saltar e latir ferozmente muito depois de o perigo ter passado. E havia uma mulher, uma bruxa velha e feia, vestida da cabeça aos pés em um preto

hediondo, sentada tranquilamente na grama abaixo da sebe, cercada de flores do campo e sem fazer um gesto sequer para controlar o animal.

Se tivesse tido condições de parar para pensar, é claro que teria percebido uma série de outras coisas, como fazia agora, enquanto se afastava da cena de sua culpa. Ela não estava sentada no chão colhendo flores por puro prazer. O dia estava frio e tempestuoso, ela provavelmente caíra ou fora derrubada. O cachorro não teria se comportado daquele jeito se ele não tivesse voado de repente sobre a sebe. E poderia facilmente ter matado a mulher caso tivesse saltado a sebe um pouquinho mais à direita. De fato, a culpa por todo o desastre fora inteiramente dele.

E ela não tivera problemas em enfatizar isso.

Outra coisa ficou clara rapidamente – duas, na verdade. Ela não era uma bruxa velha. Na realidade, era uma mulher jovem, embora não fosse possível ver seu rosto através do horroroso véu fúnebre que o cobria. E era uma dama. A voz e a atitude evidenciaram o fato.

Não que a culpa de Ben fosse diminuir caso ela *fosse* uma bruxa. Ou mendiga. Ou ambas as coisas. Ele havia gritado e talvez tivesse usado linguajar impróprio. Com certeza usara enquanto lutava para controlar o cavalo. E não tinha ido socorrê-la. Não que pudesse fazer isso literalmente, claro, mas poderia ter se mostrado mais interessado, talvez até lhe explicado por que não seria possível descer do cavalo.

Em resumo, havia se comportado mal. De maneira abominável, na verdade.

Por um instante, cogitou voltar e pedir perdão, mas duvidou que ela fosse ficar satisfeita em vê-lo de novo. Além disso, ainda estava muito irritado para um sincero pedido de desculpas.

Se Deus quisesse, nunca mais veria a mulher. Embora fosse muitíssimo provável que ela morasse na vizinhança, uma vez que saíra a pé com o cachorro

– desacompanhada. E obviamente estava em luto profundo por alguém.

Meu Deus, *ele* ficara horrorizado. Como *ela* devia ter se sentido quando cavalo e cavaleiro irromperam pela cerca a centímetros de onde estava? E ele ainda por cima a xingou por caminhar com o cachorro em uma campina pública.

Depois de entrar no estábulo em Robland Park e desmontar, Ben ainda se sentia consideravelmente irritado. Seguiu seu vagaroso caminho para casa.

– Ah, está de volta são e salvo – disse Beatrice, olhando por cima de seu macramê enquanto ele se acomodava em uma cadeira na sala de estar. – Fico preocupada por você insistir em cavalgar sozinho, Ben, em vez de levar um cavalição, como qualquer homem sensato em suas condições faria. Sim, eu sei,

eu sei. Não precisa falar, posso ver suas sobrancelhas se unindo de irritação. Estou agindo como uma mãe superprotetora. Mas com Hector em Londres e os garotos na escola, não tenho ninguém com quem me preocupar além de você. E não posso ir junto, pois ainda estou sob as ordens médicas de me resguardar, depois daquele resfriado. Fez um passeio agradável?

– Muito – respondeu ele.

Beatrice largou o trabalho no colo.

– O que o aborreceu, então? Além da minha preocupação excessiva.

– Nada.

Ela ergueu as sobrancelhas e retomou o trabalho.

– A bandeja de chá vem em um instante – avisou. – Suponho que esteja com um pouco de frio.

– Não está um dia frio.

Ela riu sem erguer o olhar.

– Se você está decidido a ser desagradável, ficarei na companhia do meu macramê.

Ele a observou por um tempo. Beatrice estava usando um gorro de renda sobre o cabelo louro. Aquilo o incomodava um pouco, embora fosse uma linda confecção. Ela tinha apenas 34 anos, pelo amor de Deus, cinco anos mais velha que ele, e se comportava como uma matrona – que era exatamente o que era, supunha ele. Haviam se passado mais de seis anos desde que ele fora ferido, e às vezes parecia que o tempo se mantinha parado desde então. Mas não. Tudo e todos haviam seguido adiante. E isso, naturalmente, era parte de seu problema recém-identificado, pois ele não tinha seguido em frente, ocupado demais que estava em tentar se recompor para poder pegar os fios de sua vida exatamente onde os havia deixado.

A bandeja de chá foi trazida, e Beatrice deixou de lado o trabalho para servir a si e ao irmão e levar uma xícara até ele com um prato de bolos.

– Obrigado – disse Ben. – Devo estar cheirando a cavalo.

– Não é um cheiro desagradável – disse ela, em vez de negar. – Voltarei a montar em breve. O médico virá aqui amanhã, espero que pela última vez. Sinto-me perfeitamente bem de saúde outra vez. Relaxe um pouco antes de ir trocar de roupa.

– Há uma viúva vivendo nas redondezas? – perguntou ele de modo abrupto.
– Uma dama? Ainda em luto profundo?

– Você se refere à Sra. McKay? – Ela levou a xícara aos lábios. – Viúva do capitão McKay? Era o segundo filho do conde de Heathmoor, morreu há três ou

quatro meses. Ela mora em Bramble Hall, do outro lado da vila.

– Ela tem um cachorro grande e incontrolável?

– Um cão grande e *manso* – retrucou Beatrice. – Não o considere incontrolável quando visitei a Sra. McKay depois do funeral, embora ele tenha insistido em receber carinho de um jeito bem rude. Chegou, colocou a cabeça no meu colo e olhou para mim com olhos suplicantes. Suponho que deva ter sido treinado para não fazer essas coisas, mas os cães sempre sabem quem gosta deles.

– Ela estava com o cão em uma campina não muito longe daqui. Quase derrubei os dois quando saltei uma sebe.

– Ah, meu bom Deus! Alguém se machucou? Mas... você *pulou uma cerca viva*, Ben? Onde estão meus sais? Ah, acabei de me lembrar, não tenho, não sou de desmaiar, embora você possa facilmente mudar essa predisposição.

– Que diabo ela estava fazendo sem acompanhante? Beatrice estalou a língua.

– Ben, querido, olhe o linguajar! Estou surpresa em saber que ela estava passeando. Nunca a vi fora de casa, exceto na igreja, aos domingos. O capitão McKay ficou muito ferido na Península e nunca recuperou a saúde suficiente para sair da cama. A Sra. McKay cuidou dele quase sozinha e com grande devoção, pelo que eu soube.

– Bem, ela estava sozinha hoje. Pelo menos suponho que seja a dama que você nomeou.

– Estou surpresa – repetiu Beatrice. – A cunhada está com ela há algum tempo. Conheço-a muito pouco e me parece injusto julgar uma quase estranha, mas imagino que leve as convenções sociais tão ao extremo quanto o conde, seu pai. Ele *não* é minha pessoa favorita, nem de qualquer um que eu conheça. Se tivesse vivido alguns séculos atrás, teria juntado forças com Oliver Cromwell e aqueles puritanos horrorosos e acabado com toda a alegria e diversão do mundo. Surpreende-me que lady Matilda não tenha insistido para que a Sra. McKay permanecesse em casa a portas e cortinas cerradas.

– Você parece indignada.

– Bem. – Ela pousou a xícara e o pires. – Quando alguém se dá o trabalho de organizar um jantar tranquilo com os vizinhos mais discretos, incluindo o vigário e a esposa, com a intenção de estender a mão amiga e solidária a duas senhoras que perderam o marido e o irmão, e é rejeitada como se sua própria existência fosse frívola e contaminante, com certeza pode ser desculpada por ficar um pouco irritada ao se lembrar disso.

Ele sorriu, até que ela percebeu e começou a rir.

– A resposta a meu convite foi escrita por lady Matilda McKay – disse Beatrice. – Quero acreditar que a Sra. McKay a teria redigido de uma maneira muito mais graciosa, se é que o teria recusado.

O sorriso desapareceu do rosto de Ben.

– Devo desculpas a ela.

– Deve? Você não se desculpou na hora? Espero que ela não tenha ficado ferida.

– Creio que não – disse ele, embora se lembrasse de que ela estava sentada no chão quando percebeu sua presença. – Mas eu praguejei na frente dela, Bea, e a culpei pela quase catástrofe; ela e o cachorro, que é o mais feio que já vi. Devo-lhe um pedido de desculpas.

– Talvez a vejamos na igreja no domingo. Se eu fosse você, não iria a Bramble Hall. Primeiro, porque você não foi apresentado a ela e seria imensamente impróprio. Segundo, porque acredito que a cunhada teria um ataque apoplético se encontrasse um cavalheiro solteiro à porta. Ou isso, ou o atacaria com a sombrinha ou agulha de tricô mais próxima.

Ele podia simplesmente esquecer o episódio, refletiu Ben minutos depois, enquanto subia a escada para trocar de roupa. Mas odiava a lembrança de ter se comportado de maneira inadequada – e isso era suavizar o que de fato tinha acontecido.

Definitivamente lhe devia um pedido de desculpas.



No domingo, Samantha e Matilda foram à igreja como de costume. Samantha poderia até achar engraçado o fato de a missa de domingo ter se tornado o grande passeio e evento social de sua semana, se não fosse também tão patético. Pois assim havia sido nos últimos cinco anos, embora ela tivesse apenas 19 anos quando fora morar em Bramble Hall. E a situação não estava prestes a mudar, apesar de não ter mais Matthew para cuidar.

Sentou-se ao lado de Matilda no banco habitual, na frente, o livro de orações no colo, sem virar a cabeça nem para a esquerda nem para a direita, embora fosse adorar ver quais vizinhos estavam presentes. Teria gostado de acenar gentilmente para eles, como sempre fizera. Mas Matilda sentava-se rígida e imóvel, e Samantha, por tolice talvez, sentia-se coagida a demonstrar igual piedade, se é que era piedade.

Foi só depois da missa, quando se levantaram para sair da igreja e esperar a charrete, os rostos devidamente escondidos pelos véus, que ela viu *aquele homem* novamente. Era assim que ela pensava nele, com crescente indignação, fazia dois dias.

Aquele homem.

Ele estava sentado no banco do outro lado do corredor, uma fila atrás dela. Devia ter conseguido vê-la durante toda a missa. Ainda estava sentado, não se levantou assim que os olhos dela incautamente o encontraram, como qualquer cavalheiro respeitável teria feito, sobretudo um que a tratara tão mal. E não era porque não a tinha visto. Ele a fitava.

Como se *atrevia*?

Ele não estava de chapéu dentro da igreja. O rosto era estreito e anguloso, como ela havia observado no primeiro encontro. Tinha um nariz reto, finamente esculpido, bochechas ligeiramente encovadas, queixo firme e olhos azuis sérios sob o cabelo castanho médio. Talvez tivesse sido extremamente bonito na juventude. Contudo, não era jovem. Era difícil adivinhar a idade, mas o rosto exibia indícios de ter passado por muita coisa na vida, talvez sofrimento. Ainda era bonito, no entanto, admitiu Samantha de forma relutante. E talvez ainda mais bonito por não ter aspecto juvenil.

Teria sido mais satisfatório se fosse feio. Como todos os vilões devem ser.

Ela teria desviado o olhar com desdém e continuado a andar, mas hesitara por tempo demais, e a dama ao lado dele, que *estava* de pé, dirigiu-lhe a palavra. Era lady Gramley. Claro: aquele era seu banco habitual.

– Sra. McKay – disse amavelmente –, como vai?

– Estou bem, obrigada, senhora – respondeu Samantha.

Sentiu a mão firme de Matilda em suas costas. Bom Deus, seria impróprio para uma viúva enlutada até mesmo trocar gentilezas com seus vizinhos na igreja?

– Permita-me ter o prazer de apresentar meu irmão, sir Benedict Harper – disse lady Gramley. – Sra. McKay, Ben. E a Sra. Matilda McKay.

Enfim ele decidiu ficar de pé, embora sem pressa, nem mesmo agora. Olhou para o lado oposto a Samantha e Matilda e pegou duas bengalas, ajeitando uma de cada lado do corpo. Não eram bengalas comuns. Eram mais compridas e tinham suportes no meio, com tiras de couro pelas quais ele enfiou as mãos. As tiras cingiam seus braços enquanto ele agarrava os suportes e se colocava de pé.

Será que tinha caído do cavalo depois que ela o vira?, perguntou-se Samantha, de forma esperançosa e indelicada. Mas não. Aquelas bengalas

deviam ter sido feitas sob encomenda. Nunca tinha visto nada igual.

Mesmo com ele ligeiramente curvado sobre as muletas, Samantha podia ver que era alto e magro. Não, magro não. *Esguio*. Havia uma diferença. E o casaco e a calça elegantes e bem ajustados, usados com botas de cano alto polidas de forma impecável, enfatizavam o físico agradavelmente proporcional. Era um homem atraente, admitiu Samantha, apesar de ela mesma não se sentir atraída. Estava tão irritada com ele agora quanto dois dias antes. Talvez ainda mais, porque podia ver que ele tinha uma desculpa para não ter saltado do cavalo e corrido galantemente para resgatá-la naquele dia, e ela não queria que ele tivesse qualquer desculpa.

– Senhor.

Ela inclinou a cabeça com a maior frieza e arrogância possível. Notou que Matilda fez uma leve reverência e murmurou seu nome.

– Madame – disse ele, inclinando a cabeça. – Lady Matilda.

Benedict. Era um nome agradável demais para ele. Soava como uma bênção – uma benção. Ela se perguntou se havia alguma palavra profana que ele *não* tivesse usado naquela campina. Duvidava muito.

– Meu irmão teve a gentileza de vir me fazer companhia em Robland Park por algumas semanas antes de eu ir encontrar meu marido em Londres para a segunda metade da temporada – explicou lady Gramley. – Talvez pudéssemos visitá-la uma tarde, Sra. McKay? Não nos falamos desde o sepultamento de seu marido e não quero que sinta que seus vizinhos a estão negligenciando em sua dor.

Samantha ficou desconfortável, pois não fazia nem três semanas que o conde e a condessa de Gramley tinham convidado ela e Matilda para jantar, e Matilda a convencera de que seria indecoroso aceitar, que lady Gramley não deveria sequer ter sugerido. Samantha ficara surpresa, mas, ainda dominada pela letargia, havia permitido que a cunhada enviasse uma recusa em termos educados. Mesmo assim, achou bom que lady Gramley não houvesse ficado ofendida.

– Seria adorável – disse ela, embora preferisse que o irmão não fosse incluído. Mas, se ele aparecesse, talvez pudesse sufocá-lo com cortesia e mostrar o que eram boas maneiras de verdade. Seria uma vingança adequada. Era mais provável, porém, que ele desse uma desculpa para *não* aparecer. – Vamos aguardar ansiosas, não vamos, Matilda?

– Ainda estamos em luto profundo, madame – lembrou Matilda a lady Gramley, como se os trajes negros pesados não fossem indicativo suficiente. –

No entanto, não deve haver problema em receber a visita vespertina ocasional de uma vizinha distinta.

Oh, céus. Não era de admirar que Matthew fosse a ovelha negra da família e detestasse vários deles, inclusive a irmã. Matilda chamava uma *condessa* de vizinha distinta, como se estivesse lhe concedendo um grande favor.

Sir Benedict Harper não havia tirado os olhos de Samantha. Ela se perguntou o quanto ele conseguia enxergar. E imaginou se ele estava constrangido em revê-la. Será que se lembrava de tê-la chamado de *mulher*? Ela se irritou com a recordação.

Samantha inclinou a cabeça mais uma vez e seguiu em frente. O encontro levou menos de um minuto, mas a deixou incomodada. *Será* que ele acompanharia lady Gramley na visita? Será que ousaria?

Ela inclinou a cabeça educadamente para alguns outros membros da congregação, ofereceu a mão ao vigário e fez um comentário sobre o sermão. Matilda elogiou-o mais longamente e com rigorosa condescendência. Então tomaram a charrete e rumaram para casa.

– Lady Gramley parece bastante distinta – observou Matilda.

– Sempre a considere gentil e agradável – disse Samantha –, embora não tenha tido muito contato com ela nesses anos. Nem com nenhum dos meus outros vizinhos, aliás. Matthew precisava de quase todo o meu tempo e atenção.

– Sir Benedict Harper é aleijado – disse Matilda.

– Mas não acamado. – Consegue inclusive cavalgar, pensou Samantha. – Talvez ele não acompanhe a irmã se ela nos visitar.

– Seria delicado da parte dele não ir – concordou Matilda. – Já que é um estranho para nós. Uma pena não termos evitado a apresentação.

Pela primeira vez Samantha concordava com a cunhada. Isso não acontecia com frequência.

Não tinha como Matilda ser mais diferente do irmão. Uma autodeclarada solteirona de 32 anos, que havia muito anunciado a intenção de se dedicar à mãe em seus anos de declínio, parecia destituída de qualquer suavidade ou feminilidade. O pai só perdia para Deus em sua estima. Matthew era três anos mais velho, bonito, impetuoso, charmoso – e irresistivelmente lindo no uniforme militar escarlate. Samantha o conheceu em uma festa, quando o regimento dele estacionou a apenas 5 quilômetros de sua casa. Ela tinha 17 anos, era jovem, ingênua e impressionável. Caiu perdidamente de amores pelo então tenente McKay, como todas as outras moças das redondezas. Talvez fosse estranho se não tivesse se apaixonado. Quando ele se casou com ela, Samantha se

considerou a garota mais feliz e sortuda do mundo, impressão que perdurou por quatro meses, até descobrir que ele era superficial, vaidoso... e infiel.

Sim, ele era muito diferente da irmã. Dos dois, Samantha escolheria Matthew em qualquer circunstância. Não que ainda tivesse alguma escolha quanto a isso. O pensamento causou-lhe uma pontada de dor.

Os graves ferimentos sofridos em batalha destruíram Matthew de diversas maneiras. Ele foi um paciente difícil, embora ela sempre se esforçasse para ser tolerante por causa da dor, das deficiências e da deterioração dos pulmões. Ele era exigente e egoísta. Ela se dedicou a cuidar dele sem reclamar, embora tivesse deixado de amá-lo mesmo antes de ele partir para a Península.

Sua morte causou-lhe dor verdadeira. Foi duro assistir à destruição de um homem que havia sido tão bonito, vaidoso e cheio de vida – e vê-lo morrer aos 35 anos.

Pobre Matthew.

Matilda se aproximou e deu um tapinha na mão dela.

– Sua dor depõe a seu favor, Samantha – disse ela. – Contarei ao meu pai quando escrever para ele amanhã.

Samantha colocou a mão enluvada de preto por baixo do véu e afastou uma lágrima. Sentia-se culpada. Havia alívio misturado à tristeza que sentia por Matthew ter morrido. Não podia mais negar esse fato. Estava enfim livre – ou melhor, estaria quando o pesado ritual de luto chegasse ao fim.

Era perverso pensar uma coisa dessas?

CAPÍTULO 4



— Será que a Sra. McKay contou à cunhada o que aconteceu naquela tarde? — indagou Ben.

— Não conheço lady Matilda muito bem — respondeu Beatrice —, mas devo confessar que me parece um pouco mandona.

Viajavam para Bramble Hall em uma carruagem aberta com a bênção do médico de Beatrice, que enfim a havia declarado totalmente recuperada. O dia estava ensolarado e bastante quente para a primavera. Haviam se passado dois dias desde o encontro com as McKay na igreja.

— Não me comportei como deveria quando encontrei a Sra. McKay pela primeira vez — disse Ben. — Realmente preciso reparar isso, Bea. No entanto, se pedir desculpas durante o chá, posso constrangê-la diante da cunhada. Não há como deixar de concordar com você sobre lady Matilda, embora tenhamos falado com as duas provavelmente por não mais do que um minuto no domingo, e foi impossível ver o rosto delas. Você já viu véus tão escuros e pesados quanto os delas? Será que conseguem enxergar? Não sei como não vivem batendo com a cara nas paredes.

— Talvez a dor delas seja grande — comentou a irmã. — Dizem que o pobre capitão McKay era extremamente bonito e elegante. A guerra é cruel, Ben; não que eu precise falar isso para você, claro. Teria sido melhor, talvez, se ele tivesse morrido de imediato. Melhor para ele mesmo, para a esposa e para a irmã.

Droga, será que algum dia ele escaparia dessas guerras?, pensou Ben, irritado. Que destino desgraçado o levava a saltar aquela sebe específica naquele momento específico naquele dia específico, quando fazia mais de seis anos que não saltava a cavalo? E o que levava a Sra. McKay a estar por ali quando, ao que parecia, mal colocava os pés fora de casa desde que se mudara para lá com o marido inválido, cinco ou seis anos antes?

Destino? Duvidava muito. E, se fosse, então o destino era uma coisa terrivelmente estranha.

A visita que estava prestes a fazer era a última coisa que desejava. Ninguém gosta de ser flagrado em conduta indigna, nem gosta de pedir perdão à parte ofendida, especialmente quando ela é tão fria e arrogante quanto a viúva do capitão McKay parecia ser.

– Se eu perceber a mínima oportunidade, Ben, vou me afastar com lady Matilda, pelo menos do alcance dos ouvidos, para que você possa se resolver com a Sra. McKay – prometeu Beatrice quando a carruagem parou em frente às portas de Bramble Hall.

Lá dentro houve uma resposta instantânea à batida da aldrava na porta, na forma de um latido grave e animado. O cão indisciplinado, sem dúvida.

Bramble Hall era uma casa de pedra sólida, uma residência maior que uma mansão, mas de proporções agradáveis, situada em jardins bem cuidados, ainda que não extensos. O interior também era bonito, Ben logo descobriu, embora o vestíbulo fosse revestido de madeira muito escura, mas a sala de estar a que foram conduzidos estava mais clara, com as cortinas de veludo bordô abertas até a metade. A mobília era antiga e pesada, com predomínio do marrom. Havia pinturas de paisagens em tons fechados penduradas nas paredes revestidas de papel.

As damas se levantaram quando o mordomo anunciou os visitantes. As duas, é claro, usavam vestidos pretos que as cobriam do pescoço aos pulsos e tornozelos. Lady Matilda também usava, sobre o cabelo louro, uma touca de renda preta amarrada em um esmerado laço preto sob o queixo. Ben se perguntou, de forma insensível, por que ela não tingia o cabelo de preto.

A cabeça da Sra. McKay estava descoberta, o cabelo muito escuro e brilhante penteado com um diadema de tranças firmes no alto, e o resto liso, sem a sugestão de um cachinho ou ondulação para suavizar a severidade. Os olhos também eram muito escuros e grandes; os cílios, compridos; o nariz, reto; a boca, generosa e os lábios, fartos; a pele tinha um tom mais escuro. Era quase certo que tivesse sangue estrangeiro nas veias, embora ele não pudesse identificar a origem. Espanha? Itália? Grécia? O vestido era de tecido pesado, grosso, mal ajustado ao corpo e nada atraente. No entanto, ao contrário da capa que vestia em ambas as ocasiões anteriores em que a vira, o vestido não conseguia esconder as curvas generosas e a silhueta voluptuosa. Também tinha altura adequada ao porte.

Ele esperava que ela fosse feia. Ela *parecera* feia através do véu. Ao contrário de sua primeira impressão, porém, era de uma beleza deslumbrante. E mais jovem do que ele havia calculado.

A impressão de Ben a respeito de ambas as damas foi desfeita em um instante. Felizmente, ele foi impedido de fitá-las por tempo demais pelo cão infernal, que parecia tão feio agora quanto na campina dias antes. Ele saltava ao redor deles com a indisciplina que poderia se esperar de um filhote não treinado, mas não de um cão adulto que vivia dentro de casa. Parecia indeciso entre o êxtase pela visita e a ofensa por terem ousado invadir seu território. No entanto, estava inteiramente disposto a conceder o benefício da dúvida se fizessem a menor menção de brincar com ele.

Beatrice riu e fez carinho na cabeça dele.

– Que recepção adorável – disse ela.

– Pare, cachorro – ordenou lady Matilda, sem efeito. – Samantha, faça-o sair da sala.

– Sentado, Tramp – disse a Sra. McKay –, ou terá que ser banido para as trevas exteriores.

O cachorro não se sentou, mas pelo menos parou de saltar, ofegante, a língua pendurada, para olhar para a dona, então se afastou para se jogar na nesga de luz do dia que atravessava a abertura estreita das cortinas, as orelhas em pé para não perder nada caso alguém lhe oferecesse mais entretenimento.

Cão desgraçado. Não tivesse sido por ele, Ben poderia muito bem ter transposto a sebe e voltado para Robland sem sequer perceber que havia dado um susto medonho em uma dama e que por pouco não a matara. Nem saberia que um pedido de desculpas era imperativo. E teria olhado para aquelas duas mulheres cobertas de preto na igreja sem qualquer desejo de conhecê-las.

– Lady Gramley – disse a Sra. McKay, dando um passo à frente para oferecer uma das mãos à convidada –, peço perdão pelas péssimas maneiras de Tramp. É muita gentileza de sua parte nos visitar. Lembro que a senhora não estava muito bem de saúde na última vez que estive aqui. Fiquei comovida por ter vindo. Espero que tenha se recuperado. Andamos muito entediadas na companhia apenas uma da outra, não é mesmo, Matilda?

Ela se virou para Ben depois de Bea afirmar que se recuperara plenamente do insistente resfriado. A expressão da Sra. McKay mudou imperceptivelmente de uma recepção calorosa para friamente cortês quando apertou a mão dele.

– Sir Benedict, que bom que veio com sua irmã – disse ela. – Sente-se.

Ela olhou para as bengalas, mas não tentou conduzi-lo a uma cadeira, para alívio dele. Algumas pessoas faziam isso.

Seguiu-se uma conversa educada antes de uma bandeja de chá ser trazida. A Sra. McKay o serviu, e a cunhada ofereceu para os convidados um prato de biscoitos doces. O cão voltou e farejou primeiro Beatrice, depois Ben. Pareceu preferir o último, embora Bea o afagasse de novo na cabeça e Ben, decididamente, não. Tramp jogou-se aos pés de Ben e apoiou o queixo em uma das suas botas.

O animal devia ser burro como uma porta. Bea não disse que ele sabia quem gostava dele?

– Samantha, chame um criado para tirar o cachorro daqui – disse lady Matilda. – Ele realmente não deveria ter permissão de ficar solto por aí, especialmente quando estamos com visitas. Você sabe minha opinião sobre isso.

Devia ser o cão mais feio da criação, e Ben certamente não estava nada contente por Tramp tê-lo escolhido como companhia. No entanto, quando se tratava de escolher entre uma mulher mandona – sim, ele havia concluído que Bea acertara em cheio na descrição de lady Matilda McKay – e um cão desajeitado, babão, indisciplinado e sem discernimento, a escolha não era difícil.

– Se o cachorro... Tramp, certo?... não incomoda a Sra. McKay, com certeza não me incomoda, lady Matilda – disse ele. – Permita que ele fique onde está.

A Sra. McKay lançou-lhe um olhar que desafiava a interpretação. Suspeita? Ressentimento? Reprovação? Gratidão com certeza não era.

Quinn, o valete de Ben, provavelmente teria que limpar baba de cachorro de sua bota e não ficaria nada feliz com isso.

– Ele apareceu na minha porta há dois anos – explicou a Sra. McKay. – Um vagabundo determinado e decrépito que não foi embora mesmo depois de eu tê-lo alimentado. Meu marido disse, com toda razão, suponho, que ele não foi embora *porque* eu o alimentei. Mas como poderia não alimentá-lo? As pernas dele eram compridas como varetas tortas, todas as costelas visíveis, o pelo sem brilho e arrepiado, e ele tinha um olhar esperançoso e expressivo que... Bem, eu teria que ser feita de pedra para enxotá-lo. Ele viveu na porta por um tempo. Como conseguiu entrar na casa e se tornar o senhor de tudo, eu não sei.

– Não teria conseguido se eu morasse aqui com você na época, Samantha – disse lady Matilda –, que é o que eu teria feito se minha mãe não sofresse de palpitações a cada palavra que nos chegava sobre o estado de saúde de Matthew. Mesmo agora, insisto que o mande para os estábulos e o faça ficar lá.

Animais

não pertencem a uma casa decente, como tenho certeza que há de concordar, lady Gramley.

– Ouso dizer que a senhora vai me achar uma boba completa – prosseguiu Samantha, enquanto uma criada levava a bandeja de chá. – Mas eu amo Tramp, sabe? Como alguém é *capaz* de amar um sujeito feio e insolente como você, Tramp, não sei, mas eu amo.

Ben notou que ela conseguiu olhar para o cachorro sem olhar para ele. Cada palavra era dirigida a Bea, como se ele não existisse. Estava obviamente irritada com ele.

– Animais de estimação tornam-se parte da família – concordou Beatrice. – Quando nossa spaniel era viva, um de meus filhos certa vez me acusou de amá-la mais do que a ele ou ao irmão. E minha resposta foi que às vezes ela era mais fácil de amar. Mas claro que falei isso enquanto sufocava meu filho de abraços.

Ben mal dissera uma palavra. Nesse ritmo, se sentiria pior ao sair do que antes de chegar. Pois, se não pedisse desculpas agora, nunca o faria, e se sentiria responsável pelo erro para sempre – como de fato era, droga.

A Sra. McKay podia ter considerável beleza, mas ele realmente não conseguia gostar dela, talvez porque ela tivesse levantado um espelho no qual ele vira o lado mais feio de si mesmo. Ele olhou para Beatrice e ergueu as sobrancelhas. A etiqueta provavelmente ditava que partissem muito em breve.

– Lady Matilda, temo ter comido demais desses excelentes biscoitos e apreciaria fazer algum exercício antes de voltar para Robland Park – disse ela. – Estaria disposta a dar uma volta comigo no terraço?

Lady Matilda pareceu tudo, menos disposta. No entanto, era uma dama, e as boas maneiras sociais prevaleceram.

– Vou buscar meu chapéu e minha capa – disse ela, e saiu da sala.

Beatrice foi atrás, perguntando retoricamente e em tom de desculpa se a Sra. McKay se importava. Ela parecia, *sim*, se importar, embora tenha respondido o contrário de forma bastante educada. Samantha olhou para as mãos entrelaçadas no colo quando ficou a sós com Ben e fez-se silêncio, exceto por um suspiro satisfeito do cachorro, que parecera interessado no passeio no terraço mas decidiu não participar, talvez porque incluísse lady Matilda.

Claramente, a Sra. McKay não tinha intenção de quebrar o silêncio. Ben pigarreou.

– Sra. McKay, acredito que lhe devo um pedido de desculpas.

– Sim. – Ela ergueu a cabeça e olhou tão fundo nos olhos dele que Ben se sentiu afastar a cabeça para trás uns 3 centímetros, embora estivessem a alguma

distância um do outro. – Acredita corretamente, senhor.

Bem... Será que ele havia esperado que ela desse um sorriso afetado e afirmasse que ele não fizera nada para ofendê-la?

– O que aconteceu naquele dia foi culpa minha. Eu não deveria ter saltado a cerca sem saber o que havia do outro lado. E, quando saltei e quase a matei, certamente não deveria ter jogado a culpa na senhora e praguejado daquele jeito.

– Estamos em total acordo quanto a *isso* – assegurou-lhe ela, de queixo erguido, olhos firmes, postura arrogante. E continuou: – Mas suponho que seria um pouco absurdo se todos os cavaleiros se sentissem obrigados a desmontar e abrir uma sebe antes de saltar apenas para se certificar de que não há algum pedestre distraído passeando do outro lado. Poderia, talvez, gritar um *lá vou eu!* ao se aproximar, mas soaria bastante peculiar. O que aconteceu foi um acidente. Pelo menos *disso* ninguém teve culpa.

A legitimidade da resposta só o colocou mais abjetamente no lado errado.

– Mas alguém com certeza foi culpado pelo que se seguiu – disse ele. – E esse alguém fui eu, na verdade. Minha reação imediata de jogar toda a culpa na senhora e no seu cão quando ambos eram claramente inocentes foi injusta e imperdoável. Espero que me perdoe, no entanto, senhora, ao garantir que estou completamente envergonhado de mim mesmo. E peço perdão pelo palavreado terrível que devo ter usado em sua presença, embora espero que nada tenha sido dirigido à senhora pessoalmente.

Ela ainda olhava de forma resoluta para ele, e Ben ficou impressionado com aqueles olhos escuros, uma arma deveras letal. Teve que resistir ao impulso de afastar a cabeça mais 2 centímetros e baixar os olhos.

– Exceto por um *diabo* – disse ela –, que foi dito depois de o senhor chamar alguém de *mulher*. Visto que eu era a única mulher presente, fui levada à conclusão de que se referia a mim.

Ele fez uma careta. Maldição, não se lembrava disso.

– No entanto, o que me causou maior indignação foi o fato de o senhor não descer do cavalo ao ver que eu havia caído, ainda que a queda tenha sido causada por meu cachorro histérico e não por seu cavalo – acrescentou. – Infelizmente, fui forçada a renunciar a muito da minha ira quando o vi no domingo e entendi por que não havia desmontado.

– Eu deveria ter explicado na ocasião – disse ele. – Deveria ter mostrado muito mais preocupação pelo susto que a senhora levou e pelo mal que poderia ter lhe causado. Eu deveria ter... – Ele suspirou de frustração e passou os dedos pelo cabelo. – Resumindo, me comportei de maneira atroz em todos os sentidos

imagináveis. Entendo que esteja ofendida por eu ainda ter a ousadia de aparecer aqui. Devo me retirar sem demora.

Ele pegou as bengalas.

– Passei um ano com meu marido nas proximidades do regimento dele – disse Samantha. – Ouvi uma ou duas coisas que senhoras não devem ouvir. Oficiais têm vozes que devem usar no campo de batalha. Infelizmente, também a usam quando *não estão* no campo de batalha. Não sou uma moça inexperiente, sir Benedict, e devo admitir, com alguma relutância, que admiro sua coragem ao vir aqui falar comigo cara a cara. Não esperava. Acredito que lady Gramley na verdade não sentiu necessidade urgente de passear no terraço com a pobre Matilda, não é mesmo? Creio que comeu apenas um biscoito.

– Tive medo de que, se apresentasse meu pedido de desculpas na frente de sua cunhada, pioraria as coisas, informando-a de algo que ela desconhece – justificou Ben.

– Ah, sim, o senhor está absolutamente certo. Matilda teria um ataque de nervos se soubesse que passei dos muros do parque sem acompanhante.

– Vai me perdoar? – perguntou ele.

– Jurei que nunca o faria. – Os olhos dela voltaram-se para as bengalas. – É difícil para o senhor montar?

– Sim. Mas isso já faz com que a tentação seja irresistível. Aquela cerca viva foi o primeiro obstáculo que eu saltei desde... Bem, desde a minha grande queda, há mais de seis anos. À luz do que aconteceu e do que *quase* aconteceu, fiquei inclinado a pensar que também seria o último. Mas decidi que não será. Da próxima vez, escolherei um obstáculo maior, mas vou me aproximar com um *lá vou eu!*.

– O senhor não nasceu assim, então? Sofreu um acidente?

– Chamado guerra.

Os olhos de Samantha se fixaram nos dele, e ela franziu a testa por um momento.

– Bem, pelo menos seus ferimentos, embora graves, limitaram-se às pernas. Diferentemente dos do meu marido.

Ele franziu os lábios, mas não respondeu.

O cachorro se ergueu de repente, cruzou a distância até a dona, pôs o queixo em seu colo e olhou para ela. Samantha deu um tapinha na cabeça dele e depois a alisou, e ele fechou os olhos em êxtase.

– Isso foi insensível de minha parte, suponho – disse ela, soando um pouco aborrecida. – Seus ferimentos *limitaram-se* às pernas?

Uma bala abaixo do ombro, não muito longe do coração. Uma clavícula quebrada. Várias costelas quebradas ou fissuradas. Um braço quebrado. Cortes e contusões em lugares demais para enumerar. Sem ferimentos significativos na cabeça, o único milagre associado ao incidente.

– Não.

Ela olhou para ele como se esperasse que enumerasse todos os ferimentos.

– Os feridos de guerra não competem uns com os outros para descobrir quem sofreu mais – disse Ben. – E há muitas maneiras de sofrer. Tenho um amigo que guiou seus homens a uma série de batalhas violentas e saiu de todas sem um arranhão. Liderou uma missão suicida na Espanha e sobreviveu ileso, embora a maioria de seus homens tenha sido morta. Foi elogiado pelos generais e recebeu um título do príncipe de Gales. Então enlouqueceu e foi trazido de volta para a Inglaterra em uma camisa de força. Levou vários anos para se recuperar e poder retomar algo parecido com uma vida normal. Tenho outro amigo que ficou cego e surdo em sua primeira batalha, aos 17 anos. Ficou furioso quando foi trazido para casa. Sua audição voltou depois de um tempo, mas a visão não, e nunca voltará. Ele demorou alguns anos para se recompor e poder levar a vida em vez de apenas suportar o que lhe restava até a morte chegar. Nunca é fácil decidir quais feridas são mais graves do que outras, senhora.

Ela baixou o olhar de novo enquanto ele falava. Puxou as orelhas do cachorro e depois encostou brevemente a testa no topo da cabeça dele. Mas se levantou de repente quando Ben parou de falar, e se virou para dar alguns passos até a janela.

– Estou tão cansada – disse ela em uma voz que vibrava de emoção. Parou abruptamente e começou de novo: – Estou *exausta* de guerra, ferimentos, sofrimento e morte. Quero *viver*. Quero... *dançar*.

Samantha inclinou a cabeça para trás. Ben suspeitou que os olhos dela estivessem bem fechados. Então ela riu baixinho.

– Quero dançar. Apenas quatro meses após a morte do meu marido. Teria como ser mais frívola? Menos sensível? Mais desprovida de toda a conduta decente?

Ele olhou para ela com certa surpresa.

– Alguém a acusou dessas coisas? Ela se virou para olhá-lo.

– Todo mundo! O senhor não é casado, sir Benedict?

– Não.

– Se tivesse morrido, ficaria chocado se sua viúva quisesse dançar quatro meses depois?

– Suponho – disse ele, erguendo um dedo para coçar a lateral do nariz – que nesse caso não me importaria muito com o que ela fizesse, senhora. Não me importaria de maneira nenhuma, na realidade.

Ela sorriu inesperadamente e de repente se transformou em uma mulher de vívida beleza. Devia ser ainda mais jovem do que ele supôs quando entrou na sala – e décadas mais jovem do que imaginou quando se conheceram.

– Mas mesmo antes da minha morte – acrescentou ele – eu gostaria de saber que ela voltaria a viver depois que eu me fosse, a sorrir e a gargalhar, a dançar de novo, se assim desejasse. Suponho que, sendo humano, gostaria de pensar que ela choraria por um tempo, mas não indefinidamente. Ela não poderia lembrar-se de mim com carinho enquanto sorrisse, gargalhasse e dançasse?

– O senhor virá de novo? – perguntou ela, de súbito. – Com sua irmã?

– A senhora certamente ficará feliz em me ver pelas costas – respondeu ele. De sua parte, Ben mal podia esperar para ir embora.

– Ninguém vem aqui – disse ela. – Ninguém tem *permissão* para vir.

Estamos em luto profundo.

O sorriso vívido se fora. Ele se perguntou se o havia imaginado.

– Talvez a senhora possa visitar minha irmã em Robland Park – sugeriu ele, a contragosto. – Seria um passeio perfeitamente respeitável. Ou o luto profundo não permite?

– Não. Mas talvez eu vá mesmo assim.

De repente ocorreu a Ben que nos últimos minutos ela estivera de pé e ele sentado – e que ele assim permanecera por muito mais tempo do que a etiqueta permitia.

– Beatrice ficará feliz em ouvir isso – disse ele, pegando as bengalas e deslizando os braços através das correias. – Suas atividades foram restringidas pelo insistente resfriado que contraiu antes do Natal. Agradeço pelo chá e por me ouvir.

Não pôde agradecer pelo perdão. Ela não o concedera.

Levantou-se, ciente do olhar firme dela. Desejou que não tivesse de se arrastar pela sala de seu jeito desajeitado enquanto ela o observava.

– Temos algo em comum, sabe? – disse ele, parando abruptamente antes de chegar à porta. – Também quero dançar. Às vezes é o que mais quero no mundo.

Ela o acompanhou em silêncio até a porta da frente e à carruagem que o aguardava. Beatrice já estava ao lado do veículo, com lady Matilda. Despediram-

se todos, e a carruagem seguiu pela estrada.

– Bem, *essa* foi a tarde mais desanimada da minha vida – disse Beatrice com um suspiro audível. – Não me pergunto se aquela mulher já deu alguma gargalhada na vida, porque tenho certeza de que não. O que me pergunto é se ela sequer já sorriu. Duvido seriamente. Falou do pai com a mais profunda reverência. Tenho pena da pobre Sra. McKay.

– Ela perguntou se voltaríamos. Sugeriu que a visitasse em Robland. No entanto, parece que receber ou fazer visitas não seja adequado para damas de luto. Minha educação social foi incompleta, Bea? Para mim, parece uma noção peculiar. Mas ela disse que poderia ir de qualquer maneira. Espero que não se zangue por eu abusar de sua hospitalidade.

– Poderia ir? – perguntou ela. – Mas você acha que *irá*?

Ben deu de ombros como resposta. Mas recordou a paixão inesperada com que ela dissera que queria *viver*. Aquele passeio infame na pradaria provavelmente tinha sido seu modo de se libertar, pelo menos por um curto período de tempo. E ele arruinara tudo.

– Você pediu desculpas? – perguntou Beatrice.

– Pedi.

Não acrescentou que o perdão não fora explicitamente concedido.

– Então o dever por enquanto está cumprido. É um grande alívio, devo dizer.

E talvez elas não apareçam.

– Ela quer dançar – disse Ben.

– O quê? – Ela virou a cabeça, a testa franzida. – Na festa da semana que vem, você quer dizer?

– Não. Ela quer dançar, Bea. Eu também. Eu quero dançar. Ela inclinou a cabeça ligeiramente para o lado.

– Com certeza iremos à reunião se você estiver se sentindo bem, embora duvide de que seja capaz de dançar mesmo a mais lenta das melodias, Ben. Você anda muito bem com suas bengalas. Não tenho palavras para expressar o orgulho que sinto. Mas dançar? Acho mais sensato deixar isso de lado, meu querido, e se concentrar no que você *pode* fazer.

Ah, Bea e sua mente literal! Ele não tentou explicar.

CAPÍTULO 5



Samantha mal pisou na soleira da porta pelo resto da semana. Chovia quase sem parar, embora isso não seja estritamente preciso. Ela teria desfrutado de uma boa e honesta chuva. Mas aquilo era uma garoa e uma névoa, com céu cinzento pesado e temperaturas baixas. Tempo para sopa de ervilha, lembrava-se da mãe falando, o tipo de clima que se infiltrava por debaixo das portas e ao redor dos caixilhos das janelas, mesmo quando bem fechadas, e fazia com que a pessoa se sentisse úmida, com frio e desolada, apesar do fogo crepitando na lareira e do xale de lã sobre os ombros.

Nem sequer foi à igreja no domingo, uma rara omissão. Matilda teve um resfriado e uma de suas dores de cabeça, e submeteu-se a ser mandada de volta para a cama. Samantha poderia ter ido à igreja sozinha, como fizera durante cinco anos, mas Matilda ficou agitada ante a sugestão, e Samantha na verdade ficou feliz por ter uma desculpa para não sair.

Não via ninguém além de Matilda e dos criados desde terça-feira. A visita de lady Gramley e sir Benedict Harper parecia fazer semanas, em vez de meros dias. Mas, quando mencionou a ideia de irem a Robland Park algum dia da semana seguinte para retribuir a visita, Matilda fez cara feia, como já era de se esperar.

Era uma cortesia fazer uma visita ocasional a um vizinho de luto, explicou Matilda, mas ninguém esperaria uma visita de retribuição. Na verdade, a maioria das pessoas com algum requinte ficaria surpresa e até chocada se isso acontecesse.

Samantha simplesmente não acreditou nela. Não mais. E, mesmo que Matilda estivesse certa sobre as expectativas sociais, como conseguiria se submeter a ficar dentro da casa escura por mais oito meses, apenas com a

ocasional incursão ao jardim para tomar ar fresco e uma ida semanal à igreja? Enlouqueceria de tédio.

Decidiu que retribuiria a visita entre uma ida e outra ao quarto para cuidar da enferma, um conhecido papel familiar que nada fazia para levantar seu ânimo, embora sempre tivesse o cuidado de mostrar-se alegre para a cunhada ao se preocupar com seu conforto, virando e afofando os travesseiros, ajeitando as cobertas, deixando o copo d'água ao alcance da mão, colocando um pano frio na testa febril ou fechando a fresta quase invisível entre as cortinas que deixava entrar uma luz incômoda.

Iria até Robland Park, mesmo que sozinha. Aliás, preferiria ir sem Matilda. Céus, ela se permitira tornar-se praticamente uma prisioneira no próprio lar desde a morte de Matthew. E de alguma forma renunciara ao papel de dona da casa.

Ela gostava de lady Gramley, que era refinada, elegante, com os modos simples de uma verdadeira dama. Sempre fora gentil, embora, mesmo depois de cinco anos morando ali, Samantha mal a conhecesse ou a algum de seus vizinhos. Esperava no futuro poder ser amiga de lady Gramley, embora devesse haver uma diferença de idade de dez anos entre as duas.

Sir Benedict Harper era outro assunto. Sentira considerável antipatia por ele antes da visita, e foi apenas com grande relutância que admitiu ter sido gentil da parte dele manejar a situação de tal forma que o pedido de desculpas fosse feito quando estivessem a sós. Ele fora sensível o suficiente para perceber que era totalmente possível Matilda não saber de nada sobre sua escapada. E o pedido de desculpas em si fora irrepreensível, pois ele havia assumido toda a culpa. Por outro lado, fora deselegante da parte dela negar as palavras de perdão que ele pedira. Mas era difícil perdoar alguém que arruinara a única hora de verdadeira liberdade de que ela desfrutara em pelo menos seis anos.

E agora era ela que se sentia culpada. Perversamente, ressentia-se dele por isso. Mas ele estava apenas de visita em Robland Park. Talvez fosse embora logo, e ela nunca mais o visse. Talvez estivesse cavalgando quando ela fosse visitar lady Gramley.

Lembrou-se com algum constrangimento de sua explosão de sentimentos na presença de sir Benedict. O que havia dado nela? Disse que queria *viver*. Contou até que queria dançar. Mas ela sabia o que a levava a falar assim. Ele era mais do que meio aleijado. Sofrera outros ferimentos, todos cortesia das últimas guerras. Se era para encontrar um estranho, mesmo nas circunstâncias em que se encontraram, tinha de ser outro soldado ferido?

Teve vontade de gritar!

Mas ele também queria dançar. Samantha desejou que ele não houvesse dito aquilo. As palavras a tinham aborrecido, pois expressavam um sonho tão impossível que lhe dava vontade de chorar. O último homem na terra por quem queria derramar lágrimas era sir Benedict Harper.

Mas ele queria dançar.

No início da tarde seguinte, Matilda desceu para sentar-se na sala de visitas, embora ainda estivesse com um resfriado de dar pena, pobre coitada. Sentou-se perto do fogo, um xale cobrindo bem os ombros, um lenço apertado em uma das mãos e nunca muito longe do nariz avermelhado.

Samantha mencionou em tom casual que, já que a chuva enfim havia parado, talvez pegasse a charrete e retribuísse a visita de lady Gramley.

– Seu senso de responsabilidade está inapropriado – disse Matilda. – Mas você não irá, é claro, especialmente porque não posso acompanhá-la. Matthew a proibiria, se pudesse, Deus guarde sua alma.

Muito possivelmente, não. Tinha demandado muito do tempo e da presença de Samantha enquanto estivera doente, era verdade, mas odiava as atitudes puritanas e rígidas da família. Foi por ter se aborrecido com Samantha, depois de ela ter feito um escândalo por causa da infidelidade dele, que Matthew havia decidido não levá-la para a Península nem permitir que ela fosse para a casa do pai, e a fizera passar aquele ano em Leyland Abbey. Sem dúvida, fora a pior punição que ele conseguira inventar. Tinha sido uma absoluta maldade.

– Vai ter uma festa na vila daqui a alguns dias – disse Samantha. – *Participar* dela seria escandaloso, Matilda. Não tenho, no entanto, a menor intenção de ir. Retribuir uma visita a uma vizinha que esteve aqui na semana passada, por outro lado, deve ser totalmente irrepreensível. E, quanto a andar de charrete sozinha, fiz isso todos os domingos enquanto Matthew viveu. Quer dizer, até você chegar, um pouco antes da morte dele, e ele nunca expressou qualquer objeção.

– Pois deveria ter expressado – disse Matilda rispidamente antes de se interromper para assoar o nariz. – Meu *pai* não teria permitido.

– O conde de Heathmoor não é meu marido nem meu pai – retrucou Samantha. – Ah, Matilda, não vamos brigar. Que assunto mais tedioso, este! Preciso de ar e de uma mudança de ambiente. E realmente devo ser cortês com lady Gramley, que veio aqui duas vezes desde o funeral de Matthew, apesar de não estar nada bem na primeira vez. Estou indo. Creio que não vou demorar muito. A campainha está ao seu alcance. Se precisar de alguma coisa, Rose ou algum criado a ajudará.

A cunhada estava com a cara emburrada e os lábios crispados quando Samantha se pôs de pé. Sem dúvida informaria o pai sobre isso na próxima carta. Bem, que fosse. As regras que ele impunha à família, mesmo àquela distância, eram góticas, para dizer o mínimo. Samantha não iria mais aceitar sem questionar. Podia mostrar respeito pela memória do marido sem estar encarcerada na própria casa e obedecer de forma submissa a uma família cujos padrões de decoro iam muito além daqueles que a sociedade exigia.

Tais pensamentos só lhe causaram um momento fugaz de inquietação. Bramble Hall, que Matthew tinha sido convencido de que seria passado a ele em vida, ainda pertencia ao conde. A casa constava para Matthew em testamento – mas Matthew agora estava morto. Contudo, pouco antes de falecer, ele havia garantido a Samantha que a casa seria dela para o resto da vida. O pai dele tinha que cuidar da nora, já que Samantha não possuía fortuna própria e nenhum parente que a receberia, e o conde nunca se esquivou de suas responsabilidades. Seria perfeitamente adequado mantê-la longe, no norte da Inglaterra, em uma casa onde ele nunca havia morado. A última coisa que iria querer era ter Samantha vivendo em Leyland como dependente dele, como um espinho constante. O futuro de Samantha estava bem assegurado.



Sir Benedict Harper estava cavalgando pela lateral da casa em Robland Park quando a charrete de Samantha parou na entrada. Ela não pôde deixar de notar que ele parecia esplendidamente viril a cavalo, a deficiência em nada aparente. No entanto, preferiria ter chegado mais cedo ou que ele tivesse estendido o passeio por mais tempo.

Ele conduziu o cavalo até ela e tirou o chapéu.

– Boa tarde, Sra. McKay. Aproveitando ao máximo esse intervalo no mau tempo? Infelizmente, Beatrice também. Ela saiu para uma ronda de visita aos doentes, com a esposa do vigário.

– Ah. – Mas que falta de sorte e anticlímax após todo o rebuliço que precedera sua vinda. – Bem, não importa. Pelo menos fiz um passeio. Não teria desculpa para isso se soubesse que lady Gramley não estava em casa.

– Não há necessidade de ir embora. Se me der alguns minutos para que eu leve meu cavalo até o estábulo, faço companhia à senhora. Um cavaleiro já está a caminho para cuidar de sua charrete. Entre. Não, me desculpe. Não é apropriado, é?

Ele olhou em volta.

Samantha deveria anunciar sua intenção de partir imediatamente. Matilda ficaria horrorizada se ela ficasse, e nesse caso teria justificativa. Além disso, Samantha não desejava outra conversa a sós com o cavaleiro. Por outro lado, queria desesperadamente prolongar o passeio mais um pouco.

– Por que não passeia entre as flores? – sugeriu ele. – Tem um banco ali adiante.

Ele colocou o chapéu de volta e se afastou antes que ela pudesse responder. Samantha hesitou por apenas um momento antes de descer da charrete e deixá-la aos cuidados do cavaleiro.

Matilda diria que ela merecia o infortúnio de fazer a visita a lady Gramley e a senhora estar ausente. E certamente acharia que ela deveria partir sem demora agora que fizera a descoberta.

Ah, *dane-se* Matilda McKay, e também o pai dela, o conde de Heathmoor. Samantha estava mortalmente farta de calcular todos os seus movimentos conforme o que pensariam. Conseguia entender muito bem por que Matthew saíra de casa assim que teve idade suficiente e nunca mais voltara. Mesmo quando chegou da Península, terrivelmente ferido e com a expectativa de morrer a qualquer momento, implorou para ser levado para outro lugar que não Leyland. Seu pai os enviou a Bramble Hall, uma de suas menores propriedades, a mais remota de Kent.

Sir Benedict Harper atingia seu melhor a cavalo. E seu pior ao caminhar, pensou Samantha quando ele saiu dos estábulos minutos depois. Ele caminhava com a ajuda das bengalas, embora não as usasse como muletas. Caminhava mesmo, devagar e meticulosamente, e de forma um tanto desajeitada. Por certo seria muito mais fácil e elegante usar muletas – só que era necessária uma perna sadia para usar muletas, não?

Ela não podia deixar de sentir uma admiração relutante por um homem que, contra todas as possibilidades, caminhava. Matthew nunca fizera esforço algum para superar qualquer uma de suas deficiências ou mesmo controlar a impertinência. Talvez esse homem realmente viesse a dançar um dia.

Ela foi ao encontro dele.

– Venha se sentar no jardim – convidou ele.

– Ah, olhe – disse ela, erguendo o rosto. – O sol saiu. Seria uma pena perder todo esse brilho trancada dentro de casa. Talvez eu tenha tido sorte, afinal de contas, por lady Gramley não estar. Tem havido tão pouco sol ultimamente.

E ela teria perdido mesmo que houvesse. Podia entender perfeitamente como um prisioneiro se sentia, encarcerado em uma masmorra ano após ano. Em um impulso, jogou o pesado véu para trás, por sobre a aba do chapéu, e foi recompensada com a luz radiante do sol e o delicioso ar quente.

– Lady Matilda não quis acompanhá-la? – perguntou Ben.

– Está com um resfriado terrível. Espero não ter carregado a infecção comigo. Ela estava aninhada ao lado do fogo na sala de estar quando saí. Mas não teria vindo de qualquer maneira. Considera essas visitas sociais impróprias enquanto estamos em luto profundo.

Haviam chegado ao jardim e logo estavam sentados lado a lado no assento de ferro forjado que ela havia visto. Ele apoiou as bengalas ao lado do banco.

– Seu marido era um oficial. Morreu de ferimentos de guerra, não foi?

– Ele se recuperou da maioria, embora alguns o tenham deixado com cicatrizes. Ele habitava um quarto escuro por causa delas e não via ninguém além de mim e o criado. Sempre se orgulhou da bela aparência. A pior lesão, no entanto, foi uma bala alojada em algum lugar no peito, perto do coração. Não tinha como ser removida sem matá-lo. Afetou os pulmões e o coração e fez com que ficasse cada vez mais difícil respirar. Nunca houve qualquer esperança de uma recuperação plena.

– Sinto muito. A senhora passou por um momento difícil.

– As palavras “na saúde e na doença” não são colocadas em vão nos votos de casamento – disse ela. – Alguns de nós precisamos viver de acordo com o que prometemos. Sim, passei por um momento difícil. Assim como milhares de outras mulheres, esposas, mães e irmãs. E para os homens delas a vida também não foi fácil. Alguns morrem, como Matthew. Alguns vivem com deficiências permanentes e dor. O senhor deve ter passado por um período difícil também.

– Mesmo que apenas minhas pernas tenham sido afetadas?

Ela virou a cabeça bruscamente para ele. Foi indelicado da parte dele lembrá-la daquela suposição tola.

– Isso foi irrefletido de minha parte. O senhor admitiu que houve mais.

Muito mais?

Ele sorriu, e ela pôde perceber que ele devia ter sido muito bonito. Ainda era, mas agora havia preocupações onde outrora provavelmente havia apenas charme juvenil. Como Matthew, embora não achasse que sir Benedict tivesse sido tão estonteantemente belo quanto seu marido.

– Os anos de convalescença foram os piores da minha vida – disse ele. – E também, por incrível que pareça, os melhores. A vida tem o hábito de ser assim,

dar e tirar em igual medida, um equilíbrio de opostos. Beatrice teria me trazido para cá e cuidado de mim até eu ficar bem, mas na época os filhos dela eram pequenos, e seria injusto impingir-lhe o fardo de meus ferimentos. Tive a sorte de ter meu caso levado ao conhecimento do duque de Stanbrook. Ele levou a mim e outros oficiais feridos para a própria casa, Penderris Hall, na Cornualha, contratou os melhores médicos e enfermeiros e ali manteve alguns de nós por mais de três anos, enquanto nos recuperávamos. Sete de nós ainda nos reunimos lá por algumas semanas todos os anos. Esses cinco homens, incluindo o duque, e uma mulher são meus melhores amigos. São a família que escolhi. Nós nos chamamos de Clube dos Sobreviventes.

– Por acaso dois dos membros são o herói da missão suicida que foi trazido em camisa de força e um jovem cego? – perguntou ela.

– Sim, Hugo, lorde Trentham, e Vincent, visconde de Darleigh.

– E um dos membros do seu clube é uma mulher?

– Imogen, lady Barclay – respondeu ele. – Estava na Península com o marido, que era oficial de reconhecimento. Um espião, em outras palavras. Foi capturado quando não estava de uniforme e torturado, em parte na presença dela. Acabou morrendo.

– Pobre senhora – disse Samantha.

– Sim.

– Eu me pergunto se tem alguém da nossa geração ou das gerações diretamente acima e abaixo da nossa cuja vida não tenha sido afetada pelas guerras. O senhor acha que existe?

– Todos somos sempre afetados pelos grandes eventos da história. É inevitável. Quem foi que disse... – Ele parou e franziu a testa, pensando. – Foi John Donne, em um de seus ensaios. *Nenhum homem é uma ilha, completa em si mesma*. Foi isso. Sempre tem algum poeta ou filósofo que capta em breves e vívidas palavras as maiores verdades da existência humana, não é?

– O *senhor* é um filósofo, sir Benedict?

– Não. – Ele riu. – Mas temo que esteja sendo *chato*. A senhora disse na semana passada que está cansada de doenças, sofrimento e morte, ou algo assim. Disse que queria *viver*, especificamente dançar. Já faz muito tempo que não dança? Conte-me da última vez. Ou da última vez que foi memorável. Onde estava? Quando foi? O que dançou? E com quem?

– Deus do céu. – Ela pegou-se rindo para ele. – Será que consigo me lembrar de algo tão remoto? Ah, deixe-me ver. Quando foi? Houve alguns bailes do

regimento antes de os homens serem enviados para a Península. Eu, particularmente, não gostei desses.

Pois nesses bailes Samantha vira Matthew dançar com outras mulheres, tanto casadas quanto solteiras. Não apenas dançar – todo oficial dançava com mulheres que não suas esposas, é claro. Era o esperado em qualquer baile. Matthew *flertou* abertamente, e todas aquelas esposas e outras mulheres corresponderam, ficaram lisonjeadas e flertaram de volta. Ela *odiou* aqueles bailes, ter que sorrir, dançar e fingir que não estava vendo nada de desagradável no comportamento do marido. *Odiou* a expressão de compadecimento nos olhos de alguns dos outros oficiais com quem dançou.

– Minha última dança memorável foi em uma festa quando eu ainda morava com meus pais – recordou ela. – Vários dos oficiais alojados nas redondezas estavam presentes, provocando palpitações no coração das moças. Como os outros homens devem ter odiado a visão dos uniformes escarlates! Eu nunca havia pensado nisso antes. O tenente Matthew McKay, que eu já conhecia um pouco, me escolheu para duas danças. Uma delas foi a “Roger de Coverley”. Lembro-me da alegria que senti em dançá-la. Eu estava muito apaixonada. E na mesma noite ele me perguntou se eu me casaria com ele, embora tivesse que falar com meu pai antes de fazer um pedido oficial, é claro.

Ela viu que ele estava sorrindo quando virou o rosto. Ah, Deus, quando fora a última vez que se entregara a lembranças felizes?

– Quando foi a última vez que o *senhor* dançou? – perguntou Samantha.

– Suponho que em um daqueles bailes do regimento de que você não gostou – disse ele. – Na verdade, sei que foi. Valsei com a sobrinha do coronel. Valsei pela primeira e única vez. A valsa era recente na época. Não existe dança mais adorável no mundo para um romance.

– Havia algo entre o senhor e a sobrinha do coronel?

– Ah, sim. – Ele sorriu suavemente. Não olhava para ela, mas fitava algum ponto acima dos canteiros de flores, e ela percebeu que ele também estava perdido em lembranças felizes. – Eu a conhecia havia um mês e acreditava que fosse minha alma gêmea.

– O que aconteceu?

– A guerra. – Ele riu suavemente. – Não conseguimos escapar de falar dela, não é? Conte-me sobre sua casa e sua família.

– Meu pai era um cavalheiro que vivia feliz no campo com seus livros. Era viúvo com um filho quando conheceu minha mãe, durante uma rara visita a

Londres. Ela era vinte anos mais nova que ele, mas se casaram, e eu nasci. Minha mãe morreu quando eu tinha 12 anos, e meu pai, quando eu tinha 18.

– Depois que a senhora se casou?

– Sim.

Ele morrera depois de uma breve doença, no ano em que ela morou em Leyland Abbey. Seu irmão, John, não escreveu para informá-la a respeito de sua condição até o pai morrer, e ainda esperou um dia ou dois, para que não houvesse mais possibilidade de Samantha chegar a tempo do funeral. Ela quis ir mesmo assim. A casa seria vendida, e todos os objetos, jogados fora. Não havia nada de grande valor, mas vários itens que ela gostaria de guardar como recordação, em especial algumas coisas da mãe que não seriam do interesse de John. Mas na carta ele dizia que não havia necessidade de ela ir, e seu sogro, que naturalmente lera a carta antes de lhe entregar, concordou. No que lhe dizia respeito, quanto menos contato a esposa do filho tivesse com seu passado humilde, até mesmo obscuro, melhor para toda a família McKay.

– E seu irmão? – perguntou sir Benedict.

– John? É meu meio-irmão, 18 anos mais velho que eu. Ele saiu de casa antes de eu nascer. É clérigo, vive a 30 quilômetros de onde nosso pai morava. Tem esposa e família. Não os vejo.

John se ressentia do novo casamento do pai. Odiava tanto Samantha quanto a mãe dela, embora nunca tivesse expressado seus sentimentos, claro. Afinal, era um religioso, e clérigos não admitiam sentir ódio.

– É a sua vez – disse ela. – Conte-me sobre sua família.

– Éramos quatro filhos. Beatrice é a mais velha. Wallace, que herdou o baronato com a morte de nosso pai, era um membro do Parlamento destinado a brilhar. Já ascendia na carreira política quando foi morto por uma carroça de legumes que virou em uma rua de Londres. Eu era herdeiro dele, mas, poucos dias depois de saber disso, fui ferido na Península. Calvin, meu irmão mais novo, detém a posse exclusiva de Kenelston Hall, a principal propriedade da família, há vários anos. Foi nomeado administrador por Wallace, que morava lá com a esposa e os filhos e permaneceu nesse papel após o desastre duplo. Não esperavam que eu ficasse vivo por muito tempo. Também não esperavam que eu sobrevivesse à viagem de volta para a Inglaterra.

– Ele esperava herdar a propriedade, então – concluiu ela. – Ainda mora na sua casa?

– Sim. – Ben demonstrou uma ligeira hesitação antes de continuar: – É um excelente administrador.

Ela olhou para o perfil dele.

– E o senhor passa a maior parte do tempo lá, agora que se recuperou?

– Não.

Ele não entrou em detalhes. Não precisava. Obviamente, o irmão havia se apoderado da casa e da propriedade e agora era difícil para sir Benedict destituí-lo, pois fazia um excelente trabalho na administração. Pelo menos foi o que ela imaginou.

– O senhor acha que existe alguém neste mundo para quem a vida seja fácil?

– perguntou ela depois de um breve silêncio.

Ele a olhou com curiosidade.

– Costumamos presumir que a vida é muito mais fácil para os outros do que para nós mesmos – disse ele. – Suspeito que raramente seja. Eu diria que a vida não foi feita para ser fácil.

– Que rude da parte de quem a inventou.

Trocaram sorrisos, e Samantha percebeu que estava gostando daquela visita levemente imprópria. Ele era de fato uma companhia bastante agradável.

– Há bastante tempo a vida tem sido difícil para a senhora – comentou sir Benedict. – Atrevo-me a dizer que vai melhorar quando a dor pela morte de seu marido se abrandar. O que pretende fazer quando o período de luto acabar?

– Vou me esforçar para conhecer melhor meus vizinhos. Tentarei fazer amigos verdadeiros entre eles e encontrar maneiras úteis de passar o tempo.

Soava bastante sem graça. Na realidade, porém, seria infinitamente mais prazeroso do que qualquer coisa que já acontecera em sua vida adulta, afora a euforia vertiginosa dos primeiros meses de casamento.

– Lady Matilda permanecerá com a senhora? – perguntou ele.

– Deus me livre! – exclamou ela antes que pudesse se conter. Colocou a ponta dos dedos sobre a boca e olhou arrependida para ele. – Não, acredito que se sentirá obrigada a voltar para casa para cuidar da mãe. A condessa de Heathmoor sofre de palpitações e dos nervos. Matilda e eu temos uma relação difícil, creio eu, e fica mais desconfortável a cada dia, agora que o torpor inicial do meu luto passou. Matilda é muito correta em tudo o que diz e faz, e às vezes sou uma provação para ela.

– E ela para a senhora? – Ele sorria novamente. – A senhora não vai com ela para a casa do seu sogro, então?

– Ah, não – disse Samantha. – Morei lá por um ano depois que o regimento de Matthew foi enviado para a Península.

Ela se conteve para não falar mais.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Eu não gostaria de voltar – explicou ela. – E não tenho dúvidas de que meu sogro tem os mesmos sentimentos.

– Não conheço o conde de Heathmoor – disse sir Benedict.

Não era de surpreender. Quando ia a Londres, aquele antro de todas as injustiças, o conde dividia o tempo entre a Câmara dos Lordes e os clubes. Raramente frequentava os entretenimentos da temporada, e as mulheres da família não tinham permissão para participar de nada. Assim que a sessão de primavera terminava, ele se retirava para Leyland e ali ficava até o dever chamá-lo de novo. Frequentava a Igreja Anglicana, mas, a julgar por suas atitudes e comportamento, ninguém diria isso. Era o puritano por excelência. Qualquer coisa que tivesse um leve toque de prazer era por natureza pecaminosa. Se fosse contra seus sóbrios princípios e regras era coisa do diabo, e qualquer um que o desobedecesse era cria do diabo. Comandava a família com mão de ferro, embora, para lhe fazer justiça, a violência física raramente fosse usada.

– Acho que o senhor não ia gostar de conhecê-lo – disse ela.

– Pode confiar em minha descrição. Não contarei a ninguém o que falou, madame – disse ele, com a expressão de quem achava graça. Mas continuou a olhar para ela, e o sorriso desapareceu dos lábios, mas não dos olhos. – Quando vivi aqueles anos em Penderris Hall com meus colegas sobreviventes, tive seis confidentes. Eles entendiam meus pensamentos e sentimentos porque passavam por coisas semelhantes. Sabiam quando aconselhar, quando rir de mim, quando me bajular, quando simplesmente ouvir. Sabiam quando se aproximar e quando manter distância. Acredito que só compreendi plenamente o quanto fui abençoado depois que saí de lá. E ainda sou. Posso contar qualquer coisa para esses amigos, e eles podem dizer qualquer coisa para mim sem temer censura e com a certeza de que o que foi dito permanecerá confidencial. Todos nós precisamos de pessoas com quem possamos falar livremente. Tenho minha irmã também. Sempre fomos próximos, embora ela seja cinco anos mais velha que eu. Mas quanto mais velhos ficamos, menor parece essa diferença.

Será que ele estava dizendo que entendia tudo que ela não havia colocado em palavras? Que entendia sua solidão e seu isolamento? Ela mesma só compreendia até certo ponto. Sempre fora solitária e negara esse fato, até para si mesma. Admitir isso seria se permitir a autocomiseração. E havia algo de quase vergonhoso na solidão, como se a pessoa fosse indigna de ser amada.

– Invejo o senhor – disse ela. – Deve ser maravilhoso ter amigos tão próximos.

Só percebeu tarde demais o que havia admitido. Pois o correto era que Matthew tivesse sido um amigo assim.

– Acredito que já cometi aquela terrível gafe social de ter ficado tempo demais – disse ela. – Acho que estamos sentados aqui há quase uma hora. Matilda terá quarenta chiques. Talvez 44, se descobrir que lady Gramley não estava.

Ela se levantou e esperou que ele também se levantasse.

– A senhora monta? – perguntou ele quando começaram a lenta caminhada até a varanda.

– Aprendi quando menina, embora não tenha tido oportunidade de cavalgar com frequência. Meu pai tinha apenas a velha e amada égua que puxava nossa charrete à velocidade aproximada de uma caminhada rápida. Depois que nos casamos, Matthew insistia que eu cavalgasse, e me tornei bastante hábil, embora isso não tenha sido estimulado enquanto estive em Leyland. Não monto desde que cheguei a Bramble Hall.

– Há vários cavalos nos estábulos daqui. Ontem mesmo Bea comentou que não são exercitados com a frequência apropriada. Ela passou a maior parte do inverno indisposta e só agora foi liberada para atividades regulares. A senhora cavalgaria comigo um dia? Talvez depois de amanhã?

– Hã. Eu...

Ela estava prestes a declinar – por todos os motivos usuais e óbvios. Mas se lembrou do frio na barriga e da alegria dos raros passeios na infância e da fascinação e do prazer de montar o que chamara de um cavalo *de verdade*, depois do casamento.

Foi subjugada pela tentação.

O que Matil... Não! Ela *não se importava* com o que Matilda iria dizer.

– Vou convidar Bea para montar conosco, é claro – acrescentou ele.

– Eu *adoraria*.

Eles falaram ao mesmo tempo.

– Vou escolher um cavalo para a senhora, então – disse ele – e mandar um cavaleiro conduzi-lo a Bramble Hall quando marcarmos o passeio.

– Obrigada.

Ela virou o rosto para olhá-lo de perfil. Pela sua expressão, podia ver que caminhar não era algo fácil para ele; muito provavelmente, era doloroso. Mas ele se movia em um ritmo constante, embora lento, e não se queixava.

Ela gostaria de saber que outros ferimentos ele sofrera.

Minutos depois, já na charrete trazida por um cavaleiro, Samantha pensou em como estava feliz por ter feito a visita. Estava feliz até pela ausência de lady Gramley, pois, se ela se encontrasse em casa, era improvável que tivessem ficado sentados no jardim à luz do sol, sentindo o calor no rosto e no corpo.

E estava feliz por ter tido a coragem de concordar em cavalgar com sir Benedict – e lady Gramley.

Ela de fato se sentia com o ânimo bastante restaurado. Talvez estivesse voltando à vida.

Mas o que Matilda diria?

CAPÍTULO 6



— É fascinante como as pessoas são afetadas por suas enfermidades de maneiras diferentes – disse Bea durante um chá tardio. – Algumas são uma inspiração. Permanecem sorridentes e animadas enquanto sofrem as mais terríveis aflições. Outras fazem com que os demais sintam como se estivessem sendo sugados para um buraco negro com elas, coitadas.

– Você parece exausta – disse Ben.

– Mas feliz por enfim retomar meus deveres paroquiais e comunitários – afirmou ela. – Como foi sua cavalgada?

– Muito boa, os cinco minutos que durou. Estava saindo quando avistei uma charrete chegando. E o ocupante solitário parecia inteiramente vestido de preto. Então dei a volta.

– A Sra. McKay? – perguntou Beatrice. – Sem lady Matilda?

– Lady Matilda está resfriada.

– Então a Sra. McKay conseguiu escapar. – Ela sorriu. – Espero que não esteja tão perdido em relação às regras de conduta a ponto de entretê-la aqui sozinha, Ben.

– Ficamos sentados no jardim por uma hora – disse ele.

Na verdade, foi um pouco surpreendente até que ele tivesse voltado da cavalgada, já que poderia facilmente ter escapado sem que ela o visse. E com certeza poderia tê-la impedido de ficar. Não fora ideia de Samantha. Na verdade, o próprio Ben tinha sugerido que ela viesse a Robland. Sentira pena dela, confinada naquela mansão sombria com a mandona.

– Pobrezinha – disse Beatrice. – Suponho que a cunhada não seja uma boa companhia nem quando está em boa saúde. A Sra. McKay deve ser muito solitária. Pena eu não estar aqui.

– Se o assunto surgir, Bea, você recentemente reclamou que nossos cavalos estão precisando de mais exercício.

– Hã? – fez ela com certa surpresa. – Então andei difamando meus cavaliários? Obrigada por me lembrar, Benedict, pois não me recordo de dizer tal coisa. E *por que* o assunto haveria de surgir?

– Foi o que eu disse para a Sra. McKay antes de ela partir.

– Hã?

A xícara de Beatrice parou entre o pires e os lábios.

– Convidei-a para cavalgar comigo à tarde depois de amanhã, mas suspeito que não haja montaria adequada nos estábulos de Bramble Hall.

– Não duvido de que esteja certo. – Beatrice colocou a xícara de volta no pires. – E ela concordou?

– Sim.

A irmã de Ben apoiou os cotovelos nos braços da cadeira e olhou para ele com uma leve carranca.

– Duvido que a cunhada permita – disse ela. – *Se* ela tiver poder sobre a Sra. McKay, é claro. Mas, de qualquer maneira, será que isso é sábio, Ben? Não vejo razão para que uma viúva enlutada não possa tomar um pouco de ar num passeio a cavalo se assim o desejar, mas na companhia solitária de um cavalheiro solteiro?

– Eu disse que você iria conosco. Você vai, Bea? Está se sentindo bem para isso?

– Certamente estarei, se a alternativa for você cavalgar sozinho com uma dama, Ben – respondeu ela. – Não seria de forma alguma apropriado, mesmo que ela não estivesse em luto profundo.

– Ela está solitária, como você acabou de observar, e inquieta.

Embora ele não compreendesse por que se sentia responsável por diminuir essa inquietação.

– Não é de surpreender – disse Beatrice. – Está praticamente encarcerada em Bramble Hall desde que chegou. Acho que foi um ato de amor, pobre senhora, cuidar do capitão McKay, e é certo que ele estava gravemente enfermo, mas sempre achei egoísta da parte dele não insistir em que a esposa saísse vez ou outra, mesmo que apenas para tomar chá com um vizinho. Ela nunca fez isso. É perfeitamente compreensível que agora, quando sua dor começa a passar, esteja ansiosa para bater asas.

– Sim.

Ela olhou fixa e diretamente para o irmão.

– Você por acaso está flertando com a Sra. McKay, Ben? E está interessado nela? Já faz algum tempo que espero que você recupere seu interesse por fazer corte e pelas mulheres. Foi eremita por muito tempo. Tinha esperança de que se casasse antes de completar 30 anos, embora restem apenas alguns meses para você me dar essa alegria. Mas não sei se uma recém-viúva seria uma escolha sábia, especialmente sabendo quem é o sogro dela. Claro, é de uma beleza estonteante. Deve ter algum sangue estrangeiro que explique a pele mais escura. Eu diria que *isso* não a torna benquista junto ao conde de Heathmoor.

– Beatrice, vi a Sra. McKay quatro vezes, incluindo o encontro desastroso no campo e nosso breve contato na igreja – disse Ben, exasperado. – Vamos fazer um passeio a cavalo depois de amanhã. Na sua companhia. Não acho provável que anunciemos casamento nesta semana nem na próxima.

Ela riu.

– Ela é *muito* bonita. Embora as roupas pretas não a favoreçam, para dizer o mínimo.

– Concordo.

– Se vocês sentaram no jardim – disse Beatrice –, suponho que ela tenha mantido aquele véu horroroso no rosto.

– Na verdade ela o colocou para trás, sobre a aba do chapéu.

Beatrice observou o irmão em silêncio por alguns segundos e depois deu de ombros.

– Sei – disse ela. – Não precisa dizer em voz alta. Você não tem mais 9 anos, nem 19. Tem condições de viver sua vida, e, mesmo que não tivesse, não me agradeceria por tentar vivê-la por você. Muito bem, não vou fazer isso. Mas *o que* você vai fazer com sua vida, Ben? Você parece... estar vagando sem rumo desde que deixou a Cornualha. Jurei a mim mesma que não diria nada, mas cá estou dizendo mesmo assim e incomodando você.

Ele ficou irritado com a pergunta, pois ainda não sabia a resposta. E se odiava por isso. Sempre se considerou um homem firme e decidido. Planejava a vida aos 15 anos e não se desviara do plano até uma bala e outras catástrofes variadas se colocarem no caminho, seis anos antes. Agora era como se tivesse sido largado à deriva, sem bússola, em um oceano que se estendia vasto e vazio em todas as direções. Tinha ido para Robland Park com a firme intenção de traçar planos e depois colocá-los em prática. Ainda estava determinado a fazer isso – amanhã. Será que havia descoberto que o amanhã nunca chega de fato?

Mas Beatrice sempre o amara genuinamente. A preocupação dela era real. Ela tinha o direito de perguntar e o direito de obter uma resposta.

– Durante o primeiro ano, ou algo em torno disso, meu único foco era sobreviver – disse ele. – Depois, era o monumental esforço de me levantar da cama e de alguma forma me movimentar. Por fim, e até muito recentemente, era conseguir caminhar e reaver minha vida para poder continuar a ser feliz para sempre, de acordo com o plano original. Devo ser muito teimoso ou muito estúpido, ou as duas coisas. Apenas recentemente encarei a verdade: que nem meu corpo nem minha vida voltarão a ser como antes. Eu era um homem de ação, um soldado, um oficial. Agora não sou mais nada disso. O problema, no entanto, é que não sei o que sou nem o que serei. Ou o que farei. Estou em um lugar um pouco sombrio, Bea, embora eu nem sequer saiba onde fica.

Ele riu baixinho.

– Você vai voltar para Kenelston depois daqui? Vai se esforçar para enfim se estabelecer lá?

– Pensei em viajar primeiro – disse ele, referindo-se a uma das ideias que havia considerado pela metade. – Viajei um pouco nesses últimos anos. Passei algum tempo em Bath, em Tunbridge Wells, em Harrogate, em outros lugares. Pensei em conhecer a Escócia, Lake District, Gales. Pensei até em tentar escrever um livro de viagens. Existem muitos deles para quem caminha. Que eu saiba, não existe nenhum para quem não pode caminhar ou para quem não consegue caminhar com facilidade ou por longas distâncias. No entanto, deve haver um grande número de pessoas que não estão plenamente em forma ou saudáveis e gostariam de viajar se pudessem.

– Você já escreveu alguma coisa? – perguntou Beatrice, as sobrancelhas arqueando-se.

– Não – admitiu ele. – Mas tenho que fazer algo. Não me sinto confortável em admitir que não tenho propósito, que não moro em nenhum lugar. Devo e vou encontrar um novo desafio; meus olhos, meu cérebro e minhas mãos funcionam bastante bem, ainda que minhas pernas não. Posso descobrir um talento oculto como escritor. Posso me encontrar viajando pelo mundo e escrevendo livros para meus adorados leitores. Você não consegue ver meu nome em enormes letras douradas em uma capa de couro?

Ela balançou a cabeça, embora tenha respondido ao sorriso dele com uma breve risada.

– Seu desafio *poderia* ser administrar Kenelston por conta própria e fazer da propriedade sua casa – sugeriu Beatrice. – É sua, afinal. Mas você não tem coragem de tirar Calvin de lá, tem? Eu daria umas boas sacudidas naquele garoto para que deixasse de ser egoísta. Embora ele não seja mais um garoto, é claro.

Calvin deveria ter feito outros arranjos para a família assim que o pobre Wallace morreu e tudo passou para você. Não é como se o nosso pai o tivesse deixado sem fundos. Mas ele não se pronunciou e seguiu a vida como se Wallace ainda estivesse vivo. E, claro, sua longa convalescência facilitou que ele se estabelecesse ainda mais. Mas Kenelston *não* é dele, e ele não tem o direito de se achar o dono e permitir que os filhos desobedientes corram por lá como se não houvesse uma ala infantil, nem uma coisa chamada disciplina. Deixe-me conversar com ele.

A ideia de ter que contar com a ajuda da irmã para travar suas batalhas era terrível.

– Obrigado, Bea, mas prefiro viajar por um tempo até que eu consiga enxergar um caminho rumo a um futuro mais estável. E, como Kenelston vai precisar de um administrador enquanto eu estiver fora, Calvin, Julia e as crianças podem muito bem ficar onde estão. Ele é um administrador muito bom, você sabe. E ama o trabalho.

Ela estalou a língua e serviu-se de mais uma xícara de chá. Olhou para ele com o bule erguido, mas Ben fez que não com a cabeça.

Na verdade, pensou Ben, talvez estivesse usando Calvin como desculpa. Talvez também fosse melhor para ele, como era para o irmão mais novo, deixar as coisas como estavam. Ben não estava cem por cento convencido de que a vida sedentária de um cavalheiro rural lhe serviria. Foi um pensamento um tanto surpreendente. Nunca havia admitido isso antes.

– Comece a viagem por Londres, quando eu for para lá encontrar Hector – sugeriu a irmã. – Venha comigo. Talvez haja por lá uma linda jovem que não tenha enviuvado há poucos meses e que não tenha um dragão cuspidor de fogo como sogro.

Ben riu.

– Obrigado pela sugestão. Por ambas as sugestões. Mas Londres é o último lugar a que quero ir. E, se eu quiser uma mulher bonita, ou qualquer mulher, vou encontrar sozinho. Acontece que não quero.

Mas, surpreendentemente, ele aguardava ansioso pelo passeio com a Sra. McKay dali a dois dias, embora Beatrice fosse acompanhá-los. Talvez porque uma viúva ainda em luto parecesse uma companhia bastante segura. Sua vida tinha sido desprovida de mulheres por mais de seis anos. Além da irmã, da cunhada e de Imogen, companheira Sobrevivente, ele praticamente não mantivera contato com nenhuma dama. Era celibatário havia mais de seis anos.

Isso seria inacreditável em um determinado momento de sua vida. Ele havia se julgado apaixonado meia dúzia de vezes antes de ter certeza de seus sentimentos pela sobrinha do coronel. E tinha desfrutado de uma vida sexual agitada com mulheres de outro tipo.

Não mais, no entanto.

Mas sentia falta da companhia das mulheres. Era algo que gostaria de reviver, desde que para isso não precisasse cortejá-las. Não poderia haver tal risco com a Sra. McKay. Ela ainda tinha uns oito meses de luto pela frente antes de poder cogitar se casar outra vez. E, de qualquer forma, sabia que ela não o consideraria um candidato, mesmo que fosse livre para fazê-lo. Acabara de enterrar um marido incapacitado pela guerra. Com certeza nem pensaria em aceitar outro.

Assim, tratava-se de uma companhia feminina segura. E ele ansiava por vê-la cavalgar – se nada acontecesse para impedir o passeio. O tempo inclemente, por exemplo. Ou a intervenção da cunhada.



– Quando escrevi para meu pai hoje, omiti sua visita a Robland Park ontem, Samantha – informou-lhe Matilda. – Pensei sobre isso durante a noite e fui forçada a concluir que não era totalmente imperdoável você retribuir uma visita feita na semana passada por uma condessa, embora o desejável fosse que você tivesse esperado até eu poder acompanhá-la.

Samantha manteve a cabeça baixa enquanto trabalhava em uma nova flor no bordado.

– Suponho que lady Gramley tenha ficado satisfeita em vê-la – acrescentou Matilda.

– Espero que tenha enviado meus cumprimentos a sua mãe – disse Samantha ao mesmo tempo.

– Enviei, já que você me orientou a fazê-lo quando foi ao meu quarto depois do café da manhã para perguntar sobre minha saúde – confirmou Matilda. – Não mencionei sua visita, Samantha, porque meu pai pode ver a questão de maneira diferente da minha, e eu não gostaria que você fosse razão de descontentamento para ele.

Samantha passou o fio de seda do trabalho para trás, em ponto invisível, antes de cortá-lo e mudar para uma cor diferente. Estava irritadíssima com a condescendência das palavras de Matilda. Tinha de ficar calada até mudarem de

assunto. Mas por quê? Em algum momento, Matilda teria que ser informada de seus planos.

– Lady Gramley não estava em casa – disse Samantha. – Sir Benedict estava voltando de um passeio e teve a gentileza de me fazer companhia no jardim por um tempo, para que eu não tivesse que voltar imediatamente.

– Tomara que ninguém a tenha visto, Samantha – disse Matilda. – Talvez agora você entenda a loucura de agir de forma impulsiva e contrária ao conselho da irmã do seu marido.

– Tivemos uma conversa muito agradável – falou Samantha. – Vou cavalgar com ele amanhã. Ele vai mandar um cavalo dos estábulos de Robland para mim.

Algun diabinho travesso levou Samantha a não acrescentar que lady Gramley cavalgaria com eles. Ela olhou para cima quando não houve resposta imediata. A cunhada olhava para ela com o nariz vermelho, o rosto cinzento e os olhos gélidos.

– Devo desaconselhá-la com grande veemência, Samantha. De fato, tomo para mim a responsabilidade por falar em nome de Matthew e de meu pai. Proíbo-a de dar esse passeio.

– Matthew gostava que eu cavalgasse – disse Samantha, baixando a cabeça para o trabalho outra vez. – Se *ele* pudesse falar agora, creio que me diria para ir, já que não precisa mais de mim como enfermeira. Preciso de ar e exercício. Desesperadamente.

– Então vou caminhar com você no jardim.

– Não, não vai. Você está muito resfriada. Precisa ficar perto do fogo e longe das correntes de ar. E eu preciso de um exercício mais vigoroso do que uma caminhada leve em um espaço limitado. Uma caminhada não é suficiente. Quero *cavalgar*. E é isso que vou fazer amanhã. Ai, meu Deus, eu disse a palavra proibida?

Tramp, que até então estivera deitado totalmente imóvel na nesga de sol que irradiava da janela, levantou-se de repente e agora estava diante da cadeira de Samantha, emitindo ganidos deploráveis e olhando fixa e esperançosamente para ela.

– Usei a palavra *caminhada*, não foi? Tramp abanou o rabo. Sim, tinha usado.

– Ah, muito bem. – Samantha ficou de pé. – Vamos ao jardim procurar um graveto para você. Embora não seja uma brincadeira justa, sabe, porque você nunca joga a vareta para *eu* buscar.

– Samantha – chamou Matilda abruptamente antes que a cunhada pudesse escapar do recinto para buscar o gorro e a capa. – Proíbo-a categoricamente de cavalgar amanhã. Você pode dizer, se quiser, que não tenho poder para isso, mas na verdade tenho. Estou aqui como representante de meu pai.

Samantha parou e se virou para encará-la.

– Você não tem *mesmo* o direito de mandar em mim, Matilda. É insuportável que tente fazê-lo. Suas reclamações e conselhos, eu ouço. Você tem todo o direito de expressá-los. Mas não tem o direito de dizer o que devo fazer ou, mais importante, o que *não devo* fazer. Muito menos o conde de Heathmoor. Ele *não* é meu pai.

Embora fosse o dono da casa onde ela morava.

Samantha ficou no jardim por mais de uma hora, para o imenso prazer de Tramp. Ela estava no seu limite. Os últimos cinco anos haviam sido difíceis, mas, embora Matthew fosse um paciente exigente, muitas vezes ranzinza, ela lhe dava um desconto devido à dor e ao desconforto. Além disso, era seu marido. Ela não tinha sido feliz naqueles anos, mas estava ocupada demais e, de modo geral, exausta demais para sentir grande infelicidade.

Os quatro meses de luto também foram difíceis, mas de maneira diferente. Poderiam ter sido mais leves se ela tivesse podido corresponder à comovente solidariedade e aos votos de melhoras de vizinhos com o quais não tivera oportunidade de se familiarizar antes da morte de Matthew.

Já poderia ter feito alguns amigos, ou pelo menos ter alguns colegas, durante esses meses. No entanto, não fora autorizada a aceitar convites dos vizinhos e cedera humildemente às orientações de Matilda sobre o que era correto. Não faria mais isso. Estava começando a se rebelar.

Proíbo-a categoricamente de cavalgar amanhã... Estou aqui como representante de meu pai.

Ah, era intolerável.

Finalmente, até Tramp cansou de brincar. Veio deitar-se aos pés de Samantha quando ela jogou o graveto mais uma vez, depois apoiou o queixo nas patas.

– Ingrato! – exclamou ela. – Poderia pelo menos tê-lo buscado antes de ceder a seus desejos. Era um graveto perfeito. Agora terei de procurar outro na próxima vez que você insistir nessa brincadeira.

Tramp soltou um suspiro de tédio.

– Melhor voltarmos para dentro, então. Eu estava evitando o inevitável. Por que eu tinha que me casar com um homem de família tão horrorosa, Tramp? Não, não responda. Eu sei por quê. Foi por causa da combinação fatal de

uniforme escarlate com rosto bonito. Ele era *muito* bonito, sabe, e muito elegante. Você não o conheceu naquela época. E não é culpa dele que a família seja tão horrorosa.

Quando entraram na casa, Samantha pensou em evitar a sala de estar e levar a capa e o gorro para o quarto, onde encontraria algo para se manter ocupada. Mas não havia como evitar Matilda para sempre, e não podia se esconder dentro da própria casa. Deixou as coisas no saguão e abriu a porta da sala de estar, de alguma forma preparada para fazer as pazes.

O cômodo estava vazio.

Ela deu um suspiro de alívio e atravessou a sala para puxar a corda da campainha.

– Rose, por favor, traga uma bandeja de chá? – pediu ela quando uma criada atendeu ao chamado. – Você sabe se lady Matilda sentiu-se mal de novo? Ela voltou para o quarto?

Rose corou e pareceu desconfortável.

– Acho que ela está lá em cima, senhora – disse a criada –, mas não para descansar. Pediu que Randall fosse ao porão pegar o baú e a valise grande dela, e mandou a criada arrumá-los.

Samantha olhou para ela.

– Certo. Obrigada, Rose – disse Samantha. – Não se preocupe com a bandeja. Chamarei mais tarde.

A criada saiu da sala apressada.

O quarto de Matilda era uma agitação só. Seu baú, duas valises e três caixas de chapéus estavam abertos no chão, e a impressão era de que todos os trajes que ela possuía estavam empilhados em cima da cama e das cadeiras – exceto da cadeira em que Matilda estava sentada, as costas retas como uma tábua, os lábios apertados em uma linha fina e reta.

– O que é isso, Matilda? – perguntou Samantha.

Foi uma pergunta bastante tola, claro. Tudo era perfeitamente óbvio.

– Partirei para Leyland amanhã de manhã – respondeu Matilda, sem olhar para ela. – Levarei a carruagem de viagem e alguns criados.

Samantha aproximou-se um pouco mais.

– Sinto muito que tenhamos chegado a isso. Tem certeza de que está bem o suficiente para viajar?

– Não vou ficar aqui – disse Matilda. – Sei o que é apropriado à minha família e à memória de meu irmão, Samantha, e não vou difamá-los permanecendo com alguém que não sabe.

– E tudo isso porque escolho retribuir as visitas de meus vizinhos? – perguntou Samantha.

– Eu não chamaria de *visita* cavalgar com um cavalheiro solteiro hospedado com uma de suas vizinhas, Samantha. Mesmo que você não estivesse de luto profundo, eu chamaria isso de vulgar e escandaloso.

– Vulgar e escandaloso. – Samantha suspirou. – Será que deixei de mencionar que lady Gramley nos acompanhará?

– Não faz diferença. Espero que sua consciência a convença a permanecer em casa amanhã, Samantha. Mas, permanecendo ou não, a intenção existia, bem como a determinação de insistir no passeio mesmo depois de eu ter falado muito severamente em nome de meu pai. Não vou ficar depois de tamanho insulto. Insulto não a mim, entenda bem, mas ao conde de Heathmoor, pai do seu marido.

– Muito bem. Vejo que não faz sentido falar mais nada. Organizarei tudo para que a carruagem, o cocheiro e alguns criados estejam prontos pela manhã.

– Já está tudo organizado – disse Matilda. – Não tenha trabalho por minha causa.

E a questão é que, pensou Samantha um pouco mais tarde, quando estava na sala de estar, andando de um lado para outro como se não houvesse uma cadeira confortável, agora se sentia culpada, como se realmente tivesse se comportado de forma tão ultrajante que seria evitada por todas as pessoas decentes.

Vulgar e escandalosa – céus!

Ah, estava com muita raiva de novo. Furiosa, na verdade. Estava prestes a arremessar no chão todos os horrorosos enfeites da lareira e quebrá-los em um milhão de pedaços. Mas tinha dúvidas de que se sentiria melhor depois.

Com certeza, ah, com *toda* certeza, não esperavam que outras viúvas recém-enlutadas ficassem dentro de uma casa escura durante um ano inteiro, desencorajando visitantes e nunca retribuindo qualquer visita recebida. Com certeza elas não se abstinham de todo exercício e atividade social, ainda que evitassem entretenimentos mais frívolos, como festas e piqueniques. Com certeza o modo como ela estava vivendo com Matilda *não* era normal.

Talvez estivesse errada. Talvez sua inquietação denotasse desobediência, falta de respeito pelo homem que fora seu marido durante sete anos e por sua família enlutada. Contudo, estavam *mesmo* de luto? Sob os símbolos externos de luto, isso sim. Nenhum deles visitara Bramble Hall sequer uma vez durante os cinco anos que Matthew passara ali, exceto Matilda, no final. Nenhum deles comparecera ao funeral. Era uma longa viagem, claro, de Kent para Durham, e

teria causado um desconfortável atraso nos procedimentos. No entanto, Samantha enviara uma carta ao conde e à condessa por mensageiro especial, e eles poderiam ter respondido com a mesma rapidez para que o funeral fosse atrasado. Não o fizeram.

Matthew era a ovelha negra.

Ah, não, decidiu Samantha, puxando a campainha com firmeza, *não* se sentiria culpada. E não tentaria convencer Matilda a mudar de ideia. Boa viagem para ela. Samantha tampouco mandaria uma mensagem a Robland Park para cancelar a cavalgada do dia seguinte.

Ela *não* se sentiria culpada. Mas é claro que se sentiu.

– Traga a bandeja de chá, por favor, Rose – disse ela quando a criada respondeu ao chamado.

Também não estava com fome. Nem com sede.

CAPÍTULO 7



— Vai chover – observou Beatrice durante o café da manhã do dia seguinte, erguendo brevemente os olhos da carta que lia.

Ben olhou pela janela e concordou que havia forte possibilidade de chuva. A primavera havia sido uma desgraça até então, pelo menos naquela parte do país. Parecia que no fim das contas não haveria condições de cavalgarem com a Sra. McKay. Talvez fosse até bom. Ben não tinha dúvida de que a mandona fosse desaprovar o passeio, já que não considerava decente sequer uma visita tranquila a uma vizinha. Contudo, ele achava que já estava na hora de a Sra. McKay torcer o nariz para as pesadas restrições impostas a ela.

Talvez a chuva viesse mais tarde.

– Como garotos podem gastar tanto dinheiro quando estão supostamente na escola se tornando os eruditos do futuro? – perguntou Beatrice, com os olhos novamente na carta. – E por que solicitam fundos extras para a mãe, em vez de para o pai, que exigiriam uma prestação de contas do que já foi gasto?

– Precisamente por esse motivo – disse Ben. – Eu diria que o preço dos doces aumentou desde que frequentei a escola.

– Humm – murmurou ela. – Mas ter dentes podres arrancados dói tanto!

Começou a chover no final da manhã, a princípio um leve chuvisco que poderia ou não se transformar em algo mais forte. Ao fim do almoço, Ben constatou que a chuva havia assumido a primeira opção. O terreno estaria muito molhado para se cavalgar.

Ele ficou desapontado. Subiu para fazer os exercícios diários. Não os negligenciava, embora tivesse aceitado a realidade de que nunca recuperaria mais do que um mínimo movimento das pernas, mas não arriscaria perder o pouco que tinha conquistado. Pelo menos podia andar com as próprias pernas.

Além disso, havia outras partes do corpo que precisavam ser mantidas em boas condições de funcionamento.

A atividade vigorosa não o livrou da inquietação. Ben percebeu que estava passando por um período de crise.

Encontrou a irmã na escrivaninha da sala de estar, escrevendo para os dois filhos e o marido.

– Sinto-me mal por não enviar uma mensagem a Bramble Hall – disse ele.

– Mas a Sra. McKay dificilmente vai nos esperar com esse tempo – disse ela, sem erguer o olhar.

– Tem razão – concordou ele. – Mas pensei em ir até lá de qualquer maneira e apresentar nossas desculpas pessoalmente. Você se importaria de vir comigo?

Ela roçou a pena da caneta no queixo e olhou pela janela.

– Você não imagina como fico tentada, Ben. Escrever cartas nunca foi uma das minhas atividades favoritas. Diria que isso prova que não sou uma perfeita dama. Entretanto, agora que comecei, devo terminar, ou vou adiar indefinidamente. Você não precisa da minha companhia, não é? As McKay serão acompanhantes uma da outra.

– Você me faz parecer um grande lobo mau – disse ele.

– Eu diria que é assim que pelo menos uma das senhoras o vê. Ah, meu bom Deus, não costumo nutrir tamanha antipatia por quase estranhos. Transmita meus cumprimentos a elas, por favor.

– Tudo bem. – Ele se inclinou sobre a irmã para beijar-lhe a bochecha. – Diga aos meus sobrinhos que os amo e que não façam mais travessuras do que eu na minha época.

Beatrice bufou de forma nada elegante.

– Vou escrever que o *tio Benedict* disse para serem bonzinhos – disse ela. – E frugais.

Ele riu e saiu devagar da sala.



Samantha ficou acordada durante metade da noite. Levantou-se cedo para tomar café da manhã com Matilda e tentar se despedir dela com alguma civilidade, mas a cunhada não desceu para comer nem pediu que uma bandeja fosse enviada ao quarto. Quando desceu, estava vestida para viajar e a carruagem esperava por ela na porta, já com sua bagagem.

– Vai chover – disse Samantha. – Eu gostaria que você reconsiderasse, Matilda, e adiasse sua partida pelo menos por alguns dias.

Matilda estava pálida e indisposta.

– Eu não ficaria aqui por mais uma hora, mesmo que ameaçasse nevar – disse ela, alisando as costas das mãos já com as luvas de couro. – Papai ficará descontente com você, Samantha, e mamãe, desapontada. Mas nenhum dos dois ficará surpreso, me entristece dizer. Papai advertiu Matthew sobre o que aconteceria se ele insistisse em se rebaixar a se casar com uma cigana.

Felizmente, talvez, Matilda passou pelas portas e desceu os degraus antes que Samantha pudesse formular uma resposta. Um laçao ofereceu a mão para que subisse na carruagem. Ela não olhou para trás nem virou o rosto uma única vez depois de sentada. Foi uma sorte, pois o temperamento forte de Samantha irrompeu, ou teria irrompido se houvesse alguma plateia. Então, parou à porta e observou a carruagem partir em sua longa jornada, literalmente tremendo de fúria reprimida.

– Sou *um quarto* cigana – murmurou para o vazio. – Melhor do que cem por cento McKay.

Seu avô, um galês de quem ela nada sabia além da nacionalidade, casara-se com uma cigana que dera à luz a mãe de Samantha antes de voltar para seu povo. O triste e obscuro incidente da história familiar teve efeito sobre a neta da união, assim como o fato de a mãe de Samantha ter fugido aos 17 anos de Gales (e da tia que a criara) para acabar em Londres, onde ganhou a vida como atriz até o pai de Samantha descobri-la e se casar com ela.

– Sou um quarto cigana, um quarto galesa e metade inglesa de nobreza obscura. Fui criada por uma atriz galesa que, como todos os de sua profissão e nacionalidade, estava a apenas um pequeno degrau do próprio diabo na escada da perversidade. Ou assim meu sogro a descreveu certa vez – declarou Samantha para si mesma.

Nuvens pesadas pairavam no céu. Seria um milagre se não chovesse ao meio-dia. Ironia das ironias, o mais provável era que, no fim das contas, não cavalgasse naquela tarde. Era horrível e deprimente pensar que acabaria sendo obrigada a passar o resto do dia respeitavelmente sozinha dentro de casa.

Mas a primeira coisa que fez quando voltou à sala de estar foi avançar a passos largos e escancarar as pesadas cortinas. Iria trocá-las. Escolheria algo mais leve tanto na textura quanto na cor. Passou os olhos pelo recinto, de testa franzida. Precisava mudar *tudo*. Em cinco anos, realmente não havia notado como aquela casa era sombria.

Naquele exato momento, Matilda estava levando as histórias da perversidade de Samantha para Leyland. *Perversidade!* Por cinco anos, Samantha dedicara todos os minutos de seus dias aos cuidados do filho do conde de Heathmoor. Suportara cinco anos de noites em claro sem reclamar. Havia dado cada partícula de sua energia e paciência. No instante em que Matthew morreu, parecia que não restava mais nada de si mesma. Talvez fosse por isso que se sentira tão vazia. Todavia, aos olhos do conde e de sua preciosa filha, ela era perversa e insignificante por causa de suas origens – e porque, depois de quatro meses de luto sincero, estava disposta a visitar os vizinhos em busca de conforto e a amizade e a praticar algum exercício tranquilo ao ar livre.

Samantha estava com raiva. Estava tão furiosa que, ao olhar de novo para aqueles enfeites horrorosos sobre a lareira, com certeza os teria arremessado se achasse que isso a faria se sentir um pouco melhor. Eles não mereciam a ira dela

– os McKay, no caso. Mas não importava a firmeza com que dizia isso para si mesma, continuava sentindo-se ferida.

Graças a Deus estava bem longe deles, e eles sem dúvida estavam tão felizes quanto ela.

E claro que choveu.

De início apenas chuviscou, deixando a cruel esperança de que aquilo não daria em nada e pararia antes da tarde. Mas depois a chuva ficou mais forte e deu todos os sinais de que iria durar.

Matilda chamaria isso de uma justa punição.

Depois de quase não conseguir ingerir o almoço, Samantha voltou para a sala de estar e tentou bordar. Mas, quando a linha de seda se enroscou, seus dedos puxaram o nó sem a habitual paciência e enredaram tanto fio que ela teve de cortá-lo, além de desmanchar o trabalho já feito, então deixou o tecido de lado. Tentou ler, mas, depois de passar os olhos com determinação por duas páginas inteiras, percebeu que não conseguia se lembrar de uma única palavra. Então se entregou a uma pequena crise de choro, enquanto Tramp colocava o queixo no colo dela e a olhava com tristeza. Quem quer que tivesse dito que um bom choro faz a pessoa se sentir melhor obviamente nunca havia tentado. Acabou com o nariz entupido, os olhos inchados, um lenço encharcado e se sentindo mais desgraçada e infeliz do que nunca.

Autopiedade era uma aflição terrível, pensou Samantha, irritada consigo mesma enquanto beijava o topo da cabeça do cachorro. Não iria mais tolerar um segundo daquilo. Secou os olhos, assoou o nariz ruidosamente e olhou de cara

feia para o bordado antes de pegá-lo e confrontá-lo mais uma vez, com firmeza de propósito.

Quinze minutos depois, seus pensamentos foram interrompidos pelo som da aldrava na porta da frente. Samantha ergueu os olhos, surpresa, a agulha suspensa acima do tecido bordado. Matilda? Não, claro que não. Lady Gramley e sir Benedict Harper? Dificilmente. Não cavalgariam com aquele tempo, e era desnecessário aparecerem para se desculpar. Samantha não teria deixado de notar que estava chovendo. O vigário? Ele não aparecia desde a tarde em que Matilda o deixara falando nos degraus até o vento cortante convencê-lo a ir embora.

– Sir Benedict Harper, madame – anunciou o mordomo, em tom meio dúbio, ao abrir a porta, mas o cavaleiro passou por ele antes que Samantha pudesse decidir se era ou não adequado recebê-lo, ou, para ser mais exata, se ela se importava que fosse adequado ou não.

– Sir Benedict – disse ela, deixando o trabalho de lado e levantando-se. – Certamente não veio a cavalo, veio?

Ela ficou pateticamente feliz ao vê-lo.

– Vim de carruagem – respondeu ele, tomando conhecimento de Tramp e seu rabo frenético com um olhar de reprovação. – Boa tarde, Sra. McKay. Sua cunhada ainda está indisposta? Sinto muito. Eu não teria...

– Ela foi embora – contou-lhe Samantha. – Partiu hoje pela manhã. Não podia ficar nem mais um minuto aqui sendo contaminada por minha pessoa perversa.

Ah, meu Deus, não deveria ter falado daquele jeito. Deveria ter inventado uma enfermidade na família que houvesse forçado Matilda a partir. Não teria sido difícil. A condessa vivia adoentada. Bem, tarde demais.

Ele ficou parado, fitando-a enquanto o mordomo fechava a porta. Samantha notou que ele lançou o olhar para a janela, plenamente visível pela primeira vez em meses.

– Foi embora? – repetiu ele. – De vez, a senhora quer dizer? Isso não tem nada a ver com o fato de a senhora decidir cavalgar comigo, tem? Beatrice concordou em ir conosco, a senhora sabe.

Tarde demais para evasivas.

– Nada além de isolamento completo por trás do véu negro de nosso luto por mais oito meses seria adequado ao senso de decência de Matilda, sir Benedict. Não sei bem qual é exatamente o manual de conduta pelo qual ela e meu sogro vivem, mas nunca ouvi falar de mais ninguém que viva de acordo com tais

regras, e sou verdadeiramente grata por essa bênção. O conde de Heathmoor tem as próprias leis e sempre teve. Talvez o manual seja dele mesmo. De fato, acredito que seja.

Sua voz soou entrecortada, percebeu Samantha, quase à beira da histeria. Estava aterrorizada porque ele iria embora, o que, é claro, era a melhor coisa que poderia fazer – por ambos. Não apreciaria escutá-la despejar sobre ele todas as desgraças e autopiedade. E ela precisava de tempo para se recompor antes de conversar com alguém.

– Vim explicar por que não foi possível sair para cavalgar – disse ele –, embora creia que seja evidente. Vim ver se lady Matilda havia se recuperado do resfriado e apresentar os votos de melhoras de minha irmã. Devo ir embora, uma vez que a senhora não tem acompanhante e não podemos ficar no jardim como fizemos em Robland há dois dias.

Seria a coisa certa a fazer, claro. Mas ela não *suportaria* ficar sozinha de novo. Ainda não. Que tolice ter permitido que alguém como Matilda a perturbasse daquele jeito.

– Por favor, fique – disse ela. – Sente-se. Estou *farta* da decência e mais farta ainda da minha própria companhia. E por que não receber um visitante que foi gentil o bastante para vir até aqui a despeito da chuva torrencial?

– Talvez porque o visitante é um cavalheiro solteiro, e a senhora, uma dama solteira sem acompanhante – sugeriu ele.

Ela suspirou. Ele parecia desconfortável ali de pé, apoiado nas bengalas. Talvez estivesse desesperado para ir embora. Mas a solidão e o desânimo a deixaram egoísta, para não mencionar indiscreta.

– Então o senhor veio só para me informar que está chovendo e saber da saúde de Matilda?

Ele hesitou. Então a pegou completamente de surpresa:

– A saúde de lady Matilda não me importa. E sua casa tem janelas. Não estão cobertas por cortinas hoje. Vim ver a senhora.

E se Samantha havia pensado que *ele* parecia desconfortável um minuto antes, não era nada perto de como ela se sentia agora. O próprio ar na sala parecia carregado com algo perigoso.

Mas... *a saúde de lady Matilda não me importa*. Ela não conseguiu evitar um sorriso.

– Ah, sente-se – disse ela. – Por que o senhor *deveria* ir embora só porque Matilda não está aqui?

Ele fez o lento trajeto até a cadeira que ela indicara e sentou-se. Ela se sentou de novo, e ficaram se olhando.

E agora? Pelo menos no jardim de lady Gramley havia as flores, o céu e a casa para olhar. E havia sons, mesmo que na ocasião ela não houvesse reparado neles – o som dos pássaros, dos insetos, do vento, dos cavaleiros no estábulo. Ali, até Tramp estava em silêncio. Havia se espichado diante de sir Benedict, a cabeça na bota dele.

– A senhora o amava? – perguntou Ben abruptamente.

Ela ergueu as sobrancelhas. Havia esperado que ele conversasse sobre o tempo. Estava falando de Matthew? Era uma pergunta extremamente impertinente. Exigia uma resposta mordaz.

– Eu estava completamente apaixonada quando me casei. Claro que não se pode esperar que tamanha euforia dure para sempre. Na verdade, não existe aquela coisa de felizes para sempre, sir Benedict.

– Quanto tempo ficaram casados antes de ele ser ferido?

– Dois anos. Passei o primeiro ano com ele, e o segundo, depois de seu regimento ser enviado para a Península, em Leyland Abbey, em Kent, com meus sogros.

– E a senhora deixou de amá-lo por causa dos ferimentos?

– Não. – Ela olhou para ele com expressão pensativa por alguns instantes. Tinha que rechaçá-lo, dizer que a pergunta fora impertinente e invasiva. – Não demorou muito para eu descobrir o que deveria ter percebido antes: ele não era capaz de viver sem a admiração dos homens e a adulação das mulheres. Era bonito, elegante e encantador. Todos o adoravam. Mas ele...

Ah, ela realmente não deveria falar tanto sobre o marido.

– Mas ele não adorava ninguém exceto a si mesmo? – sugeriu Ben.

Como ele adivinhara? Mas estava completamente certo. Matthew via todos, a não ser a si mesmo, como nada além de uma plateia atenta e encantada. Ela duvidava que houvesse alguém na vida do marido que ele realmente conhecesse ou quisesse conhecer, e isso a incluía. Mesmo durante os últimos cinco anos, ele a vira como queria: uma esposa obediente e atenciosa, nascida para o seu conforto. Ele *nunca* a conhecera. Nem pela metade.

– Os ferimentos não o modificaram? – perguntou Ben.

– Ah, modificaram. Ou talvez tenham modificado apenas as condições de sua vida, não o caráter essencial. – Ela voltou o olhar para o fogo que ardia na lareira. – O nariz sofreu uma fratura e um corte por um sabre. O rosto não ficou gravemente desfigurado depois de cicatrizado, mas ele se recusava a ser visto

por qualquer um, exceto por mim e seu valete. Não tinha espelho no quarto. Ficou arrasado pelo que considerou a perda da beleza, como se ela fosse sua própria identidade. Se tivesse ficado bem de saúde, talvez houvesse recuperado algo da velha confiança e pose, apesar da deformação no rosto relativamente pequena. Mas ele *não* ficou bem de saúde.

– Beatrice me contou que a senhora era devotada a ele.

– Como poderia não ser? – Ela voltou a olhar para Ben. – Era meu marido, e eu me preocupava com ele. Eu não deveria ter falado nada de negativo sobre ele. Ele não está aqui para me contradizer ou retaliar com uma lista de todos os *meus* defeitos.

– Às vezes, como comentei naquele dia, é preciso falar com o coração para pessoas que entendam e nas quais se possa confiar.

– E posso confiar no senhor? Embora seja pouco mais do que um estranho para mim?

– Pode confiar em minha descrição.

Samantha acreditava nele. Lembrou-se do que ele lhe havia contado sobre os amigos de Penderris Hall.

– Ele não merecia um final tão difícil e prolongado – disse ela. – Nunca, jamais desejei aquilo para ele.

– E a senhora não merece se sentir culpada por ainda estar viva. Conte-lhe sobre Hugo, lorde Trentham, que ficou louco após liderar com sucesso uma missão suicida na Espanha. Seu maior tormento, que o afligiu por anos e ainda o aflige em certa medida, foi ter sobrevivido ileso enquanto todos os seus homens morreram ou ficaram terrivelmente feridos. Todavia, ele estava na linha de frente e liderou aquele ataque de voluntários com extraordinária coragem. Deve se perdoar por estar viva, Sra. McKay, e por desejar continuar vivendo.

– E por querer dançar? Ela deu um meio sorriso.

– E até por querer cavalgar.

– Chega de falar de mim e de meus problemas insignificantes – disse ela, com uma leve sacudida de cabeça. – E o senhor? Por que exatamente está em uma região tão remota da Inglaterra com sua irmã? Parece uma vida um tanto reservada para um cavalheiro da sua idade.

– Minha idade?

Ele arqueou as sobrancelhas.

– Seu rosto revela sofrimento – disse ela, sentindo o calor de um rubor nas bochechas. – Pode ter qualquer idade entre 25 e 35. Ou mesmo...

– Tenho 29 – afirmou ele. – Beatrice precisava de mais algumas semanas em casa para se recuperar de uma indisposição, mas Gramley tinha que voltar para Londres e ocupar seu assento na Câmara dos Lordes. Os meninos estão na escola. Eu não tinha nada melhor para fazer com meu tempo, então vim lhe fazer companhia.

– Lady Gramley tem sorte de ter um irmão tão atencioso.

– A senhora não tem sorte com seu irmão? Seu meio-irmão?

– John é um clérigo encarregado de uma paróquia movimentada, tem uma esposa e três filhos. E se opôs ao casamento de nosso pai com minha mãe.

– Por quê? Só porque não era mãe *dele*? – perguntou ele.

– Tenho certeza de que em parte por causa disso. A mãe dele era muito respeitada e amada pelos vizinhos.

Ben olhava atentamente para ela.

– E sua mãe não era?

Ela deveria responder apenas sim ou não e deixar por isso mesmo.

– Minha mãe era atriz quando meu pai a conheceu, em Londres. Também era filha de um galês com uma cigana. Não era uma combinação perfeita para agradar o enteado. Tampouco os vizinhos mais distintos de meu pai, especialmente porque ela era muito mais jovem que ele, e linda e vivaz.

– Ah – disse Ben, e a observou em silêncio por alguns instantes, enquanto Samantha aguardava que ele prosseguisse. Talvez fosse a hora de ele recobrar as boas maneiras e sair às pressas, ou tão às pressas quanto fosse capaz sem deixar seu desgosto óbvio demais. – Isso explica a sua pele morena. Eu fiquei me perguntando de onde vinha o sangue estrangeiro. Vem de sua avó cigana.

– Não é realmente sangue estrangeiro, sabe? Existem ciganos na Grã-Bretanha há gerações. Mas não houve muita miscigenação, então eles mantiveram os traços característicos.

Ele a observou em silêncio de novo, mas havia um leve sorriso em seu rosto.

Ela não conseguiu decifrar o significado.

– Ela ainda está viva? Sua avó, quero dizer. Ou seu avô?

– Minha avó voltou para seu povo quando minha mãe ainda era criança. Nada sei de meu avô, exceto a nacionalidade. Minha mãe deixou Gales aos 17 anos para nunca mais voltar. Ela quase nunca falava do passado. Talvez houvesse falado, se tivesse vivido por mais tempo.

O silêncio prolongou-se entre os dois outra vez.

– Talvez precise partir agora, sir Benedict.

– Por que estou comprometendo sua reputação? Ou porque a senhora é metade cigana e pode comprometer a minha?

– Um quarto – disse ela, irritada. – Sou um quarto cigana.

– Ah, então estou tranquilo. Metade teria sido difícil de ignorar.

Ela olhou para ele abruptamente. O rosto estava sério, mas havia um sorriso nos olhos dele.

– Isso a perseguiu ao longo da vida? O fato de ter sangue cigano, digo. E é impossível escondê-lo. Pode ser apenas um quarto de sua herança, mas corresponde a quase toda a sua aparência.

Samantha ergueu o queixo e não disse nada.

– Toda a sua *linda* aparência – acrescentou Ben. – Desculpe-me. Eu a constrangi com um assunto que parece delicado. Sim, Sra. McKay, preciso partir. Mas pelas normas do decoro. Do *seu* decoro.

Ela estava se sentindo desconfortável e irritada por ele de algum modo tê-la induzido a revelar aspectos tão íntimos de sua vida. Como *fazia* isso? Simplesmente porque ela estava desacostumada a ter contato social? Mas ela ainda não estava preparada para ficar sozinha.

– Por que queria me ver? Foi o que admitiu minutos atrás, que veio *me* ver.

– Não esperava encontrá-la aqui sozinha – protestou Ben.

– Mas encontrou. E ficou.

– Fiquei – concordou ele. E ergueu a mão para passar o dedo ao longo do nariz. – Com certeza não queria vê-la na semana passada. Tratei-a terrivelmente mal e odiei ter que vir me desculpar. Não queria muito vê-la dois dias atrás, mas, como fui eu que sugeri que a senhora visitasse Beatrice, teria sido indelicado de minha parte sair sorrateiramente no meu cavalo e deixá-la encontrar a casa vazia.

– Então o senhor me viu chegando? Estava voltando de sua cavalgada?

– Na verdade, estava saindo. E, sim, vi a senhora. E gostei de nossa conversa no jardim. Estava sentindo falta de companhia feminina, inteiramente por culpa minha, e a senhora me pareceu uma companhia segura.

– Segura?

– A senhora é viúva e está apenas na metade do período de luto. – Ele fez uma careta. – Peço desculpas. Estou sendo péssimo. Não estou interessado em flertar. Não estou à procura de uma esposa. Eu...

– E, se estivesse, estaria procurando no lugar errado – interrompeu Samantha. – *Não* estou no mercado em busca de um marido.

– Não. Claro que não. Gostei de sua companhia naquele dia, Sra. McKay. Não é sempre que se consegue relaxar com alguém do sexo oposto que não seja

da família.

– Então sou segura porque fiquei viúva recentemente – afirmou ela. – Mas e se eu não estivesse mais de luto?

Ele a encarou por alguns instantes.

– Então a senhora não seria de forma alguma segura – disse ele.

– Por que não?

– Eu ficaria tentado a... atrair seu interesse – respondeu.

– Minha afeição, o senhor diz?

– Afeição nem sempre é necessário.

Ela acomodou as costas nas almofadas atrás de si.

– O senhor quer dizer que ficaria tentado a me seduzir?

– Claro que não. – Ele franziu a testa. – Sedução é unilateral. Sugere certo grau de coerção ou pelo menos de enganação.

Samantha ouvia o coração saltando no peito. Ouvia seu martelar nas têmporas.

– Sir Benedict, como a nossa conversa tomou esse rumo?

Ele sorriu de repente, e ela sentiu um estranho aperto no estômago, pois foi um sorriso consideravelmente charmoso. Quase pueril. Só que de pueril não tinha nada.

– Creio que tenha muito a ver com a ausência de lady Matilda. Teríamos falado apenas das condições do tempo e da nossa saúde se ela estivesse aqui.

– Com certeza – concordou Samantha fervorosamente. – Mas não precisamos nos preocupar, não é? Fiquei viúva há pouco tempo e, portanto, sou uma companhia segura.

– Quantos anos a senhora tem?

– Que pergunta descortês. Uma mulher jamais diz a idade. Sou mais jovem do que o senhor, entretanto. No fim, creio que minha impressão a seu respeito estava correta. Todo aquele linguajar e o mau humor! O senhor não é um cavalheiro.

Mas ela estragou o efeito das palavras rindo. Ele sorriu de volta.

– Vou pedir uma bandeja de chá – disse ela, pondo-se em pé. – Gostaria de outra coisa que não chá?

– Xerez, se tiver.

Ela tocou a campainha. Tramp ergueu a cabeça por um instante, mas, sentindo que o fato de Samantha estar em pé não significava nada de promissor para ele, recostou-se de novo na bota direita de sir Benedict. Cachorro tolo. Não percebia que o homem não gostava dele?

Ela deu ordens para Rose, mas não voltou a se sentar imediatamente. Sentia-se desconfortável, então foi até a janela. A chuva não amainara.

Ele havia admitido abertamente que ficaria tentado a atrair seu interesse se ela não fosse recém-viúva. Ela deveria ter atravessado a distância entre os dois e lhe dado uma bofetada. Ou tê-lo mandado embora.

Mas essa era de longe a coisa mais bonita que alguém lhe dizia depois de muito, muito tempo.

Ah, céus, temia que fosse se lembrar das palavras imprudentes dele por dias e dias. Como ela era patética!

CAPÍTULO 8



Logo que entrou na sala de estar, Ben percebeu que a Sra. McKay andara chorando.

Não havia vestígio de lágrimas, era verdade, mas a ligeira vermelhidão e o inchaço nos olhos a traíram. Ele pretendia distraí-la com uma conversa, mas chegou muito perto de flertar com ela.

Essa *não* era a intenção dele quando decidira vir. Claro que não. Esperava uma visita tediosa, muito formal, com duas senhoras, não uma. Deveria ter saído imediatamente ao saber que ela estava desacompanhada.

Mas ela andara chorando. E era evidente que não queria ficar sozinha. Então ele ficou – uma imprudência. Estar sozinho com ela agora foi muito diferente de dois dias antes, no jardim de Bea.

Droga.

Fazia seis anos que não se interessava por uma mulher – nem por mulheres em geral, nem por nenhuma em particular. Tinha ficado um pouco apreensivo quanto a isso. Será que seus ferimentos incluíam a morte de seu apetite sexual? Mas havia ficado apenas *um pouco* apreensivo, uma vez que sabia que nunca poderia pedir uma mulher em casamento – não o seu eu debilitado, pelo menos, e ele nunca ficaria totalmente curado. Ben também não suportava a ideia de se insinuar fora do casamento, já que nenhuma quantia de dinheiro compensaria por completo a repulsa física que qualquer mulher com certeza sentiria ao ser forçada a ter intimidade com ele.

Enquanto Samantha estava na janela, ele a observou em silêncio. O cabelo muito escuro, quase negro, estava preso em um coque baixo, simples. Alguns fios haviam se soltado nas laterais. Eram lisos e compridos, e caíam sobre os ombros. Seu rosto era lindo de qualquer maneira. Não precisava de enfeites. O

vestido horroroso de crepe preto não conseguia esconder as curvas exuberantes de sua silhueta nem a perfeição elegante de sua postura.

Ela tinha sangue cigano e era sensível em relação a isso. Provavelmente achava que ele fosse querer ir embora quando soubesse.

Ela era, pensou Ben, uma mulher que necessitava desesperadamente de um amigo. E amizade era algo que ele ficava muito feliz em oferecer – por um curto período, pelo menos; até ir embora.

A criada voltou com a bandeja e a colocou sobre uma mesa antes de se retirar. A Sra. McKay virou o rosto para indicar que percebera sua chegada, embora não tenha se afastado imediatamente da janela.

– O tempo está bem ruim – disse ela. – Faz com que fiquemos gratos por estarmos dentro de casa com um fogo aceso na lareira.

– Não está ruim. – Enquanto ela observava, Ben puxou as bengalas e se levantou. O cachorro se pôs de pé e olhou para ele balançando o rabo em expectativa. Ben atravessou a sala para ficar ao lado da Sra. McKay. – Acima das nuvens, a senhora sabe, não há nada além de sol e céu azul.

– Um belo consolo, na verdade – disse ela, voltando o rosto para a janela e olhando para cima –, quando é impossível subir até lá para ver.

– Um balão de ar quente? – sugeriu ele.

– Ui! – Ela estremeceu. – Haveria chuva no caminho até as nuvens e depois neblina e umidade das próprias nuvens.

– E a glória da luz do sol quando irrompêssemos do outro lado.

– Nós? Iríamos juntos, então?

– Ah, acho que sim. Eu *era* oficial do exército, é claro, mas não creio que poderia berrar “eu não disse?” alto o suficiente para a senhora me ouvir daqui de baixo.

– Seria terrivelmente frio, apesar do sol. O senhor nunca viu a neve no topo das montanhas quando está quente na planície?

– A senhora está decidida a ser pessimista. Levaríamos mantas e nos aconchegariamos dentro delas.

– Juntos?

Samantha virou a cabeça novamente. Seu rosto estava muito perto do dele.

– Uma das melhores fontes de calor é o corpo – explicou ele. – Eu diria que estaria muito frio lá em cima.

– Mas estaríamos quentes e aconchegados dentro das mantas.

– Sim. Desfrutaríamos em dobro de nosso calor corporal individual.

Ben quase podia sentir no rosto a respiração dela. *E* o calor de seu corpo. E ali estava ele flertando de novo, mas muito mais descaradamente dessa vez. Embora não pretendesse. Pretendia animá-la, provocar um sorriso ou uma risada.

– Para onde iríamos? – perguntou ela.

– Para longe, muito longe.

O olhar dele desceu para os lábios de Samantha quando ela os umedeceu com a língua.

– Ah – exclamou ela, em um sussurro ofegante. – O melhor lugar para se ir.

– Sim.

– Juntos.

– Sim.

Os olhos dela percorreram o rosto dele. Olhos grandes, escuros e insondáveis, com cílios longos.

– Já faz mais de seis anos desde que fui beijada de forma apropriada – disse ela.

– De forma apropriada – repetiu ele, engolindo em seco. – Eu também, o mesmo tempo. Talvez estivéssemos beijando pela última vez no mesmo dia, na mesma hora, mais de seis anos atrás, mas beijando outras pessoas, não um ao outro.

– A sobrinha do seu coronel?

– Seu
marido?

Ambos
sorriram.

– É tempo demais – disse ela.

– Sim – concordou ele.

– Talvez devêssemos fazer algo a respeito.

Ele tentou pensar em todas as razões pelas quais *não* deveriam. Ou pelo menos todas as razões pelas quais *ele* não deveria.

– Sinto muito.

As bochechas de Samantha coraram, e ela virou a cabeça de forma brusca e desajeitada para a janela de novo.

Ben então inclinou a cabeça ligeiramente para o lado e a beijou. E uma coisa ficou logo clara: seu apetite sexual *não* havia acabado nem sido prejudicado. Os lábios dela eram macios, quentes e úmidos. Estavam entreabertos e levemente trêmulos. Ela se virou e pousou as mãos nos ombros dele.

Ben abriu a boca de Samantha com a sua e deslizou a língua para dentro.

Ela a sugou e a apertou contra o céu da boca com a própria língua. Ele sentiu um prazer tão delicioso que quase esqueceu as malditas bengalas.

O rosto dela estava a poucos centímetros do dele, as mãos nas laterais do rosto dele, os dedos enfiando-se em seu cabelo. Os olhos dela estavam brilhantes e firmes nos dele, os lábios cheios, rosados, ainda úmidos e ainda convidativos.

– Sinto muito – disse ele. – Sou deficiente. Não posso abraçar você.

– Talvez isso seja uma coisa boa neste momento. – Ela sorriu de repente; era jovem e muito bonita. – Ou talvez seja apenas porque estamos necessitados e *qualquer* beijo seria bom.

– Um pensamento depreciativo.

Ela baixou as mãos, ainda sorrindo. Mas a realidade se impunha.

– Eu não deveria ter ficado quando soube que lady Matilda tinha ido embora

– disse ele. – A senhora vai ficar horrorizada quando lembrar esta tarde depois que eu partir.

– Você presume conhecer meus pensamentos, não é mesmo? Meus pensamentos *futuros*? Foi um dia horroroso antes de o senhor chegar, sir Benedict. Não me arrependo em absoluto de Matilda ter ido embora, mas me ressinto do fato de ela ter me deixado com o sentimento de que eu estava de alguma forma errada. E então choveu, e eu soube que não poderíamos cavalgar. E a chuva era sombria, e fiquei inquieta, solitária e tomada pela mais completa autopiedade. E gente com pena de si não é uma companhia agradável, nem para si mesma. E então, quando eu estava no meu pior momento, o senhor chegou. E de alguma forma me convenceu a conversar como se o senhor fosse um confidente leal. Então o senhor flertou comigo. Por alguns instantes, me carregou para o sol acima das nuvens em um balão de ar quente, nós dois envolvidos em mantas rumo a um lugar muito, muito distante. E então o senhor me beijou. Não estou mais no meu pior momento. O senhor *não faz ideia* do que vou sentir depois que partir. Mas garanto que não será horror.

Meu bom Deus! Ele pensou que mais tarde ela descobriria que havia se enganado. Ben se sentia claramente desconfortável. Não era assim que um cavalheiro se comportava.

– Seu xerez não vai ficar frio – disse ela, passando por ele –, mas meu chá com certeza vai. Gostaria de alguns biscoitos?

– Só um – respondeu ele, enquanto a seguia lentamente pela sala. – Obrigado.

Ela serviu o biscoito e o xerez enquanto o cachorro se acomodava aos pés dele novamente.

– Quantos anos a senhora tinha quando se casou?

Ela sorriu enquanto se sentava e pegava a xícara e o pires.

– O senhor é bom em matemática, não é, sir Benedict? Deixe-me poupá-lo do incômodo de fazer cálculos mentais. Eu tinha 17 anos. Matthew e eu ficamos juntos por um ano antes de seu regimento ser enviado para a Península. Passei o ano seguinte em Leyland Abbey. Depois que Matthew saiu do hospital, viemos para cá, onde moramos por cinco anos antes de sua morte, há pouco mais de quatro meses. Ou seja, tenho 24 anos.

– A senhora descobriu minha estratégia, não foi? – Ele riu. – Então a senhora não é beijada e é celibatária desde os 18 anos.

– Também sei matemática – disse ela enquanto o rubor se intensificava em suas bochechas. – O senhor não é beijado e é celibatário desde os 23 anos.

Ele deu um gole no xerez.

– Essa conversa não é muito adequada para uma sala de visita respeitável, é?

– disse Ben.

– Isso aqui nunca foi chamado de sala de visita. Mas o senhor está certo. Matilda teria um ataque de nervos se pudesse nos ouvir. Lady Gramley também, suspeito.

– Por Deus, sim. – Ele colocou o prato na mesa ao lado, o biscoito intocado. Pousou o cálice de xerez, depois de apenas dois goles, e se levantou de novo. – Acredito que deixei o bom senso, para não mencionar meus modos, do lado de fora, na chuva, quando entrei em Bramble Hall, Sra. McKay. Estar sozinho aqui com a senhora é impróprio e com certeza provocaria falatórios, até mesmo um escândalo, se alguém soubesse. Não deve se repetir. Eu não faria da senhora objeto de fofoca desagradável entre seus vizinhos.

Havia uma pitada de alguma coisa no sorriso dela. Desdém? Tristeza?

– O senhor está perfeitamente certo. Mas não me arrependerei desta tarde por nada disso, e espero que o senhor também não. O senhor elevou meu ânimo quando estava terrivelmente baixo e fez com que eu me sentisse uma mulher pela primeira vez em anos. Vou me lembrar da nossa conversa e do nosso beijo, ainda que breve e relativamente inocente. Vou relembrar com frequência muito maior do que deveria, tenho certeza. No entanto, tem razão: não deve se repetir. Transmitirá meus cumprimentos à sua irmã?

– Sim – prometeu ele, enquanto ela tocava a campainha e em seguida dizia à criada para mandar trazerem a carruagem de sir Benedict Harper até a porta.

– Sinto muito pela cavalgada. Talvez possamos tentar de novo em um dia melhor. Com Beatrice, é claro.

Ele estendeu a mão, e ela a pegou.

– Vá visitar Bea quando se sentir solitária – disse Ben. – Ela ficará encantada. Talvez possa acompanhá-la de vez em quando nas visitas aos doentes. Ninguém poderá argumentar que não é uma atividade própria a uma viúva de luto.

– Obrigada. O senhor é muito gentil.

Ainda havia uma rispidez na voz dela que ele não conseguia interpretar.

Ben virou-se e seguiu até a porta. Sentia-se desajeitado, até mesmo grotesco, sabendo que ela o observava.

Minutos depois, sentou-se na carruagem e acenou para ela, parada na soleira da porta, o cachorro ao lado, abanando o rabo.

Nada de oferecer amizade a ela por um bom tempo. Ele havia arruinado essa possibilidade sendo detestavelmente egoísta, flertando e até mesmo a beijando. Continuar a visitá-la sozinho estava fora de questão agora que sabia que ela estaria sozinha. Era uma vergonha. Ela precisava de companhia. Ele também. Mas um homem solteiro e uma mulher solteira não poderiam ser amigos sem dar margem para escândalos. E justificadamente, ao que parecia.

Talvez pudesse encontrar outras companhias para ela. Companhias que não fossem nem solteiras nem masculinas.



Dois dias depois, numa tarde, lady Gramley visitou Samantha, levando consigo a Sra. Andrews, a esposa do vigário, e uma conversa alegre e sugestões práticas de como a Sra. McKay poderia envolver-se na vida da vila sem de forma alguma comprometer a condição de viúva recém-enlutada. Antes de partirem, o nome de Samantha foi acrescentado à lista de visitantes oficiais dos doentes, e ela se tornou membro de dois comitês, um para organizar o bazar de verão da igreja e outro para decorar o altar. Samantha foi incentivada a fazer visitas sociais a Robland Park e à casa paroquial sempre que desejasse, e lhe garantiram que logo seria convidada para outros lugares também.

– Falei com meu marido sobre sua situação, Sra. McKay – disse a Sra. Andrews –, e ele me garantiu que nem a igreja nem a sociedade jamais desaprovaram que uma viúva se envolvesse em boas obras e estivesse na companhia sossegada de seus pares, mesmo durante os primeiros meses de luto. E pode acreditar quando digo que o vigário é um defensor ferrenho do comportamento correto.

Samantha suspeitou que sir Benedict Harper estivesse por trás daquela visita, e ficou grata.

Ser útil para os outros com certeza aplacaria sua inquietude e a ajudaria a realizar seu desejo de viver novamente, não apenas existir dia após dia. E talvez fazer novos amigos não fosse tão difícil, afinal de contas.

Mas sir Benedict não apareceu de novo. Nem estava em Robland Park quando Samantha foi convidada para o chá, talvez porque tivesse sido informado com antecedência. Quando o viu na igreja, ele inclinou a cabeça educadamente, mas não falou com ela, nem a olhou.

Samantha reviveu a conversa e o beijo – especialmente o beijo – pelo resto do dia depois que ele partiu. Passou metade da noite acordada sonhando com aquela tarde – que irônico. E olhou pela janela durante toda a manhã seguinte à espera dele, e no jardim à tarde, quando a chuva enfim parou por tempo suficiente para levar Tramp para um exercício.

Mas, muito antes de compreender que ele não voltaria, Samantha sucumbiu à culpa. Ela o encorajara a ficar quando ele teria partido ao descobrir que Matilda não estava mais. Ela o encorajara a flertar, ainda que não tivesse sido algo deliberado. E havia atraído o beijo dele de forma bastante explícita.

Ela havia se comportado de forma um tanto chocante. Não era de admirar que ele não desejasse vê-la de novo. E ela com certeza não desejaria vê-lo outra vez se não estivesse tão solitária e inquieta.

Seria melhor se nunca mais o visse, decidiu. E então soube que em breve ele iria embora. Lady Gramley planejava partir para encontrar o marido em Londres. E o irmão, relatou ela a um grupo de senhoras no vicariato certa tarde, duas semanas depois da visita de Ben a Bramble Hall naquela tarde chuvosa, faria uma viagem pelas Ilhas Britânicas, começando pela Escócia.

Samantha disse a si mesma, com bastante firmeza, que a notícia não a deprimia nem um pouco. Não significava nada para ela. Havia deixado as lembranças daquela tarde para trás. Em breve ele iria embora, e ela poderia se dedicar à sua nova vida em Bramble Hall sem a distração de esperar vê-lo aonde quer que fosse. Pretendia manter-se ativa e ocupada enquanto vivia o que lhe restava do luto.

Talvez até fosse feliz.

CAPÍTULO 9



Pouco mais de uma semana depois, a carruagem que levara Matilda para Leyland Abbey retornou a Bramble Hall conduzida por outro cocheiro e acompanhada por batedores diferentes. Samantha reconheceu o cocheiro de cinco anos antes, mas os outros homens lhe eram estranhos. Todos grandes e corpulentos, como geralmente eram empregados contratados para proteger viajantes. Também pareciam de temperamento particularmente rude. Era o que trabalhar para o conde de Heathmoor fazia com as pessoas, pensou Samantha. Um deles lhe entregou uma carta que ostentava o selo do conde.

Ao pegar a carta, Samantha sentiu um calafrio. Não queria qualquer tipo de relacionamento com a família de Matthew, e aquela dificilmente seria uma missiva amigável. E por que outros criados voltaram no lugar daqueles que tinham ido com Matilda? Levou a carta para a sala de estar e fechou a porta. Enxotou Tramp de sua poltrona favorita, na qual ele era estritamente proibido de subir – assim como já fora estritamente proibido de entrar na casa –, e se sentou.

Não queria quebrar o selo da carta. Vinha se sentindo razoavelmente feliz nos últimos tempos. Estava conhecendo pessoas boas. Tinha lugares para ir e coisas para fazer, ao mesmo tempo que preservava a respeitabilidade e a obrigação de manter o luto pelo restante do ano. Não queria ficar mergulhada na tristeza e na culpa outra vez. Por um momento, cogitou jogar a carta no fogo e esquecê-la. Matthew teria feito exatamente isso. Mas o problema é que ela *não* a esqueceria. Melhor ler de uma vez e depois tirá-la da cabeça de algum modo.

Quebrou o selo com um terrível mau pressentimento.

Leu de uma vez só, então inclinou a cabeça e fechou os olhos com força. Depois de alguns instantes, ouviu Tramp ofegante por perto e sentiu seu nada agradável hálito. Um focinho gelado e úmido cutucou sua mão, e ele ganiu. Ela colocou a mão na cabeça dele.

– Tramp...

Ele lambeu o rosto de Samantha e ganiu de novo, obviamente angustiado.

– Ah, Tramp.

O desespero de tudo aquilo a envolveu. O conde de Heathmoor estava descontente com o comportamento escandaloso de sua nora, conforme relatado por lady Matilda. *Isso* não a surpreendia. Assim como a cansativa eloquência com que ele a repreendia. A punição era o que a fazia se sentir como se tivesse sido socada com força no estômago, embora ele não chamasse de punição. Se sua nora não sabia como se comportar sem a mão firme de um homem, e estava claro que não sabia, então ele insistia que ela se mudasse para Leyland Abbey sem demora. E ele mesmo impor a disciplina necessária para deter o comportamento desobediente que com certeza traria crítica e até mesmo ruína ao bom nome de sua família.

Se fosse só isso, Samantha poderia muito bem queimar a carta e lidar com sua ira da melhor maneira possível. Mas havia *mais*.

É claro – ah, que tola, tola, *tola* por ter confiado nas expectativas de Matthew

–, Bramble Hall não era dela. A propriedade nunca havia sido transferida para Matthew, e, ainda que destinada a ele em testamento, o legado não significava nada porque ele morrera antes do pai. A casa, com todos os móveis e todos os criados, pertencia ao conde de Heathmoor, e agora, com seu segundo filho falecido e a viúva nada confiável para ali permanecer e zelar por seu bom nome, ele estava enviando o terceiro filho para residir no local. Rudolph e a esposa, Patience, chegariam em quinze dias para assumir a residência. A casa seria preparada para eles na semana seguinte. O cocheiro-chefe do conde e seu cavaleiro-chefe, junto com outros criados de confiança, haviam recebido instruções para levar Samantha a Leyland com apenas um dia de descanso entre a chegada a Bramble Hall e a partida. Ela deveria se arrumar para acompanhá-los.

Ele os fazia soar como carcereiros. E *pareciam* carcereiros.

– Tramp, por que não previ isso? Será que sou uma completa idiota? Nunca *imaginei* algo do tipo. Pensei que ele fosse ficar feliz em me deixar aqui, fora do alcance de sua vista e de sua mente.

Ficou alguns instantes sentada com os olhos cerrados, enquanto o cachorro continuava a ganiu e lambeu seu rosto. Então levantou a cabeça e fitou os olhos pesarosos de Tramp, a poucos centímetros dos dela.

– Preferiria me matar a ter que viver em Leyland Abbey novamente – disse a

ele.

Era um exagero.

Samantha pôs-se em pé de repente e andou de um lado para outro, a carta ainda apertada na mão. O que deveria fazer? Seria engolida viva se fosse para Leyland. Nunca seria livre. Mas qual seria a alternativa? Ela nunca precisara considerar nenhuma. Matthew lhe havia assegurado que teria um lar pelo resto da vida, e ela acreditara. Ah, *deveria* ter imaginado...

Parou depois de um tempo e agarrou o peitoril da janela com a mão livre, para não cair. Inspirou, mas depois foi impossível expirar, até o ar sair de dentro dela aos trancos, em espasmos lentos e irregulares, e então pareceu ter esquecido como inspirar novamente. Sua visão periférica escureceu. E então o ar entrou de novo com um arquejo. Ela se obrigou a *acordar*. Naquele instante. Tinha que ser um pesadelo. Mas claro que não era.

Precisava sair de casa; alguma força com certeza havia sugado a maior parte do ar ali de dentro. O teto estava pressionando sua cabeça. E a casa não era mais dela. Rudolph e Patience chegariam em duas semanas. Deu a volta e correu para o andar de cima em busca do gorro, da capa e dos sapatos de sair; Tramp a seguiu com seu caminhar pesado.

O jardim também não tinha ar suficiente. Samantha avançou a passos largos pelo caminho lateral sem hesitar, cruzou o portão e seguiu pela estrada até ver uma carroça sacolejando sob uma grande carga de feno e vindo em sua direção. Desviou para um campo e seguiu para um prado – exatamente aquele em que havia conhecido sir Benedict Harper, havia muito tempo.

Robland Park ainda estava a uma boa distância, mas Samantha de repente soube que era seu destino, havia sido desde o começo daquela caminhada. Ninguém poderia ajudá-la, mas ela precisava da companhia de uma amiga, e lady Gramley era o que tinha de mais próximo de uma amiga em muitos anos.

Seguiu em frente, Tramp saltitando no seu encalço e ocasionalmente disparando atrás de alguma criatura selvagem mais rápida que ele e, portanto, nada tímida em mostrar a cabeça. Ele nunca aprendera essa lição, pobre e tolo cão.

O que seria dele? Com certeza não permitiriam que fosse com ela para Leyland Abbey.

Ah, morreria se o arrancassem dela. Com certeza morreria.



Samantha não foi a única pessoa da vizinhança a receber uma carta importante naquela manhã. Ben e Beatrice também haviam recebido. As cartas estavam ao lado de seus pratos quando se sentaram para o café da manhã.

A carta de Beatrice era da parte da irmã do marido, quinze anos mais nova que ele. Caroline, lady Vere, estava prestes a dar à luz o primeiro filho e aguardava impaciente a chegada da sogra para ajudá-la durante a provação do confinamento, mas a senhora caíra de cama por causa de um distúrbio dos nervos não identificado, e Caroline implorava a Beatrice, em linhas estreitas e no que parecia quase uma histeria, que *por favor* fosse em seu lugar, já que Vere quase caía em depressão toda vez que lembrava que estaria com um recém-nascido sem ter ninguém a quem recorrer além de sua velha ama rabugenta cujas mãos tremiam devido a algum tipo de paralisia.

– Eu esperava passar pelo menos mais uma semana ou duas aqui antes de ir para Londres – disse Beatrice a Ben, com um suspiro, depois de lhe relatar o conteúdo da carta. – Ao que parece, agora devo partir para Berkshire imediatamente; hoje, se possível. Eu chegaria lá depois de amanhã, se não houver atrasos inesperados. Não deixaria a pobre Caroline no terror de ficar sozinha com aquele arremedo de marido e uma ama que sempre a aterrorizou. Os homens são sempre inúteis em tais circunstâncias, sabe, especialmente o pai da criança, que sempre alimenta a ilusão de que é *ele* o grande sofredor no maior momento da crise.

– Então você deve ir – disse Ben, rindo.

– Mas e você? – perguntou Bea com a testa franzida. – Não posso esperar que deixe Robland de uma hora para outra quando o convidei especificamente para me fazer companhia. Você pode ficar sozinho, é claro, mas não me parece nada hospitaleiro de minha parte abandoná-lo.

– Não ficarei ofendido, já que a necessidade de lady Vere parece maior que a minha. Ficarei perfeitamente bem aqui sozinho, Bea. E partirei em uma semana no máximo.

– Para Kenelston? – perguntou ela, esperançosa.

– Ainda não. Provavelmente para a Escócia. Nunca fui lá, você sabe. É famosa pela beleza, assim como a Irlanda, Gales e várias partes da Inglaterra. Talvez, quando meu adorável público implorar por mais livros, eu até me aventure no exterior.

– E nunca fixe residência, suponho – disse ela, ainda franzindo a testa. – Não lhe ocorreu, Benedict, que essa é toda a causa de sua inquietação?

– Não fixar residência? É uma conclusão um tanto óbvia – admitiu ele. – Se eu tivesse fixado residência, não estaria inquieto. Se estou inquieto, não posso fixar residência.

– Eu já deveria saber que é melhor não tentar discutir seus casos com você – disse ela, levantando-se depois de colocar o guardanapo no prato.

– Infelizmente, não tenho nenhum caso para discutir.

– Ah, esses duplos sentidos! Eu me pergunto quem inventou nossa língua. Seja quem for, não fez um trabalho brilhante.

– Talvez ele fosse ela.

Bea deu uma gargalhada ruidosa.

– Baseado na suposição de que as mulheres são por natureza confusas? Não posso ficar para argumentar. Preciso me apressar, se quiser sair o mais perto possível do meio-dia. A maior parte das minhas coisas pode ser enviada diretamente para Londres daqui a algumas semanas, é claro.

Ben releu sua carta depois que Bea saiu da sala. Era de Hugo Emes, lorde Trentham, um dos Sobreviventes. Hugo se casaria com lady Muir. Ben ficou genuinamente satisfeito com a notícia. Ele havia se perguntado se Hugo iria atrás dela ao deixar Penderris.

Lady Muir torcera o tornozelo na praia quando estavam na Cornualha, e Hugo a encontrara e a carregara até em casa, como o gigante musculoso que era, resmungando por todo o caminho, Ben não tinha dúvida. Hugo tinha se apaixonado completamente por lady Muir, e ela por ele, se é que Ben entendia alguma coisa de sensibilidade feminina. Mas Hugo se contivera porque, embora com um título e imensamente rico, havia nascido na classe média, enquanto ela era irmã do conde de Kilbourne e viúva de um visconde. E assim ele a deixou ir sem insistir, o idiota, quando o irmão veio buscá-la dias depois.

Obviamente, porém, ele *tinha* ido atrás dela. Iriam se casar na igreja St. George de Hanover Square, em Londres.

A carta era um convite para a cerimônia, embora Hugo não tivesse grandes expectativas de que Ben comparecesse. Ele escrevera:

Eu não tinha o endereço de lady Gramley, nem de ninguém. Escrevi para Kenelston para obtê-lo, mas, quando a resposta de seu irmão chegou, já havia se passado muito tempo, e parece impossível que você possa vir, mesmo que se sentisse inclinado a atravessar metade do país só por causa de minhas núpcias. Mas Imogen está vindo da Cornualha, e Flavian, Ralph e George já estão aqui. Ainda não sei de Vincent.

Ben sentiu vontade de estar lá também, ainda que fosse em Londres. Seria o único dos Sobreviventes a não comparecer ao casamento de Hugo. E Hugo era o primeiro deles a se casar. Seria Ben o único que nunca se casaria? Eles gostavam de pensar que estavam curados e prontos para enfrentar o mundo de novo, mas na verdade eram uma turma muito avariada. Não que autopiedade fosse o pecado a que sucumbissem. Todos lutavam arduamente contra esse traço específico.

O casamento seria dali a uma semana. Ben chegaria a tempo se partisse sem demora. A tentação de revê-los quando haviam se separado não fazia muito tempo, sem ter que esperar até o ano seguinte para estarem juntos de novo, era quase irresistível. E estariam reunidos para um acontecimento feliz. Realmente feliz. Ben havia gostado muito de lady Muir e parecia que ela e Hugo eram perfeitos um para o outro, apesar das óbvias diferenças de status social e temperamento.

Por um momento sentiu uma pontada de inveja. Não era ciúme; não tinha se interessado por lady Muir. Era inveja de duas pessoas merecedoras que haviam se encontrado e se conectado pelo coração, pois sem dúvida era uma união por amor. E eles se casariam e construiriam juntos uma vida de paixão mútua.

Talvez fosse, decidiu Ben. Não naquele mesmo dia. Seria muita confusão ele e Beatrice se prepararem para uma partida de última hora. Ainda chegaria a tempo se partisse na manhã seguinte, embora isso o obrigasse a viajar em etapas mais longas do que considerava confortável.

Não precisaria ficar na cidade por muito tempo, apenas o suficiente para o casamento e uma visita aos amigos. E de lá poderia partir para a Escócia, fazendo seu lento e sinuoso caminho de volta ao norte e anotando suas impressões ao avançar.

Seria absurdo imaginar que pudesse escrever? Provavelmente sim, mas podia ao menos tentar. Tinha que fazer *alguma coisa*.

Beatrice partiu um pouco antes da uma da tarde. Ben acenou para ela e sorriu ao ver a carruagem lotada, embora mais bagagem ainda seguisse em um transporte menor. Isso porque a maior parte de seus pertences seguiria para Londres.

Voltou para casa e subiu para o quarto ao lado do seu, onde fazia seus exercícios diários. Quando terminou, havia decidido que iria para Londres e surpreenderia Hugo aparecendo no último minuto para completar o grupo – se Vincent também fosse, claro.

Ben sabia que, em parte, era a procrastinação que o levava a Londres. Embora a ideia de partir em um tour pela Escócia o entusiasmasse em termos

abstratos, a perspectiva de ir sozinho e sem um destino específico era menos atraente. Talvez Ralph ou Flavian se animassem a acompanhá-lo. Ou até mesmo Vince. Poderia ser interessante incluir no livro as observações de um viajante cego.

Estava saindo do quarto depois de se lavar e trocar a roupa suada quando ouviu vozes no corredor do andar de baixo. O mordomo de Beatrice informava a alguém que sua senhoria não estava em casa.

– Ah – disse a outra pessoa. E, depois de uma pausa: – Quando ela volta?

Era voz de mulher. Da Sra. McKay. Ben se preparou para voltar para o quarto, onde o criado começava a fazer as malas. Nas últimas semanas, fora muito bem-sucedido em seu empenho para não encontrá-la e para evitar qualquer fofoca sobre ela na vizinhança, pois era isso que teria acontecido se continuasse a visitá-la.

– Ela foi embora, madame – explicou o mordomo –, só voltará no verão.

– Ah.

De algum modo, a Sra. McKay transmitiu um abismo de desânimo naquela única sílaba.

Ben hesitou, a mão na maçaneta da porta.

– Devo checar se sir Benedict está em casa, madame? – perguntou o mordomo.

Ben franziu a testa e balançou a cabeça.

– Ah, não sei – disse ela. – Não, talvez eu devesse...

Aquilo não fora planejado como uma visita social, algo na voz dela revelou a Ben. Havia aflição sob o tom sem ânimo.

– Quem é, Rogers? – perguntou ele, alto o suficiente para ser ouvido no andar de baixo, e foi até o vão da escada para que pudesse ver por si mesmo.

– É a Sra. McKay, senhor, que veio visitar lady Gramley – disse o mordomo. O cachorro estava com ela. Latiu uma vez e abanou o rabo para Ben. Por que aquele cão miserável gostava tanto dele, Ben não fazia ideia.

Seria porque ele nunca havia chutado seu queixo quando o animal se apoiava em sua bota?

Ela olhou para ele. O véu escuro tinha sido jogado para trás sobre a aba do chapéu, revelando um rosto muito pálido, mesmo levando em conta que o preto tende a esmaecer a cor da pele.

– Sinto muito – disse ela. – Não sabia que sua irmã tinha ido embora. Eu... eu não vou incomodá-lo. Sinto muito. Venha, Tramp.

– A senhora veio a pé até aqui? – perguntou Ben.

– Sim. Saímos para passear e, por impulso, decidi vir aqui.

– Certamente não vamos deixá-la partir sem beber alguma coisa – disse Ben, começando a lenta descida das escadas. – Não é, Rogers? Conduza a Sra. McKay à saleta, por favor, e leve uma bandeja de chá. E um pouco de conhaque.

– Eu... – Ela não terminou o que ia a dizer. – Obrigada. Vou só tomar uma xícara de chá e seguir meu caminho. Sinto muito pelo incômodo.

Ela estava perto da lareira apagada, tirando o chapéu, quando Ben entrou na sala. O cachorro se aproximou para cumprimentá-lo, abanando o rabo e sacudindo o traseiro. Ben encarou-o com desdém e coçou seu queixo.

– Sinto muito... – começou ela.

– Sim – disse ele, fechando a porta. – Já deixou isso perfeitamente claro, Sra.

McKay. O que aconteceu?

Ele ficou ressentido. Se ela tivesse deixado a visita para o dia seguinte, ele não estaria mais ali e não saberia de nada. Ela seria obrigada a lidar sozinha com o que a incomodava.

– Não aconteceu nada. – Ela sorriu, uma expressão desanimada que não se refletia no restante da face. – Não sabia que lady Gramley partiria para Londres tão cedo.

– Ela está a caminho de Berkshire, onde a irmã de Gramley pode dar à luz a qualquer momento. A sogra era quem deveria assisti-la, mas foi impedida por alguma doença. Beatrice saiu pouco após o meio-dia, logo depois de receber a carta da cunhada. Tenho certeza de que neste exato momento está sentada na carruagem, pensando em todas as pessoas daqui para quem deveria ter enviado um bilhete. O que houve?

Claramente havia algo. Ela estava se esforçando para parecer serena, mas a impressão era de que se despedaçaria a qualquer momento. E ainda estava de pé.

– Nada.

A porta se abriu atrás de Ben, e um criado deixou uma grande bandeja sobre a mesa. Ben inclinou-se e serviu um copo com um pouco de conhaque. Carregou-o pela sala até ela, apoiando-se em apenas uma das bengalas.

– Beba.

– O que é isso?

– Conhaque. Sente-se e beba. Creio que a caminhada a tenha gelado.

– Não percebi – disse ela, enquanto praticamente desabava no sofá.

– Beba.

Ela pegou o copo, deu um gole no conhaque e fez uma careta.

– Beba tudo de um gole só – instruiu

Ben. Ela virou o conhaque, tossiu e

engasgou.

– Ah, isso é repugnante.

– Preste atenção nos efeitos posteriores – falou ele.

Ela fechou os olhos brevemente. O rosto adquiriu um pouco de cor.

– Ele está me despejando de Bramble Hall e enviando o filho para morar lá – desabafou ela.

Ela não tinha sido muito clara, mas não era preciso muito esforço para entender o que dizia. Ben pegou o copo vazio da mão dela e o colocou na bandeja. Serviu uma xícara de chá e levou-a até ela.

Ele, presumidamente, era o conde de Heathmoor.

CAPÍTULO 10



Samantha pegou a xícara e o pires com mãos que controlava para manter firmes. Tramp estava sentado ao seu lado, atento, as orelhas em pé, olhos fixos nos dela. Ele sabia que havia alguma coisa errada, pobrezinho.

– Obrigada – disse ela.

Samantha estava terrivelmente transtornada por lady Gramley ter partido. Embora houvesse outras senhoras na vizinhança a quem supunha que pudesse expor sua aflição, nenhuma parecia uma amiga, exceto lady Gramley. Às vezes, conhecidos afetuosos não bastam. Embora *de que forma* lady Gramley poderia ajudá-la, ela não sabia.

– Heathmoor está tirando a senhora de casa sem qualquer provisão? – perguntou sir Benedict, sentando-se diante dela. – Está literalmente despejando a senhora?

– Não. Ele tem um senso de dever de família muito grande para isso. Tenho que ir para Leyland Abbey, em Kent. Enviou o cocheiro e os batedores com a carruagem que Matilda levou, e eles têm ordens de me escoltar. Devo partir depois de amanhã. Não sei se receberam instruções de me coagirem se eu não for voluntariamente ou tentar me demorar, mas não ficaria surpresa se for esse o caso. Meu sogro deixou muito claro, na carta que enviou, que me vê como uma desgraça para a família e que devo ser levada para um lugar onde ele possa me vigiar e impedir minha desobediência.

– E isso porque a senhora retribuiu a visita de Bea naquela tarde e concordou em cavalgar comigo e com ela dias depois?

Ele franziu o cenho como se não acreditasse no que ouvia.

– Isso não foi pouca coisa para Matilda. Não é pouca coisa para o pai de Matilda. Sabe Deus o que posso vir a fazer se for deixada por conta própria aqui.

Talvez me dê na telha andar por aí visitando doentes ou arrumando as flores no altar da igreja.

Ela tomou um gole do chá e descobriu, agradecida, que estava forte e doce.

– Talvez não seja exatamente isso – disse ele. – Talvez o aborrecimento de seu sogro venha de uma genuína preocupação de que a senhora fique muito solitária aqui sem a companhia da filha dele. Talvez imagine que ficará mais feliz cercada pela família de seu finado marido.

Ela tomou mais um gole de chá.

– Não acho. Mas lamento ter me tornado tamanho incômodo. Vim aqui, suponho, para desabafar com lady Gramley; com que propósito, não sei. Só não sabia mais o que fazer. Não *sei* o que fazer.

– Bem... a senhora não acredita que possa encontrar algum tipo de satisfação em Leyland? Mesmo que apenas temporariamente, até o ano de luto terminar?

– O senhor encontraria satisfação em uma prisão, sir Benedict? – retrucou Samantha. – Onde até sorrisos são interpretados como pecado e risadas são desconhecidas?

– E está fora de questão ir para a casa de seu meio-irmão?

– Sim – respondeu ela.

John talvez não recusasse prontamente sua admissão no vicariato se ela aparecesse à porta dele, mas com certeza deixaria claro que ela não era bem-vinda e que não poderia ficar mais do que algumas noites.

– Perdoe minha impertinência – disse sir Benedict –, mas a senhora tem alguma renda? Não pode se estabelecer por conta própria em algum lugar?

Ela o encarou de forma inexpressiva. O pai havia lhe deixado uma pequena herança, da qual Matthew tinha se apropriado. A pequena renda era suficiente para suas necessidades pessoais, já que ela nunca fora de gastar muito, mas o bastante para se estabelecer por conta própria? Não sabia e nunca se perguntara isso. Havia confiado que o pai de Matthew ficaria feliz em deixá-la em Bramble Hall. Ah, que tolíce a dela... Que tolíce! Deveria ter feito planos. Mas *quais*?

– Em nenhum lugar perto daqui, onde ao menos tenho alguns conhecidos e do qual me sinto parte – disse ela. – Rudolph e Patience chegarão a Bramble Hall em quinze dias. Eles tornariam minha vida muito difícil se eu permanecesse aqui e desafiasse os desejos expressos de meu sogro. E não tenho como retornar à vila onde cresci. Tinha alguns amigos lá, mas, no geral, não era bem aceita porque minha mãe também não era. Quanto a algum outro lugar, bem, não *conheço* algum outro lugar.

Ela engoliu em seco. De repente ficou muito assustada. O mundo parecia um lugar vasto e hostil. *O que* iria fazer?

– Começar uma nova vida nunca é fácil – disse ele. – Especialmente quando não há uma base óbvia de onde partir. Então, a senhora tem o resto do dia de hoje e amanhã para pensar em uma alternativa a Leyland Abbey.

– Não posso ir para lá. – Ela pousou a xícara e o pires e agarrou um braço do sofá. – Não irei. Embora talvez não tenha escolha, se estou certa em minhas impressões sobre esses criados que o conde enviou. São todos homens grandes e de aparência hostil. Seja como for, preciso sair de Bramble Hall. Eu esperava que fosse ser a minha casa para o resto da vida. Era o que meu marido esperava.

Samantha inclinou a cabeça para a frente em uma tentativa de se agarrar à consciência. Tramp ganiu. Ela ficaria sem casa. E sem amigos.

– Preciso, na verdade, agradecer – disse ela, passando a mão na cabeça do cachorro como se confortá-lo fosse confortar também a si mesma. – Afinal de contas, não sou miserável. Há milhares e milhares de pessoas que neste exato momento não têm um lar nem recursos. Ah, que desespero! Como elas aguentam, sir Benedict? Não posso me desesperar. Seria um pecado de minha parte. Não sou miserável. Deve haver algum lugar onde eu possa morar, alguma casinha de campo pela qual eu possa pagar.

Ela franziu a testa e pensou por um instante, mas se distraiu quando percebeu que Ben havia se levantado e se sentado ao lado dela depois de apoiar as bengalas no outro braço do sofá. Ele colocou a mão direita dela entre as dele enquanto Tramp se estirava aos pés dos dois. As mãos dele estavam agradavelmente quentes.

– Sei como é se sentir sem lar, mesmo que não saiba o que é *realmente* ficar sem um teto – disse ele. – É um sentimento terrivelmente sombrio e solitário. Mas, como disse, a senhora não é miserável.

Samantha olhou para o rosto dele, as feições finas e as maçãs do rosto um pouco encovadas. Era um rosto estranhamente atraente; não bonito, apesar de os olhos serem muito azuis. Ele a beijara quase um mês antes e depois se retirara de sua vida, embora Samantha estivesse convencida de que fora ele quem havia pedido que a irmã fizesse amizade com ela e a envolvesse em atividades da vizinhança e da igreja.

– A senhora tem outros parentes além do seu meio-irmão?

– Algumas tias, tios e primos. Ninguém de quem eu já tenha sido próxima. Todos nutriam a mesma raiva que meu meio-irmão tinha por meu pai ter se casado com uma atriz de origem duvidosa com metade da idade dele.

– E não há mais ninguém?

Havia a ilusão de conforto nas mãos que seguravam a dela.

– Havia amigos, outras esposas, durante o primeiro ano do meu casamento. Mas não fiquei por tempo suficiente para cultivar amizades verdadeiras antes que o regimento fosse para a Península e eu, enviada para Leyland em vez de ir com eles. Não tenho ninguém.

Aquilo não parecia nada bom. Depois de 24 anos de vida, não tinha ninguém a quem pedir ajuda.

Ben ergueu a mão de Samantha e ela sentiu o calor dos lábios e da respiração dele nas costas da mão por alguns instantes.

– Mas já tomei o suficiente do seu tempo, sir Benedict. Deve estar desejando me ver pelas costas, embora tenha sido muito gentil. Isso não é da sua conta, e quanto mais falo, mais patética pareço.

Ela falou abruptamente e ao mesmo tempo tentou soltar a mão. Mas ele a segurou com firmeza.

– Acho que seria melhor se casar comigo, Sra.

McKay. Ela puxou a mão e se pôs de pé.

– Ah, não! – gritou ela, em grande assombro. – Não, não, não. Ah, que bondade a sua. E que terrivelmente embaraçoso. Eu não estava de forma alguma insinuando isso, o senhor sabe.

Ela cobriu o rosto com as mãos. Como suspeitava, estava quente de vergonha.

– Estou perfeitamente ciente disso. Mas o casamento resolveria o seu problema, a senhora sabe. E talvez também resolvesse o meu.

– O senhor *tem* um problema? Ela o olhou de testa franzida.

– Uma incapacidade de ser firme o suficiente para tirar meu irmão mais novo e a família da minha casa, que foi usurpada – disse ele, com um sorriso ligeiramente torto –, e uma impossibilidade de morar lá com eles. Uma inquietude e desânimo ao perceber que nunca mais serei o homem de ação que costumava ser. Uma impossibilidade de voltar a ver sentido na vida e vivê-la. Beatrice diz que tudo é explicado pelo fato de eu não ter uma esposa.

– Mas não pode resolver um problema, não para nenhum de nós dois, criando um novo.

– Nosso casamento seria um problema?

– Claro que sim. – Ela esticou os dedos e em seguida cerrou os punhos, os braços esticados ao lado do corpo. Estavam formigando. – Seria muito impróprio

eu me casar apenas cinco meses após a morte do meu marido. Além disso, não *desejo* me casar de novo. Não agora, pelo menos. Os grilhões do meu primeiro casamento foram muito apertados, e quero ficar livre. E, se e quando me casar, quero que seja com um homem que... que não tenha relação com as guerras. Perdoe-me, mas estou cansada das guerras e do que elas fizeram com tantas pessoas. Quanto ao senhor, não foi nada além de pura cortesia a ideia de se casar comigo. O senhor mesmo admitiu que ainda não está pronto para se relacionar, sir Benedict, muito menos assumir o fardo de outra pessoa. O senhor não está pronto para os laços do casamento. Não comigo, certamente, que estou tão inquieta e necessitada quanto o senhor. Nós nos arrastaríamos para um buraco de depressão sem fim, se nos casássemos.

– Mesmo? – Ele ainda exibia aquele sorriso torto. – Considero-a muito atraente, a senhora sabe. E, para que não pense que não é um bom motivo para um casamento, eu acrescentaria que a senhora é a *primeira* mulher por quem fiquei atraído em seis anos.

– Eu também acho o senhor... bem-apeçoado – admitiu ela. Meu bom Deus, como poderia negar? Houve aquele beijo, não houve? – Mas atração não é tudo, não é sequer muita coisa. Sentia-me atraída por Matthew... Ah, sir Benedict, se estamos apenas atraídos um pelo outro, então devemos ir para a cama e ter nossa cota de prazer. Não devemos nos *casar*.

O sorriso dele desapareceu e o rosto ficou vermelho. Ah, céus, ela tinha acabado de dizer o que ele sabia que ela tinha dito?

– Um caso? Isso não resolveria seu problema, madame. A menos que, bem, que a senhora esteja sugerindo que eu a instale em algum lugar como minha amante.

Ela duvidou que já tivesse se sentido mais constrangida na vida. Olhou para ele e... riu. E ele olhou para ela e também riu.

– Com uma carruagem só minha e quatro cavalos brancos para puxá-la? – perguntou ela. – E diamantes tão grandes quanto ovos de pássaros para minhas orelhas e meu peito, e uma cama drapejada de cetim escarlate, com dossel e cortinas de veludo escarlate? Com tais incentivos, talvez conseguisse me convencer.

– Acho que os quatro cavalos brancos seriam um pouco de mau gosto. Incrivelmente, os dois riram de novo, uma risada genuína.

Então o pensamento que a incomodava havia alguns minutos voltou-lhe à mente.

... *alguma casinha de campo pela qual eu possa pagar.*

Ela se virou de forma brusca para a lareira e ficou ali com as mãos na cornija, o olhar perdido na lenha apagada.

– Só um momento – pediu, erguendo a mão. Havia um chalezinho.

Talvez houvesse.

Sua mãe havia crescido com uma tia paterna no sudoeste de Gales antes de fugir, aos 17 anos, para se tornar atriz em Londres. Pouco antes de morrer, quando Samantha tinha 12 anos, a mãe recebera a notícia de que aquela tia havia morrido e que o chalé na costa galesa fora deixado para ela, após a morte da mãe. Ela nem havia se dado conta disso até o meio-irmão enviar-lhe, após a morte do pai deles, uma carta do procurador em Gales que administrava o imóvel. O Sr. Rhys escrevera para informar Samantha de que as pessoas que alugavam o chalé havia muitos anos tinham ido embora e que ele cuidaria da manutenção, usando o dinheiro do aluguel acumulado até receber instruções para alugar de novo ou vender. John, por sua vez, informara Samantha de que ele mesmo se incumbiria de responder ao procurador, dando instruções de que procedesse como julgasse adequado.

Na época, Matthew havia sido trazido da Península, e eles haviam acabado de se mudar para Bramble Hall. O marido chegara gravemente enfermo, e Samantha não estava acostumada a cuidar dele. Por isso, deixara a carta de lado, assim como qualquer irritação que pudesse ter sentido pela interferência de John em seus negócios. Além do mais, não parecia nada importante. Samantha nunca escrevera para o Sr. Rhys, como poderia e provavelmente deveria ter feito.

Quando soube da herança, a mãe de Samantha descreveu o chalé com total desprezo, como um “casebre caindo aos pedaços” que era melhor deixar virar pó. Essa história já tinha muito tempo, talvez catorze anos, e as lembranças da mãe eram de anos antes. A essa altura, a casa poderia ter se deteriorado completamente, ainda mais sem locatários para cuidar dela. Além disso, ficava nos confins do mundo. Gales! No oeste de Gales, para ser exata. Não era nem perto da fronteira com a Inglaterra. Samantha nunca estivera naquelas partes. Não conhecia ninguém na região. Até onde sabia, não havia ninguém para conhecer. Ninguém ligado a ela, pelo menos.

Mas era uma casa. Talvez. *Se* ainda existisse. Existia de alguma forma uns cinco anos antes, do contrário o procurador não teria escrito que iria vendê-la ou alugá-la de novo, se ela quisesse.

Samantha precisava desesperadamente de uma casa – e já possuía uma. *Se* ainda estivesse de pé. E *se* fosse habitável.

De repente, a localização remota tornou-se o principal atrativo do imóvel. Ficava bem distante de Leyland Abbey.

Sir Benedict Harper ainda estava sentado no sofá quando ela se virou. Olhava para ela em silêncio. Céus, ele tinha acabado de se oferecer para se casar com ela. Como era nobre, como era diferente do que ela havia pensado na primeira vez em que se viram.

– Sei para onde ir – anunciou ela. – Pelo menos por enquanto. Talvez para sempre.

Para sempre? O estômago dele se revirou. Ele ergueu as sobrancelhas.

– Sou dona de um chalé – prosseguiu Samantha. – Foi a casa em que minha mãe cresceu, e minha tia-avó a deixou para ela. Acredito que já naquele tempo fosse muito velha e dilapidada. É provável que esteja bem pior agora, mas não recebi notícias de que tenha desabado ou sido demolida. Agora é minha, e é para lá que vou. Até mesmo uma ruína desmoronando seria preferível a Leyland.

– Em Gales?

– Sim. Na costa sudoeste.

– E a senhora pretende ir para lá *sozinha*? – Ele franziu a testa. – Precisarás pensar no assunto com cuidado, Sra. McKay. É um longo caminho a ser percorrido, através de terras selvagens, desabitadas e possivelmente perigosas. E quem sabe o que encontrará no final de tudo? Talvez o chalé esteja realmente inabitável.

– Nesse caso, acharei uma casa que não esteja e a alugarei. Pelo menos estarei em uma parte do mundo em que metade da minha herança está. E certamente ninguém vai me encontrar lá. Ninguém vai me incomodar. Poderei voltar a viver.

– E dançar?

Mas ele ainda estava franzindo a testa.

– Na praia, se houver uma, como acredito que haja. No fim do mundo, com todo o poder selvagem do oceano me assistindo.

– E pretende viajar *sozinha* e morar lá *sozinha*. – Ele se levantou lentamente, e Tramp sentou-se e observou, sempre esperançoso. – Seria uma loucura. A ideia pode parecer atraente para a senhora, e posso entender por quê. Posso até aplaudir sua coragem. Mas considere a realidade de deixar Bramble Hall para trás e viajar *sozinha* e desacompanhada para um local tão desconhecido e distante.

Samantha considerou – por alguns instantes. Estava assustada, mas audaz. A alternativa era muito pior.

– Então o senhor tem que ir comigo.



Ben não teria sentido tanta falta de ar se tivesse levado um soco no estômago.

Então o senhor tem que ir comigo.

Ficaram se encarando, a um metro de distância. A cor havia tomado o rosto dela, enquanto Ben temia que houvesse desaparecido do dele.

– Impossível – disse ele. – Quem seria seu acompanhante?

– O senhor.

– Mas não sou seu pai, nem seu irmão, nem seu marido, nem seu prometido.

Nem mulher.

– E daí?

Ela arqueou as sobrancelhas.

– Sua reputação ficaria em frangalhos.

Os lábios dela curvaram-se em um meio sorriso.

– E daí?

Ah, Senhor! Ele resolveu abordar o problema de um ângulo diferente:

– É pouco provável que eu seja o homem ideal para defendê-la em caso de perigo. – Ben olhou deliberadamente para as bengalas. – Isto é, a menos que fôssemos atacados por um assaltante gentil, que chegasse perto o suficiente para levar uma bengalada.

– Vamos levar uma pistola carregada – disse ela, ainda com aquele meio sorriso nos lábios e a cor intensa no rosto –, assim o senhor vai poder atirar nele de longe. E sentado.

– Na testa, suponho.

– Onde mais?

Ben se deu conta de que ela estava de fato se divertindo, de que a súbita percepção de que havia uma solução para seu dilema na forma de um chalé dilapidado já durante a infância da mãe a deixara tonta de alívio.

– Sra. McKay, *pondere*.

– Por quê? Há sete anos não faço absolutamente nada além do que é certo, sir Benedict. E para quê? Casei-me na expectativa de ser feliz para sempre e permaneci decentemente casada mesmo depois da decepção e do desgosto que vieram logo após a cerimônia. Passei um ano em Leyland Abbey me esforçando

ao máximo para ser o tipo de dama respeitável que meu sogro insistia que eu fosse, embora ele não gostasse de mim e me desprezasse. Passei cinco anos longos e exaustivos aqui, cuidando de um inválido exigente e rabugento porque era meu marido e porque no dia do meu casamento prometi amá-lo e obedecê-lo na saúde e na doença. Segui todas as exigências do meu período de luto, e mesmo assim não satisfiz minha cunhada nem o conde de Heathmoor. Fui obrigada a encarar a perspectiva de mais anos em Leyland, enquanto o que resta de minha juventude se transforma em meia-idade e depois em velhice e morte. *Aonde* ponderar me levou até agora? Talvez esteja na hora de eu fazer algo imponderado e impulsivo. Talvez esteja na hora de eu assumir as rédeas de minha vida e, finalmente, vivê-la.

Os olhos dela brilhavam, e havia paixão em cada linha de seu corpo. Quem era ele para dizer que ela estava errada? E talvez não estivesse.

– Tenho um dia para tomar uma decisão que afetará o resto da minha vida, seja ela qual for – prosseguiu. – Tenho um dia para fugir ou me curvar ao que parece ser meu destino inevitável. Não sei aonde a fuga me levará. Por outro lado, sei *muito bem* no que dará me curvar ao destino. Seria uma tola se não me arriscasse a fugir. Talvez fosse para ser assim, sir Benedict. Por que mais eu teria herdado esse chalé? Pareceu-me tão inútil quando soube que era meu que mal pensei nele. No entanto, agora é de importância crucial para o meu futuro. O senhor acredita que às vezes a vida nos indica um caminho, mesmo que não nos force a segui-lo? Estou indo para onde a vida me indicou. Peço perdão por tentar envolvê-lo. Claro que não desejará me acompanhar. Por que desejaria? Não me deve nada. Foi mais do que gentil só de me ouvir, e essa gentileza me levou a pensar em uma solução sozinha. Eu vou.

Ah, meu Deus. Ela parecia uma espécie de anjo vingador. Não existia *possibilidade* de ela ir sozinha na vaga direção de Gales. Por que diabo não tinha voltado para o quarto no momento em que ouvira aquela voz? Ela teria se lembrado do chalé sem a ajuda dele quando se acalmasse. Como chegaria lá, não seria da conta dele. Como não era agora.

Talvez fosse para ser assim, sir Benedict.

O senhor acredita que às vezes a vida nos indica um caminho...

Deus, Deus, Deus. Por que não havia partido para o casamento de Hugo em Londres na mesma hora em que Beatrice partira para Berkshire?

– Mesmo que eu a acompanhasse em sua jornada, o que a senhora faria depois, sem nenhum criado, exceto talvez uma empregada, e sem amigos nem

companhia? E se a casa precisar de muito trabalho para se tornar habitável, supondo que esteja de pé?

Ela encontraria outro lugar para alugar naquela parte do país em que estava metade de sua herança. Ela já dissera isso.

– Suponho que seja possível contratar criados por lá. E posso fazer amigos. Não tenho medo de ficar sozinha. Fiquei sozinha por sete anos e sobrevivi. O senhor está pensando em me acompanhar, então?

As pernas dele doíam por estarem há muito tempo na mesma posição.

– Como posso permitir que vá sozinha?

As sobancelhas dela se arquearam abruptamente.

– O senhor não tem poder para *permitir* nada, sir Benedict. Ou para me impedir de nada. Não é meu marido.

– Graças a Deus – disse ele, de forma indelicada.

O queixo de Samantha se ergueu um pouco, mas ela relaxou e o baixou novamente.

– Que injusto de minha parte. Apareço sem ser convidada, despejo todas as minhas aflições em cima do senhor e agora ainda me ofendo por sua preocupação com minha segurança. É bondade sua se preocupar. Mas não é problema seu, o senhor sabe. Não sou problema seu. É melhor eu voltar para casa. Obrigada por me receber. Eu sei que não desejava fazer isso. O senhor tem me evitado, e não o culpo.

– Foi para o seu próprio bem – disse ele, exasperado. – Quanto tempo teria demorado para que toda a vizinhança comesse a fofocar se nos tornássemos amigos, Sra. McKay, e continuássemos nos visitando sem nenhum acompanhante?

– Não muito. Falei que não o culpo. E estou ciente de que foi o senhor quem sugeriu a lady Gramley que levasse a esposa do vigário à minha casa para que eu me envolvesse em atividades paroquiais e comunitárias. Sou grata ao senhor por isso.

Ele não estava ouvindo. Pensava sobre viajar o dia inteiro com ela por uma semana ou mais no espaço confinado de uma carruagem. Fazer todas as refeições com ela. Ficar todas as noites na mesma hospedaria. E sentiu uma mágoa irracional, por ela não lhe ter pedido isso depois da primeira sugestão impulsiva de ir com ela.

Meu bom Deus, a reputação dela ficaria estraçalhada, e isso na melhor das hipóteses.

– A senhora me força a ter péssimos modos. Estou recebendo-a na casa da minha irmã, mas temo ter de me sentar enquanto está de pé.

– Eu deveria ter notado o seu desconforto – disse ela, sentando-se no sofá enquanto Ben voltava para a cadeira. – Sinto muito. Não lhe causei nada além de desconforto desde o instante em que cheguei. Vou embora, e o senhor deve esquecer que estive aqui. Está indo para a Escócia, não é? Ouvi dizer que é um lugar adorável.

Ela se levantou de novo, e Tramp assumiu sua posição ao lado da dona, o rabo balançando com esperança.

Ben lançou um olhar irritado para ela.

– Acho que fui um amigo próximo do capitão Matthew McKay. E prometi a ele no leito de morte que escoltaria sua viúva até Gales, onde ele desejava que ela fixasse residência no chalé que herdou antes do casamento. Creio que devo usar todas as minhas credenciais e ser conhecido como major sir Benedict Harper.

Ela o encarou com olhos insondáveis.

– É uma forma de não destruir totalmente a sua reputação – explicou ele.

– O senhor me acompanhará? Ela quase sussurrou as palavras.

– É melhor pegarmos a minha carruagem. Mas precisamos decidir como vamos tirar a senhora de Bramble Hall amanhã sem muito alvoroço entre os criados, especialmente entre aqueles fortões estranhos.

O cão deitou-se e começou a lamber as patas. Pressentiu mais demora. As mãos da Sra. McKay estavam tão apertadas na cintura que Ben via o branco do nó dos dedos. Mas então seus olhos se iluminaram e até cintilaram.

– Com grande discrição – disse ela.

CAPÍTULO 11



A camareira de longa data de Samantha a deixara depois da morte de Matthew, quando se casou com o valete dele. A substituta era a jovem filha da cozinheira, uma garota alegre muito querida pelos outros criados. Samantha também gostava dela, mas não se atrevia a confiar na moça ou sugerir levá-la. Todos na casa saberiam da viagem em questão de minutos.

É claro que ninguém poderia impedi-la de partir, dizia Samantha a si mesma. Não era uma prisioneira na própria casa. Aqueles criados de Leyland não poderiam forçá-la a entrar na carruagem e levá-la a Kent contra a sua vontade. No entanto, por mais que tentasse se convencer, não estava segura de que aqueles homens não fariam exatamente isso.

Os outros criados da casa também eram, tecnicamente, do conde. Era ele que pagava seus salários. Seria melhor, decidiu Samantha, que ninguém soubesse que ela partiria, para onde iria nem com quem – especialmente com quem. Não fazia sentido expor-se a um escândalo desnecessário. A história de sir Benedict ter sido amigo íntimo de Matthew não funcionaria ali.

Ela teve que esperar a camareira deixar seu quarto para poder começar a fazer as malas. A menina tola estava perturbada com tantos criados do sexo masculino e sentiu necessidade de discutir longamente os méritos relativos de cada um com a Sra. McKay e a dar a opinião sobre quem era o mais bonito, quem tinha o físico mais viril e quem lhe fizera o elogio mais escandaloso, mesmo que não fosse o mais bonito ou o mais forte.

Samantha tinha a impressão de que a garota nunca iria embora. Já era quase meia-noite quando conseguiu começar a arrumar uma valise grande e outra menor. Mas não houve maiores problemas de espaço. Era incrível do que estava preparada para abrir mão sem qualquer aflição. Deixaria todas as roupas de luto, exceto a que usaria para o primeiro estágio da jornada. Havia sido uma esposa

obediente enquanto Matthew vivera. Mantivera o luto por cinco meses. Não tinha por que se censurar.

Combinara com sir Benedict Harper que ele mandaria seu criado com uma charrete às cinco da manhã. O homem entraria na casa pela porta lateral, que Samantha deixaria destrancada, e carregaria as malas para a charrete. Ela o acompanharia de volta a Robland Park, onde sir Benedict e sua carruagem de viagem estariam à espera.

Parecia um esquema clandestino demais para ser bem-sucedido, especialmente porque havia um cão grande, às vezes incontrolável, que seria levado às escondidas junto com Samantha e seus pertences, pois é claro que Tramp não seria deixado à mercê de Rudolph e Patience. Além do mais, Samantha não o abandonaria do mesmo modo que não abandonaria um filho, acaso tivesse um. Tramp era família.

Contudo, o plano foi executado sem contratempos. Às cinco e dez, Samantha esperava um Tramp ansioso e ofegante terminar o que tinha para fazer na beira da estrada antes de colocá-lo na charrete com a bagagem, e então se sentou ao lado do homem grande e calado que apenas se apresentou como Quinn, criado de sir Benedict. Às quinze para as seis já estava no pátio do estábulo em Robland Park, sendo conduzida para o interior de uma opulenta carruagem de viagem. A casa ainda estava na escuridão.

Tramp subiu atrás dela e se acomodou no banco oposto. Ocupou todo o espaço como se fosse seu por direito.

O Sr. Quinn e o cocheiro colocaram as malas na carruagem quase em silêncio. Não havia cavaliços à vista. Depois de alguns minutos, a porta da carruagem se abriu de novo para revelar sir Benedict. Ele olhou para o interior.

– A senhora não trouxe sua camareira? – perguntou ele.

– Não sei se ela teria vindo – respondeu Samantha. – E tenho *certeza* de que teria contado aos outros criados, mesmo que eu a fizesse jurar segredo.

– Isso é estranho – disse ele.

Depois de alguns instantes, entrou lentamente mas com a habilidade decorrente da prática, e tomou o assento ao lado dela.

De repente, o interior da carruagem pareceu ter metade do tamanho anterior. *Isso* parecia muito estranho. Talvez ela devesse ter escapado sozinha e viajado de diligência ou até de pós-chaise.

– Bom dia, senhor – disse ela em tom alegre.

– Bom dia, Sra. McKay. Presumo que Quinn não tenha precisado lutar com todos aqueles criados grandalhões a fim de removê-la em segurança de Bramble

Hall. Aqui há alguns empregados acordando, mas nenhum expressou qualquer consternação ao descobrir que pretendo partir em viagem tão cedo e sem esperar pelo café da manhã. Não acredito que a tenham visto. Vamos interromper o jejum quando pararmos para a primeira troca de cavalos. Tudo bem para a senhora? Sim, bom dia para você também, cachorro miserável. Não precisa sovar o enchimento de meus estofados com esse seu rabo sacolejante. Estou vendo você perfeitamente. E percebo que requisitou um assento inteiro para seu uso pessoal. Se sua dona tivesse trazido a camareira, ela teria de sentar com meu valete e o cocheiro.

Ele soava deliberada e artificialmente alegre, assim como ela fizera ao dar bom-dia. Na véspera, ele parecera um amigo de confiança. Nessa manhã parecia um estranho, o que de fato era.

A empolgação com que Samantha havia concebido toda a grande fuga no dia anterior havia se convertido em forte ansiedade na última noite. Fora impossível dormir, exceto a intervalos intermitentes acompanhados de sonhos estranhos. Naquela manhã, ela havia sido consumida pelo terror, como se realmente fosse uma condenada, prestes a empreender uma fuga ousada debaixo do nariz de uma dúzia de carcereiros ferozes. E agora, sentada na carruagem com um único cavalheiro como companhia, sentia-se constrangida e incapaz de falar.

Meu Deus, ficariam a sós por tantos dias quanto fossem necessários para chegar à costa sudoeste de Gales e seu chalé. E o mesmo número de noites. E ele havia esperado que a camareira dela estivesse presente para trazer algum tipo de respeitabilidade à situação. Seu criado pessoal estava com ele, claro.

Samantha se sentia fisicamente mal.

– Não estou com fome, sir Benedict – assegurou-lhe ela, com as mãos cruzadas no colo, as costas eretas, sem encostar-se às almofadas atrás. Como se uma postura e um comportamento estritamente dignos de uma dama pudessem, de forma milagrosa, tornar tudo aquilo respeitável.

O cocheiro ergueu os degraus e fechou a porta com um estalo decisivo e ocupou seu lugar enquanto o Sr. Quinn subia pelo outro lado, e em poucos instantes a carruagem pôs-se em movimento aos solavancos.

Foi um dos momentos de maior pânico na vida de Samantha. Teve que morder o lábio inferior para impedir-se de gritar pedindo que o cocheiro parasse. Sir Benedict olhava fixamente para fora. Até então, Samantha nunca havia prestado especial atenção no quanto os assentos de carruagem eram estreitos. Seus ombros quase se tocavam. Os rostos estavam próximos demais para ser
para ser

confortável. E o mundo havia se iluminado desde que saíra de Bramble Hall. Não havia escuridão na qual se esconder.

– A senhora está repensando sua decisão? Não é tarde demais para dar meia- volta. Suponho que poderíamos levá-la de volta a Bramble Hall sem que os criados suspeitassem de algo mais alarmante do que um passeio matinal com o cachorro. Deseja voltar?

A sugestão a fez recobrar os sentidos.

– De forma alguma – assegurou-lhe. – Não voltaria por nada. Estou indo para o único lugar aonde *posso* ir para ser livre. Vou *viver*, não apenas existir ao bel-prazer do meu sogro. Se o senhor mudou de ideia sobre me acompanhar, é claro que...

– Não mudei.

– Sinto-me culpada. O senhor estava indo para a Escócia.

– Eu ia *viajar*. E é isso que estou fazendo. Não podia permitir e não permitiria que a senhora percorresse sozinha o trajeto até Gales.

– Está fazendo de novo. Permitir, não permitir. Fico muito feliz por não sermos casados. Suspeito que seria um tirano.

– Espero saber como proteger minha esposa, madame – disse ele em tom severo. – Mesmo que às vezes contra sua vontade. E a senhora não poderia estar mais feliz do que eu com nosso estado marital, ou a falta dele.

Ela franziu os lábios.

– Se vamos bater boca durante todo o caminho até Gales, será uma jornada interessante – acrescentou ele. – Especialmente porque ainda não estamos a mais de 2 ou 3 quilômetros de Robland.

– Talvez não haja bate-boca se não conversarmos – retrucou ela.

E se virou para olhar a paisagem em movimento. Pelo silêncio de sir Benedict, Samantha supôs que estivesse fazendo o mesmo na janela do outro lado.

Talvez tenha se passado apenas meia hora, embora parecesse mais. Era cada vez mais difícil manter a postura, evitar que o queixo caísse, evitar que os olhos se fechassem. Samantha invejou Tramp, esparramado, num sono pesado, roncando. E então teve um lapso na concentração, e deu um bocejo enorme e audível, e se sentiu instantaneamente envergonhada.

– Imagino que não tenha dormido nem um minuto essa noite – disse Ben.

– Talvez um minuto. Ou dois. Estava com muita coisa na cabeça, sir Benedict. Não é todo dia que se inicia uma grande aventura transformadora. Não quando se é mulher, pelo menos.

– E nem todo homem sai todo dia por aí furtivamente com a viúva de outro sem antes trocar uma palavra com a família e os amigos – disse ele secamente. – Por que não tira o chapéu e apoia a cabeça no encosto? E as costas também. Quando entrei na carruagem, a senhora estava tão empertigada e formal que por um momento pensei que havia enviado sua cunhada em seu lugar. Os cavalos ainda estão descansados, só será necessário pararmos depois de uma distância razoável. Seu cão não perdeu tempo em recuperar o sono da beleza.

– Só não pronuncie nenhuma palavra que comece com “p”, especialmente se depois vierem as letras a-s-s-e-a-r – disse ela. – O senhor logo descobriria o quão profundamente adormecido ele está.

Samantha aceitou o conselho – parecia não ter escolha, já que estava cada vez mais difícil permanecer acordada. Soltoou o laço de fita sob o queixo e tirou o chapéu, segurando-o no colo. Reclinou-se com um suspiro de alívio. Fecharia os olhos por alguns minutos.

Ela ficou mais consciente da presença de sir Benedict ao fechar os olhos. Sentia o calor do corpo dele, embora não estivessem se tocando. Sentia o cheiro de algo distintamente masculino – couro, sabão de barbear, algo assim. Era difícil distinguir aromas individuais, mas todos se somavam para compor algo deveras sedutor e totalmente proibido.

Ele a beijara uma vez. As línguas dos dois se tocaram, e tinha sido de fato muito agradável.

Isso era suavizar um pouco a realidade – *de fato muito agradável*. Samantha se perguntou se ele ainda se lembrava. Já fazia quase um mês. Mas ela duvidava que tivesse esquecido, porque ele estava há tanto tempo quanto ela sem beijos ou algo mais.

E ela não deveria pensar nesse tipo de coisa agora. Especialmente no *algo mais*.

Buscou refúgio em outras divagações. Talvez devesse ter deixado algum bilhete para o sogro em vez de escapulir como uma criança arteira que espera ser perseguida. Será que seria perseguida? Mas ninguém sabia para onde estava indo nem como estava viajando. Talvez devesse ter escrito para John, só para dizer que estava a salvo e que daria mais detalhes assim que possível. Embora por que motivo, não sabia. John nunca lhe escrevia. Provavelmente não se importaria nem se ela fosse viver no Polo Norte. Talvez devesse ter deixado um bilhete para a Sra. Andrews explicando por que tivera de se retirar tão cedo de seus comitês e por que não poderia mais fazer visitas aos doentes. Talvez...

Naquele instante, Samantha perdeu a batalha contra o sono. Seus pensamentos foram para longe, e a cabeça aos poucos caiu para o lado, até repousar em um ombro quente e firme. Tinha uma vaga noção do que acontecia, até mesmo de a quem pertencia o ombro. Também tinha noção de que não era certo manter a cabeça ali, mas estava com muito sono para agir de acordo com o pensamento. Era um ombro firme e confortável. Colocou a cabeça um pouco para trás, para encaixá-la com mais segurança entre o ombro e o encosto, e se entregou de vez ao sono.



Ben manteve-se imóvel e se perguntou se conseguiriam chegar à nova casa de Samantha sem se tornarem amantes. Perguntara-se a mesma coisa na tarde da véspera. E também à noite, enquanto tentava dormir.

... se estamos apenas atraídos um pelo outro, então devemos ir para a cama e ter nossa cota de prazer.

Ela realmente havia pronunciado essas palavras. Depois de ele fazer aquela estúpida proposta de casamento e antes de ela se lembrar que possuía um chalé – como alguém podia esquecer que tinha uma casa?

Ele não queria que se tornassem amantes. Bem, *queria*. Claro que queria. Se tirasse todas as roupas naquele exato momento e mergulhasse em um lago gelado, não se surpreenderia se a água se transformasse em vapor. Deus misericordioso, já fazia mais de seis anos, e ela era linda, sensual e estava torturantemente perto dele.

Mas ele não *queria* que fossem amantes. Primeiro, porque a estava acompanhando para protegê-la do mal, não para pervertê-la. Segundo, porque tinha um pouco de medo de ser amante de alguém. Não queria que nenhuma mulher o visse como ele era, que testemunhasse as dificuldades que ele sem dúvida teria – embora tivesse dúvidas, desde que aquele beijo abrisse as comportas de sua sexualidade restaurada, de que fosse possível permanecer celibatário pelo resto da vida. Mas ele não queria que *ela* o visse. Ela era fisicamente perfeita, enquanto ele... Bem, ele não. Para completar, tinha acabado de ficar viúva, e não seria decente começar um romance com ela tão cedo.

Mas ali estava ela, cálida e relaxada em seu sono, a cabeça entre o ombro dele e o encosto do assento, um braço entrelaçado no dele, a mão sem luva apoiada na parte superior da coxa dele, os dedos esticados. O dedo mindinho a

um milímetro de sua virilha. A sensação era como se alguém tivesse bombeado ar dos trópicos para dentro da carruagem. E tudo era inconsciente da parte dela.

Ben tentou pensar em outras coisas e se lembrou de que havia planejado partir para Londres naquela manhã. No fim das contas, não estaria presente no casamento de Hugo. Nem sequer havia respondido ao convite. Sentiu uma onda de arrependimento que beirava a solidão ao imaginar os seis amigos reunidos em Londres para as festividades. Sentiriam falta dele, mas imaginariam que ainda estava no norte da Inglaterra com Beatrice.

A Sra. McKay cheirava a algo doce e indefinível. Gardênia? Na verdade, ele não era especialista em perfumes femininos, mas aquele devia ter sido elaborado especificamente para aguçar os sentidos dos celibatários.

Ele olhou para baixo, para além da mão bem desenhada de Samantha. As pernas dele, envoltas em calças justas e botas de montar, pareciam quase normais. Mas quando parassem para uma troca de cavalos, como fariam em breve, ficaria evidente que não eram nada normais. Ele desceria para o calçamento do pátio da estalagem demorando muito mais tempo do que qualquer homem normal, e então, com galanteio e uma dor excessiva, se viraria para ajudar a Sra. McKay a desembarcar, mesmo ela podendo descer sem a ajuda dele e já estando sentada na sala de café. Ele nem sequer poderia oferecer o braço para conduzi-la à estalagem. Precisaria de ambas as bengalas. Ela sem dúvida reduziria o passo para deixá-lo menos consciente de sua lentidão.

Quem estava acompanhando quem nessa jornada?

Era a realidade, porém, e nunca seria diferente. Havia prometido aceitar, não havia? Então, ele era um semialeijado. Suas pernas eram pouco mais do que inúteis. No entanto, suas pernas não eram *ele*. Sua vida não havia perdido o valor só porque não podia se movimentar como antes – e como quase todos os outros homens na terra. Quanto tempo levaria para aceitar esse fato plenamente?

Ben olhou para o outro banco, onde o cão feio estava esparramado em um sono atabalhado. Ela amava o cachorro, apesar da feiura e deselegância.

Ele riu baixinho.

Como *diabo* havia se metido nessa confusão? Ficou imaginando o que seus companheiros Sobreviventes diriam quando lhes contasse essa aventura – ou *desventura* –, na primavera seguinte.

Implicariam com ele por uma década.



Viajar era uma das atividades mais difíceis para Ben, um fato que ressaltava a ironia do que ele havia decidido fazer da vida até que algo mais significativo se apresentasse. Mas Ben conhecia seu corpo o bastante para entender quanto podia exigir dele. Normalmente viajava em etapas curtas, levando o dobro do tempo de qualquer outra pessoa. E, se estivesse viajando apenas por prazer – como logo estaria –, com frequência fazia pausas de dias.

A atual viagem, no entanto, era diferente. Embora não esperasse nenhuma perseguição, achava prudente colocar a maior distância possível entre eles e Bramble Hall no primeiro dia e talvez no segundo. Não era possível saber se deparariam com alguém que conhecesse a Sra. McKay. Além disso, seria vantajoso para ele concluir essa jornada o mais breve possível. Afinal de contas, não era feito de pedra.

No fim daquele primeiro dia, Ben não sabia mais como ficar parado, nem como manter um sorriso ou pelo menos um olhar de interesse no rosto enquanto conversavam. E não sabia como desembarcaria da carruagem naquela parada final. Mas desembarcou, e conseguiu ficar de pé na recepção da estalagem que seu cocheiro escolhera, para pagar por dois quartos, um para si, major sir Benedict Harper, e outro para a Sra. McKay, a recente viúva de seu amigo militar. Também reservou acomodações para os dois criados, bem como o canil para Tramp.

Supôs que a explicação não havia sido necessária, já que não importava para o senhorio qual era o relacionamento entre as duas pessoas hospedadas. Acompanhou uma Samantha de véu negro até o quarto, combinou de encontrá-la mais tarde na sala de jantar privada que reservara e desabou na cama antes de jogar um braço sobre os olhos.

Ben tinha uma longa experiência em suportar a dor. Raramente tomava remédio para atenuá-la ou permitia que o deixasse menos ativo ou o confinasse à cama. Era um fato de sua vida e sempre seria. Tudo o que podia fazer para controlá-la era evitar atividades – como longos dias sentado em uma carruagem

– que a intensificassem.

Quinn chegou em cinco minutos, tirou as botas de Ben em silêncio e começou a massagear os músculos enrijecidos e os nós de tensão até que ele conseguisse relaxar um pouco mais.

– Ela sabe disso? – perguntou.

– Deus do céu, claro que não – respondeu Ben. – Por que deveria?

Ben e Samantha haviam conversado durante a maior parte do dia. E na verdade não havia sido muito difícil depois de um tempo. Ele já havia se dado

conta disso antes. Era fácil conversar com a Sra. McKay. Ela sempre respondia às perguntas dele e também fazia perguntas. Não monopolizava a conversa, nem esperava que apenas ele falasse.

Haviam trocado lembranças da infância. Ela se recordou de dançar descalça na grama com a mãe e de chapinhar e nadar em um riacho com outras crianças da vila; ele, de nadar no lago em Kenelston, de subir em árvores com os dois filhos do guarda-caça e de travar lutas de espadas com eles, usando as armas de madeira que o pai dos meninos esculpia.

Até permaneceram em um silêncio amigável durante algum tempo, observando a paisagem passar por suas respectivas janelas, absortos nos próprios pensamentos.

– O senhor poderia sugerir diminuir o ritmo da jornada – disse Quinn. – Pela velocidade em que estamos viajando, qualquer um pensaria que ela é uma donzela herdeira e menor de idade e o senhor, um João-ninguém sem um tostão raptando-a para um casamento às pressas.

– Além de confuso das ideias, porque a estou levando na direção errada.

– O senhor vai estar aleijado antes de chegar ao fim do mundo – disse Quinn, com um gesto de cabeça apontando na direção que Ben imaginou indicar a costa sudoeste de Gales.

– Não acho isso. Dê-me meia hora, Quinn, e depois volte para me ajudar a me vestir para o jantar.

O valete resmungou e retirou-se do quarto. Ele era cavaleiro nos estábulos do duque de Stanbrook em Penderris quando Ben o conheceu. Naqueles primeiros dias de total agonia, apenas aquele cavaleiro em particular conseguia movê-lo e virá-lo para as lavagens, trocas de roupa e tratamentos necessários sem que ele desmaiasse de dor. O duque fingiu desgosto quando Ben se apropriou do cavaleiro para ser seu enfermeiro e, depois, valete.

Uma hora depois, Ben desceu para a sala de jantar privada sentindo-se consideravelmente restaurado. Seu primeiro pensamento depois de abrir a porta foi de que se tratava do recinto errado. Mas era Samantha quem estava de pé ao lado da mesa preparada para a refeição dos dois – usando um vestido de noite de musselina azul-clara, de cintura alta e mangas curtas. O cabelo quase preto estava preso em um coque elaborado no alto da cabeça.

Ele olhou para ela petrificado e chocado.

– Mas o que é isso? – perguntou, dando um passo incauto e apressado à frente e fechando a porta firmemente.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Deixei todos os trajes pretos em Bramble Hall, exceto o que usei hoje – explicou-lhe ela. – Não vou usá-los de novo. Foram encomendados de Leyland e enviados a Bramble Hall sem que me consultassem ou mandassem fazer qualquer ajuste com uma modista decente. São horrorosos, impessoais, vestem mal e de modo algum refletem a tristeza genuína que senti pela morte prematura do meu marido. São meros aparatos pomposos do luto, projetados para impressionar o mundo. Não vou mais encenar um espetáculo sem sentido. Essa parte da minha vida está encerrada, e a próxima já começou.

Ele deu mais um passo.

– A senhora esqueceu que estamos viajando como major e a *viúva recente* de seu amigo militar? Quem a viu vestida assim?

– Assim como? – retrucou Samantha. – O senhor soa como se eu estivesse vestida como uma prostituta.

– Como uma jovem senhora viajando com um cavalheiro que não é seu marido – disse ele entre dentes. – Quem a viu?

As bochechas de Samantha coraram.

– O proprietário me mostrou onde ficava a sala de jantar – respondeu ela. – Havia outras pessoas. Não prestei muita atenção.

– Pode ter certeza de que o *senhorio* prestou atenção. Senhor misericordioso, e a senhora nem sequer tem uma camareira.

– Se quiser ir embora, sir Benedict... – começou ela.

– Pare de falar bobagem – retrucou ele. – De agora em diante, começando amanhã, teremos que ser marido e mulher. É a única solução.

– Isso é ridículo.

– A senhora será lady Harper a partir de amanhã – avisou ele. – Ah, e não se preocupe com sua virtude. Ficaremos em quartos separados nas hospedarias. Meus ferimentos me deixam inquieto, então é imperativo que eu durma sozinho. Não precisaremos nos explicar.

– Creio, sir Benedict, que está sendo um pouco moralista. Bem como tirânico.

– Estou na verdade preocupado com sua reputação, madame – falou ele. – E será *Benedict* e *Samantha* a partir de amanhã. Seremos marido e mulher.

– Suponho que o senhor ficaria mais feliz se eu passasse o resto da minha vida coberta de negro.

– A senhora poderá vestir escarlate todos os dias até os 80 anos depois que for entregue em segurança em seu chalé e eu tomar meu rumo.

– *Entregue* – repetiu ela. – Como um pacote indesejado.

A porta se abriu atrás de Ben, e uma criada trouxe uma grande bandeja com o jantar.

– Venha se sentar – disse a Sra. McKay a Ben. – O senhor está com dor.

Bem, era tudo resultado do choque causado pela aparência dela. Ainda assim, ele estava com muito menos dor do que uma hora antes. Ben se deslocou em direção à mesa sem fazer comentários.

– Sentiu dor a maior parte da tarde, não foi? – perguntou Samantha depois de se sentarem e a menina se retirar. – Preferi não dizer nada. Pareceu-me uma intrusão impertinente em sua privacidade. Mas talvez eu devesse ter dito. Está sempre com dor?

– Não me queixo, senhora – respondeu ele. – E não deve se preocupar. Ela estalou a língua.

– Matthew se queixava *sempre*, e às vezes eu desejava que fosse um pouco mais moderado. Desconfio que o senhor jamais reclame, e provavelmente acharei essa sua resistência heroica tão irritante quanto as reclamações incessantes.

Ele riu apesar de ter sido alvo de deboche.

– Ficar horas em uma carruagem não é a experiência mais confortável nem para os mais ágeis. Suponho que seja a pior coisa do mundo para o senhor.

– Provavelmente não a *pior* – disse ele.

– O senhor faz com que eu me sinta egoísta e insensível. Primeiro, pela minha aparência, e agora isso. Não percorreremos distância tão longa amanhã ou qualquer outro dia. Se levamos duas semanas, até mesmo três, para completar essa jornada, que assim seja. Não estamos com tanta pressa assim, estamos?

Ela poderia não estar.

– Não quero que se incomode por minha causa. Já estou acostumado com minha condição. Ninguém mais precisa ficar se preocupando com isso.

Ela havia pegado o prato dele e estava servindo a comida, como se realmente fosse sua esposa e estivessem sentados confortavelmente na própria mesa de jantar.

– Vamos viajar de forma mais descontraída a partir de amanhã – sugeriu ela.

– Talvez estejamos em lua de mel. Acha que estamos?

O sorriso repentino de Samantha tinha malícia. Ele desejou que ela tivesse escolhido outro assunto para fazer brincadeiras. Lua de mel! Para o diabo com tudo isso.

– Hoje cedo a senhora me disse que era grata por eu não ser seu marido. Respondi que o sentimento era recíproco. Repito o mesmo agora. Tenho a

sensação de que a senhora seria uma esposa bem difícil.

– Uma esposa bem difícil. – Ela largou a faca e o garfo, colocou um cotovelo na mesa e apoiou o queixo no punho. – É mesmo, sir Benedict? Como?

A voz baixara para um sussurro rouco, mas os lábios estavam curvados e o olhar malicioso.

– Coma seu jantar – foi só o que ele disse.

Ben se sentia superaquecido de novo, e nem havia fogo na lareira.

CAPÍTULO 12



Depois daquele primeiro dia, seguiram viagem como marido e mulher. Era melhor assim, concluiu Samantha, pois poderia usar suas roupas normais e esquecer a terrível opressão dos trajes negros. Não tinha nada particularmente novo nem muito na moda, mas eram roupas que ela escolhera e, em alguns casos, que ela mesma fizera, e lhe caíam bem. Vesti-las novamente fazia com que se sentisse mais jovem e esperançosa. Faziam com que se sentisse ela mesma.

Samantha o chamava de Ben. Ela comentara, após uma de suas breves discussões, que *Benedict* soava como uma espécie de monge ou santo e que ninguém jamais havia recebido um nome tão inadequado. Surpreendentemente, ele concordou e confidenciou que sempre se sentira desconfortável com o nome, preferindo a forma abreviada. Samantha lhe disse que, se ele alguma vez a chamasse de Sam, ela daria um chique. Ele logo em seguida a chamou de Sammy e agitou as sobrancelhas. Ela botou a língua para fora e ficou vesga, em retaliação.

Na verdade, era bom agir de forma infantil. Ambos acabaram rindo.

Depois de quatro dias de viagem, atravessaram o rio Wye na direção de Gales. A terra dos antepassados maternos de Samantha. Não esperava que aquela metade de sua herança significasse alguma coisa e por isso ficou surpresa com a onda de emoção que sentiu ao saber que finalmente estava ali.

Samantha não sabia nada sobre os parentes da mãe, exceto que a tia-avó falecida era a Srta. Dilys Bevan, que se pronunciava *Dill-iss*, segundo a mãe. Ela sempre presumira que não existissem outros parentes vivos.

Mas talvez existissem.

Queria isso? Ela sabia que a resposta era não antes de sua mente fazer a pergunta. Pois, se houvesse alguém vivo, teria negligenciado as duas, sua mãe e

ela. E isso seria pior do que se não houvesse.

Mas, de repente, ir morar em seu chalé assumiu um novo significado. Talvez houvesse mais à sua espera do que apenas um casebre dilapidado. Talvez houvesse uma história inteira. Uma caixa de Pandora que ela *não* queria abrir. Esperava que nem existisse.

Samantha estava se sentindo um pouco sentimental no dia em que passaram pela Tintern Abbey. Pararam para ver as ruínas, os dois tendo lido e admirado o longo poema de William Wordsworth sobre o local. As ruínas e seus arredores intocados e profundamente rurais eram tão adoráveis e românticos quanto o lugar retratado no poema. Morros com bosques erguiam-se de ambos os lados do vale, e o Wye corria entre eles, a abadia na margem oeste.

Os dias haviam se ajustado a certa rotina. Samantha levantava cedo todas as manhãs para levar Tramp para passear antes do café, depois viajavam até os cavalos cansarem e precisarem ser trocados ou pelo menos repousarem. Passavam o restante da tarde passeando nas proximidades da estalagem onde se hospedassem ou exploravam determinada localidade. Encontravam algum lugar confortável para tomar chá. Então Ben pedia caneta e tinta e escrevia meticulosamente em seu diário, enquanto Samantha levava Tramp para outra caminhada. Depois, relaxavam, cada um em seu quarto, até a hora de se encontrarem para a refeição da noite. Recolhiam-se cedo em preparação para o esforço do dia seguinte.

Naquele dia, retomaram a jornada depois de visitar Tintern, a fim de conseguirem quartos em uma hospedaria acima do vale que lhes fora recomendada na noite anterior. Quando chegaram ao lugar, porém, tiveram a perturbadora notícia de que só havia um quarto disponível. Era um cômodo grande e confortável, garantiu o senhorio quando viu a hesitação de Ben, com uma bela vista do vale.

– Vamos seguir viagem – disse Ben. – Minha deficiência torna difícil para minha esposa dividir um quarto comigo com comodidade.

Mas a estalagem mais próxima, informou o proprietário, ficava em Chepstow, a uma distância desconfortavelmente longa, quando já tinham viajado mais do que o habitual naquele dia. Samantha sabia que a jornada era custosa para Ben. Embora ele nunca reclamasse, ela aprendera a decifrar suas expressões e as tensões de seu corpo, até mesmo o sorriso. O que nesse mundo o fazia acreditar que seria capaz de passar a vida viajando e escrevendo livros sobre suas andanças? Mas era inteiramente por culpa dela que ele estava viajando tanto naqueles dias.

– Viajamos muito por hoje – disse ela. – Temos que ficar com o quarto, Ben. Será apenas por uma noite.

– O senhor não vai se arrepender – garantiu o dono da hospedaria. – Temos a melhor cozinha entre Chepstow e Ross. Pergunte a qualquer um.

Ben estava prestes a discutir, mas tinha o semblante bastante pálido e abatido. Talvez tivessem passado mais tempo do que deveriam andando pelas ruínas.

– Muito bem – disse ele. – Vamos ficar.

O quarto era bonito e limpo, e a vista era mesmo esplêndida, mas não era particularmente espaçoso. Não havia poltrona, divã nem sofá, como Samantha esperava. Ela teria ficado feliz em dormir em qualquer um dos três. A cama grande e alta dominava o recinto e ocupava a maior parte do cômodo.

Mas, Deus, era só por uma noite, pensou ela, enquanto estavam à porta, olhando em volta com grande constrangimento. Ela falou em tom incisivo:

– Suponho que, se eu me deitar bem no canto de cá e você se deitar bem no canto de lá, haverá espaço suficiente entre nós para acomodar um elefante.

– Caso se vire durante a noite, é bom se certificar de virar para o lado certo.

– E que lado seria esse?

Ela se virou sorrindo para ele no momento em que *ele* se virou sorrindo para *ela*. E de repente pareceu que as palavras dela estavam escritas em fogo no ar entre os dois.

– Imagino que elefantes não admitam ser acordados durante a noite – disse ele, recompondo-se.

– Tem razão.

Ela foi até a janela, de longe a melhor parte do cômodo.

– Prefere ir para Chepstow? – perguntou ele. – Ainda podemos.

– Não, não podemos. Você está quase desmoronando. Foi um dia muito agitado. Vou descer e ver se Tramp está devidamente acomodado. Falarei para o Sr. Quinn vir aqui.

Ele não discutiu.

Samantha passou uma hora com Tramp, de início sentada ao lado dele na palha limpa, abraçando os joelhos; depois, caminhou com o cachorro para que ele fizesse suas necessidades antes de se acomodar para a noite.

Estavam conseguindo manter um clima bem amigável, ela e sir Benedict – Ben. Conversavam, riam e ficavam em silêncio juntos. Conseguiram fazer um pouco de turismo, apesar de ele não andar rápido nem ir muito longe. Mas ele era um *homem*, e Samantha teria que ser desumana para esse fato não afetá-la,

especialmente porque haviam se beijado e se imaginado subindo juntos para além das nuvens em um balão de ar quente, embrulhados em mantas contra o frio das alturas.

Às vezes era difícil ignorar sua masculinidade quando compartilhavam o interior apertado de uma carruagem durante o dia. Como seria compartilhar a cama por uma noite inteira?

No momento em que voltou para o quarto, fazendo um barulho desnecessário do lado de fora e demorando para girar a maçaneta, Ben já estava vestido para o jantar, sentado na beira da cama, lendo. Colocou o livro de lado e levantou-se. Fez o movimento com mais facilidade do que o habitual, ela notou, talvez porque a cama fosse alta.

– Vou deixá-la usar o quarto – anunciou ele. – Encontro-a lá embaixo, na sala de jantar.

– Muito bem.

Ele estava elegantemente vestido de preto e branco para o jantar. Ela desejou que ele não estivesse tão atraente. Colocou um vestido de seda verde e o colar de pérolas que o pai lhe dera de presente de casamento.

A única sala de jantar privada na estalagem já estava reservada quando chegaram. De qualquer forma, havia poucas pessoas no salão principal, e nenhuma delas perto o suficiente para tornar a conversa embaraçosa. A comida era excelente. Pelo menos foi o que Samantha achou. Para falar a verdade, não prestou muita atenção. Estava ocupada demais tentando manter conversa. O diálogo volta e meia morria, e os dois pareciam não conseguir encontrar um tópico que exigisse mais do que uma pergunta de um e uma resposta monossilábica do outro.

Ah, quanta diferença fazia ter que dividir um quarto. Não haviam tido esse problema nas noites anteriores. Não nesse grau, pelo menos.

– Se houvesse ao menos uma sala de jantar privada disponível, talvez houvesse uma poltrona onde eu pudesse passar a noite – disse Ben finalmente.

– Se fosse fazer *isso*, poderíamos muito bem seguir para Chepstow. *Eu* dormiria na poltrona.

– Bobagem. Eu jamais permitiria.

– Talvez eu não permitisse que você ditasse o que eu poderia ou não fazer.

– Estamos de volta ao bate-boca? – perguntou ele. – Mas, francamente, Samantha, nenhum cavalheiro permitiria que uma dama dormisse em uma poltrona em uma sala de jantar privada enquanto ele desfrutava do luxo de uma cama em um quarto com vista.

– Ah, a vista. Eu tinha me esquecido disso. Sem dúvida, então, nessa ocasião eu teria permitido que fosse do seu jeito. Uma questão acadêmica, no entanto. Não temos uma sala de jantar privada, portanto, nenhum de nós poderá realizar o nobre gesto de passar a noite em uma poltrona.

– Nós dois, na verdade, vamos aproveitar a vista – afirmou ele.

Ela sorriu, ele riu, e Samantha o encarou por um instante, refletindo. Ela gostava muito do pai, mas não conseguia se lembrar de implicar ou falar bobagens com ele – ou brigar com ele. E, embora com certeza tivesse dado risada com Matthew durante a corte e nos primeiros meses de casamento, não se lembrava de ter sido deliberadamente tola com ele só pelo prazer mútuo.

Ela se deu conta de que *gostava* de Ben Harper, mesmo que em certas ocasiões ele a deixasse indignada – e em outras, acalorada de desejo. Deu-se conta de que sentiria falta dele quando partisse.

– Ele tinha uma *amante* – disse Samantha abruptamente, e então olhou para Ben. Que raios a levava a dizer isso? Soltou a faca e o garfo, apoiou os braços na mesa e se inclinou para ele. – Já tinham até um filho quando ele me conheceu e se casou comigo. E outro foi concebido nos primeiros meses de nosso casamento. Concluí que isso significava que ele não gostava muito de mim e que eu não era muito boa no leito conjugal.

Ela o encarou em choque. E olhou furtivamente ao redor para se certificar de que estavam fora do alcance dos ouvidos de outras pessoas do salão.

Ele olhou da faca para o garfo e do garfo para a faca antes de deixá-los no prato e imitar a postura de Samantha. Seus rostos não estavam muito distantes.

– Suponho que tenha passado mais de seis anos se imaginando sexualmente inadequada – disse ele finalmente.

Ela meio que esperou ver chamuscas irromperem das bochechas.

– Não. Por que eu deveria permitir que meu espírito fosse destroçado por alguém que não respeitava? Perdi o respeito por meu marido quatro meses depois de nosso casamento. É uma admissão terrível de se fazer para alguém que é praticamente um estranho, não é?

– Estou longe de ser um estranho – disse ele. – E estou prestes a me tornar ainda menos. Vamos passar a noite nos equilibrando nos lados opostos da mesma cama, não vamos?

– Alguma vez já teve uma amante?

– De longa duração? Não. E nenhum filho. E, mesmo que eu tivesse uma amante, a dispensaria antes de me casar com outra pessoa. E ninguém a substituiria. Jamais.

– A sobrinha do coronel era muito bonita? – perguntou ela. Ele refletiu.

– Sim, era bonita. Miúda e delicada, toda sorrisos e covinhas, cachos e anéis loiros e grandes olhos azuis.

– Uma mulher dessas com certeza não estaria disposta a segui-lo para o campo de batalha.

– Mas ela já seguia o tio. Parecia uma boneca de porcelana. Na realidade, era dura como uma rocha.

– O senhor chorou sua perda?

– Não posso dizer que tenha lhe dedicado mais do que um pensamento passageiro por pelo menos dois anos. Àquela altura, eu estava muito grato por não termos nos casado.

– Ouso dizer que ela ficou gordinha. Loiras miúdas e bonitas costumam engordar.

O divertimento se insinuou nos olhos dele, e ele pegou uma das mãos dela entre as suas sobre a mesa.

– Sammy, acho que está com ciúme.

– Ciúme? – Ela tentou puxar a mão, mas ele a segurou firme. – Isso é completamente ridículo. E como se atreve a me chamar assim quando pedi especificamente que não usasse esse apelido?

– Acho que você me quer – declarou ele.

– Absurdo.

Os olhos dele mostravam descontração, mas ela tinha um nó no estômago. Não era verdade. Ah, claro que era verdade. No entanto, ele não acreditava no que estava dizendo. Estava apenas provocando-a, deliberadamente tentando irritá-la – e conseguindo.

– Acho que, no fim das contas, você quer me provar que é boa na cama – disse ele.

– Oh! – exclamou ela, de forma deselegante, e puxou a mão das dele enquanto se levantava de forma abrupta. – Como ousa? Ah, Ben, como se atreve?

De alguma forma se lembrou de manter a voz baixa.

– Você pode ter perdido o respeito por seu finado marido e ter se recusado a permitir que a infidelidade dele destroçasse seu espírito, mas ele a machucou mais do que imagina, Samantha. Ele era um tolo. E um dia você terá a prova do quanto é desejável. Mas não esta noite. Você está segura comigo, prometo, apesar da situação em que nos encontramos. Não vou me aproveitar de você.

Ela ficou quase desapontada.

– Suba para o nosso quarto agora – prosseguiu ele –, uma vez que parece ter terminado o jantar. Ficarei aqui embaixo mais um tempo.

Ela saiu da sala sem uma palavra de protesto, embora parecesse que ele havia lhe dado uma ordem.

Ele era um tolo.

Um dia você terá a prova do quanto é desejável.

Acho que, no fim das contas, você quer me provar que é boa na cama. Acho que você me quer.

E eles passariam a noite juntos.



Ele deveria ter escrito não apenas para Hugo, pensou Ben enquanto bebia vinho do Porto, mas também para Calvin, em Kenelston. E provavelmente para Beatrice. Sem dúvida ela logo saberia que Samantha havia desaparecido de Bramble Hall e que ele deixara Robland bem cedo no mesmo dia. Será que faria a conexão? Mas, caso fizesse, não acreditava que a irmã fosse dividir a suspeita com ninguém.

Será que alguém mais faria a conexão? Duvidava, já que tinha tomado cuidado para não ser visto com Samantha. Ninguém saberia que tivera mais do que um contato passageiro com ela, e, de qualquer maneira, era sabido que ele estava prestes a deixar Robland.

Ele ainda poderia escrever as cartas, é claro. Poderia pedir papel, caneta e tinta e escrever antes de subir as escadas. Mas estava relutante em fazê-lo. Havia algo bastante sedutor na ideia de simplesmente desaparecer sem deixar vestígios pelo tempo que desejasse. Poderia ir aonde quisesse e fazer o que quisesse sem ter que prestar contas a ninguém. Sempre vivera assim, é claro, mas... Bem, ele queria ficar completamente livre para permitir que a aventura se desenrolasse do jeito que fosse. Não queria amigos e parentes murmurando ao fundo, fosse em encorajamento ou em desaprovação.

Samantha ainda estava acordada quando Ben voltou para o quarto, embora tivesse ficado na sala de jantar tempo suficiente para lhe dar a chance de estar sob as cobertas e fingir que estava dormindo, se assim o desejasse. Ele havia esperado que ela escolhesse a última opção.

Mas estava sentada na cama de camisola, as pernas dobradas para um lado, só os pés descalços visíveis sob as colchas, os braços erguidos para remover os

grampos do cabelo. Não era uma pose deliberadamente sedutora. No entanto, causou algo desconfortável à respiração dele.

– Pensei que já estaria dormindo – disse ele.

– Ou fingindo dormir, suponho, encolhida, respirando profunda e uniformemente, para você passar por mim e se acomodar do outro lado e fazer o mesmo?

Ele fechou e trancou a porta.

– De fato cogitei fazer isso – confessou ela –, mas você saberia que eu não estava dormindo de verdade, e eu saberia que *você* também não estava, e ficaríamos acordados a noite toda, um esperando estar se saindo melhor do que o outro no fingimento.

Ele riu.

– Deixe-me ajudá-la – disse ele, aproximando-se e apoiando as bengalas no pé da cama antes de se sentar ao lado dela. – Eu diria que está fazendo um ninho de pássaro com seu cabelo, mas acredito que seria um insulto para o pássaro.

– Você me deixa nervosa, Ben – disse ela, baixando os braços –, e não consigo de jeito nenhum desenredar os últimos grampos. Acho que ficarão perdidos aí para sempre.

Ele os encontrou e os removeu, e o cabelo dela caiu sobre os ombros e as costas. Cabelo cigano pesado, brilhante, quase preto.

– Eu pretendia trançá-lo direitinho antes de você aparecer. Não poderia ter ficado para beber o conhaque da estalagem, o vinho do Porto ou o que quer que você beba depois do jantar?

– Porto – disse ele. – Escova? – Ele estendeu a mão, e ela tirou uma escova do pequeno baú ao lado da cama e lhe entregou. Ben fez um movimento circular com o dedo. – Vire-se.

O cabelo dela ia até a cintura e quase tocava a cama. Tinha um leve aroma de gardênia. A camisola era de algodão branco, e a cobria tão decentemente quanto os vestidos durante o dia. Mas *não deixara de ser* uma camisola, e era óbvio que ela não estava usando espartilho por baixo – nem qualquer outra coisa, imaginava ele. E os pés dela estavam nus. E ela estava sentada em uma cama.

Ele passou a escova pelo cabelo dela. Deslizou das raízes às pontas.

– Duzentas escovadas – disse ela.

– Você conta?

– Sim. Foi como minha mãe me ensinou. Ele contou em silêncio.

– Eu tinha 18 anos – disse ela, quando ele estava na 39ª escovada. Escovadas boas. – Recém-feitos. Tinha acabado de fazer aniversário. Estava casada havia pouco menos de quatro meses.

Ele não fez nenhum comentário. Se ela precisava contar a história que havia começado no jantar, ele a ouviria. Ele tinha a noite toda pela frente, afinal de contas, e sabia pela experiência em Penderris que era importante que as pessoas contassem suas histórias.

Quarenta e cinco. Quarenta e seis.

– Estava tão apaixonada que achava que o mundo não era grande o suficiente para conter tudo. A juventude é uma época perigosa da vida.

Sim, podia ser.

Cinquenta e um. Cinquenta e dois. Cinquenta e três.

– Achava que o amor dele por mim também era desmedido. Achava que estávamos vivendo o felizes-para-sempre. Como os jovens são tolos... Devo contar por que ele se casou comigo?

– Se quiser.

Cinquenta e nove. Sessenta.

– Ele sempre foi o rebelde da família – começou ela. – Odiava todos os parentes, em especial o pai. Mas o pai nunca o deixava em paz. Azucrinava Matthew para que se casasse com alguém adequado. Adequado aos olhos do conde, claro. Ele chegou a indicar algumas possíveis candidatas. Matthew era onze anos mais velho que eu, você sabe. Ele me conheceu em uma festa, me achou bonita e percebeu meu interesse. E, ah, como estava certo em relação a isso! Eu estava pateticamente interessada. Isso transparecia nas minhas palavras, no meu nariz, na minha testa, nas minhas bochechas, no meu peito e... Bem. Basta dizer que não fiz segredo da minha adoração. Eu era patética.

– Você era muito jovem. – Deus do céu, ela tinha apenas 24 anos agora. – E estava sendo cortejada por um oficial bonito.

– Onde eu estava? – perguntou ela.

Ben não sabia onde *ele* estava. Havia perdido a conta. Sessenta e nove? Setenta?

– Ele acreditava estar apaixonado por mim, é claro, ou presumo que não teria feito o que fez. Mas também lhe ocorreu que seria uma bela provocação ao pai, casar-se comigo. Eu era filha de um cavalheiro sem distinção especial. Isso já teria sido ruim o suficiente aos olhos do conde. No entanto, ele também sabia que eu era filha de uma atriz e neta de um galês desconhecido e de uma cigana. Então se casou comigo. De forma decente, não me contou nada até eu descobrir

a existência de sua amante, quando então me revelou a verdade. Contou-me por maldade, suponho, embora o tenha feito rindo, querendo que eu também achasse graça. *Era* engraçado, pois ele conseguiu tudo o que desejava. O conde de Heathmoor ficou irado. Quando me recusei a permitir que Matthew me tocasse depois de minha descoberta, ele se recusou a me levar para a Península com seu regimento e me mandou para Leyland Abbey, novamente por maldade. Senti-me mais abaixo na escala de importância do que o criado mais humilde. Mas, como eu era nora do conde de Heathmoor, tive de ser submetida a um estrito regime de reeducação. Eu não tinha nem 19 anos quando fui para lá.

Ben apoiou a escova na cama.

– Não estou *suplicando* sua piedade – prosseguiu ela. – Deus me livre. Minha vida é o que é. Existem vidas piores. Nunca passei fome nem fiquei sem um teto. Nunca fui vítima de violência física, só um eventual tapa nas mãos ou uma palmada no traseiro quando criança. E agora me foi oferecida a dádiva da liberdade, com uma casinha e uma pequena renda para desfrutar dela. Você entende que coisa maravilhosa é isso para uma mulher, Ben? Posso ser uma nova pessoa.

Ela se virou para encará-lo na cama e tirou os pés da vista dele.

– Então por que o olhar triste? – perguntou ele.

– Pareço triste?

– Suponho que seja porque foi forçada a trazer sua antiga pessoa consigo. Ela fez uma careta.

– O *quê*? Isso não faz *sentido*.

– Mas como você pode sentir alegria sem conhecer tristeza e sofrimento? – perguntou ele.

– E alegria por acaso existe?

Seus olhos escuros perscrutaram o rosto de Ben como se a resposta estivesse escrita ali.

Ben abriu a boca para dizer que era claro que existia. Mas *será que existia mesmo*? Quando a havia sentido pela última vez? Quando chegara a Penderris Hall, alguns meses antes, para a temporada anual com os amigos? Fora um momento feliz, mas houvera *alegria*? Desejou não ter usado a palavra. Era perturbadora.

E era esse o seu problema? Ter que se levar consigo aonde quer que fosse? Era a negação dessa necessidade que o fizera decidir viajar? A eterna busca para fugir de si mesmo, do corpo que o tornava lento, grotesco e desajeitado e o impedia de levar a vida que queria?

– Temos que acreditar que a alegria *existe* – disse ele. – Enquanto isso, temos que acreditar que nossa vida vale a pena.

Samantha levou a mão ao rosto dele, enfiando os dedos em seu cabelo. A mão dela era macia e fresca.

– É ingrato da minha parte ter ganhado liberdade e uma nova vida e ainda me sentir um pouco deprimida – disse ela. – Você encontrará um significado para sua vida.

– Serei um escritor de livros de viagem mundialmente conhecido. – Ele sorriu.

– Você encontrará o que procura, Ben. É um homem bom.

– E os bons e gentis são recompensados com uma vida de realização e felicidade?

Ele ficou surpreso ao ver lágrimas brotarem nos olhos dela, apesar de não escorrerem.

– Deveriam. A vida deveria funcionar dessa maneira, embora saibamos que nem sempre é assim.

Ben soltou a escova, segurou-a pela cintura, puxou-a para si e a beijou. Ela colocou os braços em volta dele e retribuiu o beijo.

Seus lábios se uniram. A respiração dos dois agora era uma só. Ela era quente, macia, perfumada, muito feminina. Ele estava consciente, mesmo de olhos fechados, da camisola e dos pés descalços, do cabelo nas costas, da cama sob eles. O calor aumentou, sentiu um retesamento nas partes íntimas.

Ela tirou os pés da camisola, e ele de algum modo colocou as pernas sobre a cama. As mãos dele estavam nos seios dela, pesados e firmes sob o algodão da camisola, e as mãos dela estavam sob o casaco dele, dentro do colete, quentes contra as costas da camisa.

Ela se deitou de costas na cama, e ele a seguiu, a mão sob a barra da camisola, abrindo caminho suavemente na direção do calor da parte interna das coxas. A língua dele simulava na boca de Samantha o que gostaria de estar fazendo com o corpo dela. O peso dele pressionava seus seios.

Ele fizera uma promessa apenas uma ou duas horas antes.

Mas não esta noite. Você está segura comigo, prometo, apesar da situação em que nos encontramos. Não vou me aproveitar de você.

Ele tentou ignorar a voz em sua cabeça, a própria voz. Entretanto, não conseguiu.

Ergueu a cabeça e fitou os olhos cheios de paixão de Samantha.

– Não podemos fazer isso – declarou.

Ela não disse nada.

– Nós nos arrependeríamos – continuou ele. – Teria sido provocado por este quarto. Nós nos *arrependeríamos*.

Idiota, pensou ele.

– Será?

Ela suspirou, mas Ben percebeu que ela recobrava os sentidos.

– Você sabe que sim.

Ele se sentou, desceu a barra da camisola de Samantha e ficou de pé sem as bengalas. Colchões altos sempre foram uma bênção.

– Contudo, é bastante aceitável uma viúva ter um caso, desde que seja discreta – disse ela. – Soube disso quando estava com o regimento de Matthew. Acho que seria um bom uso da minha liberdade: ter um caso.

– Comigo?

Não se virou para olhar para ela.

– Com um homem que queira estar comigo tanto quanto eu com ele. Talvez com você, Ben. Um dia desses. Mas não esta noite. Você está certo. Pareceria um pouco sórdido.

Ele respirou lentamente.

– Agora – começou ele –, você vai para debaixo das cobertas e finge pegar instantaneamente no sono, e eu tiro parte das minhas roupas e me deito do outro lado. E amanhã e em todas as outras noites de nossa jornada, continuaremos a viagem, mesmo que a distância seja de 150 quilômetros, até encontrarmos uma hospedaria que possa nos acomodar adequada e separadamente.

Ela desceu da cama, entrou debaixo das cobertas no seu lado, tão na beirada que foi um milagre não ter caído, puxou as cobertas sobre a cabeça e começou a roncar baixinho.

Ele sorriu e deu a volta na cama.

– O único problema – disse ela quando ele estava tirando o colete – é que, quando *um dia desses* chegar, você já terá saído da minha vida há tempos.

– Psiu – fez ele, e ela recomeçou a roncar.

Ele soprou a vela e subiu na cama, o mais longe possível dela.

Seria ridicularizado em qualquer refeitório de oficiais, pensou, se fosse insensato o bastante para relatar os feitos dessa noite – ou a ausência de feitos.

Não que algum dia fosse estar num refeitório de oficiais outra vez. Ele olhou para o contorno pálido da janela.

Nunca mais estaria num refeitório de oficiais.

O exército não aceitava aleijados.

CAPÍTULO 13



A primeira impressão de Samantha ao acordar foi de calor e conforto. Com certeza havia desfrutado da melhor noite de sono em muito tempo. Então, quando já estava um pouco mais desperta, outras impressões tomaram forma. Seu nariz estava praticamente enfiado em um peito nu que subia e descia ao ritmo constante da respiração de seu dono. O calor do corpo dele a envolvia e fazia com que ela quisesse se aproximar ainda mais, embora já estivesse alarmantemente próxima. Um dos braços dele estava sobre ela, debaixo das cobertas.

Não houve noite insone, na qual cada um se agarra honradamente à sua respectiva beirada da cama.

Samantha nunca havia dormido com um homem. *Dormido*, diferentemente de ter relações conjugais. Nos primeiros quatro meses de casamento, Matthew ia à cama dela quase todas as noites, mas sempre voltava para a dele. De alguma forma, isso agora lhe parecia tão íntimo quanto aqueles breves momentos, talvez porque tivesse se passado tanto tempo que ela havia esquecido como era a verdadeira intimidade.

Eles haviam chegado perto de fazer amor – até Ben retomar a consciência. Ela não sabia se estava feliz ou triste.

Ele estava dormindo. Samantha podia perceber isso pela respiração pesada e pelo relaxamento do corpo. Ficou tentada a voltar a dormir, mas o bom senso prevaleceu. O que ela realmente precisava fazer era sair da cama, ou pelo menos daquela parte específica da cama, antes que ele também acordasse. Ele poderia achar que ela tinha se aproximado de propósito.

Avaliou sua estratégia. O braço de Ben pesava sobre ela. Sua perna estava presa embaixo da dele. Uma das mãos estava espalmada no peito dele. A outra repousava ao lado da cintura – ela acabara de perceber. Era dia claro. Só Deus

sabia que horas eram. Podia estar amanhecendo ou já ser meio-dia. Dormira profundamente.

Samantha se contorceu para soltar a perna. Tirou a mão da cintura e o nariz do peito dele, depois a outra mão. Arrastou-se devagar sob o braço dele. Fez tudo isso em não mais do que cinco ou dez minutos. Ele inspirou fundo, expirou audivelmente e ficou em silêncio. Ela se afastou um pouco mais. Se virasse o corpo, poderia tirar as pernas da cama, sentar-se e ficar em pé e a salvo, mesmo que ele acordasse e a visse com a camisola amarrotada, o cabelo destrançado, solto e emaranhado na cabeça, caindo pelos ombros e pelas costas. Ele não saberia...

– Suponho que não tenha pregado o olho a noite toda – disse ele assim que ela se sentou, em um tom de conversa perfeitamente normal.

– Dormi um pouco – admitiu ela no mesmo tom que o dele. Não se virou para olhar para ele.

– Deixei espaço suficiente para você? Não a toquei inadvertidamente? – perguntou Ben.

– Ah, não. Havia muito espaço.

– Samantha McKay, você com certeza queimará no inferno pela eternidade. Está mentindo descaradamente.

Ela soltou um grito agudo de indignação e o encarou. Pegou o travesseiro e atirou nele.

– Você não é um cavalheiro. Poderia ao menos fingir acreditar que nos mantivemos em nossas respectivas beiradas da cama.

Ele apertou o travesseiro contra o peito.

– Acordei em algum momento da noite e descobri que tinha rolado para o meio da cama e que você havia feito o mesmo – contou ele. – Para ser justo, não acredito que exista um culpado. Você resmungou coisas sem sentido e me agarrou quando eu estava prestes a bater em retirada para a minha beirada, mas, sendo o cavalheiro que sou, ao contrário de sua injusta acusação, permaneci e permiti que você se aninhasse em mim.

Ela deu outro grito agudo e agarrou o travesseiro para arremessar na cabeça dele outra vez.

– E você vai *fritar* – disse ela. – Eu não rolei para o seu lado. E, se você fosse o cavalheiro que diz ser, teria ido não para a beirada da cama, mas direto para o chão com seu travesseiro.

– Você estava praticamente deitada em cima do seu travesseiro. E, sendo eu um cavalheiro...

Ele completou a frase com um sorriso.

Ela o encarou. Ele estava se divertindo, pensou, e, estranhamente, ela também. O que parecia muito estranho e embaraçoso havia apenas um minuto tinha sido transformado em... diversão. Mas, ah, Senhor, ele estava descabelado e com um jeito de garoto. E atraente. Seria realmente maravilhoso fazer amor com ele.

– O quê? – perguntou ele. – Ficou sem resposta?

– Você poderia ter pegado o *meu* travesseiro.

– Mas você estava praticamente deitada em cima dele também.

– Coitadinho – disse ela, estreitando os olhos. – Então você foi condenado a passar o resto da noite no meio da cama com apenas parte de um travesseiro para o seu conforto.

– Não estou reclamando. – Ele entrelaçou as mãos atrás da cabeça e pareceu cheio de si. – Travesseiros não são a única fonte de conforto.

– Humm. – Ela ficou de pé. – Vire-se e cubra a cabeça. Vou me vestir. Não creio que tenham dado água e comida para Tramp esta manhã ou o soltado no pátio do estábulo.

Ele obedeceu de forma espalhafatosa, e Samantha se vestiu apressadamente, com um sorriso no rosto, passando a escova pelo cabelo antes de retorcê-lo e prendê-lo em um coque baixo.

– Vejo você no café da manhã, em mais ou menos meia hora – disse ela ao sair do quarto.

Ele roncava sob as cobertas, como ela fizera à noite. Samantha fechou a porta rindo. Como sua vida havia mudado em apenas uma semana. Mal se reconhecia, apesar do que haviam falado na noite anterior sobre ter que se levar consigo aonde quer que fosse. Não conseguia se lembrar de uma época em que simplesmente desfrutasse da companhia de alguém, que risse, fizesse piadas e falasse bobagens. E jogasse travesseiros.

E compartilhasse uma cama.

E sentisse um desejo capaz de amolecer os joelhos.

Sentiria uma falta terrível dele quando chegassem ao chalé e ele seguisse viagem. Mas decidiu só pensar nisso quando chegasse a hora.

Tramp saudou-a como se tivesse ficado sozinho por mais de uma semana em uma baía perfeitamente confortável.



Conversaram sobre o clima e a paisagem. Conversaram sobre livros – ela lera muitos durante os cinco anos em que o marido estivera doente, e ele passara a ler muito desde os anos de convalescença. Conversaram mais sobre suas famílias e os lares em que haviam crescido, sobre a infância, os amigos, as brincadeiras que haviam brincado, os sonhos que haviam sonhado. Conversaram sobre música, embora nenhum dos dois alegasse proficiência em um instrumento musical.

Evitaram cuidadosamente qualquer situação ou tópico que pudesse inflamar a atração que sem dúvida sentiam um pelo outro.

Às vezes falavam bobagens e riam como crianças. Era ridiculamente bom. Às vezes batiam boca, embora até mesmo as discussões terminassem em brincadeiras e risadas.

Conversaram com outros companheiros de viagem nas hospedarias onde ficaram e nos pontos turísticos que visitaram. Ben começou a achar que talvez gostasse *mesmo* de viajar. Tinha certeza de que teria ficado mais tempo no sudeste de Gales se estivesse sozinho. Ficou fascinado com os novos negócios que surgiam: minas de carvão, organizações de transporte por navio e usinas metalúrgicas. Ele adoraria fazer alguns desvios – pelos vales do Rhondda e de Swansea, por exemplo, para ver as indústrias em operação. Talvez um dia voltasse e acrescentasse ao seu livro capítulos que não se preocupassem apenas com a beleza das paisagens. Mas ainda não era o momento. Depois que visse Samantha instalada, iria querer se afastar o máximo possível.

– Estive pensando – disse ele na manhã em que deixaram Swansea para trás e prosseguiram em direção ao oeste de Gales – que, depois que você se acomodar em seu chalé, pegarei a rota pela costa oeste de Gales em vez de retornar pelo caminho da vinda. Vou ver Aberystwyth, Harlech e o monte Snowdon, depois viajarei ao longo da costa norte.

Os olhos escuros dela, aqueles olhos encantadores e expressivos, que pareciam ter ficado mais vivos desde que saíram do condado de Durham, fitavam fixamente os dele. Ela vestia um verde-claro primaveril e estava jovial, saudável e bonita. E desejável, embora ele tentasse ignorar.

Ben estava muito satisfeito por não terem se tornado amantes naquela noite. Já se sentiria solitário o suficiente indo embora sozinho, sem a complicação adicional de ter tido um caso com ela.

Ou se arrependeria de não ter desfrutado do prazer que sem dúvida lhe fora oferecido?

– Com certeza verá paisagens encantadoras nessa rota – disse ela, virando um pouco o rosto para a janela. – Mas já vimos muitas, não vimos? Ver o mar a

maior parte do tempo me dá uma coisa *aqui*. – Ela deu uma pancadinha na barriga com a mão fechada. – Ou talvez Gales esteja me afetando. Realmente parece um país diferente, embora a maioria das pessoas fale inglês, como nós. Mas, ah, o sotaque, Ben! Parece música.

– Penderris fica junto ao mar – disse ele. – Conteí? Fica no topo de um rochedo alto na Cornualha.

– Com areia clara, como tem por toda parte aqui? – perguntou ela.

– Sim. Areia abaixo de penhascos imponentes. Só tenho a praia para olhar quando estou lá. Mas é uma vista linda.

– Você não nada?

– Já nadei – contou ele. – Como um peixe. Ou uma enguia. Especialmente em águas proibidas. A parte profunda do lago em Kenelston sempre foi infinitamente mais convidativa do que o lado do rio, onde a água não passava da cintura, mesmo para um menino. Como alguém poderia fingir ser um peixe que se preze ali? Estou divagando.

Ela virou o rosto para ele enquanto Tramp, adormecido no banco oposto, respirava fundo e ajeitava a cabeça para uma posição mais confortável. Ele viu na expressão dela a consciência de que a jornada dos dois estava chegando ao fim.

– Quando chegarmos a Tenby haverá algumas mudanças – disse ele.

O escritório do Sr. Rhys, o procurador que cuidava do chalé, ficava lá. Como Samantha não tinha a chave, nem sabia exatamente onde a casinha ficava, teriam que encontrá-lo. E então tudo mudaria. A casa estaria habitável ou não. Primeiramente, teriam que descobrir a resposta para essa pergunta e prosseguir a partir daí. Mas ainda não havia razão para imaginar qual seria o próximo passo caso descobrissem que a residência não era habitável.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Você soa como um oficial prestes a dar ordens aos seus homens. Quais são elas, senhor?

– Quando chegarmos, você vai ter que voltar a ser a Sra. McKay enlutada, e eu vou ter que ser o major sir Benedict Harper, amigo do falecido capitão Matthew McKay, acompanhando você para cumprir a promessa que fiz a ele no leito de morte. Mas você precisará de uma camareira para dar um ar de decoro ao fato de termos viajado juntos por uma distância tão longa.

As sobrancelhas dela permaneceram erguidas enquanto ele franzia a testa, pensando.

– Ela acompanhou você até Tenby – prosseguiu Ben –, mas se recusou terminantemente a se afastar mais um passo da Inglaterra ou mesmo a ficar lá. Você foi forçada a mandá-la de volta para a Inglaterra de diligência no mesmo dia de nossa visita ao seu procurador. Precisarás de uma substituição imediata, é claro, antes mesmo de se mudar para o chalé. E suponho que vá precisar de um ou dois outros criados, talvez uma governanta e uma cozinheira, ou alguém que possa atuar nas duas funções, especialmente se a casa for pequena. Talvez uma acompanhante.

– Não precisa se preocupar com esses detalhes, *major Harper* – disse ela, agora de costas para a janela, encarando-o. – Vou tratar disso. E suponho que o Sr. Rhys esteja disposto a me aconselhar.

Ele sorriu, desculpando-se.

– Vou me preocupar.

– Por quê? – perguntou ela. – Porque sou mulher?

– Porque tudo aqui será novo e estranho para você. Porque você estará sozinha.

– E porque sou mulher.

Ele não a contradisse. Mas não era só isso. Era algo que ele *fazia*, organizar pessoas e eventos, gerenciá-los. Ou melhor, era algo que ele *fazia antes*, quando era oficial. Gostava disso, e sentia falta, embora pudesse, é claro, ter assumido o controle de sua propriedade três anos antes ou em qualquer momento desde então.

– Isso parece um adeus – disse ela suavemente.

– Creio que será feliz nesta parte do mundo. Parece que você já se sente parte daqui.

– Sim.

No entanto, talvez houvesse tristeza nos olhos dela.

Isso parece um adeus.

Sim, ela se estabeleceria ali, desde que a casa fosse habitável. Com certeza teria alguns vizinhos, faria amigos e, depois de um tempo apropriado, encontraria um galês digno, se casaria e teria filhos. Seria feliz. E ficaria livre para sempre da influência perniciosa de Heathmoor e do resto dos parentes do marido morto.

E ele nunca saberia de nada disso.

Não importaria, no entanto. Porque logo a esqueceria, assim como ela logo o esqueceria.

Mas naquele momento parecia que jamais conseguiria esquecê-la.

CAPÍTULO 14



Eles chegaram a Tenby no início de uma tarde fria e tempestuosa, com nuvens brancas cruzando velozes o céu azul. Era uma cidade montanhosa bonita, construída acima de falésias elevadas, com vista para o mar de várias ruas do centro. Depois de reservarem quartos em um hotel na parte alta da cidade, desceram o morro até o escritório de Rhys e Llywellyn, o cocheiro tendo confirmado o endereço enquanto eles tratavam dos quartos.

Foram informados de que o Sr. Llywellyn não estava, mas que o Sr. Rhys teria o prazer de recebê-los se esperassem por alguns minutos.

Samantha estava tão assustada como se tivesse entrado na sala de um dentista. Muita coisa – talvez todo o resto de sua vida – dependia do que aconteceria a seguir. Se a casa não estivesse habitável, ela não saberia o que fazer. Se estivesse, Ben logo partiria.

Tentava não pensar nisso, e é claro que não conseguia. Sentiria falta dele. Bem, *claro* que sentiria. Mas essa simples compreensão não servia para explicar o profundo vazio que sabia que a aguardava quando visse a carruagem se afastar sem ela – para sempre.

Duvidava que o visse outra vez.

Era um pensamento sombrio que se somava ao aborrecimento de estar vestindo os trajes negros novamente depois de jurar que nunca mais o faria. Pelo menos não trazia o véu sobre o rosto.

O Sr. Rhys, um homem baixinho de cabelos brancos e bem-vestido, com a aparência de quem deveria já ter se aposentado anos antes, saiu de sua sala apenas três minutos depois de eles terem chegado, o rosto sorridente. Estendeu a mão direita para Samantha.

– Sra. McKay? – indagou ele. – Que surpresa agradável. E major sir Benedict Harper? Como vai, senhor?

Apertou a mão de ambos cordialmente e os conduziu ao escritório depois de instruir o funcionário a trazer um bule de chá. Indicou-lhes duas cadeiras e ocupou seu lugar atrás de uma mesa grande em uma cadeira um pouco mais alta que a deles, notou Samantha, achando graça.

– Não posso dizer que se assemelhe à Srta. Bevan, sua tia-avó, Sra. McKay – disse ele. – Acredito, no entanto, que se pareça um pouco com a Srta. Gwynneth Bevan, a sobrinha dela, sua mãe. Era apenas uma garota quando a vi pela última vez, mas prometia ser uma grande beldade. Fico encantado por ter vindo pessoalmente. O chalé da Srta. Bevan, agora seu, é claro, está desocupado há vários anos, e ultimamente me perguntava se teria novas instruções para mim. Faz um ano desde a última vez que tive notícias do reverendo Saul, seu irmão, que, como de costume, me escreveu em seu nome. Eu iria escrever de volta em breve, mas assim é muito melhor.

Samantha franziu a testa. John estava fazendo negócios com o Sr. Rhys *em nome dela*? Ele não lhe enviara mais nenhuma carta desde pouco depois da morte do pai deles. Havia tomado o silêncio dela como permissão para administrar seus assuntos?

– O chalé está habitável, Sr. Rhys?

Ela sentia como se estivesse prendendo a respiração desde que chegara ali.

– Pode estar um pouco empoeirado. Mando faxineiras apenas uma vez por mês. Trabalhadores foram lá meses atrás para tratar de uma umidade na despensa, mas não era nada sério. O jardim não está tão bonito como a Srta. Bevan o mantinha. As flores foram negligenciadas, mas me certifico de que a grama seja cortada algumas vezes por ano. A senhora talvez ache o mobiliário um pouco antiquado, mas é sólido o suficiente e da melhor qualidade, e foi protegido com cobertas. O interior provavelmente precisa de uma demão de tinta, e os tapetes devem estar meio puídos. Mas acredito que conseguiria um preço decente, caso deseje vendê-lo.

– Ah, na verdade desejo morar lá. Ele sorriu e esfregou as mãos.

– Fico encantado em ouvir isso. Casas foram feitas para serem habitadas, eu sempre digo, de preferência por seus antigos donos. Ainda resta um pouco do dinheiro do aluguel na conta. Tirei apenas o necessário para manter a casa. O resto está intacto.

– O resto do dinheiro?

Samantha olhou interrogativamente para ele.

– A Srta. Bevan não possuía uma vasta fortuna – explicou o Sr. Rhys em seu adorável e preciso sotaque galês. – Mas recebeu uma bela soma quando o velho Sr. Bevan, pai dela, faleceu. Ela não gastava muito, viveu frugalmente toda a vida e sempre disse que estava satisfeita. E a Sra. Saul, sua mãe, nunca retirou nada desse montante. Está aqui em uma conta há muitos anos, acumulando um bom rendimento.

Havia *dinheiro*, bem como um chalé habitável? Por que nunca soubera disso? *Quem* sabia? Seu pai? John?

Ela não perguntou a quantia. Nem detalhes sobre o chalé. Não imaginava que tivessem um valor significativo. Mas se sentiu tola por não saber de nada e se perguntou se a culpa era sua. Nunca havia questionado – mas a mãe havia falado de forma tão depreciativa sobre a propriedade que a fizera parecer um nada.

Samantha ficou satisfeita ao saber que havia um pouco de dinheiro e também uma casa. Não passara necessidade após a morte de Matthew, mas sua situação era apenas confortável. Algumas libras a mais seriam muito bem-vindas, sobretudo se a casa precisasse de novos tapetes e de uma nova camada de tinta. Trocou um olhar com Ben, que sorriu.

Mas tudo isso significava, claro, que ele não teria mais motivos para ficar por ali. E com certeza ele seria muito grato por isso. Ela não era realmente responsabilidade dele, afinal.

O chalé estava situado a apenas alguns quilômetros ao longo da costa, explicou o Sr. Rhys depois que o funcionário trouxe o chá e um prato de biscoitos doces. Ficava perto da vila de Fisherman's Bridge, embora separada por dunas de areia que escondiam a casa. A praia em frente sempre foi considerada parte da propriedade e nunca foi usada por ninguém, exceto pelos moradores da casa. Ele não aconselhava que a Sra. McKay fosse até lá naquele dia, nem mesmo no seguinte. Ele gostaria de mandar limpar o chalé, cortar a grama e providenciar um pouco de carvão e mantimentos básicos.

Ben contou a história mítica do amigo, o falecido capitão McKay, e da partida da camareira de Samantha em uma diligência com destino à Inglaterra naquela manhã.

– Que lástima – disse o Sr. Rhys. – E vão ficar em Tenby pelas próximas duas noites, é isso? No hotel? Isso deixa a Sra. McKay em uma posição um pouco inadequada, não? Mesmo que tenha o senhor como companhia e proteção, major. Uma dama precisa de sua camareira bem como de um cavalheiro para garantir sua reputação. Deixe-me ver o que posso fazer para encontrar uma nova

camareira. Não deve ser muito difícil, mesmo em pouco tempo. Boas oportunidades não surgem todos os dias por aqui, especialmente para as moças.

– Obrigado, Sr. Rhys. Isso tranquilizaria minha mente. Fiquei profundamente preocupado, como pode imaginar, quando aquela empregada miserável insistiu que não aguentaria mais um dia se afastando da Inglaterra em vez de se aproximando dela.

Mentiroso convincente, pensou Samantha. E o que ele quis dizer com *isso tranquilizaria minha mente*?

– Gales costuma ser visto como um local bárbaro e selvagem – disse o Sr. Rhys com um de seus largos sorrisos. – E às vezes nós, galeses, ficamos contentes que seja assim. Embora o sudoeste daqui seja frequentemente chamado de “pequena Inglaterra”. Não encontrarão muitas pessoas por aqui que falem e compreendam algo além de galês.

– Mas é um idioma adorável, musical – protestou Samantha –, e pretendo aprendê-lo.

– Esplêndido.

O Sr. Rhys sorriu para eles e esfregou as mãos novamente. Despediram-se assim que terminaram o chá.

– *Está* habitável, Ben – disse Samantha enquanto eram lentamente conduzidos por um morro íngreme de volta para o hotel. – Chego a estar zozona com a notícia. Embora deva ser minúsculo. Gostaria de saber o que significa uma *bela soma*. Você acha que sou muito rica?

– Provavelmente não. Mas talvez o suficiente para comprar carvão para fazer fogo durante os invernos. Deve ser mais ameno aqui do que em outras partes do país. Contudo, se a minha experiência na Cornualha serve como base, os invernos podem ser muito úmidos e melancólicos. E ventosos.

Ventava naquele dia.

– Suponho que seja o ônus de viver perto do mar. Ah, Ben, o Sr. Rhys é tão...

respeitável, não achou?

– Claro. O que você esperava? Um bárbaro? E também é tão velho quanto as montanhas.

– Ele conheceu minha tia-avó.

– Você não sabe nada sobre ela além do nome? Está curiosa a respeito dela, Samantha? E sobre o resto da sua família?

– Minha mãe raramente falava sobre a vida aqui – contou ela. – Acho que era infeliz. Ou talvez apenas indócil. Ela fugiu para Londres quando tinha 17 anos e

nunca mais voltou. Talvez pretendesse me contar o que aconteceu quando eu fosse mais velha, mas morreu de repente, quando eu tinha apenas 12 anos.

Samantha não respondeu se tinha curiosidade ou não. Na verdade, estava com um pouco de medo de ser curiosa. Tinha medo do que poderia descobrir. Sua mãe havia sido abandonada pelos pais. Era o que sabia. Talvez não quisesse detalhes.

No entanto, a tia-avó possuía um chalé próprio. Isso significava pelo menos uma coisa: obviamente não havia sido uma pessoa sem recursos. Nem o pai dela, o bisavô de Samantha, se havia deixado uma *bela soma*, fosse qual fosse. Mas de onde tinha vindo o dinheiro da tia-avó para comprar um chalé? Ela aparentemente nunca fora casada. Tinha dinheiro suficiente para viver sem a soma que o pai deixara. Tinha conseguido deixar a maior parte ou tudo para a sobrinha, a mãe de Samantha, além da casa.

Samantha sempre pensava nos parentes galeses como pessoas pobres. No entanto, bastava pensar um pouco para concluir que a tia-avó não poderia ter sido uma pobretona e que seu dinheiro devia ter vindo de algum lugar.

– Ah – disse ela com um suspiro –, talvez eu esteja um pouco curiosa, afinal de contas.

Mas haviam chegado ao hotel.

– Vamos descansar o resto do dia e passear amanhã? – sugeriu Ben. – Ou você...

Ela o interrompeu:

– Você vai para o seu quarto deitar um pouco. Sempre sei quando está com dor. Você sorri demais.

– Terei que fazer uma carranca feroz – disse ele, adequando a ação às palavras –, para convencê-la de que sou forte e saudável.

No entanto, não argumentou sobre se recolher.

Depois de amanhã, pensou Samantha ao fechar a porta do quarto, ela se instalaria na própria casa. Sua nova vida começaria de verdade. E Ben começaria a jornada pela costa oeste de Gales e o resto da vida *dele*.

Ah, céus, como uma pessoa podia estar tão animada e tão deprimida ao mesmo tempo? Era melhor distrair a cabeça dando uma caminhada com Tramp.

Duas horas depois, sentada perto da janela do quarto, alternadamente olhando para o mar e tentando ler, Samantha ouviu uma batida na porta. Abriu sorridente, na expectativa de ver Ben. Em vez dele, o que viu foi uma garota magra de cabelos escuros e olhos azuis.

Havia sido enviada pelo funcionário do Sr. Rhys, explicou, para ser a camareira da Sra. McKay: cuidar de suas roupas, buscar água para que se lavasse, pentear seu cabelo e fazer qualquer outra coisa que a Sra. McKay pedisse. Ela era uma boa menina, e o Sr. Rhys poderia testemunhar esse fato, já que a irmã da mãe da moça trabalhava para a prima de sua esposa fazia cinco anos e nunca havia tido problemas, e, *se* a Sra. McKay lhe desse uma chance, por favor, nunca se arrependeria, pois faria qualquer coisa que fosse do agrado da Sra. McKay. Além disso, o escriturário dissera à garota que deveria ficar à noite, mesmo que não para sempre, já que a camareira da Sra. McKay tinha partido de diligência naquela manhã e a abandonado porque não gostava de Gales, embora vá saber o que havia de errado com Gales, pois certamente era cem vezes melhor do que a Inglaterra, onde dificilmente havia uma montanha ou morro para tornar a paisagem interessante e onde as pessoas não cantavam, mas, enfim, não seria respeitável para a Sra. McKay ficar sozinha em um hotel sem uma camareira, embora o amigo do falecido marido, que era tanto um major quanto um sir, estivesse ali para protegê-la, em outro quarto, é claro, e... e a Sra. McKay a *consideraria* para o trabalho, *por favor?*

Samantha não sabia se a garota havia parado para respirar. Seus olhos azuis estavam arregalados de entusiasmo e ansiedade.

– Você tem uma vantagem sobre mim – disse Samantha. – Sabe o meu nome.

– Ah – exclamou a menina. – Gladys, Sra. McKay. Gladys Jones.

– E quantos anos você tem, Gladys?

– Eu tenho 14 anos, Sra. McKay. Sou a mais velha. Há sete mais jovens que eu, e nenhum de nós trabalha ainda. Eu ficaria muito grata se a senhora me aceitasse, para que eu possa ajudar o pai a nos alimentar. Sou trabalhadora. Minha mãe que diz, e ela diz que sentirá minha falta se eu começar a trabalhar, mas Ceris será quase tão boa quanto eu. Ela é uma boa menina também, acabou de completar 13 anos e é quase tão alta quanto eu. Mas talvez a senhora não precise que eu durma em sua casa por enquanto, e eu poderia ir e vir facilmente, porque moro em Fisherman's Bridge, é só uma pequena caminhada até o chalé vazio para onde a senhora vai se mudar. Mamãe está esperando mais um filho para daqui a poucas semanas, e eu preferiria ficar com ela à noite até o novo bebê estar no berço. Depois disso, ficaria mais do que feliz em dormir no chalé. Embora eu possa dormir imediatamente se a senhora preferir, e só tenha minha folga para visitar mamãe e ajudar Ceris o máximo que puder.

Samantha se afastou para deixar a menina entrar no quarto.

– Ficarei feliz em lhe dar uma chance, Gladys, enquanto *você* me dá uma chance. E acredito que poderei ficar sem seus serviços à noite, pelo menos por um tempo.

Pensou na camareira que tivera em Bramble Hall e em como a menina costumava mantê-la acordada até tarde com sua tagarelice. Gladys seria capaz mantê-la acordada a noite toda se fosse morar em sua casa.

– Ah, *obrigada*, Sra. McKay – disse a garota, que na mesma hora foi até as malas de Samantha e começou a desfazê-las, embora fosse ter que guardar tudo de novo dali a dois dias.

Na manhã seguinte, chegou ao hotel a informação de que a Sra. Price, mãe viúva do ferreiro de Fisherman's Bridge, tinha ido até o chalé supervisionar as faxineiras enviadas, abrir as janelas para arejar o lugar e tirar as cobertas dos móveis, fazer algumas compras e acender o fogo em todas as lareiras depois que as janelas fossem fechadas novamente, a fim de que tudo ficasse agradável, quente e aconchegante para quando a Sra. McKay chegasse, no dia seguinte. A Sra. Price havia expressado a vontade de ser entrevistada para um cargo permanente, se a Sra. McKay assim desejasse. Era uma excelente cozinheira e já havia ocupado cargos de cozinheira e governanta. Tinha referências para comprovar.

E assim a próxima etapa de sua vida estava prestes a começar, pensou Samantha enquanto passava a tarde com Ben e Tramp, sentando-se e dando pequenas caminhadas pelo topo das falésias acima da baía de Tenby.

Uma fase que não incluiria Ben.

– Ben – disse ela de repente, depois de já estarem por um tempo sentados em silêncio admirando a vista –, você vai ficar por alguns dias? Depois de amanhã, quero dizer?

Ele encarava o mar, os olhos se estreitando ao brilho da luz refletida na superfície.

– Ah, que egoísta da minha parte – emendou ela. – Por favor, ignore a pergunta. Você deve estar ansioso para seguir seu rumo.

– Se houver uma hospedaria em Fisherman's Bridge, ficarei por alguns dias. Até estar convencido de que foi adequadamente instalada.

– Obriguei você a isso? – perguntou ela. – Não sou responsabilidade sua.

Quando Ben virou a cabeça para olhar para ela, estava com o cenho ligeiramente franzido.

– Ah, mas você é – rebateu ele. – Prometi ao meu amigo, seu marido, no leito de morte, que iria acompanhá-la até aqui e vê-la em segurança. Lembra?

Sempre cumpro minhas promessas.

Então, quando ela sentiu que estava prestes a se desmanchar em lágrimas, ele sorriu.

Aquele sorriso iria assombrá-la depois que ele se fosse. De alguma forma, tinha o poder de sempre deixá-la de pernas bambas.

– Vou levar Tramp para uma rápida caminhada – disse ela, levantando-se depressa.



As falésias ficaram menores quando seguiram na direção oeste ao longo da costa na manhã seguinte, embora voltassem a crescer não muito depois. Haviam dito a eles que a vila de Fisherman's Bridge e, portanto, o chalé, ficava no declive onde as falésias eram mais baixas.

Samantha esperava que o chalé não passasse de um casebre, como a mãe o havia chamado. Mas não ficaria desapontada, disse a si mesma. Pelo menos era habitável. Serviria por um tempo, mesmo que não para sempre. E aquela era uma parte tão bonita do mundo que com certeza não se arrependeria de se mudar para lá.

Então, de repente, quando se aproximavam de uma fileira de dunas parcialmente cobertas de vegetação, lá estava ele. Ou o que devia ser, já que não havia outra moradia à vista e a vila devia estar além das dunas.

Exceto que não era um chalé. Pelo menos não o que Samantha considerava um chalé.

– Ah, meu Deus – disse ela.

Ben inclinou-se dentro da carruagem, o ombro pressionando o dela, para poder enxergar pela janela do lado dela.

Era uma casa robusta e quadrada de pedra cinza e telhado de ardósia. Parecia ter pelo menos quatro quartos no andar de cima e o mesmo número de cômodos no de baixo. Havia uma varanda na frente e uma mansarda acima dela. Um jardim quadrado cercava a residência, delimitada por uma cerca de madeira caiada. Havia um celeiro de bom tamanho em um canto. O que em certa época obviamente tinham sido canteiros de flores estavam nus, a não ser por algumas ervas daninhas, mas a grama fora recém-aparada. A extensão de verde não estava pontilhada nem por margaridas nem por botões-de-ouro.

– Isso é um *chalé*?

– Bem, não é uma mansão, mas também não é a choupana de um eremita – respondeu Ben.

– É uma *casa* – disse ela. – Como minha mãe pode tê-la chamado de casebre? Você acha que há algum engano?

– Não. A carruagem está virando na direção dela. Sua nova camareira diria algo se estivéssemos no lugar errado, embora eu tenha percebido que caiu em silêncio desde que viu Quinn no pátio do estábulo esta manhã e não ouvi mais sua voz, você ouviu?

– Minha tia-avó não pode ter sido pobre. Eu sempre achei que tivesse sido.

Uma mulher grande, de vestido marrom-escuro, com um volumoso avental e touca brancos apareceu nos degraus da varanda com um sorriso de boas-vindas. A Sra. Price, presumiu Samantha. Ela fez uma reverência quando o cocheiro baixou os degraus e ajudou Samantha a descer no portão do jardim. O Sr. Quinn o abriu. Gladys desceu da boleia sem ajuda.

– Bem-vinda, Sra. McKay – disse a Sra. Price. – Está tudo pronto, apesar do pouco tempo. Mantive todo mundo trabalhando duro ontem até que tudo estivesse brilhando e não restasse um grão de poeira ou sujeira. E cheguei cedo hoje para assar uns bolos e a senhora ter algo gostoso para comer, além de sentir o aroma de comida na casa. Não há nada mais acolhedor que esse cheiro, não é mesmo? E você é Gladys Jones? Sua mãe me disse que tinha ido se oferecer como camareira da Sra. McKay. Entre, senhora. O cavalheiro se machucou?

O interior condizia com o lado de fora, descobriu Samantha na meia hora seguinte. Havia quatro cômodos quadrados de tamanho considerável no andar de baixo: uma sala de estar, uma sala de jantar, uma cozinha e uma biblioteca. Havia quatro grandes quartos no andar de cima e um pequeno na cabeceira da escada, além do sótão com uma janela no telhado. Um corredor dividia a casa no andar de baixo e continha a escada, que subia direto ao piso superior.

O arquiteto, quem quer que tivesse sido, talvez carecesse de imaginação, mas Samantha adorou as dimensões dos quartos. Os móveis, embora antigos, pesados e predominantemente de cor escura, como o Sr. Rhys os descrevera, pareciam confortáveis. Na véspera sem dúvida havia cheiro de coisa velha e até de mofo, mas as janelas abertas, o fogo nas lareiras e os bolos haviam resolvido o problema.

Finalmente, a Sra. Price foi até a cozinha buscar alguns de seus bolos recém- assados e um bule de chá. Gladys caminhava de um lado para outro no quarto principal, acima da sala de visitas, onde Samantha estava sentada com Ben.

– Mal posso acreditar – disse ela, passando as mãos pelo couro antigo e macio dos braços da poltrona.

– Que a casa realmente existe? – indagou ele. – Ou que é habitável? Ou que é de fato bastante ampla? Ou que realmente lhe pertence? Ou que você enfim está aqui? Ou que tem uma praia particular e uma vista para atraí-la para as janelas da frente pelo resto da vida? Ou que sua vida mudou tão drasticamente em tão pouco tempo?

– Ah, pare – disse ela, rindo. Apoiou a cabeça no encosto da cadeira e fechou os olhos. – Tudo isso. Ah, Ben, é como se eu tivesse sido arrancada da minha vida e colocada aqui, no paraíso. Realmente parece o paraíso.

– Acredito que o conde de Heathmoor lhe fez um favor quando tirou Bramble Hall de você e a intimou a morar em Leyland Abbey. Talvez nunca considerasse esta casa a sério se não estivesse desesperada para fugir, ou, se considerasse, talvez não cogitasse vir para cá.

– Será que *foi* o destino, então? – Ela abriu os olhos para olhar para ele. – Algo que era para ser?

Mas antes que ele pudesse responder a Sra. Price voltou apressada para a sala, carregando uma enorme bandeja.

– Não sabia se preferia bolo de groselha, de sementes ou *bara brith*, Sra. McKay – disse ela. – Então fiz os três, assim a senhora pode escolher. Ouso arriscar que o major gosta dos três. Os homens costumam gostar. Tenho certeza de que ambos combinam bem com uma boa xícara de chá. Não prefeririam café, espero. Coisa desagradável e amarga, se querem minha opinião. Nunca tenho em casa. Meu marido não gostava, nem meu filho gosta. Mas posso comprar um pouco e trazer amanhã, se gostar. Isto é, se a senhora quiser que eu volte. Não me importaria de vir todos os dias para preparar seu café da manhã e cozinhar até a noite, embora prefira não dormir aqui. Meu filho morreria de fome, uma vez que ainda não encontrou uma esposa, e eu não consigo dormir bem em uma cama que não seja a minha.

– Vamos experimentar sua sugestão? – disse Samantha. – E fico feliz em beber chá. *Bara... brith*, você disse?

– É este bolo escuro cheio de frutas – respondeu a Sra. Price, indicando as fatias no prato que havia trazido, antes de servir uma xícara de chá para cada um.

– Não existe bolo que se compare em sabor. O cachorro está roendo um osso de sopa e bebendo água na cozinha. Eu gosto de cachorros e também de gatos, embora nunca tenha visto um cachorro como esse.

– E é de desejar com fervor que nunca veja outro igual, Sra. Price – disse Ben.

A Sra. Price riu.

– Posso lhes servir mais alguma coisa antes de voltar para a cozinha? – perguntou ela.

– Você sempre morou aqui, Sra. Price? – perguntou Samantha. – A vila não fica longe?

– Logo depois daquelas dunas – respondeu a Sra. Price, apontando para o oeste. – E aqui atrás ficam as terras do Sr. Bevan e a casa grande, embora não seja possível ver daqui.

As terras do Sr.

Bevan. A casa grande.

– Suponho que ele seja seu avô, Sra. McKay, não é? – prosseguiu a Sra. Price. – Eu não sabia ao certo quem estava vindo, embora tenham me dito que era a proprietária. Mas parece que a senhora deve ser neta dele. Ele se casou com uma dama cigana, a senhora sabe. Mas é claro que a senhora sabe. A senhora tem aparência de cigana, embora lhe caia muito bem, devo dizer. Vou voltar para a cozinha. Tenho um pouco de sopa no fogo e um pão crescendo.

– Há alguma hospedaria na vila, Sra. Price? – perguntou Ben quando ela se virou para sair.

– Ah, sim, há sim, senhor. É um lugar muito bom e arrumado. Nada chique, mas serve um bom jantar e está sempre limpo. Os estábulos também. Meu irmão é o dono.

– Obrigado. Provavelmente vou me hospedar lá por algumas noites até ter certeza de que a Sra. McKay está devidamente instalada. Prometi a seu falecido marido, meu amigo, que faria isso.

Samantha deu uma mordida no *bara brith* quando ficou sozinha com Ben. Era realmente delicioso, mas não estava com muito apetite. Colocou o prato de lado e olhou para Ben. Ele olhava fixamente para ela.

– Ele tem terras e uma casa grande – disse Samantha. – E ainda está vivo.

– Sim.

– No entanto, mandou minha mãe e a irmã morarem aqui. Permitiu que fosse para Londres aos 17 anos e não foi atrás dela. Não compareceu ao casamento dela, ao meu batizado, nem ao funeral. O motivo não pode ter sido pobreza, pode?

– Imaginar que ele era pobre a consolou ao longo dos anos?

– Não precisei de consolo. Não pensei nele nem me perguntei sobre ele.

Mas, enquanto olhava para Ben e ele olhava para ela em silêncio, Samantha soube que devia ter acreditado naquilo, mesmo que de forma inconsciente. E soube que a convicção de que o avô materno era pobre era a única coisa que amainara a dor de ser excluída da família da mãe ao mesmo tempo em que era evitada pela do pai.

– Suponho que tenha sido, porque ela era filha da cigana que o abandonou – disse ela. – Minha mãe, quero dizer. E porque eu era filha dela. Se é que ele sabia de mim, claro.

– Agora está arrependida por ter vindo? – perguntou Ben.

Ela olhou pela janela que dava para o sul. Podia ver o terreno além da cerca do jardim se afastando em declive para o oeste e depois subindo novamente as dunas. No declive, dava para ver o mar e uma faixa de areia dourada a poucos passos de sua casa. A casa em si era confortável e acolhedora. Um relógio sobre a cornija da lareira tiquetaqueava em ritmo constante. Seria um acalanto quando se sentasse ali sozinha. Se ela se sentasse perto da janela aberta, poderia sentir o cheiro salgado do mar. Também conseguiria ouvi-lo.

E era tudo

seu. Sua

herança.

– Não. – Ela abriu a boca para falar mais alguma coisa, mas a fechou.

– Mas...?

– Estou com um pouco de medo, talvez – admitiu ela. – Com medo da caixa de Pandora.

Ele se levantou lentamente, largou uma das bengalas e estendeu a mão livre. Samantha lhe deu a mão, e ele a levou até a janela.

– Olhe para o mar, Samantha. Aprendi esse truque quando estava em Penderis. Ele já estava aí muito antes de pensarmos em existir. Estará aí muito depois de termos sido esquecidos, subindo e descendo de acordo com a lei das marés.

– Nossos pequenos dramas são insignificantes?

– Longe disso – disse ele. – A dor não é insignificante. Tampouco a perplexidade ou o medo. Ou condições como pobreza ou falta de moradia. Mas em algum lugar, *em algum lugar*, há paz. E nem é um lugar distante. Esse lugar está bem dentro de nós, sempre presente, na verdade, apenas esperando olharmos para dentro para encontrá-lo.

Samantha virou o rosto para olhar o perfil esguio dele.

– Foi assim que você aprendeu a dominar a dor – disse ela com súbita intuição.

– No fim, era o único jeito de fazer isso – admitiu Ben. – Mas às vezes esqueço. Todos nós esquecemos. É da natureza humana tentar cuidar da própria vida sozinho, sem recorrer... Mas sinto muito, não pretendia ser tão obscuro. Apenas não tenha medo do que quer que descubra aqui; o conhecimento não pode causar nenhum dano real, mesmo que seja doloroso, pois as coisas *são como são*, quer você tenha conhecimento delas ou não. E talvez o conhecimento lhe traga alguma compreensão e até mesmo paz.

Ben continuou a olhar pela janela, e Samantha continuou a olhar para ele.

A dor dele, pensou Samantha, era profunda. Ele aprendera a dominá-la. Mas ainda estava à deriva na vida. Ao contrário dela, não havia encontrado seu lar. Mas também, ao contrário dela, aprendera a não ter medo.

– Você *vai mesmo ficar* por um tempo? – perguntou ela.

Ah, esperava não estar sendo egoísta. Mas só por uns dias...

– Ficarei – disse ele, olhando-a nos olhos. – Por um tempo.

CAPÍTULO 15



A vila de Fisherman's Bridge consistia em apenas uma rua de verdade, que acompanhava o litoral por menos de 2 quilômetros. Não havia penhascos altos, apenas um quebra-mar com areias douradas que se estendiam até a beira da água.

A estalagem ficava na metade da rua, do lado que dava para o mar, os estábulos na lateral, em vez de nos fundos, onde teriam obstruído a vista da sala de jantar e das janelas da taberna. Havia um quarto disponível, e o senhorio ficou encantado por cedê-lo ao major sir Benedict Harper. Rapidamente ficou claro para Ben que o homem sabia exatamente quem ele era. As notícias correm ligeiro em lugares pequenos. Ele também sabia que Ben tinha vindo com a Sra. McKay, que estava se estabelecendo na antiga casa da Srta. Bevan, que ficava além das dunas. Perguntou se era verdade que ela era neta do Sr. Bevan, e Ben confirmou. Não havia sentido em negar.

Não era segredo, afinal de contas.

Mas quem diabo era Bevan? Parecia algum tipo de proprietário de terras.

O quarto era confortável e oferecia uma vista da praia e do mar. O jantar, preparado pela esposa do proprietário, era saboroso e bem-servido, como a Sra. Price antecipara. Ben era o único presente na sala de jantar, mas, a julgar pelas vozes e gargalhadas barulhentas, a taberna ao lado estava lotada. O senhorio devia estar servindo lá. Foi a esposa dele que trouxe a comida de Ben, e ela parou para conversar.

– É maravilhoso saber que há alguém no chalé da Srta. Bevan de novo. Eu detestava vê-lo vazio; é um lugar tão bonito!

Ben não resistiu a sondar algumas coisas.

– O Sr. Bevan mora perto daqui, não mora, Sra. Davies?

– Sim, na casa grande – disse ela, acenando com a mão para o lado oposto ao mar. – Se o senhor seguir pela rua até a ponte, poderá vê-la na colina entre as árvores. Uma localização adorável. O pai dele escolheu o local perfeito quando decidiu construir a casa.

– Não havia casa no terreno antes disso, então?

– Só a casa da fazenda. Mas não era grande ou imponente o bastante para o Sr. Bevan. Bem, faz sentido, não é mesmo? Ele tinha a fortuna das minas de carvão, mas foi aqui que escolheu viver e se estabelecer como um cavalheiro. Queria uma casa grande, e construiu uma adorável. Nossa Marged trabalha lá como camareira e recebe um bom salário.

– Essa carne assada está tão macia que quase dá para cortar com garfo – comentou Ben. – E as batatas assadas estão crocantes por fora e macias por dentro, bem como eu gosto.

– Gosto de ver um homem comer uma refeição farta com gosto – disse ela, claramente satisfeita.

– O Sr. Bevan ainda tem as minas? – perguntou Ben.

– As minas e a siderúrgica no vale de Swansea – contou ela. – É onde o nosso filho mais velho trabalha. Ele ganha um bom dinheiro. Vários rapazes daqui trabalham lá e nas minas. O Sr. Bevan é um bom empregador, é sim. Bom para seus trabalhadores. Mas está velho e não tem filhos para continuar a tocar os negócios depois dele; uma grande pena. A Sra. Bevan, isto é, a segunda, nunca foi abençoada com filhos antes de morrer, pobre senhora.

Ben estava se sentindo culpado. Nada disso era da conta dele, mas provavelmente teria tido uma conversa idêntica mesmo que fosse um estranho ali. Teria feito perguntas e descoberto informações interessantes para seu livro. Na verdade, provavelmente estaria investigando mais a fundo.

Ele se perguntou o que Samantha faria com essas informações quando soubesse. O que ela tinha dito?

Estou com um pouco de medo, talvez. Com medo da caixa de Pandora.

E que caixa!

– Talvez ele se console com a neta – acrescentou a Sra. Davies. – Ela é viúva, senhor?

– O marido era meu amigo – explicou Ben. – Prometi a ele que eu a veria instalada em segurança aqui.

Alguém a chamou da cozinha, e a Sra. Davies saiu apressada com um pedido de desculpas por deixá-lo.

Será que Bevan *ficaria* contente ao descobrir a neta morando ao lado? Será que já sabia que ela estava ali?

Uma coisa era certa, pensou Ben enquanto esvaziava o prato. Permaneceria ali até que algumas de suas perguntas fossem respondidas. Samantha poderia ainda precisar dele.

Essa decisão causou-lhe um enorme alívio.



Na manhã seguinte, Ben pegou um cavalo dos estábulos da hospedaria para ir até a casa de Samantha, acompanhado de Quinn para ajudá-lo a desmontar e montar. O sol cintilava no mar quando chegaram às dunas, e o ar estava aquecido. As janelas superiores da fachada estavam abertas, e as cortinas esvoaçavam à brisa. A porta da frente também estava aberta, e Samantha – sim, era ela – estava curvada sobre um dos canteiros abaixo da janela da sala, arrancando ervas daninhas. Usava luvas, avental e um velho chapéu de palha de abas largas que Ben nunca vira. Havia se livrado das roupas pretas de novo. O vestido era de musselina verde-clara e parecia ter visto dias melhores.

Ben parou o cavalo a fim de apreciar a cena mais demoradamente. Samantha parecia relaxada e satisfeita, como se sempre tivesse pertencido ao lugar. Dar-se conta disso provocou alguma coisa em Ben. Exclusão? Solidão? Porque ela provavelmente continuaria pertencendo àquele lugar muito tempo depois de ele ir embora.

Algo alertou Samantha, embora os cascos do cavalo não fizessem tanto barulho na grama arenosa. Ela ergueu o corpo e se virou para eles com uma pequena colher de pedreiro na mão. Sorriu. Tramp, que antes tomava sol estendido ao pé dos degraus da varanda, agora também estava de pé, abanando o rabo e latindo.

– Sempre me imaginei jardineira – disse ela, enquanto Ben cavalgava até a cerca do jardim. – Eu cuidava um pouco das plantas quando menina, mas em Bramble Hall nunca tive oportunidade. Matthew precisava de meus cuidados. Agora *tenho* uma chance. O Sr. Rhys disse que minha tia-avó mantinha um lindo jardim aqui, não foi? Bem, vou recuperá-lo, mesmo que tenha que começar com alguma destruição. Detesto matar ervas daninhas. São plantas, afinal. São seres vivos. E quem decide o que são flores e o que são ervas daninhas? Adoro margaridas, botões-de-ouro e dentes-de-leão, mas todo mundo os arranca como se fossem portadores da peste.

– Talvez porque destruíam os gramados quando crescem e se espalham sem controle. Você dormiu bem?

Samantha havia dormido sozinha na casa, porque nem a camareira nem a Sra. Price morariam com ela ao menos por ora. Ben gostaria de saber se esse fato a perturbava. Ele havia se preocupado um pouco com ela durante a noite.

– Dormi com a janela aberta – contou Samantha. – Pude ouvir o mar e sentir seu cheiro, mas apenas por um tempo muito curto, devo admitir. Adormeci profundamente e só despertei ao sentir cheiro de bacon vindo da cozinha. A Sra. Price chegou bem cedo e me deixou sem graça. A hospedaria é razoável?

– Muito confortável. Você tem um celeiro nos fundos grande o suficiente para abrigar meus cavalos enquanto estou aqui. Vou até lá com Quinn, se me der licença. Já volto.

O avental, as luvas e a colher de pedreiro haviam desaparecido quando ele voltou, mas Samantha ainda estava do lado de fora com o chapéu de abas largas, com certeza tão velho quanto as montanhas, mas que a deixava absurdamente bonita. Tramp estava ao lado dela, abanando o rabo na clara expectativa de receber atenção. Aquele cachorro realmente dava por certo que o mundo girava em torno de seu grande e desajeitado eu.

– Lembro-me de você ter dito que nunca caminhava na praia de Penderris Hall porque ficava no sopé de um penhasco alto. Havia um caminho para descer?

– Havia algumas trilhas íngremes – disse ele. – Os outros desciam o tempo todo, até Vincent, embora seja cego.

– Não há nada que o impeça de caminhar na praia daqui. Não fica longe, e o declive não é íngreme. A areia parece lisa e regular. Vamos?

– Agora?

Ele tinha se dado conta havia muito tempo de que é da natureza humana querer o que não se pode ter, mesmo quando se tem outras bênçãos em abundância. Ben sempre desejara com todas as forças descer até a praia de Penderris. Hugo uma vez se ofereceu para levá-lo, mas ele recusou com tanta firmeza que a oferta nunca foi renovada. Não que Hugo não pudesse fazê-lo. Era forte como um touro. Mas Ben se sentiria humilhado. Assim, consolou-se com a ideia de que não havia nada lá embaixo, exceto areia para entrar no cabelo e na boca.

– Estava torcendo para que chegasse cedo – disse Samantha, acompanhando os passos dele, as mãos entrelaçadas às costas, enquanto Tramp saltitava à frente

dos dois. – Queria muito ir, mas queria ter você comigo na primeira vez. Gostaria de ter essa lembrança.

Essa lembrança? Da companhia dele na primeira vez?

– Tenho uma confissão – anunciou Samantha. – Nunca, jamais estive em uma praia. Não é estranho, levando em conta que minha mãe cresceu aqui?

Ben olhou para ela. O trabalho no jardim e a brisa do mar tinham dado uma cor saudável a suas bochechas. Os olhos brilhavam.

– Posso sugerir que tire os sapatos e as meias antes de pisar na areia? Caso contrário, encherá os sapatos de grãos antes de sequer começar a caminhar e passará o resto do dia sacudindo areia e tratando das bolhas.

Ela riu.

– Você também?

– Estou de botas – disse ele.

Além disso, não estava disposto a expor nenhuma parte de suas pernas na presença dela.

– Parece uma sugestão muito imprópria, senhor, mas muito sensata – disse Samantha.

Ela olhou em volta e escolheu um rochedo plano na parte inferior da encosta, onde se sentou. Tirou os sapatos e as meias enquanto ele observava. Ocorreu a Ben tarde demais que teria sido muito mais gentil virar de costas. Ela tinha pernas delgadas, tornozelos elegantes, pés estreitos e bonitos – que ele havia visto na hospedaria acima do vale do Wye. Ela enrolou as meias com habilidade e as guardou dentro dos sapatos, depois se levantou e colocou os sapatos sobre a rocha.

– Ah, que sensação deliciosa! – exclamou ela, contorcendo os dedos na mistura de grama e areia em que estavam. – Mas parece pecaminoso ficar descalça ao ar livre.

Caminharam até uma praia larga e plana. A areia se estendia à direita e à esquerda até encontrar afloramentos de rocha que circundavam a área e formavam uma praia particular. Rochas erguiam-se atrás deles em ambos os lados do vão, oferecendo mais privacidade. A maré estava baixa, embora as ondas indicassem que estava subindo. A brisa era mais fresca ali, mas o sol, mais quente. Gaivotas gritavam no alto.

As bengalas de Ben afundavam na areia, mas ele achou mais fácil andar ali do que no solo duro. Samantha correu um pouco na frente dele, parou e se virou, os braços abertos.

– Liberdade! – gritou, como uma criança exuberante. – Ah, me diga que isso não é uma ilusão, Ben.

Tramp saltava em volta dela, latindo.

– Isso é liberdade – disse Ben, obediente, com um sorriso largo.

Samantha ergueu a cabeça para o céu e deu três giros completos enquanto ele ria. O vestido voou para os lados, e a aba do chapéu caiu sobre o rosto.

Aquela era a senhora austera e vestida de preto que Ben conhecera no condado de Durham?

– *Existem* momentos assim, não existem? – indagou ela. – Ah, eu tinha esquecido. Fazia *tanto* tempo! Mas existem momentos de pura e completa felicidade, e este é um deles. Estou tão feliz por ter esperado que você chegasse, pois esses momentos precisam ser compartilhados. Diga que você também sente essa liberdade, essa felicidade.

Ela parou de girar para olhar para ele, e Ben percebeu uma súbita incerteza ali.

Mas ele *também* sentia. Era como se naquele momento o mundo tivesse parado, eles tivessem descido e nada jamais fosse importar novamente, a não ser aquele local.

– Estou feliz por você ter me esperado – disse ele.

Samantha soltou os braços nas laterais do corpo e olhou para ele, o rosto radiante.

– Para onde vamos? – perguntou Ben. – Leste? Oeste? Sul?

– Ah. – Ela girou para considerar cada direção. – Sul. Para a beira d’água.

Você vai se sentir confortável caminhando tanto? O cachorro já havia disparado naquela direção.

– Estou em uma praia, finalmente – disse ele. – Deixe-me ao menos mergulhar a ponta de uma bengala na água.

A maré estava mais distante do que parecia. Mas andar na areia era relativamente fácil, e ele ignoraria qualquer desconforto pelo prazer de fazer o que estava fazendo. Isso era alimento para o futuro. A primeira caminhada dela na praia. A primeira dele em anos. E estavam fazendo isso juntos.

Tramp corria à beira do mar, espirrando água.

– Será que me atrevo? – perguntou Samantha. Não era realmente uma pergunta. – Suponho que a água esteja terrivelmente fria.

Levantou a barra do vestido enquanto ainda falava e entrou na água rasa, que mal molhava a areia, depois foi até a marola mais próxima, na altura do tornozelo.

– Ah, está gelada – disse ela com um arquejo. – E meus pés estão afundando na areia. Ah, é *delicioso*, Ben. – Ela levantou a cabeça para ele, os olhos cintilando. – Entre também.

Ele realmente não deveria. Se os pés dela estavam afundando na areia, o que aconteceria com as bengalas? E suas botas ficariam brancas de salmoura depois que secassem, e Quinn faria uma cara de reprovação e sofrimento. Além do mais, e se ele perdesse o equilíbrio e caísse? Como diabo iria se levantar?

Samantha esperava, parada.

– É gelado apenas no começo. E provavelmente você não vai sentir nada com as botas – disse ela.

– Isso era tudo que eu precisava ouvir – disse Ben, e entrou na água, enquanto ela ria alto.

Ele *sentiu* o frio da água mesmo com as botas e as meias. E as bengalas de fato afundaram de forma alarmante na areia molhada. Embora estivesse a poucos metros da terra seca, a sensação era de que havia pisado em um elemento diferente. O sol queimava acima deles. O mar cintilava ao redor.

Ben sentiu um súbito desejo de que George, Hugo ou um dos outros o visse agora. Ele riu.

Samantha se aproximou, erguendo de leve as saias. Com a mesma mão que segurava o tecido, pegou uma das bengalas e se aproximou ainda mais.

– Coloque seu braço em meus ombros – disse ela.

– Meu peso seria demais para você – protestou Ben.

– Mesmo assim. Prometo não desabar.

Ele se sentiu envergonhado, até um pouco humilhado, mas não tinha escolha a não ser puxar a bengala de volta e talvez ofendê-la – ou se desequilibrar. Ben tinha como resolução nunca se apoiar em ninguém. Colocou um braço sobre os ombros esbeltos dela, e Samantha se encaixou no flanco dele e passou o braço em volta da cintura dele.

Ah, Senhor.

– *Não* somos o aleijado e a pobre e sofredora enfermeira – disse ela rindo, o rosto corado e os olhos brilhantes alarmantemente próximos –, mas um homem e uma mulher que encontraram uma desculpa perfeitamente razoável para ficar perto um do outro.

Provavelmente estava corando também, pensou ele.

– *Precisamos* de uma desculpa?

– Parece que sim – disse ela, andando à beira d'água com ele. – Temos tomado muito cuidado para deixar uma fresta de ar decente entre nós desde

aquela noite em que dividimos um quarto. Você é esguio, Ben, mas com certeza não é frágil. Muito pelo contrário.

Ele não responderia com nenhuma descrição do corpo dela.

– Estou colocando peso demais sobre você? – perguntou Ben.

Ele estava tentando colocar a maior parte do peso na bengala, mas isso a fazia afundar ainda mais.

Sentia as generosas curvas do corpo de Samantha ao longo de todo o seu flanco. Havia um seio firme e pesado comprimido contra o casaco dele. Ela era alta, embora não tanto quanto ele. Sentia o tênue aroma de gardênia em meio ao salgado da maresia. Sentia o calor do corpo dela através da frágil barreira do vestido e do espartilho.

O corpo dele também estava quente. Quente, isso mesmo. Mais quente que quente.

– Você está evitando o assunto – disse ela.

– Qual?

– O fato de que precisamos de uma desculpa para nos tocarmos.

– Prometi que você ficaria a salvo de mim – lembrou-lhe ele.

– Às vezes – disse ela, virando a cabeça para o mar –, estar a salvo é uma coisa sem graça e desanimadora.

Por Deus, ela estava certa.

– Depois que você for embora, vai se arrepender de ter sido um cavalheiro perfeito o tempo todo em que ficamos juntos? – perguntou ela. – Quer dizer, quase o tempo todo.

– Como poderia me arrepender de me comportar como um cavalheiro? É o que eu sou.

Será que *ela* se arrependeria?

Pararam de andar. Ben estava se sentindo contrariado, até mesmo um pouco irritado. Ser um cavalheiro era importante para ele. Ainda assim... Queria se soltar dela, colocaria alguma distância entre os dois, mas ela ainda segurava a bengala.

– É que a liberdade é uma dádiva preciosa – disse Samantha. – A pessoa deve usá-la para fazer aquilo que mais quer, desde que não machuque ninguém. Contudo, quase nunca somos autorizados a agir livremente, não é? Há sempre alguém ou alguma regra ou convenção que diz “não, isso não, de jeito nenhum”. E assim seguimos as regras sociais, negamos a liberdade que nos foi concedida e perdemos a chance de ter alguma felicidade.

O que ela estava sugerindo, pensou Ben, era que se tornassem amantes antes de ele partir. E tudo fazia perfeito sentido quando estavam juntos na praia daquela forma. Por que *não* fazer algo... livre? Algo que ambos queriam. Exceto que esse lugar não era o mundo – essa praia. E eles não poderiam viver ali para sempre.

Ele se arrependeria. Pois com certeza seria um amante inadequado e decepcionaria Samantha e a si mesmo. Ele se arrependeria por acordar o demônio adormecido de sua sexualidade. Só que já o havia acordado, não? Lamentaria o fim do romance. Lamentaria ter que deixá-la, pois não poderia ficar e ela não iria querer que ele ficasse. E *ela* se arrependeria se eles tivessem um romance, mesmo que não ficasse desapontada com o desempenho dele. Porque ninguém nunca fora constante na vida de Samantha. Até a mãe morrer jovem. Ela precisava de mais do que um amante temporário.

Haveria dor.

Sempre havia

dor.

Ela estava olhando nos olhos dele, e agora era ele que contemplava o mar.

– Você está cansado da caminhada – disse ela. – Estou de olho naquele grande rochedo ali desde que começamos a andar pela beira d’água. Vamos nos sentar um pouco.

Ele não argumentou. Realmente precisava tirar o peso das pernas. Uma saliência mais baixa do rochedo indicado por Samantha era plana o suficiente para se sentarem, além de ampla o suficiente e na altura certa para os dois. Tramp saiu em disparada para perseguir algumas gaivotas que haviam aterrissado mais ao longe.

– Estraguei sua primeira vez numa praia? – perguntou Ben.

– Por estar cansado e precisando se sentar? Não, claro que não.

Ele pegou a mão dela e entrelaçou seus dedos, provavelmente de modo muito imprudente. Ela baixou a cabeça para apoiá-la no ombro dele. A aba mole do chapéu dobrou facilmente para Samantha se acomodar.

– Aqui é lindo – disse ela. – Eu me lembrarei para sempre deste dia. Ah, olhe, suas pobres botas estão cobertas de areia.

– É mais “pobre Quinn” do que “pobres botas” – disse ele.

– Vou nadar aqui – disse ela depois de ficarem em silêncio por um tempo. – Não agora, mas em breve. Vou entrar naquela água e *nadar*. Venha comigo, Ben. Você *sabe* nadar. Você me contou.

– Quando eu era menino e tinha duas pernas totalmente funcionais.

– Não acho que tenha se esquecido de como é. – Ela virou a cabeça para olhar para ele. – Você caminha, embora eu me arrisque a dizer que todos os médicos que consultou tenham lhe dito de que nunca seria capaz.

– Não sou exatamente proficiente – protestou ele.

– Você *caminha* – disse ela, levantando a cabeça e o encarando com um olhar feroz. – Nadar seria mais fácil, não seria? Você não teria que colocar peso nas pernas.

– É provável que eu afundasse como uma pedra para nunca mais ser visto.

Ele sorriu para ela. Mas será que Samantha estava certa? Mas e se ele tentasse nadar e depois não conseguisse ficar de pé de novo? E se ele tivesse escutado todos os *e ses* com que sua mente o havia bombardeado enquanto tentava caminhar? Ainda estaria deitado em uma cama ou confinado a uma cadeira. Ele podia não caminhar muito bem, mas *caminhava*. Ele estava ali, não estava, sentado em um rochedo no meio de uma praia, a uma boa distância do chalé?

– Covarde – disse ela. Ele a beijou.

Ela estava quente e salgada, e ele enfiou a língua na boca dela para saboreá-la ainda mais. Então a puxou para mais perto, e Samantha enroscou os braços no pescoço dele.

Ambos estavam sem fôlego quando ele afastou a cabeça.

– Quando? – perguntou Ben.

– Amanhã. À tarde. Ficaram se olhando.

– Vou pedir à Sra. Price para preparar um jantar para dois antes de ela sair – disse Samantha. – Estaremos famintos depois de nadar.

Famintos.

Estariam a sós na casa.

Não desviaram os olhos um do outro.

– Eu diria que vou comer tudo que colocarem à minha frente.

– Se não se afogar.

Ela deu um sorriso encantador.

De repente, Ben lembrou-se de que não havia contado a história sobre o avô dela. Alguém teria contado? Dificilmente. Com certeza ela teria lhe contado a novidade imediatamente.

Mas agora não era o momento.

Nadariam juntos no dia seguinte. E depois jantariam a sós no chalé. As duas criadas já teriam voltado para casa.

Prometi que você ficaria a salvo de mim.

Às vezes estar a salvo é uma coisa sem graça e desanimadora.

CAPÍTULO 16



Depois de almoçarem juntos no chalé, Ben e Samantha cavalgaram até a vila, ela no cavalo que o Sr. Quinn havia montado mais cedo. O valete havia encontrado no celeiro uma sela velha pela manhã e a recuperado em algumas horas, verificando a segurança, fazendo alguns reparos, limpando e polindo até ficar com uma aparência digna. Ele voltaria caminhando para a estalagem, assegurou a Samantha. Não era longe.

Então finalmente cavalgaram juntos, Samantha e Ben. Matilda teria quarenta ataques histéricos, sobretudo se a visse em seu antigo traje de montaria azul. Mas Matilda já parecia coisa de outra vida.

– Será uma cavalgada muito curta – disse Ben em tom de desculpas. – Não é distante da vila.

Só era distante para ele caminhar. Ela entendia. Cavalgou um pouco atrás e o observou. Ele parecia viril e à vontade na sela. Ela quase se atirara em cima dele pela manhã. O que tinha dado nela? Mas sabia se arrependeria se ele partisse sem que tivessem compartilhado mais do que apenas o desejo e alguns beijos.

Não seria errado desfrutarem de um breve romance. Ambos eram adultos e solteiros. Gostavam um do outro e sentiam atração mútua. Era cedo demais para pensar em se casar de novo, se é que o faria. Ele dissera que nunca se casaria, e por certo não o faria antes de encontrar o que procurava na vida e se estabelecer

– se é que se estabeleceria algum dia. Então, o que haveria de mal?

Nadariam no dia seguinte? Ou choveria, como no dia infame em que planejaram cavalgar? Ele conseguiria nadar? E o que aconteceria depois, quando estivessem sozinhos no chalé?

Ela não teve muito tempo para pensar. Fisherman's Bridge de fato ficava logo depois das dunas.

Ela estava ansiosa para ver o local. A vila e os aldeões se tornariam parte de sua vida, talvez para sempre. Precisaria encontrar aceitação, amigos e conhecidos, além de atividades. Por um momento, Samantha se perguntou se alguém sabia sobre ela, mas é claro que todo mundo sabia. A Sra. Price morava na oficina do ferreiro e Gladys também morava ali. Ambas eram faladeiras e sociáveis. E Ben estava na hospedaria.

– O que será que as pessoas fazem aqui para se sustentar? – disse ela, olhando em volta com interesse.

– Alguns trabalham aqui na vila – disse ele. – Há pescadores, como era de se esperar pelo nome. Hoje no café da manhã conversei rapidamente com um oleiro que vende seus produtos para veranistas aqui e em Tenby. Acredito que a maioria, no entanto, trabalhe em Cartref, em algum tipo de atividade.

– Car...?

– Cartref. A ênfase é na primeira sílaba. O “r” em ambas as sílabas é ligeiramente enrolado. É a primeira palavra galesa que aprendi, e, como provavelmente também será a última, estou determinado a pronunciá-la direito. Significa *lar*.

– Você ouviu toda essa explicação e aprendeu uma nova palavra estrangeira só para me contar que a maioria das pessoas trabalha no lar? – disse ela, rindo.

– Não. *Cartref* é o nome de um lar específico. Vamos cavalgar até o final da rua. Lá a estrada atravessa a ponte que dá nome à vila. Como alguém consegue pescar quando o rio que corre por baixo dela está tão perto do mar, eu não sei.

– Talvez ninguém pesque. Talvez seja chamada assim porque vai dar onde todos os barcos de pesca ficam atracados.

Passaram por algumas pessoas na rua, e Samantha inclinou a cabeça para elas e sorriu. Imaginou que sua visita seria tema de várias conversas pelo resto do dia. Perguntou-se qual seria a natureza dessas conversas. Será que lembrariam que sua tia-avó tinha criado uma menina meio cigana e que aquela menina era a mãe dela? Mas é claro que lembrariam. A Sra. Price sabia disso. Será que as pessoas se ressentiam de ela ter herdado a casa e vindo morar ali? Ou estava sendo sensível demais?

Descobriria em breve, supôs.

Era uma ponte pitoresca, arqueada e construída em pedra cinzenta. Um rio raso corria debaixo dela a caminho do mar. Samantha olhou à frente para os pequenos barcos que balançavam na água e pensou que era uma das paisagens mais bonitas que já tinha visto. Será que algum dia teria oportunidade de estar em um daqueles barcos?

– Ah – disse Ben. – Disseram que daria para ver daqui.

– Ver o quê?

Ele não estava olhando para os barcos. O cavalo estava virado para o outro lado, e o olhar de Ben estava fixo em alguma coisa em terra. Samantha se virou para olhar também.

Não houve necessidade de responder à pergunta. Havia morros baixos a 1 quilômetro do mar. Na metade da lateral de um deles, aninhada em um arvoredor, uma grande mansão branca reluzia ao sol. Mesmo de tão longe, Samantha podia ver que nos três andares havia janelas amplas que diminuía de tamanho do térreo ao topo. A vista de cada uma daquelas janelas devia ser magnífica. Um gramado verde cintilante, obviamente bem cuidado, descia pela encosta até a planície. O resto do jardim ou do parque estava fora da visão deles.

– *Aquela* é a Cartref? – perguntou ela. – Parece bem grandiosa, não é mesmo? Não esperava encontrar grandes propriedades fora da Inglaterra. A quem será que pertence? Você sabe?

Ben não respondeu. Seu cavalo ficou repentinamente inquieto, e ele se concentrou em controlá-lo.

Então a verdade a atingiu, como um punho esmurrando seu estômago.

– Ah, não – disse.

Ben olhou-a como se pedisse desculpas, como se a resposta à pergunta fosse culpa dele.

– É do meu avô?

– Ele é riquíssimo, Samantha. É dono de minas de carvão, no plural, pelo que entendi, nos vales de mineração na parte leste do país. Herdou do pai. Também é dono de siderúrgicas nos vales próximos a Swansea, onde a indústria vem crescendo e prosperando.

Se não estivesse a cavalo, ela poderia muito bem ter desmaiado. Gaivotas gritavam no alto, soando quase humanas.

– E eu sempre imaginei que ele fosse um operário ou andarilho, um desocupado que se casou com uma nômade e depois, quando ela o abandonou, entregou a filha a uma irmã que de alguma forma obteve a posse de um casebre arruinado. Por que minha mãe *nunca* me contou?

– Suponho ela teria contado se tivesse vivido até você ficar mais velha.

– Eu *nunca* teria vindo se soubesse.

– Por que não?

Ela girou o cavalo para encará-lo.

– Ele não teve razão legítima para abandonar minha mãe. Tinha uma casa e recursos para criá-la. Tinha recursos para ir atrás dela quando ela foi para Londres, para ir ao seu casamento e visitá-la depois das bodas. Tinha recursos para *me* visitar. E o que você supõe que seja a *bela soma* deixada para minha tia- avó e depois para minha mãe e para mim, com rendimentos acumulados? Ben, quão rica eu sou? Não quero ser rica. Não desse modo. Não quero nada disso.

– Pense um minuto. – Ele estava irritantemente calmo. – Esse dinheiro, muito ou não, foi deixado para sua tia-avó por seu bisavô. Nada disso veio do seu avô.

Ela franziu a testa por alguns instantes. Ele estava certo, é claro. Mas mesmo assim... Ah, todo o brilho e a alegria se esvaíram.

– Gostaria de *nunca* ter sabido – disse ela. – Quase desejo que não tivesse vindo.

– Para onde mais você teria ido? – perguntou ele.

– Poderia ter me casado com você e passado o resto da vida livre, leve e solta.

Mas a expressão dele restituiu um pouco do humor de Samantha, e ela sorriu.

– Tive uma premonição de que abriria a caixa de Pandora vindo aqui. No mito, assim que a caixa é aberta, não há como enfiar todos os problemas de volta dentro dela. Agora não posso ir embora daqui e esquecer o que descobri. Faz sentido o que estou dizendo?

Seu avô abandonara as duas. John também. Só tivera mãe e pai, e ambos estavam mortos. Sentiu-se tomada por uma sensação terrível de solidão. No entanto, nada havia mudado. Como Ben dissera, tudo estava como dez minutos antes e na semana anterior.

Ah, mas *tudo* havia mudado.

– Estranhamente, sim – disse ele. –Vamos para a hospedaria tomar um chá.

Quando viraram os cavalos, foram saudados por um homem de cabelos grisalhos simpático e por uma senhora gorducha e sorridente.

– Sra. McKay? – perguntou o cavalheiro, tirando o chapéu para cumprimentá-la.

Samantha inclinou a cabeça.

– Perdoe-me por me intrometer quando está desfrutando do passeio, mas achei que devia ser a senhora e o cavalheiro que está hospedado na estalagem, major Harper, acredito. Sou Ivor Jenkins, o vigário daqui, e esta é minha boa esposa. Estamos dando um passeio pela margem para ver os barcos; o dia está

lindo, e meu sermão para domingo, todo escrito. É um prazer recebê-la em nossa comunidade, Sra. McKay, e esperamos vê-la na igreja no domingo.

A Sra. Jenkins não disse nada, mas sorriu para Samantha e acenou com a cabeça.

– Com certeza estarei lá – assegurou-lhe Samantha. – Obrigada, Sr. Jenkins. Vou aguardar ansiosamente.

– Maravilha! – disse o vigário. – Espero que goste do meu sermão, que considero particularmente inteligente. Sempre acho isso, embora meus paroquianos muitas vezes não concordem. *Sei* que vai gostar da música. Dizem que quando toda a congregação canta, o telhado se ergue 3 a 5 centímetros de suas amarras. Não creio que seja verdade, ou o telhado voaria com um vento forte, mas é verdade que, se quer ouvir um canto como ele deve ser, tem de vir a Gales.

Ele se juntou a Samantha e a Ben na risada.

– Ivor.

A esposa colocou a mão no braço do homem.

– Não vou prendê-los por mais tempo – disse o vigário. – Costumo fazer isso quando minha boa esposa não está presente para me lembrar de que as pessoas têm mais com que se ocupar do que ficar conversando comigo. Estou ansioso para servi-la na minha qualidade de vigário, Sra. McKay. E espero que aproveite o resto de sua estadia aqui, major. Não temos muito a oferecer, exceto paisagens e vistas, mas para mim elas são incomparáveis.

O vigário recolocou o chapéu, e ele e a esposa seguiram pela ponte para ver os barcos.

– Você está sendo bem recebida – disse Ben suavemente. – Pode fazer daqui seu lar.

– Posso? – Por um instante, ela olhou preocupada para ele, mas depois sorriu. – O reverendo Jenkins parece gentil, e a esposa, agradável, embora também pareça que saiba mantê-lo na linha. Sim, vamos tomar um chá, Ben.



Na manhã seguinte, o céu estava cinza-chumbo, Samantha pôde ver quando acordou. Ao sentar-se na cama, viu também que a água do mar tinha um tom mais escuro. Havia gotas de chuva na janela. Não impediam a visão, e Samantha não ouviu mais nenhum pingo nas vidraças, mas não era um começo de dia promissor.

Ficou extremamente desapontada. Se não pudessem nadar hoje, Ben talvez fosse embora. Não havia mais motivos para ele ficar mais tempo na estalagem da vila, havia? Ela tinha uma casa mais do que decente para viver, criadas, renda própria e muito mais em um banco em Tenby. Algumas pessoas haviam acenado para ela na vila, e o vigário e sua esposa pararam para se apresentar e dar-lhe as boas-vindas. Tanto o senhorio da hospedaria quanto a esposa haviam conversado amigavelmente com eles durante o chá. Não, não havia razão para ele ficar mais tempo.

Samantha teve vontade de se enfiar de novo sob as cobertas e voltar a dormir. Mas sabia que seria impossível. Além disso, Tramp já devia estar pronto para uma caminhada. E ela ouvia Gladys em seu quarto de vestir e a Sra. Price na cozinha. Sentia o cheiro de comida. Que preguiçosa devia parecer para ambas, que tinham vindo a pé da vila mais cedo.

Ben planejava passar a manhã na estalagem, trabalhando em todas as anotações que fizera em seu diário para ver se conseguia organizá-las em algo assemelhado a capítulos para o livro que esperava escrever. Iria ao chalé à tarde. Então, foi com alguma surpresa que Samantha ouviu cascos de cavalo no meio da manhã. Estava examinando os volumes na sala de leitura e foi até a janela.

Era o Sr. Rhys.

Ele tinha vindo, explicou, para se certificar de que a Sra. McKay havia encontrado tudo em ordem e que aprovara os criados que seu funcionário havia escolhido. O Sr. Rhys se colocou à disposição caso houvesse algo mais que pudesse fazer.

Ela realmente não queria perguntar. De fato, a simples ideia a fazia se sentir quase que fisicamente doente. Mas, embora pudesse ter permanecido em alegre ignorância para o resto da vida se tivesse ficado na Inglaterra, não haveria como evitá-la indefinidamente agora que estava ali.

– O senhor mencionou um dinheiro que minha tia-avó deixou para minha mãe, que por sua vez deixou para mim. Eu não sabia disso até dois dias atrás. É muito dinheiro?

– Tenho uma declaração do banco aqui comigo – disse ele, estendendo a mão para o estojo de couro que havia colocado ao lado na poltrona. – Achei que gostaria de saber. Eu tinha conhecimento do montante inicial, mas não da quantia exata após os rendimentos acumulados. Pode ver por si mesma, senhora. Creio que ficará satisfeita.

Ele entregou-lhe um maço de papéis.

Samantha colocou os olhos na primeira página. Por favor, Deus, que seja uma quantiazinha pequena, uma adição aprazível aos meus recursos modestos, mas nada muito... Seus olhos focalizaram o total, e então ela os fechou e umedeceu os lábios repentinamente secos.

– É uma bela soma, não? – perguntou o Sr. Rhys.

– Sim. Bela, Sr. Rhys.

– Espero que não esteja desapontada. O Sr. Bevan deixou a maior parte da propriedade e fortuna para o filho, o que era natural, suponho, pois seria ele quem cuidaria dos negócios.

– Eu esperava apenas o chalé. Gostaria de saber por que minha mãe nunca usou esse dinheiro.

E por que nunca o mencionara? Seu pai sabia disso? Mas ele devia ter descoberto depois da morte dela, se não antes. Por que *ele* nunca dissera nada? Porque sua filha ficara mais rica que seu filho? Porque ele respeitava o desejo da mãe de não ter qualquer contato com o passado? Provavelmente era isso, concluiu Samantha. Ele respeitou a rejeição da mãe ao passado mesmo depois da morte dela – e mesmo que isso prejudicasse a filha.

O Sr. Rhys parecia desconfortável.

– Eu sei que a Srta. Bevan gostava muito da sobrinha – disse ele. – Ela a acolheu, alimentou, vestiu e educou. Mas vivia com medo... Ela se abriu comigo em algumas ocasiões, pois éramos amigos. Sempre teve medo de que a garota se tornasse selvagem e fosse atrás do povo da mãe. E ela de fato gostava de andar descalça ao ar livre, de correr pela praia e nadar no mar. Era como as crianças, tentei dizer à Srta. Bevan. Meus filhos não eram muito diferentes. Mas ela tinha medo. E o medo a deixava excessivamente rigorosa. E talvez um pouco crítica demais também. Não sei ao certo se foi isso que fez sua mãe ir embora. Acho que pode ter havido algum tipo de briga entre sua tia-avó e seu avô, embora eles mal se falassem, mesmo nos bons tempos. E nem tenho certeza sobre a briga. Seja como for, sua mãe foi embora. Ela era muito jovem. Talvez não soubesse que, depois de uma briga, é preciso esperar que os ânimos se acalmem, especialmente com membros da família.

Sua mãe se sentiu rejeitada, pensou Samantha, pela própria mãe, que havia voltado para seu povo, deixando a filha para trás; pelo pai, que a deixara aos cuidados da irmã; e pela tia, excessivamente severa e crítica porque ela era metade cigana. Ela então fugiu, aos 17 anos, e conheceu o pai de Samantha, que a amou de forma tranquila, gentil e constante pelo resto da vida. Talvez fosse significativo que tivesse se casado com um homem mais velho, um pai

substituto, talvez. Pois, embora sem dúvida sua mãe tivesse amado o marido, agora Samantha achava que não havia sido um relacionamento apaixonado.

– Detesto falar mal dos mortos, ainda mais de uma cliente e amiga, mas a Srta. Bevan também podia ser teimosa como uma mula – disse o Sr. Rhys. – Quando a sobrinha fugiu, ela não foi atrás nem escreveu para suplicar que voltasse ou para perguntar se precisava de alguma coisa. E não foi conhecer seu pai quando soube do casamento ou mesmo a você, quando soube do seu nascimento. Sua mãe escreveu em ambas as ocasiões, então talvez tenha tentado se aproximar. No entanto, a Srta. Bevan não a perdoou por fugir e se tornar atriz depois de tudo o que fizera para transformar a garota em uma dama respeitável.

– Ainda assim, ela deixou tudo para minha mãe – observou Samantha.

– E agora é seu. Estou feliz que tenha vindo – disse o Sr. Rhys.

– Obrigada. Eu não fazia ideia, sabe? – disse ela.

– Espero que não esteja arrependida.

Ela olhou para ele por alguns instantes antes de responder.

Tinha vindo para fugir. Para se esconder. Para se libertar da opressão de uma respeitabilidade praticada com excesso. Para deixar de lado o pesado aprisionamento de seu luto em favor de lembranças mais brandas do homem que fora seu marido durante sete anos. Para encontrar alguma paz. Para encontrar alguma liberdade. Para um novo começo. Ela não esperava *aquilo*.

– Não estou.

– Esplêndido – disse o Sr. Rhys, esfregando as mãos, embora não ficasse claro se o entusiasmo era pela declaração de Samantha ou pela bandeja de chá e bolos galeses que a Sra. Price trouxera para a sala de visita. Talvez por ambas.

O Sr. Rhys ficou por uma hora. Samantha acompanhou-o até o portão do jardim quando ele partiu, uma vez que a chuva havia parado. Olhando para cima enquanto a carruagem se afastava, viu que as nuvens estavam mais altas e brancas e que havia algumas frestas entre elas, através das quais era possível vislumbrar o céu azul. Talvez a tarde fosse ser quente e iluminada, no fim das contas.

Tramp estava de pé ao lado dela, respirando pesadamente.

– Ah, muito bem – declarou ela. – Mas você tem que me dar um minuto para eu pegar o chapéu e calçar as botinas. O chão está molhado.

Ela era rica, pensou quando entrou, e seu estômago se revirou ao concluir isso. Mas *rica* não era uma palavra forte o bastante. Era milionária.

Com propriedades e dinheiro que sua mãe não quisera.



Uma coisa que ele não era, concluiu Ben à tarde, enquanto guiava uma charrete alugada rumo ao chalé, era escritor. Em sua mente, era capaz de imaginar paisagens e pontos turísticos especiais, povoar cada cenário com personagens interessantes e suas histórias. Formular reações a tudo isso. Podia até colocar tudo no papel. O problema, porém, é que havia uma enorme diferença entre o que via e ouvia na cabeça e sentia no coração e o que estava escrito nas três páginas de espaçamento estreito que acabou produzindo. Em algum lugar entre as duas coisas, toda a vida, cor e excitação haviam sido drenados, deixando os fatos frios, austeros e sem inspiração. A única coisa que qualquer leitor ficaria inspirado a fazer caso conseguisse ler aquilo seria ficar em casa e esquecer a vontade que pudesse ter sentido de viajar.

Não, ele não era escritor. Talvez fosse um pouco derrotista desistir depois da primeira tentativa, mas a questão era que todo o processo o aborrecera horivelmente – desde os rascunhos diários no caderno de anotações até a organização das ideias em algum tipo de esboço para o capítulo de abertura. Era como estar de volta à escola, obrigado a escrever redações sobre assuntos tão secos quanto poeira. Decididamente, *não* era o que queria fazer pelo resto da vida. O que o deixou com um vazio perturbador – de novo.

Quinn estava ao lado dele na charrete, embora Ben tivesse insistido que ele não precisava vir. O criado desencilharia o cavalo, o colocaria no celeiro e então voltaria para a vila. Quinn queria levar a charrete e voltar mais tarde para conduzir Ben de volta à estalagem, mas Ben negara categoricamente. Não sabia a que horas voltaria. Poderia ser às sete ou às oito, ou poderia ser à meia-noite. Não queria Quinn chegando de charrete ao portão do jardim em algum momento inconveniente.

Tentou não pensar naquela possível partida à meia-noite. E tentou não pensar que ia nadar e fazer um papelão – ou se afogar. As nuvens haviam se afastado e o sol brilhava. Estava quente. Não havia desculpa para *não* nadar – a menos que se oferecesse para cuidar das toalhas e roupas enquanto ela nadasse sozinha.

Covarde, ela o havia chamado no dia anterior – logo antes de ele beijá-la.

Bem, não podia permitir que a acusação se tornasse realidade, podia?, pensou enquanto caminhava do celeiro para a casa. Covarde era algo que ele nunca fora, exceto recentemente.

– Ben.

Ela estava mais uma vez no jardim com Tramp. Usava o chapéu de abas largas e um vestido de cintura alta e mangas curtas de musselina branca com botões de rosa bordados por todo ele. Havia um babado grande na bainha. E ficou muito óbvio que não estava de espartilho. Samantha correu até ele, ambas as mãos estendidas. Mas olhou para as bengalas ao se aproximar e apertou as mãos sob o queixo. Parecia agitada.

– Ben, sou horrivelmente rica.

– Horrivelmente?

Ele quase riu, mas algo na expressão dela o impediu.

– O Sr. Rhys esteve aqui pela manhã. Trouxe uma declaração do banco. Eu poderia comprar metade da Inglaterra.

– Mas é isso que você quer?

– Eu não fazia ideia. Minha mãe não me contou. Nem meu pai, depois que ela morreu, ou depois, quando me casei. Ele deveria ter me contado. John também não me contou.

– O que você vai fazer? Sobre o seu avô, quero dizer. Ouvi falar que no momento está fora. Embora seu retorno seja esperado para breve.

– Espero que nunca volte – disse ela em tom veemente. – Espero que mantenha distância de mim para sempre. Posso perdoar minha tia-avó. Ela foi rigorosa com minha mãe, mas acho que não queria ser cruel. *Jamais* o perderei.

– Talvez as pessoas precisem de oportunidade para contar suas histórias – afirmou Ben.

– Quando ele tentou contar a história dele para mim? – Ela estava com raiva.

– Claro que você vai ficar do lado de outro homem.

– É melhor irmos nadar – sugeriu ele.

Ela ficou emburrada por alguns instantes, mas depois relaxou visivelmente.

– Sim. Vamos, ou vou ficar brigando com você mesmo não tendo sido você quem me ofendeu. Vamos nos esquecer de tudo, exceto da areia, da água, da liberdade e da felicidade de uma tarde ensolarada. E do fato de estarmos juntos.

Às vezes é bom simplesmente se esquecer de tudo o que talvez se devesse lembrar, e simplesmente viver o momento.

Às vezes o momento é tudo o que realmente importa.

CAPÍTULO 17



Samantha acomodou os sapatos e as meias no rochedo onde os deixara no dia anterior. Estava apenas de vestido, chapéu e chemise. Sentia-se muito ousada e até um tanto imoral. Mas não havia sentido em caminhar até a praia com toda a roupa habitual de uma dama, só para ter que tirar tudo antes de nadar.

A praia, decidira na véspera, em sua primeira visita, seria seu lugar de liberdade, o lugar onde nada importava, exceto o momento e a beleza que a cercava.

Assim que chegou, deixou para trás o fardo pesado de sua riqueza, os vislumbres perturbadores que tivera do passado de sua família, o conhecimento de que o avô, que abandonara a mãe, era rico como um nababo – para usar as palavras de Ben – e vivia na reluzente mansão no morro, ironicamente chamada de *lar*. Deixou para trás o pesar de um luto recente, a severa desaprovação dos sogros, o fato de não poder apelar para a solidariedade, ajuda ou afeição de qualquer membro da família paterna. Ignorou o fato de que em breve, provavelmente *muito* em breve, Ben seguiria sua jornada e ela nunca mais o veria.

Ben estava com ela agora, e era isso que importava realmente. E eles estavam na praia, onde nada mais importava além da liberdade de aproveitar o momento. *Todos deveriam ter um retiro como esse*, pensou Samantha. Como era afortunada.

– Nunca nadei no mar – disse ela, acompanhando o ritmo de Ben, embora tivesse gostado de caminhar a passos largos e até de correr, assistindo a um sempre esperançoso Tramp galopar atrás das gaivotas. – Suponho que seja muito diferente de nadar em um lago.

– Em vários sentidos – concordou ele. – A água facilita a flutuação, porque é salgada. Mas quando a engolimos é pior e arde mais nos olhos. Você tem que

tomar cuidado com as ondas na cabeça. E pode estar com água até a cintura, nadar na mesma área por cinco minutos e, aos baixar os pés, descobrir que está com água até o queixo ou na altura dos joelhos. Ou sem dar pé.

– E se eu não souber mais nadar? – perguntou

ela. Ele parou para olhar para ela.

– Quem foi que me garantiu ontem que isso é algo que não se esquece? Ela riu.

Todos os vestígios do tempo cinzento da manhã tinham sido soprados para longe, deixando o céu azul, o sol acima e o mar cintilante abaixo. A maré estava mais alta do que na manhã da véspera, quase totalmente cheia, na verdade. A rocha onde haviam se sentado não era longe da beira, embora a areia seca em torno dela sugerisse que ficava acima da faixa habitual da maré alta.

– Podemos deixar nossas toalhas ali – sugeriu Samantha, apontando para a rocha.

Ben trazia uma bolsa no ombro e tinha mais do que apenas uma toalha, suspeitava Samantha, enquanto não trouxera nenhuma roupa além daquelas que usava.

Samantha largou a toalha e tirou o chapéu. Certificou-se de que o cabelo estava em um coque bem preso, com todos os grampos enfiados com firmeza. Mas Gladys fizera seu trabalho direitinho. Também tinha dado risadinhas ao saber que Samantha não usaria espartilho.

– Vai usar apenas o chemise na água, Sra. McKay? – perguntou a criada. – Estou com inveja, ah, sim. Acabou se transformando num dia lindo, não? E aquele major vai nadar também, não vai? Ele é tão lindo, não é? Mesmo sendo um pouco aleijado. Posso dizer que não me importaria de vê-lo despido para nadar.

– Gladys!

– Ah, desculpe, Sra. McKay – disse ela, ruborizando.

Samantha sorriu ao lembrar. E puxou o vestido com determinação por cima da cabeça, embora se sentisse exposta demais apenas com o chemise na altura do joelho. Não dava para nadar inteiramente vestida, dava?

Ben havia tirado o chapéu, o casaco, o colete e a gravata, ela viu quando se virou. Ele tinha acabado de se sentar na rocha para tirar as botas e as meias. Não era fácil para ele, percebeu.

– Quer ajuda?

Ele ergueu a cabeça e protegeu os olhos do sol com uma das mãos – e não disse nada enquanto seus olhos percorriam Samantha da cabeça aos pés.

– Desculpe – murmurou após um longo momento, e baixou a mão. – Não, obrigado. Posso dar conta.

Samantha sentiu a pele queimar ao olhar dele.

Ele demorou um pouco. Era tão diferente de Matthew, pensou Samantha enquanto o observava. Ben era teimosamente independente.

Quando ele tirou as meias, Samantha viu que havia uma cicatriz de aspecto terrível no peito de um dos pés – causada por um estribo, talvez? Sorte a dele que o pé não fora amputado. Ela percebeu que ele não tiraria a calça. Mas puxou a camisa, cruzou os braços e tirou-a pela cabeça.

Samantha o observava quando ele ergueu os olhos para ela. Ela havia deitado perto do peito nu dele naquela noite na estalagem, mas não o tinha enxergado ou explorado com as mãos. Havia uma cicatriz horrorosa entre o coração e o ombro.

– Uma bala? – indagou ela.

– Tive mais sorte do que o capitão McKay. O cirurgião conseguiu retirar. Ela estremeceu.

O peito ostentava outras cicatrizes, algumas piores que outras, assim como os dois braços. Qualquer daqueles ferimentos com certeza poderia tê-lo matado. Samantha encarou-o e umedeceu os lábios.

– Você esteve em mais de uma batalha?

– Oito. E uma série de pequenas emboscadas. A cavalaria está sempre se metendo em emboscadas.

Em vez de estragar sua aparência, as cicatrizes de alguma forma acentuavam sua masculinidade. E era evidente que ele trabalhava o físico. Os músculos eram firmes e bem definidos. De repente ele pareceu um soldado severo e até mesmo cruel. Cruel na batalha, quer dizer. Mas magnífico como amante?

Samantha deu um passo para trás e se virou para observar a água. Havia um desconforto latejante em seu ventre, e o sol parecia mais quente do que minutos antes.

– A água está perto – disse ela. – Você consegue andar até ela sem as bengalas, se apoiar um braço em meus ombros?

– Você não é meu servo.

– É uma humilhação *tão* grande assim se apoiar em mim por uma pequena distância? Será que isso diminuirá sua masculinidade?

O maxilar de Ben estava cerrado quando ela se virou para ele. Mas ele fez que sim com a cabeça e sorriu.

– Acredito que *desafiará* minha masculinidade. Afinal, notei que está pouco vestida.

Então era *esse* o motivo para ele relutar em tocá-la?

– É um puritano, major Harper?

– Apenas um homem normal com sangue nas veias, senhora – retrucou ele bruscamente, ficando de pé com a ajuda das bengalas. Em seguida, apoiou-as na rocha e deu dois passos sem elas antes de se apoiar em Samantha. – Leve-me até a água fria, por favor. E quanto mais rápido, melhor.

Era incrível a diferença que umas poucas camadas de roupa podiam fazer – ou a falta delas. Na véspera, Samantha ficara ciente do físico forte e esguio de Ben enquanto caminhavam na beira da água, e isso a atraía. Agora, podia sentir a força do braço desnudo sobre seus ombros, além dos músculos ondulados do peito dele, pressionados contra a lateral do corpo dela. Samantha ficou consciente do quadril masculino, do calor da pele dele, da altura dele, alguns centímetros a mais que a dela. E ficou consciente de que estava quase nua perto dele.

Sentiu como se parte de sua juventude meio murcha estivesse se preparando para florescer novamente.

Virou o rosto para ele quando chegaram à água e deu risada.

– Está f-f-fria – disse ela, gaguejando de propósito enquanto entravam. Ela agitou os pés e gotículas geladas espirraram sobre eles. – Vamos c-congelar.

Tramp corria atrás deles, latindo de entusiasmo e molhando-os ainda mais.

– Tarde demais para mudar de ideia – disse Ben, rindo. – Eu vou entrar, e você também, porque preciso de você para ir daqui até lá.

Uma onda quebrou nos joelhos deles, e Samantha arquejou.

– De *quem* foi essa ideia tola? – perguntou ela.

– Não vou sequer arriscar uma resposta. Sou sempre um cavalheiro.

No momento em que a água atingiu sua cintura e depois subiu, Samantha achou a ideia pior do que apenas tola. Reparou que o braço dele ficou um pouco menos pesado sobre seus ombros. E então o peso sumiu de vez, e ele desapareceu da superfície da água. Veio à tona sacudindo a cabeça, de modo que ela foi coberta de respingos. Ele ficou com os braços estendidos ao longo da água – e em pé sozinho, percebeu Samantha. O cabelo escuro estava grudado na cabeça. A água cobria o rosto e os cílios.

Ele era pura beleza e virilidade, e estava de pé sem ajuda de bengalas nem ombros. Ah, como ele devia ter sido absolutamente *deslumbrante*!

Ben abriu um enorme sorriso, e Samantha tapou o nariz e mergulhou. Emergiu ofegante e cuspiendo.

– Ah, agora entendi o que você disse sobre flutuar mais facilmente e gosto – disse ela. – Aí vem uma onda.

Mas estavam muito no fundo para a onda arrebentar sobre os dois. Samantha levantou os pés e flutuou, enquanto Ben deitou na água e boiou. Ele não ia, portanto, afundar como uma pedra e se afogar.

Samantha viu quando ele se virou de barriga para baixo e começou a nadar lentamente, os braços fortes fazendo a maior parte do trabalho, embora as pernas também se movimentassem, impulsionando-o. Ela nadou para alcançá-lo e percebeu que estava certa. Não havia esquecido. Nem ele. Teria gritado de alegria se tivesse fôlego.

Aproximou-se dele e nadaram lado a lado, braçada a braçada.

Samantha teve a sensação de que nunca havia sido mais feliz na vida. Quem dera pudessem nadar para sempre e nunca mais ter que voltar para a praia.



Ben sentiu vontade de chorar. Não só se lembrava de como nadar, mas também *consegua* nadar. Consegua movimentar as pernas sem dor.

Consegua se
mover. Sem dor.

Estava livre.

Não sabia até onde tinha nadado antes de tomar conhecimento de Samantha ao seu lado. E isso era estranho, uma vez que estava ciente de sua presença com cada fibra de seu ser desde que havia colocado os olhos nela no chalé. E quando ela se despiu até ficar só de chemise... Bem, era difícil encontrar palavras. Então, quando se aproximou para colocar o braço sobre os ombros dela...

O cabelo escuro de Samantha estava grudado na cabeça e preso na nuca num coque firme. Dois braços nus bem torneados saíam da água, um após o outro, em um ritmo constante e gracioso, e voltavam para debaixo da superfície. Ele podia ver o contorno do corpo dela através da água, o chemise como uma segunda pele. As pernas, impulsionando-a, eram longas, rijas, bem torneadas e estavam praticamente nuas. Não era magra, mas as proporções eram perfeitas, lindas. Era o sonho de feminilidade de qualquer homem.

Ela percebeu o olhar dele e sorriu. Ele sorriu de volta.

Ela rolou de costas e boiou, os braços abertos. Ben boiou ao lado dela. Não havia uma nuvem no céu.

Era um daqueles momentos raros e perfeitos, pensou Ben. Ele queria capturá-lo e guardá-lo como um tesouro para poder olhá-lo de vez em quando e sentir de novo o que sentia agora. É claro que poderia fazer isso. Chamava-se memória.

– Você estava nadando – disse ela.

– Você também.

– Você estava *nadando*,

Ben! Ele olhou para ela.

– Você estava certa. Eu *consigo* nadar.

Se tivesse conseguido descer até a praia em Penderris, talvez tivesse descoberto isso muito antes. Se tivesse conseguido passar mais tempo em Kenelston depois de deixar Penderris, talvez tivesse ido ao lago e feito essa descoberta lá. Mas nunca lhe ocorrera que houvesse um elemento no qual ele não seria deficiente – ou pelo menos não completamente deficiente. Até agora, havia tentado apenas um *crawl* descontraído, mas talvez pudesse aumentar a força na água, desafiando-se a tentar braçadas mais vigorosas. Talvez não tivesse, afinal de contas, alcançado o limite de suas capacidades físicas.

Ela virou a cabeça para ele.

– De vez em quando eu acerto, sabe?

As pontas dos dedos deles tocaram-se sem querer enquanto balançavam na água, depois se tocaram deliberadamente. Ben pousou a mão sobre a dela, e Samantha virou a sua, de modo a ficarem palma com palma.

– Estou feliz por este dia – disse ela.

– Também estou.

– Vai se lembrar deste dia quando tiver viajado por toda parte e reunido material suficiente para dez livros? – perguntou ela. – E ter ficado extremamente famoso?

– Vou me lembrar – garantiu Ben. – E você vai se lembrar disso quando tiver um exército de amigos e admiradores e estiver ocupada com a vida da vila e da paróquia? E quando tiver aprendido galês e a cantar para ajudar a levantar o telhado da igreja?

Ela sorriu.

– Vou me lembrar.

Ficaram boiando por mais algum tempo. Ben viu Tramp estendido no rochedo ao lado das toalhas e das roupas. O sol estava quente.

Não havia nada para ela na Inglaterra. Não havia nada para ele ali. Também não havia nada para ele na Inglaterra, a menos que reivindicasse seus direitos em

Kenelston ou se estabelecesse em Londres, em Bath ou em qualquer outro lugar onde pudesse ter algum tipo de rotina e de vida social. Não seria um viajante. Não suportava a ideia de viajar sozinho. E nunca mais queria ver um diário ou uma folha de papel em branco. Talvez devesse tentar algum tipo de carreira. Nos negócios ou no comércio, talvez, ou no direito? Ou no serviço diplomático? Nunca havia pensado seriamente em *trabalhar*, exceto como administrador de sua propriedade. Não precisava trabalhar, pois possuía uma fortuna considerável.

Mas agora não era hora de pensar no futuro.

Agora era a hora do *agora*. Agora era um daqueles raros e preciosos momentos com os quais se é presenteado de tempos em tempos. Era só isso. Um momento. Mas era para ser desfrutado ao máximo enquanto durasse e lembrado pelo resto da vida depois que terminasse.

– E ainda não acabou – disse Samantha, ecoando o pensamento dele.

– Não.

Ainda havia o jantar a ser desfrutado no chalé. E depois...

Ben não tinha certeza de que seria sensato. Poderia enumerar mentalmente todos os motivos – e havia muitos, para ambos – de por que não seria. Mas decidiu não pensar nisso. Decidiu se concentrar no momento. O resto do dia seguiria seu rumo.

Samantha havia se virado de barriga para baixo e começado a nadar lentamente de volta para a praia. Ele a seguiu.

– Espere aqui – disse ela, quando conseguiu ficar em pé na água. – Vou buscar suas bengalas.

Ben percebeu que a maré tinha baixado um pouco. Agora a caminhada até a rocha era maior do que quando chegaram.

Ele ficou mexendo os pés na água e a observou voltar pela areia, segurando as bengalas em uma das mãos. O chemise estava grudado ao corpo, sem deixar quase nada para a imaginação. No entanto, ela parecia alheia ao fato.

Era inacreditavelmente linda. E indescritivelmente desejável.

– A vida não é mesmo justa – gritou ela, ao entrar de novo no mar. – Estava congelante dentro da água, agora está congelante fora dela.

Ela segurou as muletas no alto enquanto ia na direção dele.

– Quem lhe disse que a vida era justa? – perguntou ele.

Ele pegou as bengalas. Hora de ficar confinado à terra de novo.

Tramp saltava e latia na beira da água, impaciente para que saíssem.

Quando chegou ao rochedo, Ben apoiou um ombro e esfregou a toalha no tronco e nos cabelos. Colocaria a calça seca que levava se ela se virasse de

costas.

– Não trouxe uma muda de roupas – disse ela, e Ben parou de secar os cabelos. – Pensei em deixá-las secarem ao sol.

Mas o que ela disse não significava o que ele imaginou, percebeu Ben quando a viu estender a toalha na areia. Não estava prestes a se despir.

– Vamos deitar e aproveitar um pouco do sol antes de voltarmos? – sugeriu

ela.

– Você já ouviu falar em baleia encalhada? – perguntou ele.

Ela pareceu surpresa.

– Você não conseguiria se levantar, não é? – perguntou ela, e depois riu. –

Sinto muito. Não pensei nisso. Que tolice a minha.

– Deite-se – disse ele. – Eu me sento aqui.

Ela deu uma olhada na pedra em que haviam se sentado no dia anterior.

– Você pode se deitar ali e relaxar um pouco mais. Consegue se levantar dali, não consegue?

Então se deitaram lado a lado nas toalhas, embora ela estivesse um metro abaixo dele, na areia. Ben protegeu os olhos com o antebraço.

– Senhoras não devem proteger a pele ao simples indício de luz solar? – perguntou ele.

– Tenho pele cigana. Mesmo quando não pego sol, as pessoas torcem o nariz para mim porque minha pele não é de porcelana, pêssegos e rosas. Então por que me incomodar, privando-me de sentir o calor e a luz do sol no rosto? Você não pode imaginar como foi cansativo ter que usar um véu negro por quatro meses toda vez que pisava na soleira da porta. Isso *quando* botava o pé fora de casa, claro. Ah, Ben, não havia nem luz do dia dentro de casa. Matilda insistia para que as cortinas de todas as janelas ficassem praticamente fechadas. Às vezes, quando ela não estava na sala comigo, eu ficava na nesga de sol e respirava bem fundo, como se estivesse sufocando.

– Esses dias acabaram.

– Sim – concordou ela. – Graças a Deus. E *não estou* blasfemando.

Eles provavelmente acabariam com queimaduras de sol. Não se importava.

– Sou terrível por...?

– Não – disse ele, sem deixar que ela completasse.

– Há pouco mais de cinco meses, Matthew estava vivo.

– E há pouco mais de cinco meses você estava passando cada instante do seu tempo com ele, cuidando dele e confortando-o da melhor forma possível.

– É difícil manter o mundo distante, não é? Jurei que não pensaria em nada enquanto estivéssemos aqui, exceto no puro prazer deste momento.

Sem pensar, ele estendeu a mão para ela, que a segurou.

– Você pode vir aqui quando quiser, pelo resto de sua vida – lembrou-lhe ele.

– Mas não com você.

Ele não conseguiu pensar em nenhuma resposta, e ela não parecia querer se aprofundar. Ficaram deitados de mãos dadas por um tempo. Então ela se levantou e ficou olhando para ele. A parte da frente do chemise havia secado. Não estava grudado no corpo de modo tão provocante.

– Vou me perguntar sobre você pelo resto da vida – disse ela. – Sobre o que aconteceu com você. Se encontrou o que procurava. Suponho que nunca saberei.

– Quem sabe possa escrever para minha irmã futuramente, quando se sentir mais segura aqui.

– Ah, sim, claro – disse ela. – Ela vai me contar sobre você. E então talvez você também saiba algo de mim. Se quiser, claro.

Ele pegou uma das mãos dela novamente e levou-a aos lábios.

– Não daria certo, Samantha.

– Não – concordou ela. – Uma atração mútua não é suficiente... Ele beijou as juntas dos dedos dela.

– Mas, talvez – disse ela, com os olhos nas mãos dos dois –, só por um dia. Ou dois ou três. Talvez por uma semana. Você aguenta ficar mais uma semana? Ele inspirou lentamente.

– Seu avô deve chegar nos próximos dias. Suponho que vá descobrir que você está morando aqui. Talvez opte por ignorar você. Ou talvez não. Talvez *você* opte por ignorá-lo. Seja como for, não conseguirei partir até... bem, até que as coisas estejam mais resolvidas para você. Sei que não gosta que eu use minhas prerrogativas masculinas em seu nome. Sei que pode dar conta sozinha. Mas...

– Mas você vai ficar mesmo assim?

– Sim. Por mais alguns dias. Uma semana.

– Ah, Tramp. – Ela olhou para o cachorro, que lhe dava lambidas ruidosas.

– Minha perna está salgada e deve ser limpa? Cachorro bobalhão.

– Eu sinto inveja dele – disse

Ben. Ela olhou para ele surpresa, e riu.

Ele girou as pernas cuidadosamente sobre a borda da rocha e sentou-se. Vestiu a camisa. Olhou para Samantha e se maravilhou de novo ao pensar que

aquela mulher era a mesma figura mórbida vestida de negro que ele quase

derrubara com seu cavalo havia não muito tempo. Ela agora estava desarrumada e um pouco despenteada, embora a maior parte do cabelo ainda estivesse presa no coque. E escandalosamente bronzeada, o olhar radiante e feliz. Seu nariz brilhava.

Ele colocou as mãos na cintura dela, puxou-a para si, entre as pernas, e beijou-a. Ela tinha gosto de sal e de verão.

– Você está salgado. Agora sei por que Tramp está gostando de lambar minha perna.

Eles riram e se beijaram de olhos abertos.

– Há uma frase em latim – disse ela. – Algo sobre carpas, só que não realmente isso.

– *Carpe diem?*

– Essa mesma. O dia voa, ou o dia é passageiro. Ou aproveite ao máximo o que você tem agora porque esse momento em breve terá passado.

E apoiou a testa na dele.

– Tenho medo de machucar você, Samantha – disse ele com um suspiro. – Ou talvez a mim mesmo.

– Fisicamente? – perguntou ela. – Não, não é a isso que você se refere, não é? Acho que me machucaria mais se simplesmente... partisse. É isso que quer fazer?

Ele fechou os olhos e respirou fundo.

– Não.

– Volte para o chalé – disse ela. – Você pode trocar de roupa e se lavar com água quente. Vou correr com Tramp.

Ela colocou o vestido e o chapéu e saiu correndo pela praia com o cachorro a perseguindo. Onde estavam os espartilhos, as meias de seda e os sapatos, as luvas, a sombrinha e os passinhos minúsculos de uma dama respeitável da *alta sociedade*? Ele sorriu, admirando os tornozelos nus e cheios de areia e a exuberância daquela mulher.

Ela o queria. Ele se perguntou se a desapontaria – ou coisa pior.

Mas bastava disso. Daria tudo de si para o prazer dos dois – e rezaria a Deus para que não houvesse muita dor do outro lado do prazer.

Pois temia que estivessem brincando com fogo.

CAPÍTULO 18



A Sra. Price fez uma torta de frango e legumes, o prato favorito do filho e do falecido marido, explicou ela. A entrada seria sopa de alho-poró e a sobremesa, gelatina com creme. Deixara sobre uma bandeja na cozinha xícaras e pires, açúcar e leite e um prato de bolo coberto com um pano. A chaleira foi deixada chiando no fogo com o bule de chá aquecendo ao lado.

Gladys amarrou Samantha em seu espartilho e a ajudou a colocar o vestido de noite de seda cor-de-rosa, que passara com esmero, de modo que até mesmo os dois babados na bainha e os babadinhos na borda das mangas estavam lisinhos. Arrumou o cabelo ainda úmido de Samantha em um elegante penteado alto com cachos. Fechou o colar de pérolas e prendeu os brincos de pérola antes de se afastar para admirar sua obra.

– Ah, está adorável, Sra. McKay. Aposto que cabeças virariam para a senhora mesmo em um daqueles grandes bailes na cidade de Londres.

– E isso graças a você, Gladys – disse Samantha com um sorriso. – Mas tudo o que tenho é um jantar no andar de baixo.

– Mas é com o major – disse a camareira com um suspiro. Era óbvio que estava encantada por Ben. – Aposto que vai virar a cabeça *dele*.

– Se eu o fizer – disse Samantha, levantando-se do banquinho em frente à penteadeira –, direi a ele que é tudo graças a você.

– Ah, deixe disso – disse Gladys, corando. – É só ele olhar para a senhora para perceber que isso é uma bobagem. Poderia estar vestida em um saco que mesmo assim ofuscaria outras senhoras a quilômetros de distância.

Samantha de fato se sentia bem, até mesmo exuberante. Costumava se sentir assim quando se arrumava para festas e bailes durante a juventude e nos primeiros meses de casamento. Mas de repente lhe ocorreu que talvez fosse injusto de sua parte se vestir com tanto capricho para a noite quando Ben estaria

usando as roupas com que tinha vindo da vila à tarde, ou melhor, as peças secas que havia colocado depois de nadar.

Porém, Samantha não se arrependeu quando viu a admiração no olhar de Ben ao se juntar a ele na sala de estar. E Ben também pareceu muito bem aos olhos dela. Devia ter encontrado uma escova para tirar todos os vestígios de areia do casaco e das botas. E para poli-las também – as botas brilhavam. O colete estava habilmente abotoado sob o casaco, e ele amarrara um lenço limpo no pescoço em um estilo mais adequado para a noite. O cabelo estava penteado de forma elegante, a franja para cima, o que lhe caía bem.

Ele se levantou, embora ela tivesse sinalizado com a mão para que ficasse onde estava, e fez uma reverência cortês.

– Você está linda.

– Mesmo queimada de sol?

O rosto dele também estava avermelhado, mas atraente. Parecia saudável e viril.

– O sol deixa sua tez com cor de bronze em vez de vermelha. Sim, linda apesar do sol.

Naquele momento, a Sra. Price apareceu à porta para informá-los de que havia colocado os pratos quentes na mesa e que deveriam jantar logo se não quisessem que a comida esfriasse e estragasse. E, se a Sra. McKay não se importasse, ela penduraria o avental e voltaria para casa com Gladys.

Então eles jantaram a sós, Samantha e Ben, embora Tramp tenha vindo de mansinho da cozinha se deitar na frente da lareira vazia e ficar de olho nas migalhas que caíssem. Nada caiu, mas Ben alimentou-o com alguns bocados, para a alegria de Samantha. Ele fingia não gostar do cachorro, mas ela nunca acreditara nisso, pois Tramp gostava *dele* e cães não gostam de quem não gosta deles.

A comida era simples, mas natural e deliciosa.

Ben contou algumas histórias de seus anos no exército – nada sobre combates e violência, mas anedotas divertidas. Samantha contou histórias sobre seu ano com o regimento de Matthew, na maioria pequenos incidentes engraçados envolvendo outras esposas sobre as quais ela não pensava havia anos. Ben contou histórias de seus anos em Penderris – mais uma vez incidentes leves e divertidos envolvendo os amigos. Ela contou sobre os gatinhos em Leyland Abbey. Um cavaliço descobriu uma ninhada no sótão de um celeiro, e escondeu e cuidou dos gatinhos em segredo para que não fossem afogados – até Samantha flagrá-lo. Mas ela não o denunciou. Em vez disso, ajudou-o, e amou

aqueles filhotes até crescerem e fugirem, a fim de ganharem a vida e o pão de cada dia como caçadores de ratos.

– Ingratos – disse ela, rindo baixinho.

Até então, ela esquecera que houvera algo de bom naquele ano em Kent.

– Mas você não iria querê-los em seus calcanhares pelo resto da vida, iria? – perguntou Ben.

– Ah, céus, não. Eram oito.

– O focinho do cachorro estaria severamente avariado – disse ele.

– Sim. Pobre Tramp. Ficaria em séria desvantagem numérica e, sem dúvida, iria de fininho para o fim da fila em vez de fazer valer seu tamanho. Ele não *sabe* que é grande. Pensa que é um filhotinho.

Os dois riram, e Tramp bateu o rabo no chão onde estava sentado.

Samantha limpou a mesa, levou os pratos para a cozinha e os empilhou no balcão. Fez o chá, levou a bandeja para a sala de estar e acendeu a lamparina. E eles se sentaram e continuaram conversando – sobre livros, dessa vez –, enquanto tomavam chá e o céu além da janela ficava de um azul mais escuro. E depois, índigo.

Então ficou escuro.

Samantha se levantou para fechar as cortinas.

E de repente não encontraram mais assunto para a conversa. A própria movimentação dela havia indicado que a noite havia caído e que estavam juntos em seu chalé, completamente sozinhos. Ela ficou de frente para a janela por alguns instantes, embora já tivesse fechado as cortinas.

– Devo ir embora? – perguntou Ben. – Você *quer* que eu vá embora?

Talvez devesse dizer sim. Não havia acontecido muita coisa entre eles até agora, apesar de uma longa jornada que os tornara próximos. Dali a alguns dias ele iria embora. E tinha que ser assim. Não era possível um futuro juntos por inúmeros motivos. Talvez fosse melhor não dar esse passo a mais rumo ao desconhecido, ao imprevisível.

Talvez fosse ser decepcionante se avançassem. Não, não era isso que a fazia hesitar. Talvez fosse ser doloroso. Não o ato em si, mas as consequências. Pois ele *iria* embora. *Haveria* um adeus. O que doeria mais? Não ter dormido com ele e se arrepender para sempre? Ou dormir com ele e... se arrepender para sempre?

Ben lhe fizera uma pergunta. Duas, na verdade. Ela balançou a cabeça quando se virou.

– Não, não vá embora.

E assim ela se comprometeu.

Observou Ben se levantar usando as bengalas, então seguiu na direção dele até estarem frente a frente.

– Não vá embora – disse ela novamente.

Ela ergueu as mãos e segurou o rosto dele. Ben se barbeara, percebeu. Devia ter trazido uma navalha. Tinha planejado ficar.

– Tem certeza de que não vai se arrepender? – perguntou ele. – Não posso levar você comigo, Samantha. Pelo menos não por enquanto; sou um nômade. E não posso ficar. Não há nada para mim aqui. Além disso, é cedo demais para você se casar novamente. E... nunca poderei me casar. Não tenho saúde para isso.

Porque era semialeijado? Estranhamente, ela teria concordado com ele apenas algumas semanas antes. Não queria mais relação com ferimentos e mutilação. Mas, por mais lento que ele fosse em seus movimentos, era difícil pensar nele como um deficiente. Ele só não podia segurá-la agora porque precisava das mãos para se apoiar nas bengalas.

– Uma vez me prometeram uma vida inteira, e recebi quatro meses – declarou ela. – Nem mesmo isso, na verdade, já que era tudo ilusão desde o começo. Tudo mentira. Esta tarde você me prometeu uma semana. Vamos fazer com que seja uma semana inesquecível.

– Um romance para ser lembrado? – perguntou ele.

– Com prazer e carinho. E sem arrependimentos. *Você* vai se arrepender? Prefere voltar para a hospedaria?

Por um instante, ela pensou que ele fosse dizer sim. Então, Ben inclinou a cabeça na direção dela, fechou os olhos e apoiou a testa na dela.

– Tenho receio de ser inadequado – declarou ele. Ele queria dizer impotente? Era isso que temia?

– Tenho receio de decepcioná-la – acrescentou.

Samantha deu um passo para trás e sorriu quando foi buscar a lâmparina.

– Vamos lá para cima – disse ela. – Mesmo que só me abrace, não ficarei decepcionada. Uma de minhas lembranças recentes mais adoráveis é de ter acordado naquela estalagem, onde fomos forçados a dividir um quarto, e me deparar com você junto a mim, um braço sobre o meu corpo. Fazia tanto tempo que ninguém me tocava, a não ser você, quando me beijou em Bramble Hall.

Tramp foi silenciosamente para a cama que a Sra. Price fizera para ele em um canto da cozinha, ao lado do fogão e da tigela de água, e Samantha subiu as escadas na frente de Ben, segurando a lâmparina no alto para que ele pudesse enxergar o caminho. Ela fechou as cortinas do quarto e observou-o tirar o

casaco, o colete e o lenço. Observou-o tirar a camisa, relevando o peito musculoso, bronzeado e cheio de cicatrizes. Só então foi para a penteadeira.

– Permita-me – disse ele, e atravessou o cômodo, apoiou as bengalas na lateral da penteadeira, sentou-se no banco, afastou as pernas e puxou Samantha para se sentar entre elas, as costas contra o peito dele.

Começou a mexer nos cabelos dela, e Samantha baixou a cabeça, observando a mão dele quando vinha à frente para depositar os grampos sobre a penteadeira, até seu cabelo cair sobre os ombros. Ben pegou a escova e começou a passá-la pelos cachos que Gladys criara com tanto esmero.

– Duzentas escovadas? – perguntou ele, um sussurro no ouvido dela. Samantha estremeceu ligeiramente.

– Cem é suficiente.

– Está com pressa?

– Não. – Ela suspirou e fechou os olhos. – O tempo não existe. Não quero que exista.

– Então não existe – disse ele, e passou a escova pelos cabelos dela até sentir que não havia mais nós.

Tampouco cachos.

Samantha não contou, mas depois de um tempo ele botou a escova de volta na penteadeira e abriu o fecho do colar de pérolas. Tirou os brincos dela. Abriu a fileira de fechos da parte de trás do vestido até que fosse possível abrir as laterais e pousar os lábios nas omoplatas dela, uma de cada vez. Samantha segurou o vestido contra o peito, mas ele afastou as mãos dela e puxou o vestido para baixo sobre os braços e os seios até ela ficar nua acima do espartilho.

Então tomou nas mãos seus seios, erguidos pelo espartilho. Seus dedos quentes moviam-se suavemente sobre a pele dela, até que ela sentiu uma pontada no ventre e na parte interna das coxas. Ele pegou os mamilos entre o indicador e o polegar de cada mão e rolou-os antes de roçar os polegares nas pontas. Ela recostou a cabeça no ombro dele e abriu os olhos – e se deparou com o olhar dele no espelho à luz bruxuleante da lamparina.

Podia observar o que ele fazia, enquanto também fazia, percebeu ela. Ah, meu Deus.

Ela apoiou as mãos sobre as coxas vestidas dele, levemente, para não machucá-lo.

E ele desamarrou o espartilho, ergueu-a à sua frente e fez as roupas deslizarem pelo corpo dela até estarem amontoadas ao chão. Então a puxou para que sentasse na frente dele de novo.

Samantha ainda estava com as meias de seda e as ligas cor-de-rosa, enquanto observava as mãos dele se movimentarem pelo seu corpo – e as sentia também. Os braços, os ombros e um grande semicírculo acima dos seios dela estavam bronzeados pela exposição ao sol naquela tarde. O resto do corpo estava pálido em comparação. As mãos dele também estavam bronzeadas.

Ele não tinha relações fazia tanto tempo quanto ela, mas obviamente sabia muito mais. E, como no caso da natação, parecia não ter esquecido. Sabia exatamente onde tocá-la e como – com a palma das mãos, os dedos, a ponta dos dedos, os polegares, as unhas. Finalmente, seus dedos deslizaram levemente sobre o triângulo de pelos no vértice de suas coxas, e foram mais para baixo e depois para dentro, unindo-se ao calor dela, pressionando seu local mais íntimo, sondando-o e acariciando-o delicadamente. Movimentou devagar o polegar um pouco mais acima até ela sentir um desejo tão forte que gritou e estremeceu, e teria se curvado para a frente se o braço livre de Ben não a segurasse firme contra o peito.

– Ah! – Ela estava ofegante. Sentia-se quente, úmida e subitamente sem energia de um modo muito agradável. – Desculpa.

A risada e a voz eram um sussurro junto ao ouvido dela.

– Por que pede desculpa? Certamente não espero isso.

E ela então soube que era uma novata, que ele fizera amor com ela usando a mão e lhe proporcionara de forma bastante deliberada, com a habilidade dos dedos, aquele prazer maravilhoso.

– Mas não sou capaz de lhe dar prazer algum – protestou ela.

– Tem certeza?

Ele riu em seu ouvido de novo, e ela olhou pelo espelho e viu os olhos pesados... de quê? Desejo? Paixão? Puro prazer?

Ele era, pensou, incrivelmente bonito.

– Você está completamente vestido – reclamou Samantha.

– Isso pode ser resolvido. – Ele levantou-a e pegou as bengalas. – Deite-se na cama.

Ela puxou as cobertas, sentou-se na beira do colchão e tirou as meias enquanto ele a observava. Nunca havia ficado totalmente nua na frente de um homem, nem do marido. Mas não se sentia constrangida. Talvez porque a luz da lamparina fosse suave e lisonjeira. Ou talvez por causa daquela expressão nos olhos dele. Ou porque ele a amara com a mão, e ela ainda estava cálida de prazer.

Deitou-se e observou Ben sentar-se no pé da cama e tirar as botas e as meias. Pobre homem, era a segunda vez em um dia que tinha que fazer isso sem a ajuda do criado, e evidentemente não era fácil.

Então ele se levantou e apagou a lamparina, que estava na mesa ao lado da cama. Ela podia ouvi-lo removendo as vestes inferiores. Foi decepcionante. Ela queria ver. E queria que enxergassem um ao outro enquanto se amavam. Mas mesmo com as roupas era evidente que as pernas dele eram um pouco deformadas e que os músculos não eram tão desenvolvidos quanto os da parte superior do corpo. Era compreensível que, ao contrário dela, ele *de fato* se importasse de ser visto nu.

– Só espero... – começou Ben quando se deitou ao lado dela.

Mas de alguma forma, mesmo na escuridão, ela encontrou a boca dele com a mão e a cobriu.

– Ben – disse ela, virando-se de lado. – Não conheci você antes de se ferir. O homem que você foi não existe para mim. Existe apenas o homem que é agora. E é *este* o homem com quem escolhi estar. Não importa que não tenha grande destreza. Não tenho grande habilidade também. Só conheci um homem, e isso por um breve período, quase sete anos atrás, quando eu tinha 17 anos.

– Não posso me mexer com agilidade, mesmo deitado. – disse ele. – Apenas na água, parece. Talvez devêssemos estar fazendo isso lá.

Ela ergueu-se com a ajuda do cotovelo e o empurrou pelo ombro até que ele deitasse de costas.

– Ah – disse ela, levando a boca na direção da dele –, mas eu posso me mexer com agilidade.

– Deus me ajude.

Samantha o ouviu rir baixinho enquanto estendia os braços para segurá-la pela cintura.

Ela subiu nele e se deitou com uma perna de cada lado, para não lhe causar dor. E respirou o calor e seu aroma levemente almiscarado misturado ao cheiro salgado do mar, embora ele tivesse se lavado depois de chegar da praia. Seus seios comprimiam-se contra os músculos quentes e rígidos do peito dele. Ela colou a boca na dele e a abriu sentindo a pressão da língua dele.

Encaixou as pernas nos quadris dele, ergueu-se sobre os joelhos para poder passar as mãos nele e sentir toda a magnificência do seu físico. E para sentir as mãos dele sobre seus seios, ombros, pelas costas, quadris e laterais externas das coxas até os joelhos, subindo para segurar suas nádegas. Samantha baixou a cabeça e beijou seu peito, lambeu e mordiscou os mamilos; com as mãos, sentiu

o estreitamento da cintura e dos quadris, o calor entre as coxas, a dura espessura de sua ereção. Pegou-a com as mãos, e ambos sentiram e o ouviram inspirar lentamente. Acariciou-a com a palma das mãos e a ponta dos dedos, fazendo-o ficar cada vez mais duro.

Samantha ergueu-se ainda mais sobre os joelhos, afastou-os, encostou sua parte mais macia em Ben e desceu o corpo enquanto as mãos dele aproximavam-se de novo de seus quadris e os seguravam com firmeza.

Por um momento, quando foi profundamente penetrada, Samantha tensionou os músculos internos e ficou imóvel, a cabeça inclinada à frente, os olhos bem fechados. Com certeza não havia sensação mais maravilhosa no mundo. Ah, não poderia haver. E era Ben. Ele era seu amante.

Ela repetiu a frase mentalmente,
saboreando-a. Ele era seu amante.

Melhor que marido. Ah, muito melhor. Havia liberdade em ser um amante. Prazer dado e recebido com liberdade.

Ben a ergueu pela cintura ligeiramente, e de repente ele estava no comando, movimentando-se dentro dela, para cima e para baixo, com firmeza, golpes profundos que a fizeram levar as mãos ao peito dele para se firmar e inclinar a cabeça para trás para poder *sentir*. Ele fazia rápido e com força, mas com um ritmo constante que a convidava a girar de leve os quadris para circundar as estocadas e a contrair e relaxar os músculos internos para trazê-lo mais fundo e soltá-lo. Samantha apertou os joelhos e cavalgou, enquanto os quadris de Ben flexionavam-se e relaxavam, e a respiração dele ficava ofegante, o peito e as mãos quentes e escorregadios de suor, e ele, constante e implacavelmente, exigia entrada... onde?

Aonde mais poderia ir? Ele já tinha entrado mais que profundamente nela. Mas então algo se abriu, algo recôndito, suave, quase doloroso, indescritível,

e ele penetrou duro, profundamente, movimentando-se dentro dela, e ela se fechou ao redor dele e deixou transbordar toda a maravilha interior daquele lugar desconhecido, e sussurrou o nome dele.

Ben foi mais duas, três, quatro vezes naquele lugar suave e adorável, penetrando, necessitando de algo, depois encontrando o próprio lugar. Ela sentiu um calor entre as pernas, ouviu-o suspirar, sentiu-o relaxar aos poucos e deixou-se cair nos braços que a esperavam até deitar-se em cima do corpo dele novamente, as pernas estendidas ao lado das dele. Ainda estavam juntos.

Era a *impotência* que ele temia? Talvez ela também tivesse temido. Ela quase riu de prazer.

Instantes depois, Samantha sentiu as cobertas passarem por suas costas e seus ombros. Ele segurou a roupa de cama, e ambos ficaram imóveis e relaxados nos braços um do outro por vários minutos.

– Esquecemos uma coisa – disse ele finalmente, a voz suave no ouvido dela.
– Hã?

Ela estava mais do que quase adormecida.

– Derramei minha semente em você.

– Hã?

Agora estava acordada. Ele acariciava os cabelos dela.

– Teremos que fazer... arranjos antes de eu partir – declarou ele. Ela abriu os olhos para fitar o quadrado mais claro da janela.

– Preciso garantir que você tenha um endereço para onde escrever – disse ele

–, caso eu precise voltar.

Ela pensara nisso, mas ignorara a ideia de forma deliberada, o que era extremamente tolo e irresponsável.

– Não engravidei durante meu casamento – disse ela.

– O que não significa que seja estéril.

O romance entre eles tinha acabado? Quase antes de ter começado? Não se arriscariam de novo?

– Eu não o prenderia em um casamento – garantiu-lhe ela.

– Não tenho dúvidas. Mas *prender* não seria uma palavra agradável de se usar caso realmente haja uma criança, seria?

Samantha não respondeu. Mas saiu de cima dele e deitou-se ao lado. Ben pegou a mão dela, e entrelaçaram os dedos.

– Devemos dar um fim a isso, então? – perguntou ela. Ele não respondeu imediatamente.

– Seria um desastre terrível para você, estar grávida? – perguntou Ben. – Ter que se casar comigo?

– Um desastre, não.

Durante muito tempo, enquanto morava em Leyland Abbey, Samantha pensara que a vida poderia ser suportável se tivesse um filho, embora, depois de Matthew ter se ferido e voltado para casa, tenha ficado profundamente aliviada por não ter tido.

– Seria um desastre para você? – perguntou ela.

– Se *houver* uma criança, eu não gostaria de me lembrar pelo resto da vida que uma vez chamei a possibilidade de sua concepção de desastre. Nenhum de nós dois quer se casar, e as circunstâncias dificultariam que nos casássemos

mesmo se quiséssemos. No entanto, as necessidades de qualquer filho meu sempre estarão em primeiro lugar, e uma criança precisa dos pais, e, se for humanamente possível, casados e amando um ao outro.

Ele falava em voz baixa, obviamente escolhendo as palavras com cuidado. Samantha sentiu uma forte onda de... tristeza? Não, não era tristeza. Mas algo que a fazia sofrer por algo sem nome, que lhe trouxe lágrimas aos olhos e a dor de lágrimas não derramadas à garganta.

... casados e amando um ao outro.

Que maravilhoso seria ser amada por Benedict Harper e ter uma criança com ele. Se ao menos as circunstâncias fossem diferentes...

Apoiou a cabeça no ombro dele. Não era para ser assim. Era para terem um romance rápido, somente por prazer.

– O que vamos fazer? – perguntou ela.

– Prometemos um ao outro uma semana de amor antes de retomarmos nossa vida. Vamos manter essa promessa e lidar com quaisquer consequências que possam surgir, se e quando surgirem?

Foi então que Samantha se deu conta de algo com uma clareza terrível. Não era feita para casos passageiros. Passado o torpor inicial pela morte de Matthew, concluía que tudo o que queria era ser livre, era *viver*. Mas tudo o que realmente queria, tudo que sempre quisera, era amar. E, se possível, ser amada.

Em vez disso, tinha começado um caso amoroso, algo que, pela própria natureza, era temporário. Algo puramente carnal. Algo que a deixaria mais desolada do que nunca.

A menos que houvesse uma criança.

No entanto, deveria torcer para que *não* houvesse, pois não gostaria que Ben ficasse com ela nesses termos.

Ele apertou a mão dela.

– Não tenho dúvida de que alguém anotarà a hora e o minuto exato de meu retorno à estalagem – disse ele. – Não posso chegar tão tarde a ponto de ficar óbvio que fiz mais do que jantar e depois me sentar para tomar chá e conversar com você.

Ele se aproximou e beijou-a nos lábios, em seguida ela colocou as pernas para fora da cama, levantou-se e pegou a camisola e o roupão.

– Vejo você lá embaixo – disse, e saiu para que ele se vestisse.

Uns quinze minutos depois, ela o acompanhou até o celeiro, de chinelos e roupão, enquanto Tramp galopava pelo jardim, encantado com aquele passeio inesperado. Aguardou Ben atrelar o cavalo à charrete.

Ele abriu um braço para ela antes de subir, e ela se aproximou e o abraçou. Ele a beijou e sorriu para ela ao luar.

– Obrigado – disse ele.

– Por?

– Por me fazer me sentir um homem outra vez.

– Para mim, você sempre se pareceu muito com um homem – disse ela, e viu o brilho do sorriso dele na escuridão.

– Obrigado – disse ele outra vez, e subiu devagar na charrete, acomodou as bengalas, juntou as rédeas nas mãos, olhou para ela mais uma vez e deu ao cavalo o sinal para partir. – Boa noite, Samantha.

– Boa noite, Ben.

Samantha chorou depois que ele se foi e não era mais possível ver ou ouvir a charrete. Não conseguia deixar de pensar que em uma semana seria um adeus, não apenas um boa-noite.

O que tinha feito?

CAPÍTULO 19



O tempo conspirou a favor deles. O sol brilhou em um céu sem nuvens pelos quatro dias seguintes, e o ar esteve inesperadamente quente.

Certa manhã, Samantha caminhou até a vila, eles pegaram emprestada a charrete da estalagem, atravessaram a ponte e seguiram ao longo da faixa estreita acima da praia, parando várias vezes para olhar os barcos e respirar o ar que vinha do oceano. Ben ficou conversando com um pequeno grupo de pescadores enquanto Samantha caminhava com Tramp. Almoçaram juntos na estalagem, tendo avisado à Sra. Price que não voltariam para casa.

Na manhã seguinte, uma velha amiga da Srta. Bevan foi ao chalé com a filha para conhecer Samantha. Ben soube tudo sobre a visita quando esteve na casa mais tarde.

– Querem que eu vá tomar chá com elas um dia – contou ela. – E você também, Ben, se ainda estiver aqui. Foram muito gentis. A Sra. Tudor contou-me tantas histórias sobre minha tia-avó que sinto quase como se a conhecesse.

– Você vai?

– Claro. Vou assim que... Bem, assim que tiver uma tarde livre.

Assim que ele fosse embora, ela quase havia falado. Mas estava contente por ela. Algumas pessoas na vila haviam acenado de forma amistosa e obviamente sabiam quem ela era. O vigário e a esposa haviam se apresentado. Agora, uma velha amiga da tia-avó e a filha tinham vindo e a convidado a retribuir a visita. Ela estava ali havia apenas alguns dias, logo se sentiria parte do lugar. Ben sabia que ela nunca tivera a oportunidade de sentir que pertencia a Bramble Hall.

Ela com certeza seria feliz ali, embora ainda não conhecesse o avô, é claro.

Eles nadavam todas as tardes. Era quase como uma droga para Ben. Depois de partir, teria que passar o resto do verão perto do mar. Talvez em Brighton,

apesar de ser um balneário elegante demais para seu gosto. Quando estava nadando, quase conseguia esquecer que as pernas eram semialeijadas.

Na água, podia fazer inclusive algumas travessuras. Às vezes competiam, e, quando ele ganhava, o que não era sempre, esperava por ela, depois a pegava nos braços e a rodopiava, exigindo beijos como prêmio. Às vezes ele a perseguiu, mergulhava e subia por baixo dela, derrubando-a, depois emergiam ofegantes, sacudindo a água dos olhos e rindo.

Sentia como se anos tivessem saído de seus ombros, levados pelas marés. Sentia-se quase um homem normal. Exuberante e cheio de energia. Sentia-se vivo. E vivia o momento. Não havia sentido em ficar pensando sobre a partida. Lidaria com isso quando chegasse a hora.

E não havia sentido em se preocupar com engravidá-la cada vez que faziam amor. Ou teriam um romance ou não teriam. Como *tinham*, simplesmente aproveitariam. Se ele a engravidasse, ela lhe escreveria e contaria – conforme o prometido –, e ele voltaria e se casaria com ela. Não era o que queriam. Pelo menos... Não, *não* era o que queriam, mas de alguma forma se acertariam, pelo bem da criança.

Talvez fosse uma atitude descuidada e irresponsável, mas Ben não se importava. Às vezes era necessário se render à felicidade. A vida oferecia pouco disso.

Ele *estava* feliz. Todos os dias ficava no chalé para o jantar, que era sempre seguido de chá e de uma conversa descontraída na sala de visita. Isso de alguma forma intensificava o prazer de fazer amor, o fato de não se jogarem na cama na primeira oportunidade, mas passarem algum tempo antes apreciando a companhia um do outro.

Faziam amor no escuro. Ele sabia que a desapontava quando apagava a lamparina, mas realmente não podia suportar que ela o visse como de fato era.

Ela ficou de novo em cima dele na segunda noite. Mas, depois de dormirem um pouco, ele se virou com ela, ficou por cima e a possuiu mais uma vez. De início foi um pouco desconfortável, e ele não sabia se seria possível continuar sem mudar de posição, mas a paixão sobrepujou a dor; segurou os braços dela acima da cabeça, os dedos firmemente entrelaçados, e a amou lenta e plenamente até ambos estremecerem de prazer. As pernas, por mais doloridas e tensionadas que tenham ficado depois, sobreviveram à provação.

Samantha era linda e voluptuosa, tinha a pele macia, os cabelos sedosos e o leve aroma de gardênia sempre presente. Era calorosa, apaixonada e desinibida em seu prazer. E Ben ficou maravilhado com o fato de conseguir fazer amor,

conseguir dar prazer, assim como recebê-lo. Tivera um medo desnecessário de não conseguir causar nada além de repulsa em qualquer mulher com quem tentasse ter intimidade. Fora uma tolice.

Exceto pelo fato de que Samantha ainda não o havia visto nu.

Ben sempre tinha o cuidado de voltar para a vila e a hospedaria bem antes da meia-noite. Imaginava que mesmo assim houvesse falatório e especulação. Afinal, devia ser de conhecimento geral que nenhuma das duas criadas pernoitava na casa, que Samantha não tinha companhia feminina e que ficava sozinha do início da noite até pouco antes do café da manhã. Mas ele não queria que essa conversa se transformasse em um franco escândalo. Logo iria embora, e o assunto morreria.

Mas não pensaria nisso ainda. Havia prometido uma semana. Havia prometido a ela e a si mesmo.

No quinto dia, o sol ainda brilhava, embora nuvens brancas pontilhassem o azul do céu e causassem momentos ocasionais de sombra acompanhados de um friozinho. Como de costume, depois do almoço, Ben foi de charrete para o chalé, com uma toalha e uma calça seca na bolsa no banco ao lado. Quando passou pela casa, no entanto, não havia sinal de Samantha no jardim, ao contrário do habitual. Nem Tramp estava à vista. Ela ainda não havia aparecido mesmo depois de ele desatrear o cavalo e seguir para a entrada da casa.

Samantha estava na sala de estar, elegantemente trajada, com um vestido de musselina listrado de azul e creme. Ela costumava usar os vestidos mais velhos para nadar. O cabelo estava preso em um coque alto com cachinhos nas têmporas e ao longo da nuca. Parecia pálida como um fantasma, ou tão pálida quanto alguém da sua compleição e que passara a maior parte da semana ao sol poderia ficar. Não havia sorriso em seu rosto quando o cumprimentou.

– Samantha? – disse ele ao entrar na sala, parando para fazer um afago na cabeça de Tramp, que balançava o rabo.

– Fui uma tola. Deveria ter dito não. Eu disse, mas não com firmeza suficiente. Quero nadar com você. O dia está bonito, e nos resta tão pouco tempo.

Ele ficou parado no meio da sala, apoiado nas bengalas.

– O que aconteceu? – perguntou.

– Estou esperando uma *visita* – disse ela com certa ironia.

– Hã?

Mas ele podia adivinhar.

– Ele enviou o *secretário* para descobrir se sou quem digo que sou, suponho, embora o secretário tenha *dito* que veio confirmar se eu estaria em casa para uma visita de seu patrão esta tarde.

– Seu avô?

– O *Sr. Bevan* – corrigiu ela. – Será que ele pensou em me impressionar enviando o secretário?

Ben sentou-se e acomodou as bengalas ao lado da poltrona.

– Talvez quisesse dar-lhe alguma escolha sobre vê-lo ou não, Samantha. Se ele tivesse vindo pessoalmente pela manhã, em vez de enviar o secretário, você não teria escolha. Talvez não deseje se impor a você.

– Bem, *isso* eu sei que ele não deseja fazer. Nunca quis.

– Mas ele virá.

– É o que parece.

Ela o encarava com a expressão irritada, mas ele não achava que estivesse realmente o olhando.

– Informei ao secretário que não queria falar com ele, conhecê-lo nem sequer vê-lo – disse ela. – O secretário me disse que, se eu pretendia continuar morando aqui, seria quase inevitável que visse o patrão de vez em quando, a menos que eu vivesse como uma eremita. Ele me perguntou se pretendo frequentar a igreja.

– Bevan frequenta?

– Sim. Então eu disse que iria recebê-lo. Vou dizer a ele o que penso e mandá-lo seguir seu caminho, e então esse assunto estará encerrado. Depois de hoje, sempre que por acaso nos avistarmos, acenaremos educadamente um para o outro e seguiremos nossas vidas, sem sermos perturbados por nosso parentesco.

Ela não parecia nada convencida disso.

– Devo ir embora? – perguntou ele.

– Não! – Ela agarrou os braços da poltrona. – Não, por favor. Sei que é terrivelmente covarde de minha parte não querer enfrentá-lo sozinha. Talvez eu devesse. Suponho que você esteja ansioso para partir antes que ele apareça. Está?

– Samantha, ele não é meu avô. E acredito que não seja um monstro. Se for, poderei assumir a posição de seu cavaleiro protetor e enfrentá-lo com uma de minhas bengalas. Mas mesmo assim ficarei feliz em permanecer. Estou curioso para conhecê-lo.

E testemunhar o primeiro encontro deles.

Ela de repente virou a cabeça para o lado, o cão se levantou e latiu uma vez. Pela janela aberta vieram os sons inconfundíveis de uma carruagem se aproximando.



Samantha desejou ter ido para Leyland Abbey. Melhor o diabo que se conhece... Mas, não, nada poderia ser pior do que a vida sob o olhar implacável do conde de Heathmoor.

Além disso, aquele chalé era *dela*. Poderia admitir ou expulsar quem desejasse. Havia decidido permitir que o avô a visitasse apenas nessa ocasião. Ele logo iria embora e ela estaria livre.

Mas isso não pareceu ajudar muito naquele momento. Ela e Ben continuaram onde estavam enquanto a carruagem parava em frente ao portão e o som de vozes entrava pela janela. O único que não ficou onde estava foi Tramp. Ele seguiu para a porta da sala de estar, o focinho quase esmagando contra a madeira, a ansiedade em cada linha do corpo desajeitado e o rabo agitando-se como uma bandeira na brisa.

Ouviu-se uma batida na porta de entrada, que foi aberta quase imediatamente

– a Sra. Price também ouvira a chegada da carruagem. Houve alguns momentos de tensão quase insuportável, e depois uma leve batida na porta da sala de estar. A Sra. Price abriu a porta, e Tramp foi obrigado a recuar um passo.

– É o Sr. Bevan, madame – disse a Sra. Price com os olhos arregalados, embora soubesse que ele viria.

Não era um homem muito alto, mas era robusto e tinha *presença*. Movia-se com confiança. Tinha cabelos brancos, embora ainda houvesse fios escuros misturados. O rosto era agradável e bem-humorado. Devia ter sido um homem bonito na juventude. Na verdade, ainda tinha uma aparência distinta. Vestia trajes elegantes e com aparência de serem caros.

Samantha ficou de pé sem perceber.

Ele olhou para ela e depois para Tramp, que latia, saltava e se comportava de maneira indisciplinada.

– Um cavalheiro não se faz visível dessa forma na companhia de outros – disse o Sr. Bevan, com um adorável sotaque galês. – Sente-se.

E Tramp, o traidor, sentou-se e olhou para o novo amigo com olhos expressivos, a língua pendurada e o rabo levemente agitado.

– Sra. McKay? – disse o Sr. Bevan. – Samantha?

Ele a encarou e avançou pelo recinto com passos confiantes, a mão direita estendida. Ele era quase da mesma altura que ela, percebeu Samantha.

Ela não tinha escolha – a menos que fosse deliberadamente mal-educada – a não ser oferecer a mão para ele. Ele segurou-a em um aperto caloroso e colocou a outra mão por cima, o tempo todo olhando para o rosto dela.

– Você não é muito parecida com sua mãe, a não ser na cor. Mas, garota, como se parece com sua avó!

Ele levou a mão dela aos lábios antes de soltá-la.

– Sr. Bevan, permita-me apresentar-lhe o major sir Benedict Harper – disse Samantha.

Ben também se levantou.

– Senhor. – Ben inclinou a cabeça. – É um prazer conhecê-lo. Os olhos do Sr. Bevan o examinaram.

– Ferido nas Guerras Napoleônicas, major?

– Sim – respondeu Ben.

– É amigo do falecido capitão McKay, ouvi dizer. Não há notícias e fofocas que não cheguem aos meus ouvidos em Cartref, sabe? Eu poderia amordaçar meus criados, suponho, mas por quê? Gosto de um pouco de fofoca.

Enquanto falava, olhava para Ben de modo intenso, e Samantha sentia a raiva crescer dentro de si. A que fofoca em particular estava se referindo? E o que isso tinha a ver com ele?

– Nunca tive o privilégio de conhecer o capitão McKay – disse Ben, e o olhar de Samantha voltou-se para ele. – Só conheci sua viúva após a morte dele. Quando ela decidiu vir para cá, levada por circunstâncias que considerava intoleráveis, não havia ninguém para acompanhá-la. Ofereci meus serviços. Foi um arranjo menos do que satisfatório, senhor, mas foi o melhor que pôde ser feito.

Ele estava se *desculpando* com o avô dela? Samantha levantou o queixo e olhou furiosa para os dois.

– Eu *não precisava* da proteção de homem nenhum, mas sir Benedict insistiu

– declarou.

Os dois olharam para ela, Ben de um jeito tímido, o avô com um sorriso que revelou um conjunto de linhas atraentes no canto dos olhos. Ele devia sorrir com frequência.

– Essa é a minha garota – disse ele, irritando-a ainda mais.

– Ah, *sentem-se* – disse ela, em um tom indelicado.

Mas ambos esperaram que ela se sentasse, claro. Estavam se comportando como perfeitos cavalheiros.

– Eu a negligenciei nos últimos seis ou sete anos, Samantha – disse o Sr. Bevan.

Com uma das mãos, ele acariciava a cabeça de Tramp, que fechou os olhos em êxtase.

– Nos últimos seis ou sete anos? Ela ergueu as sobrancelhas.

– Depois que seu pai mandou uma carta informando que estava casada, decidi parar de escrever para você. O capitão McKay era filho de um conde, não era? Classe muito alta. Não queria que passasse vergonha por causa de um membro da família que havia feito fortuna com carvão e ferro. Soube que seu marido havia sido ferido e que você estava morando no norte da Inglaterra. Como vê, me mantive informado, mesmo à distância. Contudo, não fiquei sabendo da morte do capitão. Sinto muito. E sinto muito por você, garota.

Ele decidira *parar de escrever? Havia se mantido informado?* Sabia tudo sobre ela? Toda a vida dela? Samantha olhou para as mãos que mantinha no colo agarradas uma na outra. Percebeu as juntas esbranquiçadas.

– Obrigada – murmurou, apenas para dizer algo no silêncio.

– Passei uma semana em Swansea – contou ele. – Ontem, quando voltei e soube que estava aqui, imaginei que estaria aborrecida comigo, já que não me avisou que viria. Mande Evans aqui hoje de manhã para sondar o clima, por assim dizer, e ele me relatou que você de fato estava aborrecida. Às vezes somos condenados por fazer e condenados por não fazer, com o perdão do meu linguajar, que provavelmente não é dos melhores para a nora de um conde. Mas não concorda, major? Se eu continuasse escrevendo, poderia ter sido um problema. Parei de escrever, e parece que foi errado de minha parte. Embora você nunca tenha respondido, Samantha, exceto por raras mensagens.

Mensagens? Samantha olhou para ele. Uma suspeita estava começando a se formar em sua mente. Mais do que uma suspeita. O pai dela havia escrito para ele pelo menos uma vez. Quanta coisa o *pai* havia escondido?

– Você abandonou minha mãe quando ela era pouco mais que uma criancinha – disse Samantha. – Não tomou conhecimento dela enquanto ela viveu aqui com sua irmã. Quando ela fugiu para Londres, você não foi atrás. Quando ela se casou e eu nasci, não foi nos ver. Quando ela *morreu*, também não foi. Você nunca fez nada. *Nada*.

Ela gostaria de estar certa. Não queria que seu mundo de repente virasse de cabeça para baixo.

O rosto dele empalideceu. A mão na cabeça de Tramp ficou imóvel.

– O que disseram para você, garota? – perguntou ele. – O que lhe contaram sobre mim?

– *Nada*, exceto que abandonou minha mãe ainda criança, depois que minha vó voltou para seu povo cigano. Absolutamente nada. Você desapareceu da vida dela.

– Ah. – A mão dele saiu da cabeça de Tramp para descansar no braço da poltrona. – Então você não tinha vergonha de mim por causa de minha riqueza de classe média?

– Eu *não sabia* sobre sua riqueza – gritou Samantha. – Eu não sabia *de nada*. Presumi que fosse um operário ou um andarilho que tinha feito um casamento tolo e fora deixado com o estorvo de uma filha, que então impingiu à irmã. Eu não sabia nada sobre *minha tia-avó*, exceto que tinha este chalé, que minha mãe descrevia como um casebre. Presumi que *fosse* um casebre. Só esperava que estivesse habitável para eu construir uma nova vida aqui. Eu nem sabia que você estava vivo.

Ben levantou-se de novo, foi até a poltrona dela, colocou um grande lenço em sua mão e seguiu devagar até a janela. Samantha secou os olhos. Nem havia percebido que estava chorando.

– Ah, minha querida menina... – disse o avô.

Mas, por um tempo, não teve oportunidade de dizer mais nada. A porta se abriu, e a Sra. Price entrou com uma grande bandeja, o rosto coberto de sorrisos. Samantha colocou o lenço na cadeira apressadamente.

– Ah, Sra. Price – disse o Sr. Bevan. – Tentando engordar as pessoas como sempre?

– Apenas algumas fatias de bolo para acompanhar o chá – disse ela, colocando a bandeja na mesa ao lado de Samantha e começando a servir o chá. – O que mais posso fazer com meu tempo, além de cozinhar? A Sra. McKay é uma dama muito organizada e tem Gladys Jones para cuidar de suas necessidades pessoais.

– E como está seu filho, o ferreiro? – perguntou. – A mão dele está curada? Martelos são mais úteis em bigornas do que em cima dos dedos. Na minha opinião, pelo menos.

– Os dedos incharam três vezes o tamanho normal e ficaram negros e doloridos, embora ele nunca admitisse. Mas agora está melhor, Sr. Bevan,

obrigada por se preocupar. Vou dizer a ele que o senhor perguntou. E obrigada por enviar... – Ela se calou quando ele fez um leve gesto com a mão. – Bem, foi imensamente bem-vindo. Ele não conseguiu trabalhar muito por uma semana.

A Sra. Price entregou o chá para todos e saiu da sala.

– Fui merecidamente punido, parece – disse ele com um suspiro. – E pobre Sra. Price. A última coisa que desejo fazer é comer um pedaço do bolo, ainda que delicioso, como tenho certeza de que é. Suponho que você também não queira comer, Samantha. Talvez seja melhor nos forçarmos um pouco mesmo assim, não é? Ela ficará magoada se não comermos. Major, venha e ajude-nos, por favor.

Ben olhou para trás e voltou para a poltrona.

– Vou contar minha história, Samantha, se quiser ouvir – continuou o Sr. Bevan. – Mas talvez não agora. E quero ouvir sua história. Quero saber por que viria para cá, esperando apenas um casebre, quando presumidamente tem uma família nobre para cuidar de você, assim como a família de seu pai. Mas talvez não agora também. Major Harper, quanto tempo faz que foi ferido?

Era um homem acostumado a comandar, percebeu Samantha, e fazia isso sem ser grandiloquente. Ali estava ele na sala de estar *dela* guiando a conversa, abrandando o calor da emoção que estivera ali apenas alguns minutos antes. E dando bolo para Tramp, que se mostrava bastante disposto a fazer com que a Sra. Price acreditasse que todos haviam comido com apetite generoso.

Ben contou onde, como e quando havia sido ferido, embora não tenha entrado em grandes detalhes. Contou sobre os anos de cura e convalescença em Penderris Hall e sobre a partida de lá, três anos antes.

– Então, o senhor nunca poderá andar sem bengalas? – perguntou o avô de Samantha.

– Não – respondeu Ben.

– E o que faz para se manter ocupado? Tem casa própria?

Ben contou-lhe sobre Kenelston e, quando perguntado, sobre o irmão, a esposa e os filhos do casal, sua relutância em tirá-los da casa e a responsabilidade que o irmão tinha de administrar a propriedade.

– O senhor está em uma posição um pouco difícil, então – disse o Sr. Bevan.

– Sim – concordou Ben. – Mas vou tomar uma decisão, senhor. Não fui feito para a ociosidade.

– O senhor era oficial das forças armadas por escolha, então? Não só porque seu pai escolheu essa carreira assim que o senhor nasceu? Entendo que muitas

famílias nobres fazem isso: um filho para herdar, outro para a igreja, outro para o exército.

– Foi minha escolha. Nunca quis outra coisa.

– O senhor gosta de uma vida ativa, então. Gosta de estar no comando de homens. E dos acontecimentos.

– Nunca mais serei um oficial – disse Ben, lacônico.

Olhando para ele, Samantha percebeu como aquele fato o machucava. Talvez até explicasse por que Ben não fora mais enérgico com o irmão caçula. Administrar Kenelston não seria um grande desafio para ele. Talvez nada mais fosse.

– Não – concordou o avô. – Posso ver isso, rapaz.

Ele falou um pouco sobre as minas de carvão – possuía duas no vale do Rhondda – e sobre a siderúrgica no vale de Swansea, onde acabara de passar uma semana. Ben fez várias perguntas, que o Sr. Bevan respondeu com entusiasmo. E então se levantou para ir embora.

– Quanto tempo planeja ficar, major? Ben olhou para Samantha.

– Mais dois ou três dias – respondeu ele.

– Então, talvez possa jantar com minha neta em Cartref amanhã. – Ele se virou para Samantha, um sorriso estampado no rosto, mas alguma incerteza no olhar. – Você irá, Samantha? Tenho uma cozinheira tão boa quanto a Sra. Price. E gostaria de ouvir sua história e contar a minha. Depois disso, pode viver livre de mim, se assim desejar. Embora eu espere que não escolha isso. Você é tudo que eu tenho, garota.

Ela olhou para ele um pouco indignada até se lembrar do que ele dissera antes. Que escrevera para ela antes do casamento e *enviara mensagens*. O que seu pai havia feito? E que depois do casamento tinha parado de escrever por medo de que ela ficasse envergonhada por sua origem humilde e pelo modo como fizera fortuna. Devia-lhe pelo menos uma noite para que ele expusesse sua versão dos fatos.

Mas ainda assim ele tinha abandonado a filha pequena. Não poderia haver desculpa para isso.

– Sim – disse ela. – Irei.

– E eu ficaria encantado, senhor – completou Ben.

O Sr. Bevan foi até Samantha com a mão estendida. Contudo, quando ela lhe deu a mão, ele sorriu, a expressão de incerteza ainda pairava em seus olhos.

– Permite-me? – disse ele, inclinando-se para beijar-lhe o rosto. – Ela era muito, muito bonita, sabe? Eu a tive por quatro anos e a amarei para sempre.

Samantha não o acompanhou quando ele saiu da sala.

Ele estava falando da avó dela. No entanto, depois havia se casado com outra.

Ela e Ben ficaram em silêncio absoluto na sala de estar até ouvirem a carruagem se afastar. Tramp estava na janela, o rabo balançando como se em uma despedida.

– Vai amá-la para sempre – disse Samantha amargamente. – No entanto, abandonou a única filha que teve com ela.

– Ouça a história dele amanhã. Aí então faça julgamentos.

– Ah, Ben – disse ela, voltando os olhos para ele –, queria *tanto* ter uma varinha mágica que curasse suas pernas para que pudesse retomar a carreira militar e ser feliz e realizado...

Ele sorriu.

– Todos recebemos uma mão de cartas – disse. – Algumas são descartadas ao longo do caminho, e pegamos novas, às vezes não as que esperávamos. Mas isso não importa. O que importa é como jogamos.

– Mesmo que seja uma mão perdedora? – perguntou ela.

– Talvez não precise ser. Pois a vida não é realmente um jogo de cartas, é?

CAPÍTULO 20



No fim, foram nadar. E jantaram juntos, após a Sra. Price e a camareira partirem. Passaram algumas horas na cama antes de Ben voltar para a hospedaria da vila. Fizeram amor duas vezes, devagar na primeira, com uma paixão feroz na segunda.

Mas houve algo um pouco... desesperado nas duas ocasiões, pensou Ben mais tarde, deitado na cama da estalagem. Nada havia sido como antes. A vida real, na forma de Bevan, havia se intrometido entre eles. Uma pequena parte da história dele havia sido contada, e o restante seria contado no dia seguinte. Samantha concordara em ouvir. A vida dela seria muito diferente de qualquer coisa com que havia sonhado quando as circunstâncias a levaram a se lembrar do “pequeno chalé” que herdara em Gales.

Ela tinha um avô, um homem rico e influente que, pelo que parecia, gostava dela. Se passaria a gostar do avô, isso dependeria muito da história que ele contaria no dia seguinte, mas Samantha desejava um vínculo familiar que fosse próximo, quer percebesse isso plenamente ou não. Ben suspeitava que ela viria a gostar do Sr. Bevan. Só precisava de tempo e espaço – e respeitabilidade – para isso. E para se recuperar plenamente de um matrimônio de sete anos.

Era a hora de partir. Quase. Ele havia prometido mais dois dias.

Embora não tivessem falado a respeito, naquela noite ambos estavam conscientes de que a relação dos dois, o idílio do começo do verão, estava quase no fim. Ben entrelaçou os dedos atrás da cabeça e olhou para o teto. Parte dele ansiava por ir embora, acabar com tudo de uma vez. Desejava poder estalar os dedos e estar na estrada de volta para a Inglaterra. No geral, detestava despedidas. E temia essa em particular.

O dia seguinte era domingo. O primeiro dia de uma nova semana. Quase o fim da semana dele. Ben não tinha ideia de onde estaria na noite do sábado

seguinte, exceto que seria um lugar longe dali. E não tinha ideia do que faria. Não, isso não era exatamente verdade. Iria para Londres, não para participar dos eventos sociais da temporada ou para permitir que Beatrice arranjasse um par para ele. Exploraria várias maneiras proveitosas de empregar seu tempo, talvez em algum negócio, na diplomacia ou no direito. Falaria com Hugo, com Gramley, com vários contatos que tinha no Ministério das Relações Exteriores. Não importava que não precisasse trabalhar. Ele *queria* trabalhar. E trabalharia. Seu irmão mais velho tinha feito isso, afinal de contas.

Mas havia um obstáculo entre ele e o resto de sua vida. Havia o fim de um romance a ser enfrentado e um adeus a ser dito. Amanhã era domingo. Ele prometera ir à igreja com Samantha. E depois jantariam em Cartref. E no dia seguinte...

Adeus.

Com certeza a palavra mais triste e dolorosa que existia.



Talvez tivesse a ver com o fato de Ben andar com dificuldade e lentidão, além de com a ajuda de duas bengalas, mas com evidente coragem e determinação, pensou Samantha. Ou talvez fosse a bela aparência, agora intensificada pelo bronzeado, e o indefinível ar de comando que de alguma forma sempre emanava dele. Ou talvez simplesmente todos adorassem um indício de romance, até mesmo uma pitada de escândalo.

Fosse o que fosse, ambos foram recebidos com sorrisos e acenos amigáveis quando apareceram juntos na igreja no domingo de manhã. Samantha de certa forma esperava olhares severos, testas franzidas e a indiferença de alguns, pois obviamente havia falatório. Seu avô tinha ouvido.

Embora Ben parecesse quase austero na maior parte do tempo, sabia bem como usar seu charme. E o usou naquela manhã com as pessoas de Fisherman's Bridge e arredores. Samantha também sorria, como não lhe haviam permitido após a morte de Matthew, e apertava a mão daqueles que lhe estendiam a sua. Tinha certeza de que não se lembraria dos nomes de todos que se apresentaram, e mencionou isso.

– Não se preocupe, Sra. McKay – disse o médico. – Temos apenas dois nomes novos para lembrar, o da senhora e o do major Harper, enquanto a senhora tem algumas dúzias.

Algumas pessoas que os ouviram concordaram com um sorriso.

Ela teria sentido o coração aquecido quando saíram da igreja se o avô não estivesse presente. Ele apertou a mão de Ben calorosamente e beijou Samantha no rosto – enquanto metade da vila observava com interesse –, mas não impôs sua companhia. Sentou-se no banco da frente, que era acolchoado, embora não tenha feito o papel do grande cavaleiro uma vez encerrado o culto. Trocou apertos de mãos e algumas palavras com todos no caminho. Mexeu nos bolsos para tirar doces para as crianças pequenas e moedas para as maiorzinhas.

Filhos de outras pessoas, pensou Samantha com inesperada amargura. Como teria adorado ter um avô sorrindo para ela e lhe dando doces e moedas quando criança. Como a mãe com certeza adoraria ter tido um pai que fizesse essas coisas.

Apesar do dia nublado, mas não estava frio nem ventava forte.

– Quer nadar hoje à tarde? – perguntou a Ben enquanto voltavam lentamente para a hospedaria.

Ela se sentia um pouco deprimida. Desejou que o sol estivesse brilhando.

– O que foi? – perguntou ele sem responder à pergunta.

– Seria mais apropriado perguntar o que *não foi* – disse ela com um suspiro, e depois riu. – O vigário estava certo sobre o canto, não estava?

– Bem, fiquei desapontado por não ver o telhado erguer-se. Estava aguardando ansiosamente.

Ela riu de novo.

– Mas, sim, estava – continuou Ben. – Essa igreja realmente não precisa do coro. A congregação já é um coro.

– Com harmonia.

– Em quatro seções – acrescentou ele. – Sim, vamos nadar. Vai dar tempo. Ela engoliu em seco e ouviu um gorgolejo na garganta.

Vai dar tempo.

Tempo antes de irem jantar em Cartref.

Tempo antes que a semana terminasse.



Foram nadar. Correram na areia, boiaram no mar, conversaram e fizeram brincadeiras bobas cujo objetivo principal era nadar embaixo d'água e aparecer inesperadamente para afundar o outro. Não era muito eficaz, uma vez que nunca havia real possibilidade de surpresa, mas os mantinha rindo por um tempo.

Riso era melhor que lágrimas.

Uma semana parecera muito tempo quando começaram o romance. Mas aquele era o sexto dia. A percepção pesava sobre Samantha como algo físico. E ela não conseguia evitar se lembrar de que iriam a Cartref mais tarde. Desejou não ter sido tão fraca e concordado. Só que... o avô havia escrito, e o pai havia escrito de volta. Ela deveria ouvir a história, dissera Ben.

Quando saíram da água, foram para o rochedo de sempre, onde foram recebidos por um Tramp que sacudia o rabo e o traseiro e que havia protegido os pertences deles das gaivotas. Em vez de abrir a toalha na areia, como costumava fazer, Samantha colocou-a em volta dos ombros.

– Dei o dia de folga para a Sra. Price e Gladys – anunciou ela. – É domingo. Além disso, vou jantar fora hoje.

Ben olhou para ela. Estava apoiado na rocha para aliviar o peso das pernas, esfregando a toalha no peito e debaixo do braço.

Ah, céus, ela sentiria falta daquilo: mergulhos diários, de vê-lo, sentir o cheiro dele, o toque dele. Sentiria falta *dele*.

– Vamos para casa? – sugeriu ela.

Sempre iam para casa depois de nadar e de ficar algum tempo deitados ao sol. Mas, pelo olhar dele, Samantha percebeu que ele havia entendido o que ela queria dizer.

– Sim – respondeu.

E, escandalosamente, não se vestiram, voltaram para o chalé como estavam, a toalha dela sobre os ombros, a dele no pescoço. Ela insistiu em carregar as botas dele.

Esquecera por que ele tinha que ir embora.

Mas é claro que tinha. Não podia ficar morando naquela cidade de Gales com ela, mesmo que se casassem. Não teria nada para fazer ali. Em pouco tempo ficaria inquieto e infeliz. E ela não podia ir com ele. Era muito cedo para partir com alguém ou se casar. E, embora ele não fosse um sem-teto, decidira deixar o irmão e a família residirem em sua casa e ainda não havia estabelecido outro lar. Provavelmente era o homem mais inquieto e agitado que já conhecera. Não fora sempre assim, é claro, mas agora era, e ela se perguntava, com tristeza, se algum dia Ben encontraria a si mesmo e seu lugar na vida.

Sim, ele tinha que partir. Às vezes, só amor não era suficiente – se é que o que havia entre eles era amor. Provavelmente, não. Ela era lamentavelmente ingênua em relação a casos amorosos. Talvez não fosse amor, mas uma simples atração física. Para ele, sem dúvida não passava disso. Os homens não se apaixonavam como as mulheres, não é mesmo?

Subiram as escadas assim que chegaram ao chalé, e Tramp foi logo para a cozinha em busca de sua tigela de comida. Samantha entrou no quarto na frente de Ben. Fechou as cortinas, embora não fossem pesadas e não bloqueassem muita luz. Tirou a roupa molhada, secou-se e esfregou o cabelo, embora ainda estivesse bem preso pelo coque.

Ben estava sentado de costas para ela ao lado da cama. Tirava a calça molhada, apesar de ter puxado as cobertas para impedir que Samantha o visse.

– Não – disse ela, ajoelhando-se na cama e se movendo na direção dele.

– Não?

Ele olhou para ela por cima do ombro.

– Não se esconda – respondeu ela.

Ele a encarou por alguns instantes, os olhos repentinamente sombrios, e então afastou as cobertas, terminou de tirar as roupas e se deitou na cama, levantando uma perna de cada vez. Olhou para ela de novo, agora com um olhar severo.

As pernas certamente eram mais finas do que antes do acidente. A esquerda era levemente torta, a direita mais torta. Ambas tinham cicatrizes horríveis.

– Agora, me diga que quer que eu faça amor com você – disse ele. A voz combinava com o olhar.

Ela se aproximou um pouco e colocou a mão na coxa direita dele. Acariciou- a de leve, sentindo as fissuras profundas das antigas feridas e as partes duras e salientes das cicatrizes onde os cirurgiões haviam tentado remendá-las.

E aquele homem tolo e valente havia insistido em voltar a caminhar.

Samantha levou as mãos às próprias coxas enquanto se ajoelhava ao lado dele e erguia o olhar.

– Ben, meu querido, sinto muitíssimo – declarou ela. – Sinto muito pela dor que você sofreu e ainda sofre. Lamento que não possa fazer o que mais quer na vida. Lamento que se sinta diminuído como homem e inadequado como amante, que se sinta feio e indesejável. O que *aconteceu* com você foi feio, mas *você* não é. Considero você o homem mais forte e corajoso que já conheci. *Sei* que é o mais adorável. Você tem que acreditar em mim. Ah, você *tem* que acreditar em mim, Ben. E, sim, quero que faça amor comigo.

Ele fitou-a, o olhar ainda severo, embora ela tivesse a curiosa sensação de que ele lutava contra as lágrimas.

– Você não sente repulsa?

A voz ainda estava severa, embora pudesse notar um leve tremor.

– Idiota – disse Samantha, e sorriu. – *Pareço* sentir repulsa? Você é o Ben. Meu amante. Pelo menos por esta semana. E senti um prazer enorme com você. Quero mais.

Samantha percebera que o chamara de *meu querido*, e não queria que ele pensasse que havia se apaixonado. Por isso falara do prazer que sentira com ele, o que não era mentira. Ele devia ser o amante mais maravilhoso do mundo.

Ben estendeu a mão para ela, Samantha aproximou-se e sentou-se sobre ele. As mãos dele percorreram as coxas, os quadris, a cintura e os seios dela, os quais envolveu delicadamente.

– Você é a perfeição em pessoa – disse ele.

– Não sou magra.

– Graças a Deus – disse ele sem contradizê-la. – As mulheres realmente acreditam que os homens querem que elas pareçam varetas?

– E não sou uma rosa inglesa. Sou bem morena.

– Minha cigana Sammy. – Ele sorriu. – Minha *perfeita* cigana Sammy. Ela riu, colocou as mãos no rosto dele e se inclinou para beijá-lo.

As pernas dele não eram totalmente inúteis, Samantha percebera em ocasiões anteriores. Antes que se desse conta, estava deitada de costas, ele por cima com as pernas entre as dela, os lábios nos dela, a língua bem dentro de sua boca, as mãos ferozes percorrendo-a até chegar às nádegas, que segurou com firmeza enquanto a penetrava fundo.

Samantha ergueu as pernas e envolveu os quadris esguios dele, e se amaram longa e intensamente até ficarem ofegantes e escorregadios de suor e irromperem juntos na glória e desmoronarem em outro mundo.

Depois, deitaram-se lado a lado, saciados e sonolentos, as mãos se tocando. A noite anterior parecera um pouco um adeus, pensou Samantha. A melancolia permanecera com ela pela manhã. E agora?

Não, não queria pensar nisso.

– Acredito que vá construir uma nova vida maravilhosa aqui – falou Ben finalmente. – Você tem vizinhos que parecem bastante dispostos a aceitá-la e recebê-la. Vai fazer amigos aqui. E tem uma família. Tem um avô que deseja fazer parte da sua vida. Ouça-o esta noite, Samantha, e pense bem antes de rejeitá-lo por todos os aparentes erros do passado.

– Concordei em ouvi-lo – lembrou-lhe ela.

– Acho que fez certo em vir para cá. E acho que amanhã será a hora de eu partir, antes que especulações e fofocas virem escândalo, como certamente aconteceria se eu ficasse mais tempo.

– Já atrasei suas viagens por tempo suficiente.

Ele não respondeu, e ficaram lado a lado, não mais sonolentos. Samantha lutava contra as lágrimas. Lutava contra o desejo de implorar que ele ficasse apenas mais um dia, talvez dois. Porque ele tinha razão: estava na hora de partir. Já era hora de ir em busca de sua vida e de ela se acomodar em sua nova vida.

Era hora de deixá-lo ir.

Depois de um tempo, ele se virou e sentou-se, movendo os pés para o chão.

– É melhor eu voltar para a estalagem. Trago a carruagem mais tarde para levá-la a Cartref?

– Sim. Obrigada.

Sentia-se tão desolada quanto era possível sentir.



O Sr. Bevan tinha as boas maneiras e a desenvoltura de um verdadeiro cavalheiro, pensou Ben, ainda que não o fosse por nascimento. Vestia-se na moda e com elegância, mas sem qualquer ostentação nem grande demonstração de riqueza. No entanto, a riqueza claramente estava ali.

Ele os levou para conhecer a casa. Tudo era da melhor qualidade, sem a menor sugestão de vulgaridade. A sala em que ficaram mais tempo foi a longa galeria nos fundos. Era repleta de pinturas e algumas esculturas dos grandes mestres, algumas adquiridas pelo pai, contou o Sr. Bevan, mas a maioria por ele. Sempre comprava aquelas de que mais gostava, explicou, em vez das mais valiosas. Mesmo assim, Ben calculou que só naquela sala havia uma fortuna. Havia quadros em todas as outras salas, alguns de mestres aclamados, alguns de artistas desconhecidos que o Sr. Bevan admirava e queria encorajar. E, aonde quer que os levasse, havia janelas com vista para o ondulado campo galês, da praia e do mar.

Na sala de visitas, ele os entreteve com xerez e conversa, e depois, na sala de jantar, com um bom vinho, comida e conversa. Contou sobre suas viagens e leituras. E indagou sobre a vida deles com perguntas habilidosas que extraíam mais do que respostas monossilábicas e, todavia, não pareciam intrusivas. Quando Ben perguntou sobre seus negócios, ele respondeu em detalhes, mas sem monopolizar as atenções, o que poderia aborrecer Samantha.

Ele parecia totalmente à vontade e em perfeito bom humor com seus convidados.

Samantha, supunha Ben, sentia-se incomodada mesmo enquanto admirava a casa, comia, bebia, ouvia o avô e Ben conversarem e dava as próprias contribuições. Estava extremamente bonita em um vestido azul-turquesa de cintura alta que ele nunca tinha visto. O cabelo estava penteado com requinte, considerando que não tivera os serviços de sua camareira; brilhava à luz das velas.

Após o jantar, enquanto tomavam chá na sala de estar, o Sr. Bevan contou-lhes sobre o coral de vozes masculinas composto por cerca de oitenta de seus mineiros.

– Não há coral mais bonito em toda Gales, e isso é um feito e tanto. Não sou inteiramente imparcial, claro, mas eles venceram no *eisteddfod* em Newport no ano passado e no ano anterior.

– *Eis...*? – perguntou Ben.

– *Eis-tedd-fod* – repetiu o Sr. Bevan, pronunciando a palavra pausadamente.

– Um festival de artes galesas.

Ele voltou os olhos para Samantha, que balançava o resto do chá na xícara, e a observou em silêncio por alguns instantes.

– Sua avó estava dançando quando pousei os olhos nela pela primeira vez – disse ele. – Os ciganos haviam acampado junto ao mar, como faziam algumas vezes, e fui lá espiar com alguns rapazes daqui. Eu tinha 21 anos na época. Ela estava descalça, as saias brilhantes e rodadas balançando em volta dos tornozelos, o cabelo escuro caído sobre o rosto e os ombros, e eu nunca tinha visto nada tão encantador ou tão cheio de vida e graça em toda a minha vida. Naquela época eu não sabia que não se deve prender pássaros, borboletas ou coisas selvagens em gaiolas. Então a cortejei e me casei com ela, tudo em seis semanas, contra a opinião de todos, inclusive do povo dela. Viveríamos felizes para sempre. Ela tinha 16 anos.

A xícara de Samantha, presa entre as duas mãos, agora estava imóvel. Seus olhos se ergueram brevemente para os do avô e depois voltaram para a xícara.

– Fomos felizes por mais ou menos um ano – continuou Bevan –, embora tivéssemos que viajar sempre. Ela não gostava de ficar em um mesmo lugar por muito tempo. Então sua mãe nasceu, e, poucos meses depois, meu pai morreu. Minha mãe já era falecida. Tive que assumir o comando dos negócios. Eu estava trabalhando, mas não tanto quanto antes de conhecer Esme. O bebê precisava de um lar estável. Esme não gostou, mas entendeu e tentou se acomodar. Tentou de verdade. Mantivemos o relacionamento por alguns anos, mas então os ciganos voltaram, o grupo dela. Esme passou um tempo com eles enquanto estavam aqui,

e foi se despedir na última noite. Nunca mais voltou para casa. Pensei que havia passado só uma noite, mas, pela manhã, quando fui procurá-la, tinham ido embora, e ela com eles. Não fui atrás. Para quê? Ela estava definhando aqui em Cartref. Morreu quatro anos depois, mas só soube após seis anos.

Samantha se inclinou à frente e pôs cuidadosamente a xícara no pires antes de se recostar na cadeira. Ben desejou estar sentado ao lado dela.

– Comecei a beber – disse Bevan. – Eu me certifiquei de que sua mãe tivesse uma boa babá e tudo de que precisasse, me certifiquei de ter um bom gerente para cuidar das minas e dediquei minha vida a esquecer e aliviar a dor. No fundo de um copo de bebida. Certa noite, cerca de um ano depois de Esme partir, eu estava na biblioteca bebendo e sentindo pena de mim mesmo, como de costume. Estava pior do que o habitual, pois era nosso aniversário de casamento. Depois de um tempo, joguei o copo na parede ao lado de uma estante de livros, e o vidro se quebrou. E alguém começou a chorar. Gwynneth havia descido as escadas sem que a babá a visse. E havia se escondido debaixo de uma mesa logo abaixo de onde o copo bateu.

Samantha espalmou as mãos nos joelhos e agarrou o tecido do vestido entre os dedos.

– Na manhã seguinte – continuou o Sr. Bevan –, levei-a para Dilys, para o chalé onde você mora agora, Samantha. Nunca tínhamos concordado em nada. Ela me achava descontrolado e irresponsável quando menino. Considerava meu casamento uma insanidade. Ficou furiosa ao descobrir que nosso pai havia deixado quase tudo para mim quando era ela quem tinha jeito para os negócios. Mas levei sua mãe até ela e pedi que ficasse com a criança até eu parar de beber. Ela me disse que isso nunca aconteceria, que eu sempre seria um bêbado imprestável. Disse que aceitaria Gwynneth, mas com a condição de criá-la sozinha, de eu desistir dela e nunca mais vê-la, exceto por acaso.

Samantha agora olhava para o avô. Ben olhava para Samantha.

– Bebi por mais seis meses, e então parei. Durante anos, não toquei em álcool. Agora bebo de vez em quando, mas apenas socialmente, nunca quando estou sozinho. Dediquei-me ao trabalho. Desafiei-me a cultivar interesse por outros negócios além do carvão. Daí a siderurgia. Enquanto isso, cada centavo do dinheiro que enviava para ajudar Dilys com a criação de sua mãe e todos os presentes de aniversário ou Natal que mandava foram devolvidos. Quando Gwynneth era pequena, toda vez que eu a avistava, ela era levada às pressas por minha irmã. Quando ficou mais velha, dava as costas por vontade própria. Eu a queria de volta. Queria que tivesse uma boa governanta. Queria prepará-la para a

vida que poderia ter como minha filha. Eu queria... Bem, eu queria ser o pai dela, mas perdi a oportunidade. Quando soube que ela não tinha permissão para fazer piqueniques com os rapazes e as moças daqui e que não podia ir às festas da vila, embora já tivesse 17 anos e estivesse pronta para ter um pouco de vida própria, fui ao chalé e discuti com Dilys, e acabamos gritando como idiotas e nos comportando como dois cachorros rosnando e brigando pelo mesmo osso. Gwynneth estava em casa e ouviu tudo. No dia seguinte, ela partiu. Assim como Esme partira. A história se repetiu.

– E, como antes, você não foi atrás dela – disse Samantha.

– Fui, sim. Ela não quis saber de mim. Não me deixou pagar por sua moradia. Não me deixou dar dinheiro para as despesas. Não me deixou ajudá-la a encontrar um emprego decente. E não voltou para casa comigo. Ela conseguiu emprego como atriz. Fiquei... orgulhoso por seu espírito independente, mas ao mesmo tempo apavorado. E então ela conheceu seu pai, que regulava de idade comigo e era tudo que eu não era. Acho que ela foi feliz com ele. Foi?

– Foi – respondeu Samantha.

– A história se repetiu depois do casamento. Ela devolveu minhas cartas, meu presente de casamento, meu presente de batismo para você e todos os outros que enviei. Depois que ela morreu, as cartas e os presentes que eu enviava pararam de voltar, e às vezes seu pai me escrevia para contar sobre você e incluir pequenas mensagens de agradecimento suas pelos presentes. Muitas vezes pensei em pedir para vê-la, mas nunca tive coragem. Você era filha de um cavalheiro, suas cartas eram sempre educadas, mas não exatamente calorosas. Achava que vocês talvez fossem negar. E então toda a esperança acabou. Você se casou com o filho de um conde e concluí que a última coisa que desejaria era uma visita de seu avô materno. Até parei de mandar presentes, depois do casamento.

Samantha estava agarrando o vestido de novo.

– Acho que seu pai sentia pena de mim – disse Bevan. – Mas acho que sentia ainda mais lealdade à esposa, sua mãe, e concordou com ela que era melhor você não me conhecer. Você não leu nenhuma dessas cartas nem viu nenhum desses presentes, não é?

– Não.

A voz dela era apenas um sussurro.

– Não foi maldade nem de seu pai nem de sua mãe – disse ele. – Não fiz nada para conquistar o amor dela e não merecia o seu. Arruinei minha vida e a

de sua mãe sofrendo pelo que eu não poderia ter. E o tempo todo eu tinha um tesouro ao meu alcance que não reconheci até ser tarde demais.

– Você se casou de novo.

– Um ano depois que sua mãe foi para Londres. – Ele suspirou. – Eu queria um filho. Queria alguém para quem deixar tudo. Talvez desejasse alguma redenção também. Queria tentar de novo, ver se poderia fazer melhor do que da primeira vez. Isabelle era uma boa mulher. Era mais do que eu merecia, e fomos felizes juntos, apesar da diferença de idade. Mas nunca tivemos filhos. Essa bênção nos foi negada. Ela morreu há dois anos.

Samantha não disse nada. Mas virou a cabeça para Ben, os olhos inexpressivos.

– Sinto muito – disse Bevan. – As duas palavras mais inúteis quando usadas juntas. Eu gostaria de poder voltar no tempo. Desejei isso ano após ano desde a noite em que quebrei aquele copo na parede, perto de sua mãe. Mas isso não é concedido a nenhum de nós. Nenhum de nós pode voltar no tempo. Contudo, achei que pelo menos você soubesse sobre mim. Achei que sua mãe tivesse lhe contado.

– Não. Mas deveria. Ontem, Ben me disse que todos nós temos uma história para contar. Minha mãe tinha uma história, mas nunca a contou. Talvez tivesse a intenção de fazê-lo um dia. Talvez me considerasse jovem demais para ouvi-la. Eu tinha apenas 12 anos quando ela morreu. Meu pai também não a contou, mas suponho que achou que a história não era dele para contar. Só que eu deveria saber.

– Agora você sabe – disse Bevan, levantando-se para puxar a corda da sineta

–, e não é uma história bonita. Não consigo pensar em nada que pudesse acrescentar que fizesse você concluir que valeria a pena me aceitar como seu avô, Samantha. Queria, mas não consigo. Obviamente, causei danos terríveis a outro ser humano, minha própria filha, e não tenho desculpa para isso. E não tenho o direito de reivindicar o afeto da filha *dela*.

– Não tenho ninguém – disse Samantha.

– Seu irmão?

– *Meio*-irmão – corrigiu ela. – Não.

– Seus tios e primos por parte de pai? Seu sogros e cunhados?

– Não.

Bevan virou o rosto para Ben e olhou fixamente para ele.

– E quando vai embora, major Harper?

– Amanhã.

Eles ficaram se olhando por mais alguns instantes, avaliando um ao outro, até um criado atender ao chamado da sineta.

– Pode levar a bandeja e mandar trazer a carruagem do major Harper para a porta – ordenou Bevan.

Ele esperou o criado se retirar e olhou para a cabeça baixa de Samantha.

– Você pode ter a *min*. Se me quiser. Ela olhou para ele.

– Quero viver em paz na minha casa. Quero ficar sozinha. Mas talvez um dia lhe conte a *minha* história. Talvez lhe conte tudo o que me fez vir para cá. Mas ainda não.

Ele assentiu.

– É hora de você ir para casa, Samantha – declarou ele. – O major vai acompanhá-la em segurança.

– Sim. Obrigada. Foi uma noite agradável.

– Sim, de fato – disse Bevan.

Ele apertou a mão de Ben, beijou o rosto de Samantha e voltou a ser o anfitrião sorridente e cordial.

CAPÍTULO 21



Voltaram para o chalé em silêncio. Quando a carruagem parou, o cocheiro abriu a porta e baixou os degraus antes de se retirar, e, por um instante, nenhum dos dois falou. Ben segurou a mão enluvada de Samantha.

– Samantha – disse ele finalmente –, gostaria que eu ficasse mais alguns dias? Até você ter tempo de digerir o que ouviu e tomar alguma decisão?

Ah, ela ficou tão tentada a dizer sim... A se agarrar a ele. A usá-lo como apoio emocional. E adiar um pouco mais o inevitável adeus.

– Não. Preciso ficar um tempo sozinha. Tudo o que sabia sobre a minha vida virou de cabeça para baixo. Preciso pensar um pouco.

Sozinha. Ela ficaria sozinha. Sem ele. Para sempre.

Ele levou a mão dela aos lábios e beijou-lhe os dedos.

– Vamos dizer adeus agora? Ou devo passar aqui pela manhã, antes de partir? Ela quase entrou em pânico. Quase se jogou em cima dele. Quase implorou para que não fosse, que nunca partisse. E, ainda assim, ela dissera a verdade.

Precisava ficar sozinha.

Teria condições de se despedir melhor pela manhã? Concluiu que não. Nunca haveria um bom momento para o adeus. E seria injusto com Ben. Ele precisava seguir seu caminho.

– Agora. – E ela se virou no assento, pegou as mãos dele e as levou até o rosto. Fechou os olhos e inclinou a cabeça. – Ben, agradeço por tudo que fez por mim. E agradeço pela semana passada. Foi muito prazeroso. Não foi?

Ela ergueu o rosto e tentou sorrir.

– Foi – concordou ele. – Samantha...

– Se as suas viagens o trouxerem de volta a Gales, talvez... – disse ela apressadamente. – Não, não seria uma boa ideia, seria? Vou me lembrar de tudo com prazer. Espero que você também.

– Lembrarei – disse ele, e se inclinou, colocando os lábios nos dela em um beijo longo e demorado, enquanto seguravam as mãos um do outro. – Adeus, Samantha. Vou esperar aqui até você estar em segurança dentro de casa, com uma lamparina acesa.

Ben bateu no painel, e o cocheiro apareceu à porta para ajudá-la a descer.

– Adeus. – Ela soltou a mão dele. – Adeus, Ben.

Então desceu e apressou-se pelo jardim na direção da casa, atrapalhando-se com a chave na fechadura e quase sendo atropelada por um Tramp descontrolado. Com a mão trêmula, acendeu uma lamparina na sala de estar e correu para a janela, desesperada para vê-lo uma última vez. Mas a porta da carruagem estava fechada, o cocheiro estava na boleia e já se afastavam. Não conseguiu enxergar o interior da carruagem na escuridão.

– Ah, Tramp...

Ela desabou na poltrona mais próxima, abraçou o cachorro e chorou no pescoço dele. Tramp ganiu e tentou lambe-lo seu rosto.



No dia seguinte, Ben desceu cedo para o café da manhã. As malas estavam prontas, e ele estava ansioso para pegar a estrada o mais rápido possível. Não importava em que direção seguiria, embora na noite anterior tivesse dito ao cocheiro que voltariam por onde tinham vindo. Tudo o que realmente queria era se afastar o máximo possível de Fisherman's Bridge.

Mas alguém havia chegado mais cedo. Quando Ben apareceu, o Sr. Bevan levantou-se de seu lugar a uma mesa perto da janela com um relógio de bolso aberto na mão.

– É esta a hora que ricos ociosos normalmente quebram o jejum? – perguntou ele.

Eram sete e pouco.

– Acredito que seja a hora em que costumam ir para a cama – respondeu Ben, caminhando em direção à mesa e apoiando as bengalas em uma cadeira antes de apertar a mão do homem.

– Não tenho direito de perguntar isto – disse Bevan quando ambos estavam sentados –, e o senhor tem todo o direito de negar responder, mas aqui vai de qualquer maneira: quais são seus sentimentos por minha neta, major?

Ben interrompeu-se quando estendia o guardanapo no colo. Ao que parecia, ali estava um homem que não perdia seu tempo precioso com conversa fiada.

– A Sra. McKay perdeu o marido há menos de seis meses, senhor – disse Ben, escolhendo as palavras com cuidado. – Ela precisa de tempo para se recuperar da perda. Precisa de tempo para ajustar a vida ao novo lar e às circunstâncias. Como ela lhe disse ontem à noite, precisa ficar sozinha. Não necessariamente sem companhia, mas sem complicações emocionais. Seria insolente de minha parte ter por ela sentimentos mais fortes do que respeito. Além disso, no momento não tenho nada de valor para oferecer, exceto o título e a fortuna de um baronete.

– No momento – disse Bevan. – E no futuro?

– Fui ferido seis anos atrás – contou Ben. – Estive bem o bastante nos últimos três anos para colocar minha vida em ordem e dar a ela um novo rumo, já que o antigo não me serve mais. Mas procrastinei. Até agora. Estou indo para Londres. Vou encontrar algo desafiador para fazer.

– Além de farrear a noite toda? – Bevan sorriu.

– Esse tipo de vida nunca me atraiu – disse Ben. – Preciso fazer algo útil e significativo.

Os dois ficaram mudos enquanto o senhorio colocava a comida diante deles e falava algumas amenidades sobre o tempo antes de se retirar.

Bevan se recostou na cadeira, momentaneamente ignorando a comida.

– Conte-me mais sobre como você costumava ser. Conte-me sobre liderar homens. Era isso que o senhor fazia, não era? Era um major, o que não é exatamente o mesmo que um general, claro, mas ainda assim era uma posição de considerável autoridade sobre homens, ações e acontecimentos. Fale-me sobre aquele homem.

Ben pegou a faca e o garfo e pensou por um momento antes de cortar a comida. Por onde começar? E *por que* começar? Por que Bevan viera?

– Aquele homem era feliz.

Ben não estava acostumado a falar de si mesmo. Era algo que nunca se sentira confortável em fazer. Mesmo em Penderris, era entre todos o que menos falava. Tinha mais prazer em ouvir os problemas dos amigos do que em desabafar os seus. Sempre presumiu que não seria de grande interesse para as pessoas, que simplesmente aborreceria os outros ao falar sobre si mesmo. Mas nos quinze ou vinte minutos seguintes não fez nada *a não ser* isso, conduzido por perguntas hábeis, insistentes e investigativas e um olhar de genuíno interesse no rosto do outro homem. Falou sobre seus sonhos e suas ambições, suas experiências na guerra, a sensação que sempre teve de que nascera para fazer exatamente o que fazia. Falou sobre a batalha em que foi ferido, sobre a longa

luta pela sobrevivência e a luta ainda mais longa para recuperar a integridade física a fim de poder voltar para a única vida que conhecia ou que sempre quisera para si. Falou sobre os últimos três anos e os motivos para não ir para casa, sobre a frustração e a inquietação crescentes, sobre a determinação de superar a letargia e a falta de ânimo encontrando *algo* para substituir o que havia perdido.

– Lutei o suficiente para viver – disse ele. – Agora tenho que provar a mim mesmo que a luta serviu para algum propósito.

– Mulheres? Houve muitas?

– Nenhuma desde que me feri.

– Até agora?

Ben lançou-lhe um olhar longo e impassível.

– O senhor acompanhou minha neta até aqui desde o norte da Inglaterra e é um bom amigo para ela. Agora está prestes a partir pelos motivos que acabou de me contar. Mas não finja que ela não é mais do que uma amiga, Harper. Se o fizer, não vou acreditar.

Ele sorriu de maneira amigável.

– Não vou fingir, então – retrucou Ben secamente. – Sim, tenho sentimentos por ela. Sentimentos *inapropriados* e sem sentido. E vou embora hoje porque não há futuro para nós, porque ela precisa ficar sozinha para se encontrar e porque o lugar dela é aqui. Acredito que vá se encontrar. E acredito que tem uma chance de felicidade. Não teve muitas em sua vida. E vou embora porque preciso *me* encontrar e encontrar um lugar ao qual eu pertença. Farei isso. Não tema: não vou me demorar.

– E eu não acreditaria em Samantha se ela me dissesse que não é mais do que um amigo.

– Perdoe-me – disse Ben em tom resoluto –, mas tenho certeza de que não tem o direito de dar qualquer opinião sobre este assunto, senhor.

As sobrancelhas do homem mais velho se arquearam. Ele pegou a faca e o garfo e tratou de comer o café da manhã.

– Gosto do senhor, major. Em minha opinião, é um verdadeiro homem. E está certíssimo. Não tenho direito algum.

Bevan fez uma pausa para comer, e Ben fez o mesmo. Ele iria se desculpar assim que o prato estivesse vazio e se levantasse para ir embora. Não sabia por que Bevan tinha vindo, exceto talvez para ordenar que partisse sem demora e nunca mais voltasse. Não precisava dizer isso. E, de qualquer forma, realmente não tinha o direito.

– Tenho 66 anos – disse Bevan, retomando a conversa. – Não sou um velho, pelo menos não me sinto um, mas também não sou jovem. Se tivesse um filho, estaria transferindo aos poucos minhas responsabilidades para seus ombros mais jovens, desde que ele demonstrasse o interesse e a aptidão necessários, é claro. Uma das maiores decepções de minha vida foi não ter tido um filho, mas isso não pode mais ser remediado. Tenho homens capazes e confiáveis encarregados das minas e da siderúrgica. Tenho tido sorte com meus funcionários. O que desejo há muito tempo e procuro ativamente nos últimos quatro ou cinco anos, no entanto, é um supervisor, um supergerente, pode-se dizer, alguém com interesse, energia e capacidade para assumir todos os meus empreendimentos industriais. Alguém em quem eu possa confiar e que confie em mim. Alguém que, na medida do possível, seja como um filho. Alguém para me substituir de fato depois que eu me aposentar e até a minha morte, e para ser bem recompensado depois. Teria que ser um tipo especial de homem, pois não basta apenas entender os fatos ou ter ideias ou até mesmo as duas coisas. Não basta ter habilidades organizacionais, embora sejam necessárias. Teria que ser alguém que conseguisse garantir a realização do trabalho e os lucros sem negligenciar a segurança e o bem-estar de todos os trabalhadores sob seu comando. Teria que inspirar confiança, lealdade e até mesmo simpatia, e ao mesmo tempo exigir os melhores esforços de seus trabalhadores. Teria que ter interesse pessoal pelo que faz, bem como profissional. Teria que ser alguém como eu, na verdade. Não é fácil encontrar esse homem, major. Nada fácil, na verdade.

Ben parou de comer para olhar fixamente para o outro homem.

– Está me oferecendo um emprego? – perguntou.

Bevan largou a faca e o garfo e serviu-se de uma xícara de café antes de responder.

– Eu me orgulho de ser um bom juiz de caráter. Acho que é um dos motivos do meu sucesso. Tive uma sensação de empatia assim que o conheci, embora estivesse predisposto a não gostar de você, depois de ouvir algumas fofocas, que não eram particularmente perversas, devo acrescentar. Senti algo em você tanto naquela noite como na noite passada, e você confirmou a impressão nesta manhã. Você gostava dos seus homens, major? Ou era o tipo de oficial que impunha a obediência com um chicote?

– Nunca ordenei ou aceitei a prática do exército britânico de chicotear os soldados. Sim, gostava dos meus homens. Tirando alguns patifes irreparáveis, a maioria dos soldados é o sal da terra e dará o seu melhor, até mesmo a vida, quando convocada a fazê-lo.

Ele estava recebendo uma oferta de *emprego*. Em Gales. Supervisionar minas de carvão e uma siderúrgica. Poderia haver coisa mais estranha?

– Emprego para mim sempre foi mais do que apenas ganhar dinheiro – disse Bevan. – Eu poderia ter vivido luxuosamente com o que meu pai me deixou. Poderia ter nomeado gerentes para as minas e não pensado mais no assunto. Na verdade, foi exatamente o que fiz durante os anos em que estava bebendo e sentindo pena de mim mesmo. Felizmente, não fui talhado para a ociosidade do corpo ou da mente, e isso talvez tenha sido a minha salvação. Acredito que somos parecidos em muitos aspectos, major.

– *Está* me oferecendo um emprego.

– Sabendo que você não precisa do dinheiro – disse Bevan, levando a xícara de café aos lábios – e que alguns cavalheiros, talvez a maioria, achariam humilhante trabalhar na indústria. Mas você precisa usar seus dons e habilidades, e nunca mais os usará no exército. Preferiria você a qualquer outra pessoa que conheci.

Ben balançou a cabeça e riu baixinho. Estava mesmo inclinado a aceitar? Mais do que inclinado?

– Tudo o que tenho um dia será de Samantha – disse Bevan. Ben ficou sério no mesmo instante.

– Está oferecendo o emprego desde que me case com a Sra. McKay? – perguntou Ben.

A raiva repentina era como uma bola retesada em seu estômago.

– Pelo contrário, major – disse Bevan. – Ofereço o emprego com a condição de que vá embora. Um império não é administrado de uma propriedade rural nem de um chalé à beira-mar. Tenho casas em Swansea e Merthyr Tydfil. Você moraria por lá. E não ofereço emprego permanente. Ainda não. Não sei se é capaz de fazer o trabalho. Não sei se o agradaria. Ou se eu mesmo ficaria satisfeito com o resultado. Precisariamos de tempo para descobrir se somos uma boa opção um para o outro. Quanto à minha neta, bem, não vou negar que passei metade da noite pensando em como seria conveniente você realmente se tornar meu braço direito, um gerente capaz e entusiasmado como eu, talvez com ideias novas, frescas. E em como seria conveniente você se casar com Samantha. Pois um dia tudo seria seu, assim como dela. Seria um final de livro para um idoso que há muito tempo desistiu de ter esperança por qualquer final feliz. Mas não pressiono você a nada, major Harper. Nem a ela. Na verdade, insisto que parta daqui imediatamente.

– A Sra. McKay poderia, no entanto, sentir-se pressionada caso eu aceitasse sua oferta – ponderou Ben. – Poderia muito bem acreditar que o senhor e eu estamos tentando manipular a vida dela e interferir em sua liberdade recém- conquistada. Já nos despedimos.

– Não posso falar com Samantha. Ela não me deu o direito e talvez nunca me dê. Faça isso, então, se achar que deve. E se aceitar minha oferta, o que acredito que esteja inclinado a fazer. Mas lembre-se de que o emprego pode não ser permanente. Teria de haver um período de experiência de vários meses antes de qualquer contrato ser elaborado ou assinado. Quando o capitão McKay morreu?

– Em dezembro – respondeu Ben.

– Então talvez possamos nos encontrar em Cartref pouco antes do Natal para discutir nossa futura associação, se formos ter uma.

Era inequívoco o que Bevan queria dizer. O período de luto de Samantha já teria terminado.

Olharam fixamente um para o outro por sobre a mesa. Ben pegou as bengalas abruptamente e ficou de pé.

– Preciso pensar um pouco. E, dependendo do que decidir, preciso conversar com a Sra. McKay. Não seria uma decisão *só* minha, mesmo que eu não morasse por perto. Ela pode não querer ter relação com o senhor, e meu trabalho para o senhor pareceria uma traição. E mesmo que ela *deseje* ter, pode não querer que eu administre os negócios que um dia serão dela. Pode lhe parecer uma armadilha.

– Compreendo perfeitamente, major. – Bevan sorriu e serviu-se de mais café.

– Você vai escrever para mim se não vier?

Ben assentiu secamente e fez sua lenta caminhada da sala de jantar rumo às escadas e ao quarto. Sentia como se tivesse levado uma paulada na cabeça e o cérebro estivesse embaralhado.

Toda a bagagem já havia sido levada para a carruagem.



Samantha passou o início da manhã ocupada com a Sra. Price, examinando os armários de roupa de cama, selecionando o que estava bom, o que valia a pena consertar e o que só servia para virar pano de chão. No dia seguinte, examinariam as porcelanas. A Sra. Price informou que todos os armários estavam abarrotados, mas que algumas peças estavam desemparelhadas, lascadas ou não valiam a pena serem guardadas.

Samantha decidiu que examinaria simplesmente tudo, até que sentisse que o chalé era inteiramente seu, até que fosse um lar, como Bramble Hall nunca havia sido. Só agora tinha se dado conta disso.

Retribuiria a visita da Sra. Tudor e da filha, que tinham vindo ao chalé, e se esforçaria para se familiarizar com mais vizinhos e descobrir formas de se tornar ativa e útil no dia a dia da vila. Perguntaria sobre a disponibilidade de um tutor para lhe ensinar galês. Não que fosse muito falado na vila, mas mesmo assim queria aprender ou pelo menos entender e talvez ler. Havia alguns livros em galês na sala de leitura, incluindo uma Bíblia galesa. Talvez até fizesse aulas de música. E talvez...

E a todo momento pensava em Ben se afastando da hospedaria. Que direção teria tomado? Não perguntara. Esse pensamento lhe causou um tolo momento de pânico. Ela não sabia sequer para onde ele estava indo. E onde estaria agora, naquele momento? Como estaria se sentindo? Será que estava pensando nela? Ou pensava no futuro, ansioso para começar algo novo, aliviado por estar longe dali e longe dela? Ou, como ela, pensava no futuro e nela ao mesmo tempo?

A dor diminuiria com o passar do tempo? Mas é claro que sim. E por que ela estava sentindo dor? Tiveram um rápido romance. Antes de começá-lo, haviam concordado que duraria apenas uma semana. Ela não queria que ele ficasse. E ele certamente não queria ficar. O que sentia era apenas uma remanescente paixão sexual. Claro que passaria depois de alguns dias.

No meio da manhã, Samantha não aguentou mais ficar no chalé. Pegou o velho chapéu, chamou Tramp, que estava ocupado roendo um velho osso de sopa na cozinha, e saiu. Hesitou apenas por um momento no portão do jardim antes de se virar na direção da praia. Não havia sentido em evitar o lugar, a menos que pretendesse fazê-lo pelo resto da vida. No entanto, sentiu-se dolorosamente desolada ao atravessar o caminho entre as pedras e a areia depois de tirar os sapatos.

Encontrou um pedaço de madeira para atirar para Tramp e caminhou ao longo da praia, tentando manter os olhos longe do rochedo que passara a considerar *deles*. Estava voltando, não longe do caminho que dava no chalé, quando avistou Ben. Ficou imóvel, indagando por um segundo vertiginoso se a imagem era fruto de sua imaginação. E então foi preenchida por uma irracional onda de esperança.

– Pensei que a essa altura já estivesse há muito tempo em viagem – gritou, apressando-se na direção dele.

– Tomei café da manhã com seu avô. Ele estava na hospedaria.

Samantha parou abruptamente, enquanto Tramp voltou sem sua madeira, ofegante, depois se postou na frente de Ben e sacudiu o rabo.

– Por quê? – perguntou ela.

– Ele me ofereceu um emprego.

– *O quê?*

– De gerente de todos os seus empreendimentos – explicou ele. – Alguém para supervisioná-los à medida que ele aos poucos se aposenta.

Samantha fitou Ben, a raiva borbulhando dentro dela.

– Você não gostou da ideia. Ele deu um sorriso sem graça.

– É um *insulto* – disse ela. – Você é um cavalheiro, um baronete. Tem propriedades e fortuna. Ele é um *mineiro de carvão*.

– Um proprietário. Há uma diferença.

– Ele não pode estar falando sério. Você disse a ele como se sentiu insultado?

Não lhe passou a maior descompostura? Está na hora de *alguém* fazer isso.

– Não me senti insultado.

– E por que *você*? – perguntou ela. – Será que ele acredita que, oferecendo-lhe emprego, fará um favor para mim?

Ela olhava para ele com raiva. Ele deu outro sorriso sem graça.

Então ela se deu conta.

– Por que não começou sua jornada? Por que veio até aqui?

– Para dizer adeus. De qualquer forma, me atrasei e achei que mais uma hora não faria grande diferença. Adeus, Samantha. Tente não pensar muito mal dele.

Ela observou-o virar-se e fazer o caminho de volta pelas pedras na direção do chalé. Tramp começou a segui-lo e então se virou para encará-la, o rabo balançando, esperando que ela também viesse.

Para dizer adeus.

De qualquer forma, me atrasei e achei que mais uma hora não faria grande diferença.

Ela saiu correndo atrás dele e alcançou-o logo acima do rochedo onde havia deixado os sapatos.

– Você veio me contar, não foi? Aceitou a oferta dele.

– Não. Vou partir em uma hora, conforme o planejado.

– Ah, Ben – disse ela, colocando a mão em seu braço. – Vamos lá para casa. A Sra. Price nos traz um chá. Você veio me perguntar o que eu achava.

Não aceitaria sem minha aprovação. Estou certa?

– *Não vou* aceitar sem a sua aprovação – respondeu ele. – E você não aprova.

Assunto encerrado.

– Não, não está encerrado – disse ela com um suspiro quando chegaram ao portão do jardim. Ela o abriu. – Eu me senti insultada por você. Mas você não se sentiu insultado. Diga-me por quê. E por que pensaria em aceitar a oferta de emprego de um proprietário de mina de carvão.

– *Minas* de carvão – corrigiu ele. – E siderúrgicas.

Entraram no chalé, e, enquanto ele seguia para a sala de estar, Samantha foi para a cozinha falar com a Sra. Price. Quando chegou à sala, deu-se realmente conta de que *ele ainda estava ali*. Tinha pensado que nunca mais o veria, mas ali estava ele, sentado em sua poltrona habitual, as bengalas apoiadas ao lado.

– Seu avô afirma ser um bom juiz de caráter – contou. – Acredita que tenho as aptidões, a experiência e as qualidades de caráter que ele procura em um supervisor. Tirando todo o conhecimento e a experiência que eu teria que adquirir, ser responsável por tudo teria certas semelhanças com ser um oficial das forças armadas.

– Tudo o que você sempre quis fazer na vida – disse ela baixinho.

– E é algo que eu poderia fazer apesar da minha deficiência.

– Sim – concordou ela.

– Eu não estaria aqui para incomodá-la. Teria que morar e trabalhar em Swansea e no vale do Rhondda. Não preciso voltar aqui nunca mais. Se eu aceitar a oferta, irei embora de imediato, exatamente como planejei.

– Então por que precisava da minha aprovação? – perguntou ela.

– Eu estaria trabalhando para o seu avô, de quem você pode optar por permanecer afastada. Mas, Samantha, você é a herdeira dele. Se ele morresse de repente, eu ficaria trabalhando para *você* até um substituto ser encontrado.

Ela recostou-se e agarrou os braços da poltrona. *Herdeira* de seu avô?

Pensaria nisso depois.

– Ah, Ben, você realmente quer fazer isso, não é? E agora consigo ver por quê. Como fui cega de não ter percebido logo. É exatamente o que você está procurando.

– Não aceitarei se deixá-la desconfortável.

– *Por que* ele fez essa oferta para você? – perguntou ela, franzindo a testa.

– Foi apenas com base no instinto que diz ter para julgar o caráter de um homem? Ou tem algo a ver comigo?

Ele olhou fixamente para ela por alguns instantes silenciosos.

– Ele quer que eu passe por um período de experiência de alguns meses para que possamos decidir se sou o homem certo para o trabalho. Quer que eu venha para Cartref perto do Natal para discutir e elaborar um contrato, se ambos quisermos.

Então ela poderia vê-lo de novo?

– Antes de dizer o mês, ele me perguntou quando seu marido morreu. Ela pensou por um momento.

– Meu ano de luto já terá terminado.

– Sim.

A Sra. Price entrou com a bandeja, e Samantha levantou-se para ir até a janela.

– Ele está nos manipulando – disse ela quando a governanta foi embora.

– Sim. Acredito que esteja, embora seja um tipo benevolente de manipulação. Ele quer que eu parta logo. Disse ter medo do que as fofocas poderiam causar a você. Ao mesmo tempo, acredita que temos sentimentos um pelo outro.

Ela olhou para ele.

– E ele realmente acredita que sou o homem certo para o trabalho.

– Nós *temos* sentimentos um pelo outro? – perguntou ela.

– Não posso responder por você. Mas eu tenho.

Ela esperou, mas ele não disse que tipo de sentimentos.

– Até o Natal, tudo terá mudado – disse ela. – Para você e para mim.

– Sim. Mas nada daria certo agora, não é?

O Natal estava a uma eternidade. Mas não era tão ruim quanto uma partida sem volta.

– Você deve aceitar o emprego, Ben. Tem minha bênção e aprovação. Acredito que dará maravilhosamente certo, embora sua família vá pensar que perdeu o juízo quando souber. Vá e seja feliz. E vamos deixar o Natal para quando o Natal chegar, está bem?

– Sim. Sem compromisso. Sem obrigações.

Ele se levantou, e ela se deu conta de que nem mesmo servira o chá.

– Ben. – Ela avançou rapidamente até ele, e ele deixou as bengalas de lado para envolvê-la em seus braços. – Ah, Ben. Seja feliz.

– Você também – disse ele, a respiração quente contra o ouvido dela, os braços como presilhas de ferro ao redor de seu corpo.

Não se beijaram.

Então ele pegou as bengalas de novo e caminhou até a porta.

– Devo ir até o celeiro ver você partir?

– Não. – Ele não se virou, mas passou a mão pela cabeça de Tramp. –
Cuide dela, cachorro desgraçado.

Tramp ficou com o focinho na porta, abanando o rabo, depois que Ben a fechou.

Samantha colocou as mãos no rosto e respirou fundo.

Eu tenho sentimentos.

Nem isso ela tinha dito em resposta.

CAPÍTULO 22



Talvez a coisa mais surpreendente e significativa dos meses seguintes, pensou Ben mais tarde ao se lembrar da ocasião, foi ter encomendado uma cadeira de rodas sob medida, com a qual podia se movimentar para todos os lados. Ele a usava muito e se perguntava por que não havia feito isso anos antes. Era teimoso demais, é claro, para desistir do sonho de voltar a caminhar sem ajuda. E não podia se culpar. Sem o sonho, provavelmente nunca teria caminhado de novo. Mas tinha muito mais mobilidade com a cadeira. Na verdade, ela o libertou.

Não se considerava mais um aleijado. Podia cavalgar, deslocar-se livremente na cadeira, caminhar, nadar. Tentava nadar todos os dias quando estava perto do mar ou de algum lago.

Ele apreciou imensamente aqueles meses, apesar do trabalho árduo – ou talvez por causa dele. Começou de uma posição de total ignorância, mas agora sabia tanto sobre o funcionamento das minas e siderúrgicas quanto qualquer um, inclusive seu empregador. Depois de estar com seu regimento, aquele trabalho era o que mais podia desejar.

Ben gostava de gente. Sempre tivera o dom de fazer com que gostassem dele, mesmo os subordinados e sujeitos a seu comando. Poderiam muito bem ter se sentido ofendidos. Era inglês, vinha de uma classe privilegiada, era semialeijado e lamentavelmente ignorante e inexperiente. E, no início, talvez *tenham* se sentido ofendidos. Sabiamente, não se preocupou em saber se era popular ou não. Não chegou já querendo que gostassem dele. E talvez tenha sido esse o segredo do seu sucesso. Porque o respeito, o gostar e a lealdade vieram gradualmente, à medida que ele os conquistava.

O Sr. Bevan passou muito tempo com Ben, que gostava do velho e aprendeu com ele. Mas Ben tinha ideias próprias, principalmente sobre transporte e expedição, para os quais Bevan contratava empresas com custo elevado. Mas,

naquele estágio inicial, Ben guardou as ideias para si. Era o momento de ouvir e aprender.

Ficou meses sem escrever para a família ou os amigos. Não queria ouvir ou ser influenciado por opiniões sobre o que estava fazendo. Provavelmente seriam negativas. E não queria contar para ninguém até estar mais certo sobre seu futuro. E também havia toda a história com Samantha. Não queria falar sobre ela com ninguém até que houvesse algo para falar – caso algum dia houvesse. Ele tinha dito que sentia algo por ela. Ela não disse que retribuía esse sentimento. Mas ele não tinha sido específico sobre que sentimento era.

Não teve muitas notícias dela durante aqueles meses. Fez questão de nunca perguntar a Bevan, e às vezes achava que o homem não a mencionava propositalmente. Havia apenas alguns fragmentos esparsos de informação, torturantes em sua brevidade. Ela mandara entregar um piano no chalé, Bevan mencionou em certa ocasião. Como ele sabia? Vira o instrumento? Ou alguém lhe contara? Ela comparecera a uma festa na hospedaria da vila em comemoração à colheita, mas vestira lilás para indicar o luto e se recusara a dançar. Mas Bevan a vira na festa? Ou soubera disso?

Ben nem mesmo sabia se ela mantinha algum tipo de relacionamento com o avô. Não sabia se o tempo o havia apagado de sua mente, ou se ela estava feliz por ele ter ido embora. Quanto ao próprio Ben, havia se apaixonado por ela durante aquelas breves semanas, e apaixonado permanecia, como nunca antes por uma mulher.

Finalmente, no início de novembro, Ben escreveu três cartas – para Calvin, para Beatrice e para George em Penderris Hall. Calvin respondeu imediatamente e com um carinho que Ben considerou surpreendente e bastante tocante. Ele e Julia estavam mortos de preocupação, escreve Calvin. Beatrice dissera que ele tinha viajado para a Escócia, mas, como o tempo passava e ninguém ouvia falar dele, ficaram apreensivos, e não saberiam nem por onde começar a procurá-lo se ele nunca mais voltasse, e a Escócia era um país grande. No entanto, estivera em Gales o tempo todo. Ele não emitiu opinião sobre o que Ben andava fazendo do seu tempo. A carta demonstrava genuíno alívio pelo fato de o irmão estar bem e dava breves detalhes sobre a colheita em Kenelston e outros assuntos da propriedade. No fim das contas, pensou Ben, parecia que seu irmão o amava.

A carta de Beatrice estava repleta de consternação e repreensão bem-humorada por seu longo silêncio. Gramley, relatou, era da opinião de que o cunhado perdera o juízo, se era verdade que estava trabalhando em uma mina de carvão. Bea achou tudo imensamente divertido e indagava se e quando o irmão

se curaria da ideia de realmente querer trabalhar para ganhar a vida. A seguir, queixou-se do Sr. e da Sra. Rudolph McKay, cuja presença em Bramble Hall era uma severa provação para todos os outros vizinhos, e perguntou se Ben tinha ouvido falar da fuga da Sra. Samantha McKay no início do verão, de quem nunca mais se soube nada. “Espero que ela esteja se esbaldando em algum lugar exótico, desfrutando a vida”, escreveu Bea. “Ao que parece, era para ter ido para Leyland Abbey sob pesada vigilância, e lá viver sob a terna misericórdia do conde de Heathmoor e daquela cunhada desmancha-prazeres que você conheceu quando esteve aqui.”

George ficou encantado ao saber sobre a nova vida de Ben, que acreditou ser perfeita para o amigo, mesmo que ele ficasse com um pouco de pó de carvão debaixo das unhas. George também tinha algumas novidades surpreendentes. Hugo e lady Muir tinham de fato se casado em Londres, na igreja St. George de Hanover Square, como planejado. Todos os Sobreviventes estiveram presentes, exceto Ben e Vincent, que não puderam ser encontrados. No entanto, Vincent bateu na porta de Hugo dois dias depois do casamento, trazendo consigo a Srta. Sophia Fry, uma jovem com quem pretendia se casar sem demora. E com ela casou-se dois dias depois, mediante licença especial, também em St. George, com todos os amigos presentes, exceto Ben. A nova lady Darleigh esperava o primeiro rebento para antes de março, quando o Clube dos Sobreviventes geralmente se reunia por algumas semanas em Penderris Hall, e havia sugerido que se encontrassem em Middlebury Park, Gloucestershire, na casa do próprio Vincent, que havia declarado que não deixaria a esposa e o filho logo após o nascimento. Agora, Ben poderia dar sua opinião. Todos os outros estavam de acordo, relatou o duque.

A vida havia continuado sem ele, percebeu Ben. E Vincent, o mais novo deles, o cego, também estava casado. Parecia haver uma história por trás das tais núpcias apressadas. Ben supôs que a saberia no seu devido tempo. Mas esperava que fosse um casamento feliz. Aqueles amigos eram como irmãos – e uma irmã.

Escreveu de novo para George, assim como para Hugo, para explicar por que não havia respondido ao convite de casamento. E escreveu para Vincent, sabendo que alguém – talvez a esposa – leria a carta para ele. Que estranho pensar em Vince com uma esposa!

O Sr. Bevan enfim marcou uma data para a reunião em Cartref planejada para discutir o futuro de Ben como seu supervisor. Seria uma semana antes do Natal e coincidiria com um baile que havia organizado para os amigos e vizinhos. Passariam alguns dias juntos, disse o Sr. Bevan, descansando e

resolvendo as coisas. Haveria outros convidados também, para tornar o momento mais agradável.

Ele não disse se Samantha iria ao baile.



Samantha foi quase inteiramente feliz durante aqueles meses. Às vezes se sentia culpada, porque o pobre Matthew estava morto e talvez ela devesse estar muito mais triste. Mas, embora pensasse nele com frequência e lamentasse o fato de a vida dele ter sido interrompida tão cedo e de forma tão infeliz, não ficou remoendo o que não podia mudar.

Ela, a Sra. Price e Gladys deram duro para transformar a casa em um lar. Ela trocou cortinas e tapetes e substituiu alguns vasos e enfeites por outros de sua preferência. Comprou algumas peças do oleiro da vila. A única mobília que adicionou foi um piano, que comprou quando soube que havia um professor de música na vila com tempo disponível para um novo aluno. Havia um cravo na casa quando ela era menina, e, enquanto a mãe era viva, Samantha tivera aulas. Mas nunca gostou e parou de estudar depois da morte da mãe. Agora lamentava e estava decidida a aprender a tocar, pelo menos bem o suficiente para se divertir. Mais importante, talvez, era que o mesmo professor lhe dava aulas de canto e a ensinava a usar a voz de meio-soprano a seu favor.

Recebeu lições de galês da Sra. Jenkins, a esposa do vigário, e se perguntou se realmente era a língua mais difícil do mundo para aprender ou se só aparentava ser porque nunca havia tentado aprender nada além de francês.

Estabeleceu relacionamentos amigáveis com os vizinhos e uma firme amizade com Mari Pritchard, a esposa do professor. Poderia ter atraído o interesse romântico de vários homens, mas passou a vestir cinza e lilás em ocasiões públicas para que soubessem que ainda estava de luto.

Seu avô ficou distante por uma semana depois que ela e Ben jantaram com ele em Cartref. Finalmente, Samantha foi visitá-lo e teve a sorte de encontrá-lo em casa. No dia seguinte, disse ele, sairia em viagem e ficaria fora por cerca de duas semanas. Ela se perguntou se ele veria Ben, mas ele não falou nada, e ela também não perguntou.

Sentou-se com ele na sala de visitas principal, de cuja janela havia uma vista magnífica dos jardins, da vila além e do mar. E contou sua história, terminando com a decisão de ocupar o chalé, que esperava ser um simples casebre caindo aos pedaços, e a decisão de Ben de acompanhá-la.

Ele assentiu lentamente.

– E você não sabia sobre mim nem sobre sua herança – disse ele.

– Não.

– Bebida é algo terrível. Ou melhor, bebida nas mãos de um homem fraco e tolo é algo terrível.

– Você superou isso.

– Eu, sim. Mas não serviu de consolo para sua mãe, serviu? Fico feliz que ela tenha encontrado um homem bom. E tenha tido você como filha.

– Eu gostaria de chamá-lo de vô – disse Samantha depois de um curto silêncio.

Ela observou as lágrimas iluminarem os olhos do homem, que não as derramou. Depois de um instante, ele ficou de pé junto à janela, de costas para ela.

– Eu a amava com uma paixão desmedida – disse ele depois de um tempo.

– Sua avó, quero dizer. Infelizmente, eu era jovem e não tinha sabedoria para equilibrar a paixão. Quando ela foi embora, levou tudo o que eu era com ela e deixou para trás uma casca vazia de dor. O amor não deve ser assim, Samantha. Deve-se amar de uma posição de inteireza. Deve-se ter uma noção firme de si mesmo, não importa o que aconteça. Pois sempre haverá dor; ela não pode ser evitada nesta vida, lamentavelmente. Mas a dor não pode destruir a pessoa. Eu não deveria ter sido destruído. Eu tinha minha vida, tinha saúde, esta casa, trabalho, amigos. Acima de tudo, eu tinha Gwynneth. Eu também a amava, mais do que à vida, acreditava eu antes de sua mãe me deixar. Mas descobri que amava mais a autopiedade, e a bebida me ajudou a afundar nela até que perdi minha filha, assim como minha esposa.

Ele se afastou da janela para olhar para Samantha.

– Você amava seu marido com paixão e sobreviveu à perda prematura dele, colocando o dever acima da autopiedade quando ele precisou de você. Você é mais forte do que eu, e tenho orgulho de chamá-la de neta. Você encontrará de novo... a paixão e o amor. Talvez já tenha encontrado. Mas o receba e o ofereça de uma posição de força, Samantha. Aproveite esses meses para... – Ele não terminou a frase, e sorriu de repente com uma expressão afetuosa. – Veja só, eu aqui dando conselhos sobre amar com sabedoria e de forma apropriada.

– O senhor é meu avô, e alguém que teve experiência de vida e do inferno. Ele apontou para Tramp, deitado a seus pés.

– E qual é a história do seu cachorro? Ele não parece o tipo que se escolheria, a menos que na época fosse um filhotinho e não se soubesse muito

bem sobre sua
ascendência.

– Ah, pobre Tramp!

Ela riu e contou a história, ou a parte que sabia.

O avô partiu no dia seguinte e ficou fora por duas semanas. Depois disso, ele se ausentou com frequência. Mas sempre que estava na cidade ia ao chalé ou ela ia a Cartref. Foram aos poucos se conhecendo melhor e se afeiçoando um ao outro, até ela perceber que ele havia se tornado bastante central em sua vida. Ele era sua *família*, algo pelo que desejava desde o casamento e a morte do pai, não muito tempo depois.

Aos domingos, sentavam-se juntos na igreja. Ele acompanhou-a a um concerto no salão da escola, quando um coro visitante se apresentou com alguns artistas solo, e à festa da colheita na hospedaria, que ela apreciou imensamente, embora não tenha dançado. Ele a convidava para jantar sempre que recebia amigos e conhecidos, o que acontecia com bastante frequência quando estava em Cartref. Era um homem bastante sociável.

Ele nunca mencionou Ben diretamente para ela. Samantha nem saberia dizer se Ben ainda estava trabalhando para o avô se, em um jantar em outubro, ele não tivesse respondido a uma pergunta de um de seus convidados com a informação de que, sim, o homem em questão era de fato um baronete, o major sir Benedict Harper.

Foi Ben o que a impediu de ser perfeitamente feliz durante aqueles meses. Ela não voltou a nadar depois que ele partiu. E quase não caminhava na praia e, quando caminhava, em geral era por insistência de Tramp; agora achava o local desolado em vez de mágico.

Não sabia ao certo se Ben voltaria. Afinal de contas, ela mais ou menos o forçara a acompanhá-la até ali. Ela o obrigara a ficar depois que chegaram, quando ele teria retomado sua viagem. Talvez tivesse até mesmo meio que forçado o romance. Depois de ir embora, talvez tivesse descoberto que estava feliz por se ver livre dela.

E ela? Por muito tempo desejara ser livre. Agora *estava* livre. Seria sábio desistir dessa liberdade logo após o luto? Isto é, se ela recebesse um pedido para abrir mão dela.

Só à noite todas as dúvidas desapareciam, e ela sabia que o amava de forma bem diferente da maneira como amara Matthew. Gostava da aparência do falecido marido, claro, e de seu charme. Mas, aos 17 anos, não tinha enxergado além da aparência para se perguntar se Matthew tinha um caráter à altura, ao passo que, aos 24 anos, tinha feito isso. E seu amor era por Ben. A aparência não

era importante. Não via o fato de ele ser semialeijado como um estorvo. Ela o amava.

E, com certeza, ele a amava. Não teria assumido o emprego com seu avô, acreditava ela, se não a amasse. Ou, se tivesse, não teria vindo consultá-la primeiro. Não teria falado em voltar. Não teria contado o que seu avô dissera sobre terem sentimentos um pelo outro. Ele havia admitido que nutria sentimentos por ela, embora, como típico de homem, não tivesse elaborado.

Então, numa manhã de dezembro, seu avô veio ao chalé enquanto ela praticava ao piano, para lhe dizer que daria um baile em Cartref uma semana antes do Natal para toda a vizinhança e alguns amigos de lugares mais distantes, que se hospedariam com ele por alguns dias. Queria que Samantha também se hospedasse com ele para ser sua anfitriã no baile.

– Pode fazer tudo de consciência leve, minha querida, pois seu ano de luto está no fim, não está?

– Está. Ficarei feliz em ir, vô.

Ben seria um dos amigos de lugares mais distantes?

– O major Harper será um dos meus convidados – disse ele, como se ela tivesse perguntado em voz alta.

– Ah. Vai ser bom vê-lo novamente. Os olhos deles cintilaram.

– Venha para a sala de estar – disse ela, levantando-se do banco para liderar o caminho. – A Sra. Price assou um bolo e ficará feliz que o prove.

– Senti o cheiro lá de Cartref. Por que mais acha que vim até aqui?

Ben viria, pensou ela, com um tremor de excitação e ansiedade no estômago. Fazia tanto tempo... Parecia uma eternidade. Às vezes tinha que se esforçar para se lembrar de como ele era.

Ele viria, é claro, para falar sobre negócios com o avô. E talvez...

Bem. Talvez.

CAPÍTULO 23



Ficou combinado que Ben chegaria a Cartref na véspera do baile. Todavia, sua partida de Swansea foi adiada por uma pequena crise na siderúrgica. Como resultado, ele só chegou no final da tarde do dia do baile. Supôs que não importava muito. Suas pernas estavam rígidas e doloridas, mas ele não iria dançar mesmo.

A jornada fora longa, por uma paisagem árida e varrida pelo vento, nunca longe da vista de um mar cinza-chumbo, coberto de espuma, sob pesadas nuvens baixas. Tijolos quentes sob seus pés não permaneciam quentes por muito tempo, e o sobretudo não barrava o frio tanto quanto deveria. Houve rajadas de flocos finos de neve, que felizmente não se tornaram uma nevasca espessa o suficiente para se acumular na estrada e tornar a viagem perigosa. Havia pedágios a intervalos tediosamente próximos que diminuía a velocidade da viagem, e os guardas das barreiras estavam cansados ou com frio demais para se apressar.

Ao se aproximar da casa branca no morro acima de Fisherman's Bridge, Ben só pensava que estava a uns 2 quilômetros de Samantha e que logo a veria de novo. Talvez no baile, se ela não estivesse distante do avô. Talvez no dia seguinte, no chalé, se ela estivesse em casa – e disposta a recebê-lo. Mas não havia razão para não recebê-lo mesmo que não desejasse continuar a amizade.

Será que havia se esquecido dele? Ideia ridícula essa, claro. Com certeza não. Mas... será que ainda havia lugar para ele na vida dela? Seu ano oficial de luto estava no fim. Ela estava ali havia muitos meses. Haveria alguém a essa altura? Alguém que não a fizesse se lembrar das últimas guerras? E será que tinha algum tipo de relacionamento com o avô? Bevan não dissera nada, e Ben, claro, não perguntara.

Quando desceu da carruagem, pegou as bengalas da mão de Quinn e subiu vagarosamente os degraus até a casa. Foi logo saudado pelo calor de boas-vindas

de um par de lareiras em ambos os lados do hall de mármore, que estava decorado com grinaldas de hera e azevinho reluzente para as festas de fim de ano. O anfitrião o aguardava e se adiantou para cumprimentá-lo, a mão direita estendida, um sorriso largo e radiante no rosto.

– Major. – Ele sempre chamava Ben assim, embora a patente na verdade não fizesse mais parte de seu nome. – Deve estar congelando e exausto. E é o último convidado a chegar. Já está bem escuro lá fora, embora ainda seja apenas final de tarde. Não importa. Hoje é a noite mais longa do ano. As coisas só podem melhorar a partir de agora. O quê? Sem cadeira de rodas hoje?

– Bevan. Bom ver você. – Ben apertou a mão dele. – Infelizmente, ninguém inventou ainda uma cadeira que suba e desça escadas. Além disso, não sou um aleijado e sinto o ocasional impulso de provar isso.

– Não acho que alguém em sã consciência pensaria em chamá-lo assim – disse Bevan. – Vamos subir para a sala de visitas. Não se preocupe com sua aparência. A bandeja de chá ainda está lá, e vão levar mais água quente. Vou dizer para que adicionem conhaque a sua xícara; com fins medicinais, é claro. Vou lhe apresentar meus outros convidados.

Ele levou algum tempo, como de costume, para subir as escadas, mas Quinn o esperava no topo com a cadeira, na qual Ben se sentou, agradecido. Seria mais fácil cumprimentar os outros convidados e trocar apertos de mãos se não precisasse se agarrar às bengalas enquanto tentava ignorar o desconforto.

Havia uma dúzia de pessoas na sala. Alguns dos homens, Ben conhecera antes, já que eram parceiros de negócios de Bevan. Outros eram desconhecidos, assim como todas as mulheres.

Ah.

Exceto uma. Ele inspirou profundamente e prendeu a respiração.

Ela estava vindo do outro lado da sala na direção deles, um sorriso no rosto, ambas as mãos estendidas. Usava um vestido de dia de lã verde-escura que combinava com as folhagens que também decoravam a sala de visita. Obviamente era um vestido novo, muito mais elegante e moderno do que qualquer coisa que ele a vira usar no início do verão. O cabelo escuro, quase negro, estava penteado para trás em um coque sedoso e elegante. Ela sorria de forma calorosa.

Ele soltou o ar lentamente. Então ela fazia parte da vida do avô.

– Ben.

Ela colocou as mãos nas dele, e os dedos dele fecharam-se firmemente em torno delas. Estavam quentes, enquanto as dele ainda estavam frias do ar gelado

lá fora.

– Samantha.

Por um momento, olharam fixamente um para o outro. Mas então ela se afastou um pouco, sem soltar as mãos dele.

– Mas o que é isso? – Estava olhando para a cadeira de rodas. – Ah, não responda. É óbvio o que é. Você não ficou... mais fraco?

– Mais forte – respondeu ele. – Não tenho mais vergonha de admitir que minhas pernas não funcionam como as das outras pessoas. Sou como sou. Ainda caminho, mas posso me locomover muito mais rápida e eficientemente em minha cadeira.

O sorriso dela se abriu ainda mais, e ela apertou as mãos dele antes de soltá-las e olhar para Bevan.

– Vô, devo apresentar Ben aos outros convidados, ou você fará isso?

Ben reparou que sua fala tinha um levíssimo traço de sotaque galês. Era muito atraente. Na verdade, provocou-lhe um leve arrepio na espinha.

– Eu o apresento, minha querida – disse o avô com firmeza. – Você cuida das necessidades do major. Peça mais água quente, por favor, e lhe sirva um chá. E acrescente um pouco de conhaque. Ele parece estar congelando.

– Sim – concordou ela antes de se virar. – A ponta do nariz dele está vermelha.

Ben levou a mão ao nariz como se pudesse sentir a vermelhidão.

Ele logo ficou ocupado com as apresentações e troca de cumprimentos. Todos estavam em um clima festivo e agradável. A conversa era alegre e calorosa, e Ben resolveu divertir-se apesar da inegável fadiga.

E do fato de sua cabeça estar girando por ver Samantha outra vez. Havia esquecido que a beleza dela era estonteante.

O cumprimento dela tinha sido mais que amigável? Achara que sim, mas então notou que ela falou calorosamente e com um sorriso radiante com todos os outros convidados nos minutos antes de trazer o chá.

Ela estava feliz por vê-lo? Mais do que feliz?

De uma coisa estava certo: os meses que passara longe não diminuíram seus sentimentos por ela. Muito pelo contrário. Ao vê-la novamente, soube que estava mais do que apaixonado. Soube que ela era essencial para sua felicidade.

Então ela voltou com o chá e um pedaço de bolo de frutas em uma bandeja. Mas não os entregou nem os colocou ao lado dele. Em vez disso, inclinou-se para falar baixinho:

– Vou mandar um criado levar a bandeja e mostrar o caminho para seu quarto. Você está com dor, Ben. Não pode negar. Reconheço os sinais.

– Devo estar sorrindo demais.

– Não demais, mas como um lobo, com os dentes cerrados. Assustador, na verdade.

Ele riu enquanto ela seguia até a porta. Ele pediu licença para o grupo e a seguiu.

Então ela não havia esquecido que viajar não combinava muito bem com ele. Tinha notado que estava com dor, embora ele tivesse feito um enorme esforço para disfarçar.

Ah, Samantha.



Poderia parecer um sinal de derrota se deslocar em uma cadeira de rodas em vez de andar com as bengalas, pensou Samantha mais tarde, enquanto se vestia para o jantar e o grande baile. Só que não. De alguma forma, era exatamente o contrário.

Não tenho mais vergonha de admitir que minhas pernas não funcionam como as das outras pessoas. Sou como sou.

Apesar do fato de ele obviamente estar com dor – obviamente para ela, pelo menos –, Samantha podia ver uma nova confiança nele. Parecia um homem bem-sucedido que havia encontrado seu lugar no mundo e estava em paz. E isso trabalhando por um salário, mesmo sendo um cavalheiro com título, propriedade e fortuna própria. Sir Benedict Harper era uma fascinante mistura de contradições, com as quais parecia bastante feliz.

Ela tinha ido para Cartref na véspera, levando consigo uma Gladys encantada, assim como Tramp, é claro, que havia assumido uma feliz residência na cozinha, onde se tornara um favorito nos últimos meses. Ben era aguardado, mas não chegou; ela e o avô tinham esperado por ele até tarde. E hoje ele havia sido o último convidado a chegar. Cada vez que aparecia alguém, Samantha escondia a decepção e a crescente sensação de tristeza por trás de sorrisos de boas-vindas. Ele não viria, ela por fim concluiu. Algo o fizera mudar de ideia. Talvez a perspectiva de vê-la outra vez. Talvez simplesmente não pudesse encará-la e dizer que as coisas tinham mudado desde o começo do verão, que não desejava renovar ou aprofundar o relacionamento.

E então, quando já se instaurava a escuridão do início da noite, ele chegou. Ela teve que se forçar para permanecer na sala de visita com todos enquanto o avô descia sozinho para cumprimentá-lo. Foi uma espécie de choque vê-lo entrar na sala em uma cadeira de rodas. Samantha sentiu algo diferente nele, ao mesmo tempo em que ele pareceu tão dolorosamente familiar que ela se espantou por nem sempre ter conseguido colocar seu rosto em foco nítido na memória.

A recepção dele foi calorosa, apesar das mãos frias. Com certeza ele a observou fixamente enquanto ela se aproximava. Mas ele estava com dor, e a jornada desde o condado de Durham voltou à memória de Samantha. É claro que ele estava com dor – e escondendo o fato por trás de sorrisos e apertos de mão calorosos, homem tolo, por isso não houve chance de conversarem.

Ah, mas se nos últimos meses ela alguma vez havia duvidado, não duvidava mais. Ela o amava completa e absolutamente, não obstante a dor e as pernas defeituosas. *Ela o amava.*

Mas talvez ele tivesse vindo apenas para falar de negócios com o avô.

– Pronto, Sra. McKay – disse Gladys. – Gosto muito do seu cabelo com alguns cachos e ondas. E a senhora fica extremamente bem de azul-real. A cor engoliria a maioria das mulheres, inclusive a mim, mas a senhora, com sua cor de pele forte, pode usar. Quisera *eu* ser morena como a senhora. Aposto que todos os homens solteiros vão ficar de olho na senhora esta noite, e alguns dos casados também, não duvido, embora eu não devesse falar isso em voz alta, não é? Minha mãe diz que é natural os homens olharem para as mulheres, não importa se são casados ou não. Aquele major está aqui, não está? Achei ele tão deslumbrante no verão passado. Fiquei desapontada quando ele foi embora e nada aconteceu. Desapontada pela senhora, quero dizer, não por mim. Isso seria bobo. Mas ele voltou, ainda que tenha se atrasado e quase perdido o baile. Aposto que *ele* ficará de olho na senhora. Ficou naquela época, mas suponho que ele soubesse que estava de luto pelo Sr. McKay e que não seria correto impor atenções à senhora, não é? Mas agora não está mais de luto. Está feliz em vê-lo? Aposto que está.

– É muito agradável vê-lo novamente.

– Ha-ha, aposto que é mais do que agradável. Mais do que *muito* agradável. Pronto. Seu colar está fechado. Sempre tenho problemas com esse fecho. Prontinha. Ah, está encantadora!

– Obrigada – disse Samantha, rindo, e se perguntando o que Matilda pensaria de uma camareira como Gladys.

Mas Matilda era alguém de seu passado remoto, embora fizesse menos de um ano desde que haviam morado juntas em Bramble Hall.

Ela desceu cedo para ver se estava tudo em ordem no salão de baile para mais tarde. Não que fosse responsabilidade dela. O avô fizera todos os preparativos.

O salão de baile era grande e tinha pé-direito duplo. Os espelhos até o chão nas paredes altas faziam o recinto parecer ainda maior e multiplicavam o efeito de toda a folhagem de Natal com a qual estava decorado. O chão de madeira reluzia. Havia instrumentos no estrado – os membros da orquestra jantavam no andar de baixo. Três grandes candelabros repousavam no chão. Todas as velas seriam acesas imediatamente antes do baile e seriam içadas até o teto. Parecia uma extravagância ter um salão daqueles nos confins do país, mas o avô lhe dissera que era usado várias vezes por ano para bailes, festas e grandes banquetes.

Ela não se demorou. Era hora do jantar.

Samantha estava sentada à mesa como anfitriã, na cabeceira oposta ao avô. Ele havia organizado os lugares, embora ela tivesse se oferecido para fazê-lo. O Sr. Morris, o advogado de cabelos brancos, estava à sua esquerda, e Ben à direita. Ficou surpresa com o lugar de Ben. Esperava que ele fosse se sentar mais perto do avô. Mas, quando olhou para a outra ponta da mesa da mesa, o avô piscou para ela.

Ele estava bancando o casamenteiro desde o início, é claro. *Interferindo*, ela havia falado na época. Mas, depois que Ben partiu, ele poucas vezes o mencionara, e Samantha concluiu que devia estar enganada. Agora sabia que não. O velho esperto sabia que eles deveriam ficar separados para que os novos vizinhos dela não se escandalizassem e ela tivesse tempo de completar o ano de luto. Agora, assim como planejava desde o início, ele os havia reunido – no dia de sua grande festa. Havia montado o palco e esperava que eles fizessem sua parte.

E eles fariam?

Não tinha visto Ben nos últimos meses e sabia que algo de fundamental havia mudado nele. Será que ela teria algum espaço em sua nova vida?

Samantha voltou a atenção para o Sr. Morris enquanto Ben, do outro lado, conversava com a Sra. Davies, esposa de um dos amigos do avô que tinham vindo de Swansea. Porém, antes que terminasse o primeiro prato, a Sra. Fisher, esposa do médico do avô, de Tenby, reivindicou a atenção do Sr. Morris, e Samantha olhou para Ben. Ele a fitava fixamente.

– Está muito bem, Samantha. Melhor do que muito bem, na verdade, ainda que um pouco menos bronzeada do que quando a vi pela última vez.

Ele também estava muito bem em um paletó preto bem ajustado ao corpo, um colete bordado a ouro e em linho branco reluzente. A gola engomada da camisa era alta, mas não de forma exagerada. O lenço no pescoço estava amarrado em um estilo elaborado que mais cedo tinha atraído olhares de inveja de dois jovens hóspedes do sexo masculino. Um único diamante cintilava nas dobras.

– Você mudou. – Ela se inclinou um pouco para ele. – Encontrou o que estava procurando, não encontrou? Em uma mina de carvão.

Ele sorriu.

– Existem lugares piores, embora eu não consiga, por mais que tente, me lembrar de nenhum – disse ele.

Ela adorava o sorriso dele. Deu-se conta de que era a expressão que melhor havia lembrado nos últimos meses. Ele tinha dentes brancos e parelhos, e os olhos se estreitavam ligeiramente e formavam rugas no canto externo.

– Você está feliz? – perguntou ela.

– Gostei da experiência. E aprendi muito, tanto sobre o trabalho quanto sobre mim mesmo.

– *O que* aprendeu sobre si?

– Principalmente, que posso trabalhar com minha deficiência em vez de deixá-la agir contra mim. Na verdade, nem penso mais nisso como deficiência.

Ela deu um sorriso radiante e inclinou-se ligeiramente para o lado enquanto um criado retirava seu prato.

– Mas pretende continuar trabalhando para meu avô?

Ele pareceu pensar um pouco sobre a resposta enquanto seu prato era retirado.

– Depende.

– Do quê?

– Ah, não. – Ele riu baixinho. – Não é hora nem lugar.

Naquele instante, o Sr. Morris tocou no braço de Samantha, e ela se virou para ouvir o que ele tinha a dizer.

Dependia dela? Foi isso que ele quis

dizer? E não era hora e lugar para *quê?*

Às vezes a vida parecia uma grande provocação.



Dependia de Samantha aceitá-lo ou não.

Ben sabia desde o início, mas havia confirmado a decisão ao chegar, naquela tarde. Soube, tão logo pousou os olhos nela de novo, que não teria condições de se relacionar com ela, nem mesmo com o avô, se não se casassem. Preferiria partir, voltar para a Inglaterra e recomeçar a vida. Embora não fosse retornar para a situação onde estivera por três anos depois de deixar Penderis. Agora sabia quais eram seus interesses e que tipo de vida melhor lhe convinha. Seria uma vida sem graça, pelo menos por um tempo, se não houvesse Samantha e nenhuma esperança de tê-la, mas ele sobreviveria.

Os convidados de fora começaram a chegar logo depois do jantar, e Ben foi para o salão de baile. Já estivera no salão antes, quando Bevan mostrou a casa para ele e Samantha. Daquela vez já tinha parecido uma sala grandiosa. Agora, parecia magnífica o suficiente para pertencer a uma mansão de Londres. Os candelabros estavam repletos de velas, todas acesas – uma extravagância esplêndida. Havia galhos de azevinho, hera e pinheiro espalhados por toda parte, dando o efeito de um jardim interno de Natal. O aroma da folhagem, da sidra e do vinho quente com especiarias que emanava de uma antessala contribuía para a atmosfera festiva.

Ben sentou-se – naquela noite estava usando as bengalas – e olhou ao redor. Seus olhos pousaram em ramos de visco pendurados em alguns dos sulcos da janela, e ele sorriu.

Samantha ficou à porta com o avô recebendo os convidados. Ben reconheceu alguns. Ela estava simplesmente deslumbrante em um vestido azul-real, o cabelo em um penteado alto com cachos e ondas elaborados. Os olhos dele percorreram sua silhueta bem torneada. Ele havia esperado uma carta dela nos dois primeiros meses depois de ter ido embora, mas a carta nunca chegara. Ficou contente, embora, ao mesmo tempo, parte dele tenha ficado desapontada.

Ela parecia conhecer todo mundo. Estava corada e sorridente e às vezes se virava para dizer algo a Bevan. Ben ficou feliz por ela não ter se distanciado dele por algum tipo de lealdade à mãe. Precisava dele. A família do marido não lhe oferecera amor. Nem o meio-irmão ou qualquer parente por parte do pai.

Ela parecia feliz. O pensamento causou-lhe uma pontada de dor. Alguém sorriu para ele com a mão estendida.

– Major Harper – disse o reverendo Jenkins. – Muito prazer.

A esposa do homem, vestindo um horrendo penacho de plumas, sorriu e acenou ao seu lado.

Nenhuma anfitriã de Londres ficaria totalmente satisfeita, pensou Ben quando todos tinham chegado e os membros da orquestra estavam ocupados afinando os instrumentos. O evento dificilmente poderia ser chamado de grande aglomeração. No entanto, o salão de baile estava agradavelmente cheio e todos teriam espaço para dançar, e os que ficassem sentados ou de pé nas laterais do salão teriam uma boa visão da dança.

E os primeiros pares foram se formando.

Bevan levou a Sra. Morris, enquanto um jovem que Ben não conhecia conduziu Samantha. Ela ficou na fila das senhoras, sorrindo para seu par. Ela enfim realizaria seu desejo, pensou Ben, um pouco melancólico.

Quero dançar, ela lhe dissera certa vez, um mundo de anseios na voz. Na ocasião, estava vestida com seus trajes negros pesados e desajustados, em pé na sala de estar escura e lúgubre de Bramble Hall. Fazia muito tempo – outra vida.

Ben observou-a participar de uma série de animadas danças típicas durante a hora seguinte. Enquanto isso, não se escondeu em um canto. Levantou-se algumas vezes e circulou, trocando saudações com pessoas que conhecera em Fisherman's Bridge no início do verão e conversando com seus colegas convidados.

Decidiu esperar até o dia seguinte. Ou dois dias. Ela voltaria para o chalé? Talvez a visitasse. O ambiente daquela noite, apesar de maravilhosamente festivo, até romântico, era bastante inadequado para ele. Lutou contra o retorno da velha frustração em relação a sua condição.

Estava rindo de uma história que o proprietário da estalagem havia acabado de lhe contar quando alguém tocou na manga de seu paletó. Virou-se, e ali estava ela.

– Ben – chamou Samantha.

– Está se divertindo? – Ele sorriu e tentou dar a impressão de que *ele* estava. Bem, não foi difícil, foi? Em certa medida, estava mesmo se divertindo. Gostava do lugar e das pessoas.

– Venha sentar-se comigo – disse ela. – A próxima dança é uma valsa.

– Você não quer dançar?

Ela negou com a cabeça e virou-se para guiá-lo até um canto em uma das extremidades do salão de baile. Era a imagem espelhada do nicho da orquestra na outra extremidade, embora sem o estrado. Havia pesadas cortinas de veludo, mas estavam abertas naquela noite, para que quem se sentasse ali dentro – havia um sofá comprido de veludo – pudesse assistir às danças.

Mas não havia ninguém.

Ela se sentou no sofá, ele sentou-se ao lado dela e apoiou as bengalas no braço.

– É a primeira vez que você dança? – perguntou ele.

– Sim.

– Você se lembra do que me disse uma vez sobre dançar? Ela assentiu.

– E me lembro do que você disse para mim. Ah. Ele tinha dito que também queria dançar.

– Eu quis dizer que queria correr livremente. Agora *ando* livremente na minha cadeira.

Ela sorriu.

– Mas você estava falando sobre dançar.

A orquestra tocou um acorde de abertura, e a música cadenciada da valsa encheu o salão de baile.

Em um instante os casais começaram a passar rodopiantes na frente de onde os dois estavam.

– Sempre achei a valsa a mais romântica das danças – disse ela.

– Mas não quer dançar hoje?

– Ah, quero. Quero dançar com você. Ele riu baixinho.

– Talvez possamos fechar os olhos e imaginar que estamos dançando.

Assim como nos elevamos acima das nuvens de chuva em nosso balão de ar quente.

Ela queria *valsar* com ele, pensou Ben.

– Levante-se,

Ben. Ela se levantou.

Ele pegou as bengalas e se levantou também. Ela imaginara que ele pudesse dançar? Samantha lhe tirou as bengalas, assim como havia feito quando entraram no mar e as deixou de lado.

– Apoie o braço direito em mim.

Ele acomodou o braço na cintura dela e pegou sua mão. Ela não colocou a outra mão no ombro dele, mas na própria cintura, para apoiá-lo, e encarou-o, com um sorriso e talvez ansiedade no olhar.

Meu Deus, ela estava falando sério. E eles valsaram.

Deram uma volta inteira pelo espaço, e pareceu que a música se tornou parte deles, e a expressão dela perdeu tanto o sorriso quanto a ansiedade, e eles simplesmente olhavam um para o outro e dentro um do outro.

A realidade ainda era realidade, claro. Eles não saíram de repente dali para rodopiar pelo salão de baile enquanto todos os outros assistiam maravilhados, como poderiam ter feito em um conto de fadas. Mas... dançaram. Valsaram. Juntos.

Algo atraiu o olhar de Ben para cima. Um raminho de visco pendia do teto bem no centro do espaço com o sofá.

– Ah – murmurou para ela enquanto ainda conseguia manter-se em pé. – E para isso nem preciso pedir permissão. O Natal me entregou sua permissão especial.

Ele a beijou, passando os dois braços pela cintura dela enquanto ela envolvia os braços no pescoço dele. Então sorriram um para o outro, e, naquele momento, ele se sentiu invencível. Mas apenas por um momento.

– Se eu não me sentar já, agora, alguém vai ter que me pegar do chão e me carregar vergonhosamente daqui.

Então se sentaram lado a lado novamente, os ombros se tocando, de mãos dadas, os dedos entrelaçados. E os dois riram quando ela inclinou a cabeça para descansar o rosto no ombro dele.

– Essa provavelmente foi a valsa mais curta e desajeitada já dançada – disse ele.

– E esse foi o beijo mais curto e glorioso já desfrutado debaixo do visco – disse ela.

Ele descansou o rosto brevemente nos cachos escuros dela.

– Já amava você antes de partir daqui no verão, Samantha. Eu não pretendia me apaixonar. Não parecia justo, quando vim para protegê-la. Mas aconteceu mesmo assim. E meus sentimentos não mudaram.

– Ah, homem *provocador* – disse ela depois de vários instantes de silêncio entre eles, enquanto a valsa prosseguia no salão de baile além do pequeno refúgio dos dois. – Como se atreve a parar por aí? Você não pode parar por aí, Ben.

Ele virou a cabeça e riu para ela.

– Estava lhe dando a chance de me interromper caso não quisesse que eu passasse ainda mais vergonha.

– Ah, não. Eu *quero* que você passe vergonha.

– Droga. Deseja se casar comigo? Ele a ouviu engolir em seco.

– Humm – disse ela com a voz um pouco mais aguda do que o habitual. – Deixe-me ver. Vou ter que pensar.

– Certo. Vou me ausentar por mais seis meses enquanto você pensa.

Ela riu baixinho e levantou o rosto para ele. Os olhos dela brilhavam, ele pôde ver à luz dos candelabros. Brilhavam com lágrimas não derramadas.

– Sim – respondeu ela.

– Sim?

– Sim.

Fitaram-se por alguns instantes, então se abraçaram de novo e riram – ah, sim, e derramaram mais do que uma lágrima também.

– Eu amo você – disse ela, a respiração quente contra o ouvido dele. – Ah, Ben, senti saudade de você. Senti *tanta* saudade!

Ele afastou a cabeça e sorriu para ela.

Samantha. Seu amor.

Ah, que maravilha.

– Estou perdoado? – perguntou ele.

Ela ergueu as sobrancelhas, sem entender.

– Por xingar você no dia em que nos conhecemos e dizer os mais horríveis palavrões. Você nunca disse que me perdoava.

– Vou pensar – respondeu ela, e riu.

CAPÍTULO 24



Cogitaram esperar uma época mais clemente do ano para se casarem, mas nenhum dos dois quis aguardar até julho, junho ou mesmo maio. Cogitaram Kenelston como local, mas não era a casa de Ben desde a infância, apesar de ele ser o dono, e nunca seria um lar.

Decidiram por Gales no final de janeiro, especificamente na igreja de Fisherman's Bridge, com o reverendo Jenkins oficiando. Samantha, depois de insistir que sairia para o casamento do chalé, percebeu que havia magoado o avô, embora ele não tivesse falado nada, e mudou de ideia. Ela sairia da casa grande para se casar, com o avô para acompanhá-la e entregá-la. Ben se mudaria para a hospedaria da vila na véspera do casamento. Um grande café da manhã nupcial seria realizado no salão de baile de Cartref.

Era a pior época do ano para esperar que convidados viajassem de qualquer distância, mas mesmo assim os convites foram enviados.

Beatrice e Gramley foram os primeiros a responder. Eles iriam, embora Beatrice relatasse que o marido agora estava convicto de que o cunhado havia perdido o juízo. Uma carta de Calvin chegou no dia seguinte. Ele e Julia também iriam. Depois disso, enquanto os proclamas já eram lidos na igreja da vila, um fluxo constante de respostas chegou, todas aceitando o convite, com exceção de uma. Surpreendentemente, todos os Sobreviventes se aventurariam nas entranhas mais recônditas de Gales – segundo a descrição de Flavian – para participar do casamento de Ben. A exceção, naturalmente, era Vincent, cuja esposa estava perto de dar à luz.

“Não vou deixar Sophie”, escreveu ele, “embora ela tenha insistido para que eu não perdesse seu casamento, Ben.” Era óbvio que a esposa havia escrito a carta para ele, pois seguia-se uma breve mensagem entre parênteses: “Vincent está mais nervoso do que eu em relação ao evento vindouro, sir Benedict. Seria

cruel tentar insistir que ele fosse para Gales, quando está tão ansioso por minha causa. O senhor virá para cá em março, para a reunião anual do Clube dos Sobreviventes, mesmo que tenha se casado tão recentemente, não virá? E poderia trazer lady Harper, por favor? Quero muito conhecer todos os amigos de Vincent.”

Em uma folha de papel separada, junto com a carta, havia um desenho a carvão – uma caricatura muito boa, de fato – de um homem que se parecia muito com Vince, andando de cabeça baixa com as mãos às costas, gotas de suor pingando da testa e um aspecto geral de grande preocupação, enquanto um ratinho em um canto o observava com olhos gentis.

– Sinto muito – disse Ben, tomando a mão de Samantha, sentados no sofá na sala de estar do chalé à tarde, uma semana antes do casamento. – Todos os convidados de fora serão meus.

– Ah, mas todos os convidados *locais* serão meus, veja você. Estarei cercada por todos os meus amigos e vizinhos no que espero que seja o dia mais feliz da minha vida. E vovô estará lá para me entregar aos seus cuidados.

Ele apertou a mão dela.

– Além disso – disse ela, virando a cabeça para que ele pudesse ver que seus olhos estavam cintilantes –, hoje recebi uma carta muito civilizada de Matilda.

– É mesmo?

As sobrancelhas de Ben arquearam-se com alguma surpresa.

– Sim. Ela me parabenizou por ter fígado um marido aceitável pela segunda vez, apesar de minhas origens.

– Seu passado cigano obscuro?

– Isso, e o fato de meu avô ser *do carvão*. Soa bastante sombrio, não? Ela espera... melhor, ela espera e reza *com fervor* que eu tenha aprendido minha lição e não lhe cause dores de cabeça como fiz com seu pobre e querido Matthew.

– Não!

– Tudo muito civilizado – disse ela. – Embora tenha exagerado um pouco no despeito, Ben. Despediu-se dando a opinião de que você mereceria que eu lhe causasse dores de cabeça, já que parece ser o tipo de homem que acredita ser absolutamente irrepreensível cavalgar com uma viúva no mais profundo luto.

– Merecemos um ao outro, então? – perguntou ele.

– Ao que parece, sim – disse ela com um suspiro. – Ah, a propósito, ela não virá ao nosso casamento. Nem o conde e a condessa de Heathmoor. Fiquei

bastante surpresa com esse aviso, uma vez que minha carta era apenas para lhes informar que vou me casar de novo, não um convite.

No dia seguinte, Samantha ficou surpresa com outra carta. O reverendo John Saul, seu meio-irmão, ficou contente em saber que ela se estabelecera em Gales e estava feliz com a família da mãe. Sentia-se no dever de honrar o falecido pai comparecendo ao casamento da filha, de quem ele obviamente gostava muito. Sua querida esposa não o acompanharia. Sozinha em sua sala de leitura, Samantha chorou copiosamente ao ler a missiva, embora fosse pomposa.

– *Terei* um convidado de fora – anunciou ela, colocando a carta na mão de Ben quando ele veio de Cartref com seu avô durante a tarde.

E se virou e chorou de novo nos braços do avô enquanto ele lhe dava tapinhas nas costas e lia a carta por cima do ombro de Ben.

Os preparativos para o casamento estavam todos em dia. Tudo o que restava era aguardar a chegada daqueles que viriam da Inglaterra durante um dos meses potencialmente mais inclementes do ano. Todos ficariam com o pescoço duro, comentou Ben em certa ocasião, se olhassem na direção do céu. Era um mês frio, e o vento, que soprava quase constantemente, era o que a Sra. Price chamava de vento preguiçoso.

– Não se dá o trabalho de desviar de você – explicou ela. – Sopra direto.

Mas o céu permaneceu azul a maior parte do tempo, e, quando havia nuvens, eram altas e não ameaçadoras. Não nevou. Raramente nevava naquela parte de Gales, mas a palavra-chave era *raramente*. Todos teriam relaxado um pouquinho mais se a palavra fosse *nunca*. A neve não era a única ameaça, claro. A chuva poderia ser tão ruim ou pior. Não era preciso muita água para transformar as estradas em lama e às vezes em atoleiros. E a chuva era comum naquela parte do mundo, especialmente naquela época do ano.

Mas o tempo resistiu.

E os convidados começaram a chegar.



Todos os convidados da Inglaterra ficaram em Cartref por insistência do Sr. Bevan, embora Ben tenha tido que ir para a estalagem um pouco antes do planejado para deixar mais um quarto vago. Calvin, que seria seu padrinho, chegou na noite anterior ao casamento para lhe fazer companhia.

Todos os Sobreviventes chegaram para passar a noite com ele, para grande prazer do senhorio e consternação de sua esposa, que descobrira não apenas que

a dama e todos os cavalheiros eram nobres, o que já era ruim o suficiente, mas que um deles era na verdade um *duque*.

– E só tem isso aqui entre um duque e um rei – sussurrou ela para o marido, embora estivessem na cozinha, com duas portas fechadas entre eles e o grupo reunido. Ela colocou o dedo indicador a um centímetro do polegar para mostrar o “isso aqui”.

Enquanto isso, George Crabbe, duque de Stanbrook, perguntava a Ben sobre a cadeira de rodas.

– Parece uma ideia sensata, mas você sempre foi bastante inflexível em relação a usar uma.

– Não tenho mais nada a provar – disse Ben. – Posso caminhar, e caminho. Dancei. Agora posso ser sensato e me movimentar tão rápido quanto qualquer outro homem.

– Dá vontade de desafiá-lo para uma corrida na rua da vila, Ben – disse Flavian, visconde de Ponsonby. – Mas ninguém deseja fazer papel de bobo.

– Ou perder vergonhosamente para um homem em uma cadeira de rodas, Flave – acrescentou Ralph, conde de Berwick.

– Você pode competir contra Vince em março, Ben – disse Hugo, lorde Trentham. – Ele está construindo uma pista de corrida no limite de seus jardins. Ouviu falar disso? Será um espetáculo imperdível.

– Um cego e um a-aleijado – disse Flavian. – Deus nos proteja.

– Me chame assim de novo, Flave – disse Ben em tom jovial –, e vai levar uma bengalada na cabeça.

– Talvez curasse a gagueira dele – disse George.

– Ben. – Imogen olhava atentamente para ele. – Você *dançou*?

– Valsei, na verdade. – Ele deu um largo sorriso. – Há um espaço em uma das extremidades do salão de baile em Cartref. Valsei ali com Samantha durante um baile antes do Natal.

– Foi uma ideia sábia, Ben? – perguntou Calvin. – Sempre achei que poderia fazer mais mal do que bem às suas pernas insistir em andar. Mas *dançar*? Preocupo-me, você sabe. O tempo todo.

Mas os Sobreviventes sorriram radiantes.

– Bravo – disse o duque em voz baixa.

– S-suponho que esse espaço seja do tamanho de uma xícara, não é, Ben? – disse Flavian.

– Provavelmente de um dedal, Flave – disse Ralph, sorrindo e piscando para Ben.

– Não importa que seja do tamanho de um alfinete, seus estúpidos – disse Hugo, estendendo a mão enorme e dando uma calorosa sacudida em Ben. – Que bom, rapaz. Minha Gwendoline também dança, e todos vocês já viram que ela manca quando caminha.

Imogen inclinou-se para beijar o rosto de Ben.

– Seu sonho era um dia dançar – disse ela. – Todo mundo deveria ter um sonho dourado transformado em realidade.

Ben pegou a mão dela.

– E qual é o seu, Imogen? – perguntou Ben.

Imediatamente se arrependeu da pergunta, pois todos ficaram em silêncio atento para ouvir a resposta.

Ela fitou Ben, os olhos grandes e luminosos. Algo tremeluziu neles e depois apagou-se.

– Ah – disse em sua voz suave –, encontrar alguém alto, moreno e bonito e ser arrebatada por uma paixão, é claro.

Ben apertou a mão dela e a manteve próxima aos lábios por um momento. Queria se desculpar, mas seria admitir que sabia que ela não havia respondido à pergunta.

– Sinto muito, Imogen – disse Hugo –, mas sou comprometido.

– Ela disse *bonito*, Hugo – emendou

Ralph. Todos riram, e o momento passou.

– Na última primavera, havia algo no ar da Cornualha – disse George quando o senhorio entrou na sala com uma bandeja carregada. – *Três* de nós se casaram durante o ano. E meu sobrinho também.

– O herdeiro? – perguntou Ben.

– Julian, sim – respondeu George. – E todos por amor, me parece. Basta olhar para você e a Sra. McKay, Ben, para sentir o clima romântico que há entre os dois. Você fez bem. Terá uma esposa de quem obviamente gosta e um estilo de vida que parece feito sob medida para você, tudo em um pacote perfeito.

– E tudo nas entranhas mais r-recônditas do país selvagem – comentou Flavian. – Esperava que animais ferozes saltassem de trás de cada r-rocha por que passava enquanto vinha para cá, Ben, decididos a cortar minha garganta.

– É mais provável que quisessem sequestrá-lo para cantar para você, Flave – disse Ben. – Você deveria ouvir o coral dos mineiros onde eu trabalho. Seria o suficiente para fazer você chorar de emoção.

– M-me poupe – murmurou Flavian.

Hugo, com um caneco de cerveja na mão, proclamou:

– Não devemos impedir o sono da beleza de Ben nesta noite entre todas as noites e não tentaremos deixá-lo bêbado. Mas vamos brindar a você, Benedict. Que por toda a vida seu coração dance como a sua pessoa dançou antes do Natal.

– Ah, diabos! – exclamou Flavian, ficando de pé e segurando o cálice de vinho do Porto. – O casamento está deixando Hugo constrangedoramente poético. Mas ele disse b-bem, Benedict, meu garoto. Q-que você seja feliz. É tudo o que sempre d-desejamos uns para os outros.

– A você, Benedict – disse Imogen, levantando a taça de vinho. – E a Samantha.

– A sua felicidade, Ben – disse Ralph –, e à da Sra. McKay.

– A você, irmão – disse Calvin. – Sempre o admirei imensamente. Você sabia o que queria e foi atrás e fez tudo perfeitamente bem. Quase me matou quando ficou gravemente ferido logo depois de Wallace ser morto. Mas aprendi a admirá-lo ainda mais do que antes. E ainda admiro, mesmo que você me preocupe por não voltar para casa e não me deixar cuidar de você e insistir em caminhar e até dançar, pelo amor de Deus. A você, irmão! Toda a felicidade do mundo! E a Samantha também!

Sorrindo para ele, Ben sentiu-se como se visse o irmão pela primeira vez.

– E que você possa sempre andar com suas rodas tão rápido quanto conseguimos correr, Benedict – desejou o duque.

Todos beberam, e Ben riu.

– Se não querem me ver transformado em um resmungão – disse ele – e não querem encontrar as portas de Cartref fechadas, é melhor irem. Nós nos vemos pela manhã.

– Um conselho, Ben – disse Hugo quando estavam de saída. – Peça a seu criado para amarrar o lenço mais frouxo do que o habitual amanhã. Tem alguma coisa que faz o pescoço inchar quando se está na frente da igreja e é o noivo à espera da noiva.

– Ele não está mentindo, Ben – reforçou Calvin.



O meio-irmão de Samantha chegou na véspera do casamento. Ela já havia se mudado para a casa grande e o cumprimentou na sua chegada. Apertaram as mãos e conversaram educadamente. Ela perguntou sobre a cunhada e os sobrinhos. Ele perguntou sobre a casa e os conhecidos na vila. Apertou a mão de Ben e conversou educadamente com ele.

Mas tudo aconteceu na companhia de outras pessoas. Samantha ficou comovida por ele ter vindo de tão longe e na pior época do ano só por causa dela. Mas ele parecia mais um estranho que um dia havia conhecido do que alguém próximo. Ela esperava que ele não se arrependesse de ter vindo. Mas supôs que isso não aconteceria. Ele tinha vindo por senso de dever para com o pai, não por carinho por ela.

Ah, a vida às vezes era difícil.

Só na manhã seguinte ela enfim o encontrou a sós.

Estava vestida para o casamento. Havia escolhido um vestido de veludo branco de corte simples, com uma corrente e um medalhão de ouro no pescoço e brincos de ouro. Um pequeno véu cor de ouro envolvia sua cabeça. A capa pesada, pendurada nas costas de uma cadeira em seu quarto de vestir, também era de veludo branco com fechos dourados na frente e forro de pele.

Ela havia cogitado várias cores vivas, mas rejeitou todas em favor do branco. Queria simplicidade. Queria exibir apenas a si mesma para o noivo, não o brilho de suas roupas.

– Aah! – exclamou Gladys quando colocou o véu cuidadosamente sobre os cachos de Samantha e amarrou as fitas em um laço no queixo. – A senhora estava certa, e eu estava errada, Sra. McKay. Branco é sua cor. Toda cor é a sua cor. Mas a senhora hoje está perfeita. O major vai devorá-la, vai, sim, quando a vir. Não que seja bom que ele faça isso, quer dizer, não quando...

O monólogo foi interrompido por uma batida na porta do quarto, e Gladys foi ver quem era.

– Obrigada, Gladys – disse Samantha. – Pode ir.

Ela sorriu para John. Achava que, àquela altura, todos já tivessem ido para a igreja.

– Você está muito bonita – disse ele, os olhos percorrendo-a. Ele franziu a testa. – Sabe, sempre pensei em você como filha de sua mãe. Nunca pensei em você como filha do meu pai também. Mas você era. Você é. Você se parece com sua mãe, é claro. Bem, um pouco com ela, em todo caso. Sempre fui grato por isso, pois sou parecido com meu pai. Posso ver quando me olho no espelho. Mas você também é. Não de forma óbvia. Apenas às vezes, em um meneio de cabeça ou uma expressão fugaz, nada que eu possa identificar exatamente. Mas você é filha dele. Não que eu alguma vez tenha duvidado disso. Apenas ignorava.

– John. – Ela deu um passo à frente e estendeu a mão direita. – Você veio até aqui e estou comovida. Sei que foi difícil para você quando nosso pai se casou com minha mãe.

– Você é minha irmã. Eu tinha que vir e lhe dizer isso, Samantha. Não que você não soubesse, mas... Bem, todo mundo precisa da família, e sei que metade da sua sempre lhe foi negada e que você até recentemente não sabia da outra. Estou feliz que tenha descoberto essa metade. Bevan parece um tipo decente, além de ser rico como Creso.

– John – disse ela hesitante, esperando não introduzir uma nota discordante no encontro deles –, por que você não me falou das cartas do meu avô e das do Sr. Rhys, exceto a que enviou logo após a morte do papai? Por que eu não sabia do dinheiro que minha tia havia me deixado ou de todos os presentes que meu avô me mandava?

Ele franziu a testa.

– Eu não sabia nada sobre presentes ou dinheiro. Nosso pai, quando estava morrendo, me fez encontrar dois maços de cartas e queimá-las enquanto ele observava. Ele me disse que sua mãe não queria que você tivesse relação com os parentes galeses, que eles haviam-na tratado mal e não deveriam ter permissão de incomodá-la. Ele queria honrar os desejos dela, especialmente porque você tinha tido um bom casamento. Tudo que vi foram cartas perguntando o que você queria fazer com o chalé. Papai dissera que era apenas um lugar caindo aos pedaços, que não valia nada. Encaminhei uma carta para você depois de responder a ela pessoalmente; achei que talvez devesse vê-la por si mesma para que pudesse enviar uma resposta, caso quisesse. Você não escreveu de volta, e seu marido estava muito mal, e não a incomodei com as outras poucas cartas que chegaram. Mas elas não mencionavam dinheiro algum, Samantha, apenas o chalé. Eu não fazia ideia de que era a casa que é.

– Nem eu – disse ela, sorrindo para ele. – No fim, John, foi bom que eu não soubesse de nada e descobrisse a verdade apenas quando isso era o mais importante para mim.

– Você está se casando com um bom homem, ainda que meio aleijado.

– Não há ninguém menos aleijado do que Ben. Mas, obrigada, John. Sabe, chorei quando soube que você viria.

– Chorou?

– Chorei.

Ela sorriu e olhou por cima do ombro dele.

O avô tinha vindo buscá-la. Sorriu radiante para ela e em seguida sorriu cordialmente para John.

– O noivo vai ter palpitações se nos atrasarmos – disse ele. – Noivos sempre têm. É uma coisa perigosa ser noivo.

– Eu sei. – John sorriu para ele e ficou tão parecido com o pai que o coração de Samantha deu um pulo. – Vejo muitos. E eu mesmo fui um, certa vez.

Ele se virou e deu um passo à frente para poder beijar o rosto de Samantha.

– Seja feliz. Nosso pai a amava de todo coração, você sabe.

– Eu sei – disse ela baixinho. – Assim como amava você. Ele saiu apressado, e Samantha olhou para o avô.

– Ah, meu Deus, menina, você parece minha Esme. Só que nunca a vi de branco. Era uma cor que ela nunca usava. Você é linda. E que palavra inadequada essa. Venha, deixe-me ajudá-la com a capa, e vamos lá salvar o major da morte por insuficiência cardíaca.

– Ah, com certeza, vô. Mas não posso esquecer meu regalo.

Era o dia de seu casamento, pensou Samantha, e sentiu um tremor de excitação quase insuportável no estômago.



Durante o Natal, ficou decidido que Ben tiraria três meses de férias para o casamento, a viagem de núpcias e uma estadia com os companheiros do Clube dos Sobreviventes. Depois disso, como neto de Bevan, em vez de simplesmente como seu empregado, aos poucos assumiria o controle das minas e da siderúrgica, enquanto o avô descansaria em uma aposentadoria parcial. Os recém-casados morariam no chalé, embora o convite para morar em Cartref estivesse em aberto. Haveria casas em Swansea e no vale do Rhondda também.

Tudo era agradável, até emocionante, pensava Ben, sentado ao lado do irmão na frente da igreja de Fisherman's Bridge enquanto a família e os amigos dele e de Samantha conversavam em murmúrios atrás.

Era hoje.

O dia do seu casamento.

Realmente não havia esperado ficar nervoso. Como alguém podia sentir ansiedade quando estava tão completamente feliz? Mas ele entendeu o que Hugo quis dizer sobre o lenço de pescoço. E temia deixar a aliança cair quando estivesse prestes a colocá-la no dedo de Samantha. Havia acordado mais de uma vez durante a noite só por causa disso. Ele teria que fazer alguém rastejar no chão para recuperá-la e então teria que passar pela provação novamente.

– Você está com dor, Ben? – perguntou Calvin, a voz preocupada.

– Não. – Ben olhou um pouco surpreso para o irmão, mas percebeu que esfregava as mãos nas coxas. – Certifique-se de que estou segurando bem o

anel,

Cal, antes de soltá-lo.

O irmão sorriu.

– Ninguém nunca deixa cair – disse ele. Agora tinha certeza de que deixaria cair.

E então o reverendo Jenkins, maravilhosamente trajado com as vestes clericais, pediu à congregação que se levantasse, e o órgão tocou um acorde.

Ben teve a impressão de levar uma eternidade para ficar de pé com as bengalas, mas, quando se levantou, ela tinha acabado de surgir na entrada da igreja, de braços com um Bevan radiante de orgulho.

Ah, Senhor Jesus, pensou Ben com reverência em vez de blasfêmia, alguma vez houvera tamanha beleza? Ela era mesmo dele? A noiva *dele*?

Então ela passou os olhos pela igreja, que depois pousaram sobre ele, e sorriu. Ele não percebeu o leve suspiro que ecoou pela congregação enquanto sorria de volta.

E então ela estava ao lado dele, e ambos se viraram para o Sr. Jenkins.

– Caros irmãos – começou ele, em seu lindo sotaque galês. E assim, em questão de minutos, o mundo mudou.

Estavam casados.

E não só não deixou o anel cair, como também não pensou na possibilidade quando o pegou e o deslizou pelo dedo de Samantha enquanto repetia as palavras que o clérigo recitava. Nem pensou em como ficaria sem suas bengalas por alguns minutos.

Estavam casados.

E então assinaram o registro, e estava tudo concluído. Eram marido e mulher.

Fizeram a lenta caminhada pela nave. Ben com uma bengala. A mão de Samantha em seu outro braço, segurando-o com firmeza, mas sem que as pessoas percebessem. Na outra mão ela segurava o regalo branco. Ele não sentiu dor na caminhada enquanto olhava à esquerda e à direita, cumprimentando os convidados com acenos e sorrisos. Samantha fazia o mesmo.

E então estavam do lado de fora, e um vento gelado os atingiu, e eles viraram o rosto um para o outro e riram.

– Lady Harper – disse ele.

– Eu mesma. Seus amigos não estão segurando o que eu acho que estão segurando, estão?

Na rua, havia alguns aldeões que tinham vindo assistir ao espetáculo e saudar a noiva e o noivo. E ali no meio deles estavam Flavian e Ralph, que

obviamente

tinham saído mais cedo da igreja. Onde haviam encontrado flores no inverno só Deus saberia. Deveria haver uma estufa em algum lugar. Mas sem sombra de dúvida aquilo nas mãos deles eram pétalas de flores, que em seguida choveram sobre a noiva e o noivo enquanto se eles dirigiam lentamente para a carruagem que os aguardava para levá-los de volta a Cartref.

– Acho que a resposta é sim – disse Ben, rindo enquanto subia depois de Samantha. – E acho que o que está sendo arrastado atrás da carruagem é o que acho que seja também.

Os sinos da igreja tocaram. A multidão aplaudiu. A congregação começou a sair da igreja.

– Aqui – disse Hugo –, vou fechar a porta da carruagem para vocês.

O que ele fez, depois de jogar outro grande punhado de pétalas dentro do veículo.

Ben sentou-se no banco e riu. Pegou a mão de Samantha e se virou para ela.

– Feliz?

Ela assentiu.

– As palavras são ridículas às vezes, não são? Ela assentiu novamente.

Ele baixou a cabeça e a beijou, enquanto a multidão os saudava mais ruidosamente e davam assobios estridentes.

A carruagem movimentou-se aos solavancos.

Movimento ruidoso, pois a carruagem arrastava consigo numerosos pedaços de metal presos na traseira.

– Ben – disse Samantha, olhando em seus olhos –, eu perdoo você.

– Por?

– Por me chamar de *mulher* e proferir todo um arsenal de palavras sujas nos meus ouvidos e nos de Tramp.

Ele sorriu lentamente.

– Suponho que acabei de me casar com aquele cão desgraçado também, não é?

– Para o bem e para o mal – garantiu-lhe ela.

– Cachorro maldito – disse ele, e beijou a esposa com um pouco mais de afeição do que um minuto antes.

SOBRE A AUTORA

MARY BALOGH nasceu e cresceu no País de Gales. Ainda jovem, mudou-se para o Canadá, onde planejava passar dois anos trabalhando como professora. Porém ela se apaixonou, casou e criou raízes definitivas do outro lado do Atlântico.

Sempre sonhou ser escritora e tinha certeza de que, no dia em que escrevesse um livro, ele seria ambientado na Inglaterra do Período da Regência. Quando sua filha mais nova tinha 6 anos, Mary finalmente encontrou tempo para se dedicar ao antigo sonho. Depois de três meses, a primeira versão de sua obra de estreia estava pronta.

Publicada em 1985, a obra deu a Mary o prêmio da *Romantic Times* de autora revelação na categoria Período da Regência. Em 1988, ela passou a se dedicar apenas aos livros.

Hoje é presença constante na lista de mais vendidos do *The New York Times* e vencedora de diversos prêmios literários. Sua série Os Bedwyns foi publicada no Brasil pela Arqueiro e já vendeu 100 mil exemplares.

CONHEÇA OUTROS LIVROS DA AUTORA

Uma proposta e nada mais

Após ter tido sua cota de sofrimentos na vida, a jovem viúva Gwendoline, lady Muir, estava mais que satisfeita com sua rotina tranquila, e sempre resistiu a se casar novamente. Agora, porém, passou a se sentir solitária e inquieta, e considera a ideia de arranjar um marido calmo, refinado e que não espere muito dela.

Ao conhecer Hugo Emes, o lorde Trentham, logo vê que ele não é nada disso. Grosseirão e carrancudo, Hugo é um cavalheiro apenas no nome: ganhou seu título em reconhecimento a feitos na guerra. Após a morte do pai, um rico negociante, ele se vê responsável pelo bem-estar da madrasta e da meia-irmã, e decide arranjar uma esposa para tornar essa nova fase menos penosa.

Hugo a princípio não quer cortejar Gwen, pois a julga uma típica aristocrata mimada. Mas logo se torna incapaz de resistir a seu jeito inocente e sincero, sua risada contagiante, seu rosto adorável. Ela, por sua vez, começa a experimentar com ele sensações que jamais imaginava sentir novamente. E a cada beijo e cada

carícia, Hugo a conquista mais – com seu desejo, seu amor e a promessa de fazê-la feliz para sempre.

Um acordo e nada mais

Embora Vincent, o visconde Darleigh, tenha ficado cego no campo de batalha, está farto da interferência da mãe e das irmãs em sua vida. Por isso, quando elas o pressionam a se casar e, sem consultá-lo, lhe arranjam uma candidata a noiva, ele se sente vítima de uma emboscada e foge para o campo com a ajuda de seu criado.

No entanto, logo se vê vítima de outra armadilha conjugal. Por sorte, é salvo por uma jovem desconhecida. Quando a Srta. Sophia Fry intervém em nome dele e é expulsa de casa pelos tios sem um tostão para viver, Vincent é obrigado a agir. Ele pode estar cego, mas consegue ver uma solução para os dois problemas: casamento.

Aos poucos, a amizade e o companheirismo dos dois dão lugar a uma doce sedução, e o que era apenas um acordo frio se transforma em um fogo capaz de consumi-los.

No segundo volume da série Clube dos Sobreviventes, você vai descobrir se um casamento nascido do desespero pode levar duas pessoas a encontrarem o amor de sua vida.

CONHEÇA OS LIVROS DE MARY BALOGH

OS BEDWYNS

Ligeiramente perigosos
Ligeiramente pecaminosos
Ligeiramente seduzidos
Ligeiramente escandalosos
Ligeiramente maliciosos
Ligeiramente casados

CLUBE DOS SOBREVIVENTES

Uma proposta e nada
mais Um acordo e
nada mais Uma
loucura e nada mais

Para saber mais sobre os títulos e
autores da Editora Arqueiro, visite o
nosso site.

Além de informações sobre os próximos
lançamentos, você terá acesso a conteúdos
exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br





Ligeiramente perigosos

Balogh, Mary
9788580416466
304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Aos 35 anos, Wulfric Bedwyn, o recluso e frio duque de Bewcastle, está ávido por encontrar uma nova amante. Quando chega a Londres, os boatos que correm são os de que ele é tão reservado que nem a maior beldade seria capaz de capturar sua atenção. Durante o evento social mais badalado da temporada, uma dama desperta seu interesse: a única que não tinha essa intenção. Christine é impulsiva, independente e altiva – uma mulher totalmente inadequada para se tornar a companheira de um duque. Ao mesmo tempo, é linda e muito, muito atraente. Mas ela rejeita os galanteios de todos os pretendentes, pois ainda sofre para superar as circunstâncias pavorosas da perda do marido. No entanto, quando o lobo solitário do clã Bedwyn jura seduzi-la, alguma coisa estranha e maravilhosa acontece. Enquanto a atração dela pelo sisudo duque começa a se revelar irresistível, Wulfric descobre que, ao contrário do que sempre pensou, pode ser capaz de deixar o coração ditar o rumo de sua vida. Em *Ligeiramente perigosos*, o sexto e último livro da série *Os Bedwyns*, Mary Balogh conclui a saga desta encantadora família em uma trama repleta de cenas sensuais, tiradas espirituosas e personagens à frente de seu tempo. Ao unir um homem e uma mulher tão diferentes, ela mostra que o resultado só poderia ser um par perfeito. "Esse livro tem o humor e os ecos deliciosos de *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen. Uma conclusão extraordinária para uma série encantadora." – Publishers Weekly

[Compre agora e leia](#)



A dama mais desejada

Quinn, Julia
9788580419528
288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Três das estrelas mais brilhantes dos romances de época convidam você para uma festa na casa de campo do ilustríssimo marquês de Finchley Hugh Dunne, o irresistível conde de Briarly, precisa de uma esposa. Para ajudá-lo, sua irmã convida as mais elegantes damas da sociedade, assim como alguns cavalheiros, para uma festa em sua propriedade. A reunião inclui a incrivelmente bela (e dolorosamente tímida) Gwendolyn Passmore, a sincera e adorável Katherine Peyton e a viúva lady Georgina Sorrell, além de alguns condes e até um arrojado herói de guerra. Durante o evento, que promete ser o grande acontecimento da temporada, Hugh terá tempo suficiente para eleger a dama que mais deseja. A não ser que outro cavalheiro seja mais rápido. Nesse caso, quem sabe ele acabe cortejando uma moça que definitivamente não está no mercado casamenteiro, e que vai exigir uma boa dose de perseverança... "Original e deliciosamente divertido, A dama mais desejada esbanja perspicácia e sensualidade. E o melhor de tudo: é maravilhosamente gratificante." – Booklist "Apaixonante, alegre e divertido." – Library Journal

[Compre agora e leia](#)

MAIS DE 500 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

NORA
ROBERTS

CRÔNICAS DA ESCOLHIDA LIVRO 1

ANO
UM



QUANDO ESTE MUNDO ACABA, UM NOVO COMEÇA.

Ano Um

Roberts, Nora
9788580419702
400 páginas

[Compre agora e leia](#)

QUANDO ESTE MUNDO ACABA, UM NOVO COMEÇA. Tudo começa na noite de Ano-Novo. Uma doença se alastra rapidamente. Em questão de semanas, a rede elétrica para de funcionar, as leis e o sistema de governo entram em colapso e mais da metade da população mundial é dizimada. Enquanto a ciência e a tecnologia perdem influência, a magia cresce. Por toda parte, pessoas descobrem em si poderes que jamais imaginaram. Alguns procuram fazer o bem, como Lana e o namorado, Max, mas a súbita onda de poder também deturpa mesmo aqueles que pareciam incorruptíveis. Fugindo das autoridades que patrulham as ruas devastadas, Lana e Max resolvem deixar Nova York e rumar para um lugar seguro. Outros viajantes também seguem esperançosos: Chuck, um gênio da tecnologia que mantém o bom humor em um mundo off-line; Arlys, uma jornalista que insiste em buscar e registrar a verdade; Fredinha, uma jovem com habilidades fluorescentes; Rachel e Jonah, uma médica e um paramédico determinados a proteger uma mãe e seus três bebês recém-nascidos. Em um mundo em que cada estranho no caminho pode representar a morte ou a salvação, uma profecia ancestral é capaz de transformar a vida de todos os sobreviventes. O fim chegou. O início é o que vem agora. "Ano Um se equipara em intensidade a grandes clássicos apocalípticos como A dança da morte, de Stephen King." – The New York Times "Eletrizante e arrebatador... Um romance intenso, hipnotizante e intrigante que sem dúvida vai ampliar ainda mais a legião de fãs de Nora Roberts." – Kirkus Reviews

[Compre agora e leia](#)

Pode o amor resistir
às mais duras provocações?

Da autora
de **DESEJO
PROIBIDO**

eternamente
 você

SOPHIE JACKSON



Eternamente você

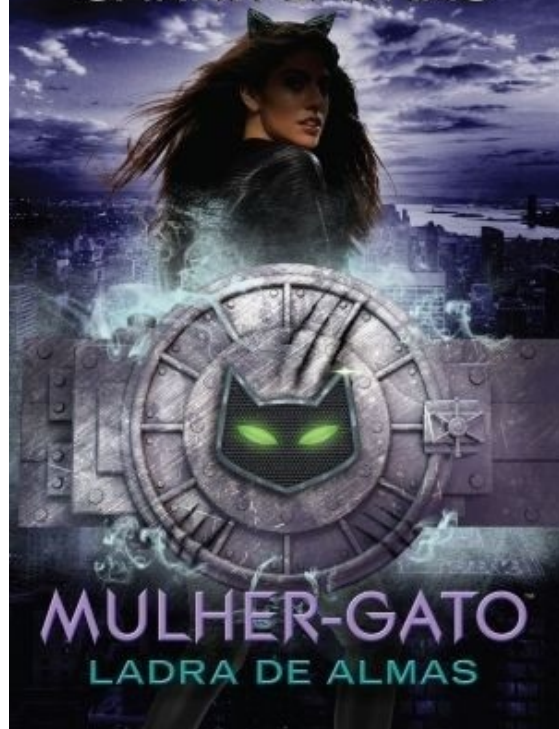
Jackson, Sophie
9788580414820
80 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eternamente você é um e-book gratuito que se passa entre os livros 1 e 2 da trilogia que se iniciou com Desejo proibido. Quando conheceu o arrogante presidiário Wesley Carter em Desejo proibido, a professora Kat Lane sentiu um misto de atração e ódio. Mas, à medida que o relacionamento entre eles se intensificou, ela descobriu um novo lado de seu aluno e se apaixonou por ele. Agora os dois resolvem se casar, mas a mãe de Kat não fica nem um pouco satisfeita com a notícia do noivado. Além disso, Carter acaba de assumir a presidência da empresa da família, uma grande responsabilidade em sua nova vida fora da prisão, e precisa apoiar seu melhor amigo, que não consegue se livrar das drogas. Equilibrar problemas pessoais, da família e de um negócio de bilhões de dólares não deixa muito tempo para o casal aproveitar a vida a dois. Em meio a esse turbilhão, será que Carter e Kat vão conseguir manter a chama da paixão acesa?

[Compre agora e leia](#)

SARAH J. MAAS



Mulher-Gato

Maas, Sarah J.
9788580419726
352 páginas

[Compre agora e leia](#)

No passado, Selina Kyle vivia no submundo de Gotham, cometendo pequenos delitos para sustentar a família. Quando a mãe a abandonou, a jovem precisou tomar uma difícil decisão e entregou a irmã nas mãos de um casal que poderia cuidar bem melhor dela, longe da pobreza. Dois anos depois, Selina retorna como a rica e misteriosa Holly Vanderhees. O que a trouxe de volta à cidade? E o que vai aprontar agora que tem como parceiras Arlequina e Hera Venenosa? Com Batman fora em uma missão vital, Luke Fox quer provar que pode ajudar os habitantes de Gotham usando o disfarce de Batwing. Seu alvo é a nova gatuna que se uniu às duas rainhas do crime. Juntas, as três instauram o caos. Em meio a um jogo de segredos, mentiras e furtos, Selina se engalfinha à noite com Batwing, e se enrosca de dia com Luke Fox. Em uma trama que vai roubar o fôlego dos leitores, Sarah J. Maas mostra os primeiros momentos da ardilosa Mulher-Gato como uma das anti-heroínas mais ambíguas e amadas do mundo. "Sarah J. Maas sabe construir protagonistas determinadas e cheias de nuances. As cenas de luta repletas de ação, a diversidade racial e sexual e uma pitadinha de romance vão agradar aos fãs da Mulher-Gato. Um grande livro para todas as garotas que sabem se divertir." — Kirkus Reviews "Esta é a Mulher-Gato com o toque especial de Sarah J. Maas." – Entertainment Weekly

[Compre agora e leia](#)